OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

ST. IGNATIUS' CHURCH,
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON

LIBRARY

Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME VII

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.

ALMA COLLEGE
252
LIBRARY
V673
Alma, California

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
R. DAS CARMELITAS, 144
1908

9109

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO

DA

SANTA CRUZ

Erat homo ex Pharisæis, Nicodemus nomine, princeps Judæorum. Hic venit ad Jesum nocte, et dixit ei: Rabbi. Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis. [1]

I

Vinte e sete dias faz hoje, que com solemnidade universal celebrou a Igreja Catholica a festa da Santa Cruz. E como se para um mysterio tão alto fosse pouco tempo um dia, e pouca celebridade uma festa, a torna hoje a celebrar com repetida veneração esta nossa Igreja. Aquella solemnidade primeira e universal, foi um devido reconhecimento e uma agradecida recordação das obrigações antigas, que a nenhuma outra memoria depois de Christo as deve o mundo maiores. Estas são as daquelle sagrado Lenho, que foi a taboa em que do naufragio de Adão se salvou o genero humano, e o instrumento gloriosissimo, com que o Filho de Deus feito homem obrou nossa redempção. E posto que na devida ponderação dellas, puderamos tambem empregar este segundo dia, e mui-

* Foi prégado este Sermão na festa dos Soldados, no anno de 1638, estando na Bahia a Armada Real, com muita da primeira nobreza d'ambas as Coróas. E' um sermão pareneticopanegyrico, commenta o padre Honorati, verdadeiramente brilhante na disposição e proporção de suas partes. O estylo é terso e a doutrina dominante. Elle póde servir de modelo, sobretudo por ser pouco extenso.

[1] *Joan.*, III.

tos dias, e sempre ficar devendo; talvez se ha de deixar o mais fino pelo mais util. Bem fôra que pudéra mais com os homens a memoria, que a esperança; mas que melhor razão de não ser assim, que ter dito, que *bem fôra?* E' uma fidalguia de corações que se acha em muito raros; e quem prega ha de fallar para todos. Por esta causa, havendo de dizer hoje alguma coisa da sagrada Cruz, que sempre será muito pouco, deixo os beneficios passados, que lhe devemos agradecer, por tratar sómente dos interesses presentes, que da virtude da mesma Cruz, ou de sua omnipotencia, podemos esperar. O maior interesse, e a mais universal felicidade, que hoje podia succeder a este Estado, se consultarmos os desejos e esperanças de todos e ainda as desesperações de muitos, não ha duvida, que é uma victoria ultima de nossos inimigos, e uma liberdade geral deste, ou captiveiro, ou oppressão, que os livres e os captivos todos, padecem. Este é o maior interesse que podia ter o Brazil; e este havemos de descobrir hoje na Santa Cruz, cuido que com tanta occasião no Evangelho como no desejo. A graça não temos que ir longe a buscal-a, porque na Cruz temos cinco fontes della, e ao pé da Cruz em pé a soberana Intercessora, que nol-a alcance. *Ave Maria.*

II

Erat homo ex Pharisæis, Nicodemus nomine, princeps Judæorum. Hic venit ad Jesum nocte, et dixit ei: Rabbi. Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis.

São estas as primeiras e ultimas palavras do Evangelho, as quaes, posto que tão differentes na ordem, e tão distantes no logar, admiravelmente se correspondem e unem no sentido e nos mysterios. *Erat homo*, havia um homem, diz o Evangelista S. João, que como no mundo ha tão poucos homens, bem é que se diga como coisa particular: *erat homo*, havia um homem; chamava-se este homem Nicodemus, e era gran-

de fidalgo, *Nicodemus nomine, princeps Judæorum.* Antes de dizer o Chronista sagrado, que era fidalgo, disse primeiro, que era homem; porque ha algumas fidalguias tão endeusadas, que é necessario que nos digam os Evangelistas, e que se creia de fé, que tambem estes idolos de si mesmos são homens. Este homem, pois, este fidalgo, este Nicodemus veiu fallar com Christo de noite; *hic venit ad Jesum nocte:* e não veiu de dia por medo que tinha do povo: *propter metum Judæorum.* De dia contemporizava com o mundo, de noite tratava com Christo, e mais não era christão. Quantos ha que se prezam muito de o ser, e os dias e mais as noites tudo lhes leva o diabo? O fim desta visita, posto que tanto ás escuras, não era sem luz, ou desejo della, porque era para se aconselhar, perguntar e ouvir a doutrina do Mestre divino, *et dixit ei: Rabbi.* Até aqui a primeira parte do nosso thema: quando fôr tempo sahirá a segunda.

III

Nicodemus nomine. Este nome Nicodemus, diz a glossa ordinaria, que quer dizer, *Victor populi*, o vencedor do povo. Grande titulo! E se bem reparamos nas qualidades com que o descreve o Evangelista, grandes partes tinha Nicodemus para vencedor. Primeiramente era não só nobre, mas da primeira nobreza, *princeps Judæorum:* e ser illustre quem vae á guerra, é levar a metade da victoria ganhada. Não sabe vencer quem não sabe dar o sangue; e mal o póde dar quem o não tem. Quando David sahiu ao desafio com o Gigante, voltou o rosto el-rei Saül para Abner seu capitão general, e perguntou-lhe: *Ex qua stirpe est hic adolescens*, de que geração era aquelle moço? Perguntou-lhe pela geração, dizem os Rabbinos, que refere Abulense, porque tão briosos alentos, e tão animosa resolução em um pastor, pareceu-lhe ao rei, que não podiam nascer senão de mais altas raizes. Viu-o atrever-se a uma empreza tão ardua, viu-o arrojar-se intrepidamente a um perigo tão manifesto, e para julgar se sahiria vencedor, quiz-se informar se era honrado. Tinha-lhe dito David (apertemos mais o ponto) tinha-lhe dito David, que despe-

daçava ursos e desqueixava leões: e não se aquieta com tudo isto Saül, pergunta-lhe pela geração: *Ex qua stirpe est hic adolescens;* porque era melhor fiador de haver de levar ao cabo tão grande empreza, o sangue que tivesse herdado dos paes, que o que derramava das feras.

Maior prova ainda, quanto vae de mulher a homem, e tão homem. Nota Origenes, e bem, quão differentemente se portaram na prisão e morte de Christo os Discipulos e a Magdalena. Os Discipulos fugiram, a Magdalena seguiu-o animosamente até á morte: *Discipulis fugientibus, eum ad mortem euntem sequebatur.* Até á morte, disse Origenes; e se dissera até depois da morte, era o que mais devia ponderar. Mas d'onde tanta differença de doze homens a uma mulher? D'onde tanto animo em uma mulher, e tão pouco valor em tantos homens? Ide ás choupanas das praias de Galilêa, e ao castello de Bethania, e ahi achareis o *d'onde*. A Magdalena, ainda que mulher e uma, era de illustre solar, e senhora: os Discipulos, posto que homens, e muitos, eram plebeus, e sem nobreza: e onde houve esta, ou faltou, alli se luziu, ou se perdeu o valor. Outras fraquezas se notaram na Magdalena, e por ventura nascidas da mesma causa. Como era illustre e senhora, houve de ser cortezã, passou a cortezia a ser cuidado, passaram os cuidados a ser descuidos. Sendo porém a Magdalena tão nobre por geração, e os Discipulos uns pescadores, que com o remo e a rede sustentavam a baixeza da sua fortuna: como naquella occasião todos perderam a graça, claro está que deixados á natureza, cada um havia de obrar como quem era. Os Discipulos como gente plebea deitaram a fugir, a Magdalena como illustre, posto que mulher, perseverou constante ao lado sempre de seu Senhor. Tanto aproveita o sangue para os animosos procedimentos, que não está o valor nos braços, está nas veas.

Não quero dizer com isto que seja necessario descender dos Godos para ser valente, que isso seria contradizer a razão, e negar a experiencia. A espada que faz a guerra, e dá as victorias, não é fabricada do oiro, senão do ferro; não do metal mais resplandecente e illustre, senão do mais duro e forte. Para ser tão valoroso como Alexandre, não é necessario ser filho de Felippe de Macedonia. O testamento, ou morgado de

Marte não exclue a rudeza dos nomes, nem a vulgaridade dos appellidos. Basta ser Gonçalo e ser Fernandes, para ser grão-capitão. Honrada coisa é, que a valentia venha por herança, e por continuação de muitas edades, mas talvez póde vir de tão longe, que chegue já mui cançada. Quantos do arado subiram ao triumpho, e do triumpho tornaram outra vez laureados ao arado? As lentilhas deram a Roma os Lentulos, e as favas os Favios. O campo para elles era campanha, e a agricultura, diz Plinio, arte e exercicio militar; porque na ordem com que dispunham as plantas, aprendiam a ordenar e governar os exercitos: *Sive illi eadem cura semina tractabant, qua bella: eademque diligentia arva disponebant, qua castra.* [1] Pastor tinha sido o terror dos mesmos romanos, o nosso portuguez Viriato, e tanto que trocou o cajado com o bastão, dos seus soldados soube fazer leões, e dos inimigos ovelhas. Assim que, não são totalmente necessarios os altos nascimento para ter valorosos procedimentos.

Mas o que só quero dizer é, que na nobreza está o valor mais certo, e mais seguro. O que não é nobre, póde ser valoroso, o nobre tem obrigação de o ser: e vae muito do que posso por liberdade, ao que devo por natureza. As aguias não eram pombas: e se alguma vez a natureza produzisse um tal monstro, a pomba se animaria a ser aguia, por não degenerar dos que a geraram. Não ha espora para a ousadia, nem freio para o temor, como a memoria do proprio nascimento, se é de generosas raizes. Estava temeroso S. José, e temeroso com razão, porque era materia de honra: appareceu-lhe um Anjo, e disse-lhe: *Joseph, fili David, noli timère:* José, filho de David, não temas. A descendencia de David podia estar tão escurecida na memoria de José, quanto vae do sceptro real aos instrumentos mecanicos, que elle manejava: mas quando o Anjo o exhorta a que não tema, lembra-lhe que é da geração de David: porque, como diz o douto Palacio, com nenhuma outra consideração mais efficazmente lhe podia tirar o temor, que com a memoria de que era descendente de um homem que nunca soube temer. O mesmo Christo Redemptor nosso quando houve de tirar a capa para entrar naquella ultima batalha, em

[1] *Plinius,* Libr. VIII, C. 63.

que venceu a morte e o inferno, diz o Evangelista S. João, que se lembrou primeiro de quem era, e d'onde vinha: *Sciens quia á Deo exivit, et ad Deum vadit, ponit vestimenta sua.* Lembrou-se da geração altissima de que procedia, lembrou-se de que era Filho do Monarcha universal de todo o creado, e como entrou com esta lembrança na batalha, ainda que o amor da vida lhe fez seus protestos no horto, por fim pelejou animosissimamente, e posto que com tanto sangue, triumphou e venceu. Eis aqui, senhores, quão bem fundadas temos as esperanças da victoria que havemos mister: e esta é a primeira boa qualidade, que concorria em Nicodemus para o titulo de vencedor que traz no nome, *Victor Populi.*

IV

A segunda boa qualidade, e muito melhor que a passada, é a que logo se segue: *et venit ad Jesum nocte*, que veiu Nicodemus a tratar com Jesus de noite. Os dias fel-os Deus para nós, as noites para si: os dias para as occupações do corpo, as noites para os retiros da alma: os dias para o exterior e visivel, e por isso claros, as noites para o interior e invisivel, e por isso escuras. Assim repartia Nicodemus o tempo. Os dias dava-os ás obrigações do officio, como pessoa publica, e para satisfazer ás mesmas obrigações com acerto e bom successo, gastava as noites com Deus. Oh se a nossa milicia, e os Cabos maiores e menores della seguissem este exemplo em parte das noites: que confiadamente me atreveria eu a lhe prometter que para o feliz e desejado fim de tantas prevenções e apparatos bellicos, não fallaria Deus em lhe dar um bom dia!

Nenhum general teve neste mundo maior, nem melhor dia, que Josuë, governador das armas de Israël na conquista da terra dos Cananeos. Deu batalha aos Madianitas, rotos já e fugitivos quando o sol principiava a se esconder no occaso: e para que podesse proseguir e acabar a victoria, como se o sol fôra soldado seu, mandou-lhe Josuë que parasse; e parou, ou fez alto o sol. Diz a Historia Sagrada, que nem antes, nem depois houve tão grande dia: *Non fuit antea,*

nec postea tam longa dies: [1] grande na duração, grande na victoria, grande no imperio do general, e mais na obediencia do mesmo Deus á voz de um homem, *Obrdiente Deo voci hominis.* Mas porque deu Deus a Josuë um tal dia? Porque o tal Josuë dava a Deus as noites. Antes de dar principio a toda aquella conquista nos arrabaldes da cidade de Jericó, sahiu Josuë de noite ao campo a orar como costumava; quando subitamente viu diante de si um vulto armado de armas brancas com a espada desembainhada na mão. *Noster es, an adversariorum?* Sois nosso, ou dos adversarios? perguntou sem o perturbar a visão: e S. Miguel, que era o armado, respondeu: Eu sou o principe dos exercitos de Deus, que em seu nome vos venho assistir e ajudar para que em tudo o que emprehenderdes sejaes vencedor. Que muito logo, que Deus désse um dia tão grande, e tantos outros dias, a quem assim os partia com Deus? Maior visão foi a do nosso primeiro Affonso na noite daquelle dia em que amanheceu rei, pois viu e ouviu ao Senhor dos Anjos, que de sua bocca lhe deu o titulo, e lhe assegurou o reino. Mas que fazia então o valoroso e devoto principe? Vigiava e orava na sua tenda; e na historia sagrada de Gedeão, como em espelho se estava vendo a si, e lendo a sua mesma victoria.

Que dirão aqui muitos capitães com nome de christãos, ou sejam dos menores, ou tambem (que póde ser) dos maiores? Que dias podem esperar de Deus, se dão as noites ao diabo? Gastar as noites com Dalila, e de dia ser Samsão, ainda que seja levar a victoria pelos cabellos, só por milagre será possivel. Fugiu David de seu filho Absalão, e a phrase com que o diz a Escriptura é que fugiu do seu rosto: *Cùm fugeret a facie Absalom.* Não lhe póde fazer rosto, nem esperal-o de cara a cara, voltou as costas, e poz-se em fugida. Vède quem foge, e de quem. Foge de um rapaz, aquelle que em menor edade que a sua matava gigantes: foge acompanhado de tres legiões de soldados, que o mesmo Texto chama fortissimos, aquelle que só alcançou victorias, que grandissimos exercitos não poderam vencer. E quem visse a David não retirar-se por modo honesto, senão fugir tão descomposta e de-

[1] *Josuë*, x, 14.

claradamente, se lhe perguntasse de quem fugia e porque; que responderia David? Creio que assim como não teve rosto para aguardar, assim não teria bocca para responder. Mas responde por elle S. Ambrosio: *Fugit David à facie Absalom:* Foge de Absalão David, aquelle que por nome e por antonomasia era o valente: *David, idest, manu fortis;* e porque? *Quia peccatum illum imbellem fecit:* Porque o seu peccado, de valente o fez fraco, de animoso o fez covarde, de guerreiro e bellicoso o fez imbelle. Olhou para uma mulher que não era sua, e este só olhar lhe deu olhado á valentia; e este quebranto lhe quebrantou o valor e o animo. Deixou-se vencer do seu appetite, por isso não pôde resistir a um tão desegual inimigo: deixou de temer a Deus, por isso temeu a quem não chegava a ser homem.

Tendo a flôr da nossa armada diante dos olhos, não lhe posso dever neste passo um grande documento de S. Isidoro Pelusiota. [1] Vae instruindo o Santo a um principe como ha de alcançar victoria de seus inimigos (que para estes preceitos militares não é necessario professar as armas), e diz assim: *Si hostes vincere cupis, Dei metu exercitum ducito.* Se quereis, senhor, alcançar victoria de vossos inimigos, fazei capitão dos vossos exercitos o medo de Deus. Parece paradoxo, para vencer fazer capitão o medo. Mas o mesmo Santo dá a razão do seu dito, e não por um, senão por dois fundamentos. O primeiro porque o temor de Deus, que consiste na observancia de sua Lei, e na boa consciencia dos soldados, não só faz pelejar com valor, que não basta para vencer, mas com valor e ventura: com valor, porque quem tem boa consciencia, não teme a morte: e com ventura, porque quem teme e obedece a Deus, ajuda-o Deus: *Justitia enim hoc affert, ut quis strenue, et feliciter pugnet.* Este é o primeiro fundamento da nossa parte, o segundo é parte dos inimigos, e não menos verdadeiro. *E contrario injustitia nostra hostium est auxilium.* O' que divinas palavras! E pelo contrario, conclue o Santo, se ao nosso exercito faltar o temor de Deus, e em logar da obediencia de sua Lei houver offensas da mesma Lei e do mesmo Deus; tão fóra estará de nos defender

[1] *Isid. Pelus. ep.* 294.

a nós, que será o maior soccorro dos inimigos: *Injustitia nostra hostium est auxilium.* O' palavras outra vez verdadeiramente divinas! Cuidamos que os soccorros do inimigo só lhe veem de Hollanda, e enganamo-nos. Tambem lhe veem de Lisboa, e vão da Bahia. Para saber se veio soccorro a Pernambuco não temos necessidade de mandar espias á campanha. Metta cada um a mão na consciencia, e se acharmos que os peccados porque Deus nos castiga continuam, e não ha emenda, entendamos que não só tem soccorro o inimigo, mas tão poderoso e invencivel que o não poderemos contrastar. E' caso, o que agora direi, que me faz tremer todas as vezes que o leio.

Entrou Josuë á conquista da Terra de Promissão com tão felizes principios, que a cidade de Jericó, que era uma das mais fortes fronteiras daquella dilatada provincia, ao tocar sómente das trombetas israeliticas, como se os muros foram racionaes, começaram a tremer, as pedras a se desencaixar, as ameias a cahir, e tudo em um instante esteve por terra. Alcançada esta milagrosa victoria com universal terror e assombro dos Palestinos, marchou o exercito para Hay, outra cidade além do Jordão, e sabido pelos exploradores, que bastavam dois mil homens para a render, mandou o prudente capitão que fossem tres mil. Foram, e apenas tinham intentado o assalto, quando voltaram fugindo com as mãos nos cabellos, mas não voltaram todos, porque muitos ficaram mortos no campo. Que vos parece que faria Josuë neste caso? Rasga as vestiduras, prostra-se por terra diante de Deus: Senhor, Senhor, que é isto que vejo, que novidade, que castigo? Não é Vossa Magestade a que me mandou fazer esta guerra? Não é vossa infallivel verdade a que me prometteu que venceria? Pois como seguro eu da mesma promessa, vejo agora fugir os meus soldados, e que antes de pelejar tornam, os que poderam tornar, desbaratados e vencidos, com tanta affronta e infamia deste povo vosso? *Utinam ut cæpimus, mansissemus trans Jordanem!* O' quanto nos fôra não ter passado o Jordão! Quanto melhor nos fôra não ter posto os pés nesta terra, pois nella haviamos de perder a honra, e se haviam de frustrar assim nossas esperanças! Isto dizia Josuë, e o diziam e lamentavam todos os anciãos do povo com as cabeças cobertas de cinza, quando Deus appareceu ao general, e respondeu

á sua queixa desta maneira: *Peccavit Israël, et prævaricatus est pactum meum: nec poterit stare contra hostes suos, eosque fugiet.* Josuë, peccou o povo, e por isso foram vencidos os teus soldados: e desengana-te que assim como agora fugiram estes tres mil, assim hão de fugir todos, se os mandares continuar a conquista. Pareceu-me neste passo, e assim parecerá a todos, que teriam os Israelitas levantado outro idolo como no deserto, ou commettido universalmente algum sacrilegio não menos horrendo: porque um castigo tão subido e tão extraordinario não podia cahir senão sobre algum peccado atrocissimo, e esse muito geral, em que todos fossem cumplices. Lede, porém, o Texto, e achareis que em todo aquelle grande povo não tinha havido outro peccado mais que um furto de um soldado chamado Acham, o qual se aproveitára de alguma coisa dos despojos de Jericó contra o preceito em que Deus tinha mandado queimar toda a cidade, e quanto nella havia. Assim o declarou expressamente o mesmo Deus: *Filii Israël prævaricati sunt mandatum, nam Achan tulit aliquid de anathemate.* Notae aquelle *aliquid, alguma coisa*, porque foi muito pouco o que o soldado tomou. Pois por um só peccado, e de um só homem, e em materia quasi leve, permitte Deus que fujam tres mil soldados, e affirma que do mesmo modo havia de fugir todo o exercito, que constava de seiscentos mil? Sim. Para que vejamos todos se temos razão de tremer, e quão mal fundadas são as esperanças, com que nos promettemos grandes victorias, onde ha tantos peccados, e tão pouca emenda. Não nos fiemos em armadas, nem em exercitos. Ainda que as armadas fossem de cinco mil naus, e os exercitos de cinco milhões de soldados, como os de Xerxes, todo esse apparato nada importaria, como não importou então, para segurar a empreza. Deus é o que dá e tira as victorias, e só as podem esperar com confiança, os que pela emenda dos peccados e observancia da Lei o tiverem propicio. Não fôra Nicodemus Nicodemus isto é, *Victor populi*, vencedor do povo, se assim o não fizera. E que fazia? Para ser digno de tal nome procurava não só ter propicio a Christo, mas insinuar-se no trato familiar do mesmo Senhor, empregando neste cuidado as horas mais livres de todos os outros, quaes são as da noite: *Hic venit ad Jesum nocte.*

V

Ainda tinha outra boa parte Nicodemus, que tantas são necessarias para o nome de vencedor: *Et dixit illi: Rabbi:* o fim para que vinha buscar a Christo, era para o consultar e ouvir como Mestre. Mestre era tambem Nicodemus. *Tu magister es in Israël*, e nesta reflexão de sendo mestre vir buscar outro Mestre, consistia o ser bem fundado, e não vão, o nome que tinha. O maior perigo e perdição da guerra é cuidarem os doutores desta arte, que sabem tudo. Os sabios em qualquer faculdade mais sabem ouvindo, que discorrendo, e mais acompanhados, que sós. *Meliores æstimantur qui soli non omnia præsumunt:* diz o grande politico Cassiodoro: que sempre foram estimados por melhores, os que de si só não presumem tudo. Já se a presumpção do saber se ajunta á soberania do poder, como em Nicodemus, que era mestre e principe: nestes dois resvaladeiros está certo o precipicio e a ruina. Para conseguir effeitos grandes, e para levar ao cabo emprezas difficultosas, mais segura é uma ignorancia bem aconselhada, que uma sciencia presumida. A primeira victoria para alcançar outras muitas, é sujeitar o juizo proprio, quem não é sujeito ao mando alheio. Perguntado Alexandre Magno com que industria, ou com que meios em tão breve tempo se fizera senhor do mundo, diz Estrobeu, que respondêra estas palavras: *Consiliis, eloquentia, et arte imperatoria:* Com os conselhos, com a eloquencia, e com a arte de governar exercitos. No ultimo logar poz a arte, e no primeiro o conselho: porque o conselho é a arte das artes, e a alma e intelligencia do que ella ensina. A arte prescreve preceitos em commum, o conselho considera as circumstancias particulares: a arte ensina o que se ha de fazer, o conselho delibera quando, como, e por quem: Vegessio dispoz os sitios e batalhas de longe, o conselheiro tem diante dos olhos o exercito inimigo, e o proprio, os capitães, os soldados, o numero, a nação, as armas, e até a occasião do terreno, do sol, e do vento, que se não vêem senão de perto. Os Levitas que quizeram imitar as façanhas dos Machabeus, porque pelejaram sem conselho, perderam em um dia o que elles com prudente e bem aconse-

lhado valor tinham ganhado em muitos. Se algum capitão podéra escusar o conselho, era o genio de Alexandre, formado pela natureza para conquistar e vencer. Mas nem a sua arte, nem a sua fortuna o lisongeou de maneira, que não antepuzsese o conselho a ambas. O que desegualou o poder, póde-o supprir a arte; o que errou a mesma arte, póde-o emendar a fortuna; mas o que se intentou sem conselho, ainda que o favoreça o caso, nunca é victoria. A que alcançou de si mesmo Alexandre, essa lhe deu todas as outras, porque se sujeitou a perguntar quem sabia sujeitar o mundo, e havendo de dever de algum modo as suas victorias, não as quiz dever ao seu braço, senão ao seu conselho.

Oiçamos ao homem mais sabio, o qual só logrou perpetua paz, porque entendeu melhor que todos a guerra. No Capitulo XX dos Proverbios dá Salomão um documento militar notavel. Diz que as guerras se hão de governar com os lemes: *Gubernaculis tractanda sunt bella.* Se fallára das guerras e batalhas navaes, pouca difficuldade tinha este Proverbio; porque não ha duvida, que nas victorias do mar, grande parte cabe ao leme. Mas fallando de todas as guerras absolutamente, que proporção teem as armadas com os exercitos, os navios com os esquadrões, e os combates do mar com as batalhas da terra, e da campanha? No fundo do original hebreu lançou Salomão a ancora, e escondeu o sentido deste seu Proverbio. Onde a nossa Vulgata diz *in gubernaculis*, lê o hebreu *in consiliis*. E chama Salomão aos conselhos lemes da guerra: para que entenda a politica militar dos exercitos, que tanto caso hão de fazer os generaes do conselho, como os pilotos do leme. Se na Capitania e onde vae a bandeira e o farol, faltou o leme, derrotou-se a armada; e se o general descuidado ou presumido desprezar o conselho, dê-se tambem por derrotado e perdido. Assim como para navegar e fazer viagem a nau, é necessario que vá sempre o leme na mão, já a uma, já a outra parte, accommodando-se as velas ao vento; assim na guerra, em que os accidentes são tão varios, nenhuma coisa se deve intentar, nem seguir, senão com maduro conselho. Assim o escreveu antigamente S. Basilio; e depois que a arte nautica sahiu do Mediterraneo ao Oceano, Hugo Cardeal. Mas que seria, ou que succederia, se o conselho não se ouvisse, ou ouvido se não tomasse? Sem consultar as estrellas se

póde prognosticar facilmente. A nau que não dá pelo leme, e toma por d'avante, mui arriscada vae a encalhar em um baixo, ou se romper em um Recife. Livre-nos Deus de que não seja tão fatal o nome, como é proprio.

Entre todos os exemplos desta desattenção (que lhe não quero dar outro nome), é o que succedeu ao exercito de Nabucodonosor na mal lograda conquista de Bethulia. Chegou Holofernes com numerosissimo exercito á vista daquella grande cidade, e vendo que se apercebia á defeza, para resistir, o que a sua soberba não presumia, chamou a conselho de guerra sómente por razão de estado — que alguns perguntam o que é bem que se faça, só para saberem o que não hão de fazer. — Houve de dizer seu voto Achior, que era mestre de campo da gente Ammonita, e não querendo adular, como outros, mas dizer como era obrigado, o que entendia, deu um parecer singular. Disse, que se lançassem espias na campanha, e que se procurasse haver ás mãos de algum homem de Bethulia, do qual se soubesse exactamente, se havia peccados contra a Lei do seu Deus naquella cidade. Se não houvesse peccados, que levantassem logo o cerco; porque impossivel seria que o Deus de Israël os não ajudasse: mas se houvesse peccados, que accommettessem seguramente a cidade, porque sem duvida a levariam. Boa confirmação do que dissemos no discurso passado: e era gentio e sem fé quem assim votou: para que vejam os que fundam os seus pareceres em outras politicas, se votam como racionaes e como christãos.

Zombou Holofernes do conselho, e jurou muito indignado pela vida de Nabucodonosor, que pelos mesmos fios da espada por onde haviam de passar todos os moradores de Bethulia, passaria tambem Achior: elles pelo atrevimento com que presumiram resistir aos seus exercitos, e elle pelo pouco respeito com que votára contra a omnipotencia do seu monarcha. E logo com a mesma arrogancia: Levae-o, disse, manietado, e mettei-o dentro em Bethulia, para que a mesma cidade lhe sirva de carcere, em que aguarde preso a execução da minha sentença. Ditoso Achior, se assim morrêra por defeza da verdade, e por haver aconselhado o que devia! Mas a morte, que não estava longe, outro golpe ameaçava, menos imaginado e mais alto. Em todo este tempo tinha estado Judith orando a

Deus, coberta de cilicios, agora porém vestida de galas, e enriquecida de joias sáe da cidade, entra pelos arraiaes inimigos, e levada á tenda de Holofernes, subitamente ficou o barbaro tão captivo de sua formosura, que a valorosa heroina teve a occasião, que buscava, de lhe cortar a cabeça, como cortou, estando dormindo, com a sua propria espada. Com a primeira luz do sol appareceu a cabeça de Holofernes sobre os muros de Bethulia na ponta de uma lança; foge o exercito assombrado, seguem-no os da cidade, executando nos cercadores o que elles pretendiam: e este foi o fim daquelle soberbissimo monstro, morto, affrontado, perdido, e perdendo o mais florente exercito, sempre até alli victorioso, por sua culpa, não por lhe faltar quem bem o aconselhasse, mas por não querer tomar conselho. Sirva de epitaphio á caveira daquella disforme cabeça, o que elegante e judiciosamente escreveu um nobre commentador deste passo: *Hic finis Holofernis fuit, qui tandem malo suo didicit quàm perniciosum ducibus sit aliena non sequi consilia.* Este foi o desastrado fim de Holofernes, o qual, em fim, aprendeu em sua propria cabeça, posto que tarde, quão fatal e perniciosa coisa seja aos capitães não querer tomar conselho. Não é razão que saiba vencer, quem se não sabe convencer da razão: e foi justo castigo do céu, que perdesse a cabeça, quem se não quiz governar senão por sua cabeça. Quanto melhor lhe estivera a Holofernes haver seguido o conselho de Achior! Mas porque se não quiz sujeitar ao bom parecer de um homem prudente, permittiu Deus se sujeitasse tanto ao bem parecer de uma mulher inimiga, que por ella ficasse o seu exercito desbaratado e vencido, e elle sem honra, e sem vida. Tudo se perdeu neste caso, e só o fructo do bom conselho se não perdeu; porque, se não aproveitou a quem foi dado, rendeu muito a quem o deu. Todos os Cabos do exercito de Holofernes, ou morreram, ou foram vencidos, e só Achior ficou vivo e triumphante: e não só vivo temporalmente, mas vivo para toda a eternidade, porque recebeu a fé do verdadeiro Deus, cuja causa defendêra. Aprendam pois deste funesto e formidavel exemplo os generaes dos exercitos, a não desprezar, mas venerar e seguir os conselhos de quem lh'os póde dar; e nós reconheçamos quão bem assentava sobre a docilidade de Nicodemus o nome de *Victor populi;*

pois sendo lettrado, vinha consultar e ouvir, e sendo mestre, aprender de quem o podia ensinar: *Et dixit ei: Rabbi.*

VI

Temos visto as tres boas e necessarias qualidades que concorriam em Nicodemus para o nome que tinha de vencedor, *Victor populi:* nobreza de sangue, familiaridade com Deus, docilidade no juizo. Nobreza de sangue, para o valor: docilidade no juizo, para o conselho: e familiaridade com Deus, para o favor do céu, sem o qual tudo o demais aproveita pouco. Mas toda esta harmonia de boas partes, as descompunha e deslustrava um senão, o peior e mais feio que podia ser, e o mais opposto e contrario não só á victoria, senão á esperança della, que era o medo: *Propter metum Judæorum.* A ousadia é ametade da victoria, e quem temeu ao inimigo, já vae vencido. Oiçamos a um dos mais bem disciplinados soldados, e mais experimentados capitães, que houve no mundo: *Exaudi Deus orationem meam cùm deprecor:* [1] Ouvi, Senhor (diz David) a minha oração, ou a minha deprecação, que é propriamente quando pedimos a Deus, que nos livre de algum mal. E de que pedia David que o livrasse Deus? Do temor do inimigo: *A timore inimici eripe animam meam.* Não diz, que o livre do poder, das armas, e das astucias do inimigo, senão do seu temor, isto é, de que elle David o temesse. Como se dissera: Se eu temer ao meu inimigo, ainda que o meu poder seja maior, elle me vencerá a mim: mas se eu o não temer, ainda que seja maior o seu, eu o vencerei a elle. Por isso Senhor vos peço, não que me livreis dos seus exercitos, nem das suas forças eguaes ou superiores, senão de que o meu coração o tema: *A timore inimici eripe animam meam.* Fallava David como quem sabia por experiencia a ordem com que Deus, como Senhor dos exercitos, os dispõe quando quer dar ou tirar a victoria. Quando Deus quer dar a victoria, ainda que o poder seja pouco

[1] *Psalm.*, LXIII, 1.

desegual, põe na vanguarda o medo, e tanto que o medo investe os inimigos, por muitos e fortes que sejam, logo os obriga a voltar as costas, e ficam os muitos vencidos dos poucos, e os poucos vencedores dos muitos. Assim o fez Deus muitas vezes, e o prometteu expressamente no Capitulo XXIII do Exodo, segurando aos Israelitas, que quando entrassem na conquista da Terra de Promissão, mandaria diante dos seus exercitos o seu medo, o qual logo poria em fugida a todos os inimigos: *Terrorem meum mittam in præcursum tuum, et occidam omnem populum, ad quem ingredieris, cunctorumque inimicorum tuorum coram te terga vertam.* [1] E como Nicodemus contra o seu nome de vencedor era tão tocado ou penetrado do medo, que pelo que tinha aos Judeus se não atrevia a buscar a Christo de dia; para o Senhor o curar deste achaque, que na guerra é a mais perigosa doença, e a peste total das victorias; e para de medroso e covarde o fazer ousado e animoso; que antidoto ou remedio lhe applicaria? O remedio foi o que sobre todos os da natureza e da razão tem a maior efficacia e virtude para tirar o temor, que é o da Santa Cruz, em que o triumphador da morte e do inferno foi exaltado: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis.* E' a segunda parte do nosso thema, o qual entrou mais tarde do que eu quizera; mas com dizer muito em pouco, supprirá a brevidade o tempo.

A todos os que me ouvem não só supponho animosos, senão animosissimos; mas para que o sejam mais que superlativamente, oiçam qual é a virtude da Santa Cruz para tirar o temor. Determinou Jezabel tirar a vida a Elias: tanto que elle o soube, temeroso da morte, como homem, emfim, e não se dando por seguro na côrte, nem em outro logar povoado, metteu-se por um deserto, fugindo a toda a pressa, sem saber por onde: *Timuit Elias, et surgens abiit quocumque eum ferebat voluntas.* [2] Passados quarenta dias de caminho, que em menos distancia não se deu por seguro o Propheta de uma mulher, rainha e irada, lançou-se ao pé de uma arvore, e alli trocado subitamente de pensamentos, começou a chamar pela

[1] *Exod.*, XXIII, 27.
[2] Ita Josephus,

morte, *Petivit animæ suæ ut moreretur.* Repara muito nesta subita mudança S. João Chrysostomo, e pergunta: *Quomodo mortem, quam tunc fugerat, nunc requirit?* Se Elias vem fugindo da morte, como agora chama por ella? Se pouco ha a temia tanto, como agora a desafia? Por ventura era Elias daquelles valentes de longe, que fóra da occasião blasonam, e quando ella chega viram as costas? Não por certo. Pois se tanto temia e fugia da morte, quem lhe tirou esse temor? O mesmo S. Chrysostomo e outros Santos dizem que o deserto. Tinha andado tantos dias por aquelle deserto despovoado e ermo: e não é muito que a morte que temia cortezão, a desafiasse anacoreta. Boa moralidade, se em si mesma não tivéra a replica; porque Elias não só temeu a morte quando fugiu da côrte, senão tambem quando caminhou tantos dias pelo deserto. Qual foi logo a causa desta tão notavel mudança? Não foi a virtude do deserto, senão a da arvore, diz excellentemente Ruperto: *Confugit ad vivifici crucis lignum, illic mortem ambit.* [1] Aquella arvore, a cujo tronco se arrimou Elias, era figura da arvore da Cruz, e tanto que fugiu para ella, logo não temeu a morte de que fugia, antes a desafiou. E' certo que a sombra das arvores tambem tem virtude, ou nociva, ou saudavel, de que traz os exemplos Plinio: [2] e a virtude da sombra da Cruz é desassombrar os animos, e lançar delles todo o temor. Por isso o Propheta temeroso e fugitivo, tanto que se poz á sombra daquella sagrada arvore, logo ficou tão animoso e intrepido, que voltando o rosto para a mesma morte de que ia fugindo, a provocou e chamou por ella: *Petivit animæ suæ ut moreretur.*

Mas para que é pedir testemunhos á sombra, se na realidade da mesma Cruz os temos mais evidentes? Chega Christo nosso Redemptor ao Horto, e representando-se-lhe vivamente a affrontosissima morte, e os tormentos excessivos, que na ultima batalha daquella noite e dia lhe estavam apparelhados para padecer: não só os Evangelistas confessam que temeu pavorosamente, *Cœpit tædere, et pavere;* mas o mesmo Senhor com instancias tres vezes repetidas pediu,

[1] Rupert. in Lib. Reg. lib. v, Cap. 10.
[2] Plinius, Lib. xvii, Cap. 12.

e tornou a pedir ao Padre, que por qualquer modo possivel o livrasse de beber aquelle calix: *Pater, si possibile est transeat à me calix iste.* Tanta era a repugnancia e horror com que naturalmente como homem lhe tinha penetrado o coração, e quasi prostradas todas as forças do animo a imaginação sómente daquelle terrivel combate. Chegado, porém, á hora em que passando do Horto ao Calvario, e pregado o mesmo Senhor na cruz bebeu effectivamente não outro, senão o mesmo calix, que tanto tinha temido e repugnado, vendo que já se exgotava de todo, protestou em alta voz, que tinha sede de mais. *Sitio.* E de que *mais* era esta sede? Do mesmo licor amargoso e mortal de que vira cheio no Horto o mesmo calix. De mais crueldades, de mais penas, de mais affrontas, de mais tormentos. S. Lourenço Justiniano: *Sitit utique, et inebriatus amaritudine adhuc durior a sustinere desiderat.* [1] Como se dissera (continua o mesmo Santo): *Si hæc quæ tolero pauca videntur, adde flagellum flagello, appone vulnera vulneribus, lacera, ure, confige, precute, occide: Universa hæc, et malora toto desiderio sitio.*

Mas aqui entra a duvida ou admiração de S. Bernardo fallando com o mesmo Christo. *Quid est hoc? Antequam gustes, ó bone Jesu, petis calicem omnino auferri, et postquam ebibisti, sitis?* [2] Que mudança é esta tão subita, ó bom Jesus? Antes de beber o calix temeis tanto chegar a bebel-o, que pedistes uma e tres vezes ao Padre, que por todos os meios possiveis vos livrasse delle; e agora que o tendes já bebido, e quasi exgotado, tendes sede de mais? Onde estão aquellas repugnancias, aquellas agonias, aquelles temores e horrores tão apertados, que vos obrigaram a o reclamar com tantas instancias? Estão e ficaram no Horto, e em toda a parte onde não havia cruz: porém no Calvario, onde o mesmo Christo foi pregado, e levantado nella, a virtude da mesma cruz, ou por efficacia e effeito, ou por doutrina e exemplo lhe infundiu ao mesmo Senhor tal animo, tal valor, tal fortaleza, que os mesmos tormentos, que imaginados repugnava e temia, padecidos lhe causavam sede, e

[1] Laurent. Justin. de triumph. Christi agone, Cap. 18.
[2] S. Bernard. de Passion. Cap. 3.

ardentissimos desejos de padecer muitos mais. Disse por effeito, ou por exemplo; porque esta virtude de infundir animo e valor, parece que Christo era o que a podia communicar á cruz, e não a cruz a Christo. Mas lembremo-nos que quando Deus luctou com Jacob, os braços de Deus communicavam aos braços de Jacob o valor, e o mesmo valor recebido nos braços de Jacob tornava depois em resistencias aos braços de Deus. Da mesma maneira os braços de Christo pregados nos braços da cruz: os de Christo communicavam aos da cruz o valor, e o mesmo valor reciprocamente se podia outra vez receber nos de Christo, tão capaz agora de receber a fortaleza, como no Horto o fôra de admittir o temor. Mas quando não fosse por efficacia e effeito, foi sem nenhuma duvida por doutrina, e por exemplo; para que entendessemos e soubessemos os que somos membros do mesmo Christo, que o remedio e o antidoto mais efficaz de todos os temores, é a virtude da sua cruz.

Sendo pois tão poderosa e efficaz a virtude da Santa Cruz para tirar temores, e dar animo e valor; vendo Christo a Nicodemus tão timido e desanimado, que até em materias que tocavam á fé, não ousava a se declarar intrepidamente; traz-lhe á memoria o milagre da serpente de Moysés, e o mysterio e figura da Cruz: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis;* para com este sagrado signal animar sua fraqueza, e fortalecer sua pusilanimidade. Assim foi e se viu com admiravel experiencia, tanto no mesmo Nicodemus, como em seu companheiro *Joseph ab Arimathea*, ambos discipulos do mesmo Senhor, mas occultos por medo dos Judeus. De ambos notam e ponderam os Evangelistas uma differença digna de summa admiração. De Joseph diz o Evangelista S. Marcos, que ousadamente entrou a Pilatos, e lhe pediu o corpo do Senhor, *Audacter introivit ad Pilatum, et petiit corpus Jesu:* [1] e diz ousadamente, porque d'antes com medo do povo, nem para dar indicios de que era seu discipulo tinha ousadia. De Nicodemus diz o Evangelista S. João, que trouxéra grande copia de especies aromaticas para ungir o mesmo corpo defunto, e que este era aquelle Nicodemus, que d'antes buscava ao Senhor de noite: *Qui*

[1] *Marc.* xv, 43.

venerat ad Jesum nocte primum. [1] E nota que d'antes vinha de noite, *nocte primum;* porque agora sem o medo que tambem tinha do povo, veio de dia, antecipando-se a noite do Parasceves, em que não era licito sepultar. Lembra-me a este proposito, que na morte de S. Paulo, primeiro ermitão, vendo-se S. Antão Abbade sem remedio de lhe dar sepultura, sahiram do deserto dois leões, os quaes com as unhas lhe cavaram e abriram uma cova capaz do santo corpo. Taes se mostraram nesta occasião Joseph e Nicodemus; ambos eram ovelhas de Christo, mas ovelhas fracas e pusilanimes, e que por isso fugiam e se escondiam com medo dos lobos, *propter metum Judæorum;* porém agora como dois leões bravos e animosos, sem medo, nem respeito dos Principes dos Sacerdotes, nem de toda Jerusalem, nem de toda Judeia, publicamente, e á vista de todos, não só trataram de dar sepultura a seu Mestre e Senhor, mas de que fosse a mais decente e honorifica, com que naquelle tempo se costumavam embalsamar os defuntos de maior auctoridade e veneração. Pois se d'antes eram ovelhas fracas, e timidas, quem os fez agora leões tão animosos, e intrepidos? Se d'antes não tinham atrevimento para se confessar por discipulos de Christo quando estava vivo e livre; como agora não temem, quando tanto maiores motivos tinham de temer, depois de condemnado, e morto em uma cruz? Por isso mesmo. Porque d'antes não havia cruz de Christo, e depois de crucificado, sim. Divinamente Theophilato, dizendo do nosso Nicodemus o que egualmente mereceram ambos: *Nocte venit ad Jesum propter metum Judæorum, sed post crucem multum officii, et liberalitatis impendit.* Notae muito a palavra *sed post crucem.* Quereis saber porque d'antes temia tanto Nicodemus, e agora nada teme? E' porque antes de Christo ser crucificado, não havia cruz, *post crucem.* Antes da cruz, era timido e cobarde; depois da cruz já é valente, animoso e intrepido; porque essa é a virtude mais que humana, esses são os effeitos prodigiosos e admiraveis daquelle sagrado tropheu de nossa redempção—dar animo, dar brios, dar valor contra os inimigos, contra os perigos, contra a mesma morte, e contra tudo o que na vida e depois della póde causar temor.

---

[1] *Joan.,* XIX, 39.

VII

Esta só qualidade, quarta e ultima, era a que faltava a Nicodemus para ser Nicodemus, isto é, para fazer verdadeiro o nome que tinha de vencedor, *Victor populi*. Assim que, senhores meus, e soldados de Christo, se naquelle sagrado lenho, se naquelle gloriosissimo instrumento de suas victorias tem depositado o Senhor dos exercitos a fortaleza christã, e vinculado o triumphador do mundo o valor catholico, armem-se todos os que querem vencer, armem-se todos os que teem obrigação de pelejar, com o signal sagrado da Santa Cruz, e em fé de tão invenciveis armas bem nos podemos prometter segura a victoria. Quando o mesmo Filho de Deus, armado só da humanidade de que se vestira, veiu restaurar o mundo e restituir á sua obediencia o genero humano, que debaixo da tyrannia do demonio se lhe tinha rebellado, o bando que mandou lançar para que se alistassem os que quizessem debaixo das suas bandeiras, dizia assim: *Si quis vult venire post me, tollat crucem suam, et sequatur me:* Todo o que me quizer acompanhar nesta guerra, tome ao hombro a sua cruz, e siga-me. *Vide quomodo militem suum Rex cœlorum armet:* Vede, diz S. João Antiocheno, as armas com que o Rei do céu arma os seus soldados: *Non dedit scutum, non galeam, non thoracem, sed quod his omnibus firmius ac valentius est, præsidium à cruce, et symbolum victoriæ:* Não os arma com escudos nos braços, nem com murriões na cabeça, nem com peitos fortes sobre o coração; mas arma-os com uma arma mais firme, mais forte, e mais invencivel que todas, que é a cruz, na qual levam juntamente a defeza para a guerra, e o signal da victoria: *Præsidium à Cruce, et symbolum victoriæ.* Com estas armas, pois, se armem, e nestas armas ponham toda a confiança os nossos valorosos soldados, e se se fiarem tambem das que são proprias do braço portuguez, fiem-se mais das cruzes, que dos fios da espada. De um soldado portuguez disse um poeta tambem nosso, que levava

Nos fios da espada que meneia
A vida propria, e a morte alheia.

Mas isto porque? Porque as cruzes estão perto dos punhos.

Tenham logo por certo e certissimo todos os que assim armados ou entrarem nas batalhas, ou assaltarem os muros, ou assediarem as cidades, que não haverá nem soldados tão valentes, nem cabos tão experimentados, nem fortalezas tão inexpugnaveis, nem inimigos, em fim tão obstinados, que se lhes não rendam. A praça mais forte e mais bem presidiada que nunca houve, nem haverá, foi o Paraiso Terreal, depois de lançado delle Adão, porque estava guarnecida de Cherubins, soldados immortaes, todos com armas de fogo, que foram as primeiras que houve no mundo: e haverá quem se atreva a investir, e possa entrar por força esta praça? Sim. E quem? Um homem: e com que exercitos? Só: e com que armas? Despido. Pois um homem, só, e despido, ha de entrar e render o Paraiso defendido de Cherubins com armas de fogo? Sim, outra vez, se a cruz lhe der o valor, e desde a cruz fizer a investida. Divinamente S. Chrysostomo fallando do Bom Ladrão: *Fecit latro de Cruce impetum, et intravit paradisum romphæa flammea circumdatum:* Accommetteu o Ladrão desde a sua cruz, e fazendo della escada assaltou as muralhas do paraiso, e por mais que estavam defendidas de cherubins e espadas de fogo, os cherubins, as espadas, e o fogo nada lhe póde resistir, e foi o primeiro que victorioso e triumphante restaurou a famosissima e felicissima praça, que Adão com tanta fraqueza perdêra. Não sei, nem posso dizer mais. E se uma cruz nas costas dá tanto valor e fortaleza, onde tantos trazem a cruz nos peitos, e todos a podem levar no coração, quem haverá na empreza presente que possa desesperar da victoria? Assim como antigamente mostrando Deus a Constantino o signal da Cruz no céu lhe disse: *In hoc signo vinces;* o mesmo está dizendo ao invicto general das nossas armas. Este signal do céu seja o farol que sigam as armadas no mar, e este o estandarte real, que levem diante dos olhos os exercitos na terra, para que vencedores em um e outro elemento, os vivos levantem os tropheus neste mundo, e os mortos (que não ha vencer sem morrer) logrem os triumphos da sua constancia no outro, exaltados todos pela virtude da Santa Cruz, como o mesmo Redemptor foi exaltado nella: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis.*

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO *

Prégado na Igreja e dia do mesmo Santo, havendo os Hollandezes levantado o sitio que tinham posto á Bahia, assentando os seus quarteis e baterias em frente da mesma igreja

---

Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum. [1]

I

Este é o logar, onde por espaço de quarenta dias e noites, como o diluvio, sustentou a Bahia, posta em armas, aquella furiosa tormenta de trovões, relampagos e raios marciaes, com que a presumida hostilidade do inimigo, assim como tem dominado em grande parte os membros deste vastissimo Estado, assim se atreveu a vir combater e quiz tambem conquistar a cabeça. E neste mesmo logar (bemdita seja a Bondade e Providencia Divina) trocados os receios em alegria, as armas em galas, e a guerra em triumpho, vemos junta outra vez a mesma Bahia, para render a Deus as devidas graças pela honrada e tão importante victoria, com que desenganado o mesmo inimigo, occultou de noite a fugida, e de dia o vimos sahir tão humilhado e desairoso, por onde tinha entrado tão orgulhoso e soberbo. Similhantes sitios e victorias, e outras muito menores que as similhantes,

---

* Este Sermão é ao mesmo tempo encomiastico, gratulatorio e eucharistico, maravilhosamente disposto em todas as suas partes e modelo primoroso para Sermões de tal genero. N'elle se mostra o orador muito entendido na arte militar. (Padre Honorati).

[1] 4.º *Livr. dos Reis,* XIX.

se costumam logo estampar na Europa, para se fazerem publicas a todo o mundo. E posto que nós na America carecemos destas trombetas mudas da fama, com que a mandar estampada aos olhos de sua magestade que Deus guarde, e alegrar com ella a Portugal, a Hespanha e a toda a monarchia; nas palavras que propuz (que são do Livro Quarto dos Reis, Capitulo dezenove) me parece temos uma estampa tão propria desta nossa historia, que em todas suas principaes circumstancias representadas ao vivo, nem faltaram aos auxilios do céu as devidas graças, nem á cooperação e valor da terra os merecidos louvores. O que direi, ou repetirei, será sómente ponderado o que todos vimos. E para que nos não falte a assistencia da soberana Pallas da christandade, a quem o primeiro templo que levantou Portugal na Bahia, foi com nome da Victoria; dando os vivas á mesma Senhora, digamos: *Ave Maria.*

II

Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum: [1] Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade (diz Deus) para a salvar, e esta mercê lhe farei por amor de mim, e por amor de David meu servo. Falla o Texto á lettra do sitio que com poderoso exercito veiu pôr sobre Jérusalem Senacherib, rei dos Assyrios. E posto que as mesmas palavras e a promessa dellas se verificam propriamente em um e outro caso, não ha duvida que tem muito maior propriedade e energia no nosso. *Protegam urbem hanc, et salvabo eam:* reparemos bem nesta ultima palavra, em que consiste a promessa e effeito da protecção divina. Tomarei, diz Deus, debaixo de minha protecção esta cidade para a salvar. Pudéra dizer, para a conservar, para a sustentar, para a defender, para lhe dar victoria de seus inimigos: e porque não diz senão *para a salvar* nomeadamente: *Et salvabo eam?* Porque a Bahia é cidade do Salvador: e ainda que o conserval-a, defendel-a, e dar-lhe victo-

[1] *4.º Livr. dos Reis,* XIX, 34.

ria, era effeito da mesma protecção, não era conforme o nome da cidade e do seu protector. O effeito, a obra, e a acção propria de Salvador, é salvar; pois por isso diz Deus que ha de salvar a cidade: *Et salvabo eam.* A Deus, além dos nomes communs de Deus e Senhor, umas vezes o invocamos como misericordioso, outras como justo, outras como todo-poderoso, ou com algum dos outros attributos e titulos de sua magestade e grandeza, de que estão cheias todas as Escripturas; mas quando a havemos de invocar para que nos salve, o modo que prescreve e ensina a mesma Escriptura é, que digamos nomeadamente a Deus: salvae-nos, Salvador nosso. Assim o manda e dispõe no primeiro Livro do Paralipomeno: *Dicite, salva nos Deus Salvator noster.* [1] E porque? Porque o salvar é effeito proprio de Salvador: e com o nome de Salvador não só inclinamos e empenhamos, mas obrigamos a Deus a que nos salve, porque não seria Salvador, se não salvasse. Essa foi a impropriedade com que os Discipulos ainda rudes, invocaram a Christo no perigo da tempestade, dizendo: *Magister, salva nos, perimus:* [2] Mestre, salvae-nos, porque perecemos. Não haviam de dizer, Mestre, senão, Salvador; porque a obrigação de Mestre é ensinar e não salvar. E se Christo então os salvou, não foi como Mestre, senão como Salvador: *Salva nos Salvator noster.* Este mesmo, pois, foi o titulo com que Christo na occasião presente salvou a Bahia. Ella é cidade do Salvador, e elle salvou a sua cidade. D'onde se segue, que mais a salvou como sua, que como nossa; e mais a salvou para si, que para nós.

E' admiravel a este proposito o Texto de David no Psalmo 97: *Cantate Domino canticum novum, quia mirabilia fecit: salvavit sibi dextera ejus et brachium sanctum ejus.* [3] Assim como nas grandes victorias se costuma celebrar o valor dos capitães e soldados com lettras ou cantigas novas, assim exhorta David, que se componham e entoem novos canticos ao Senhor pela admiravel victoria com que o seu poderoso braço salvou para si: *Salvavit sibi.* Isto de salvar Christo para si, é o primeiro reparo de Hugo Cardeal; e o segundo tambem

---

[1] *1. Paral.*, XVI, 35.
[2] *Math.*, VIII, 25; *Marc.*, IV, 38; *Luc.*, VIII, 24.
[3] *Psal.*, XCVII, 1.

seu, não é menos bem fundado. O primeiro funda-se no que diz o Propheta; o segundo no que não diz, porque não diz que salvou, ou a quem. Pois se diz que salvou, e que salvou para si, *Salvavit sibi*, porque não diz o que salvou, ou a quem salvou? Não diz a quem salvou, responde Hugo, porque fallava o Propheta de victoria futura; e do successo da mesma victoria se havia de entender de quem fallava: *Non dixit, quid salvavit, sed intelligendum reliquit.* Supposto, pois, que do successo e da victoria havemos nós de entender o que Christo salvou por meio della, eu entendo e digo, que o que salvou foi a Bahia. E do mesmo Texto que excitou a primeira questão, provo a resposta desta segunda. O Texto diz, que salvou Christo para si, *Salvavit sibi;* logo se salvou para si, signal é que o que salvou, era coisa sua. E como a Bahia é cidade do Salvador, bem se segue que salvando-a, salvou para si, porque salvou a sua cidade. O mesmo Hugo tão claramente como se eu lhe ditara as palavras: *Benedixit, sibi, quia ad ipsum, non ad alium pertinebat salvatio.* Muito bem e muito propriamente disse, que salvou para si; porque a elle, e não a outrem pertencia salvar o que era seu. A cidade era do Salvador, e ao Salvador pertencia salvar a sua cidade. E' verdade que tambem nós fomos salvos nella, pelo que devemos infinitas graças ao mesmo Salvador; mas elle, como dizia, não nos salvou a nós tanto por amôr de nós, quanto por amôr de si. Não é consideração minha, senão clausula expressa do mesmo Senhor no nosso thema: *Protegam urbem hanc* (notae agora) *et salvabo eam propter me:* Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade, para a salvar por amôr de mim. De maneira, que não só diz que ha de salvar a cidade, mas expressa e nomeadamente, que a ha de salvar por amôr de si. Nós salvos por amôr da cidade, porque somos membros da cidade; mas a cidade salva pelo Salvador, porque é sua, e por amôr de si: *Propter me.*

III

Ainda nos resta por declarar a ultima clausula do thema, tão breve como a passada; mas não menos admiravel, nem menos propria do nosso caso: *Et sal-*

vabo eam propter me, et propter David servum meum: Salvarei esta cidade, diz o Salvador, por amôr de mim, e por amôr de David meu servo. Que bom Senhor é Deus! Buscae lá outro que sendo toda a victoria sua, queira partir a gloria della entre si, e um seu servo! Mas porque razão tendo Deus tantos outros servos, e tão grandes, assim passados, como presentes, esta parte de gloria a attribue só a David: *Et propter David servum meum?* No caso do sitio de Jérusalem a razão é manifesta; porque na mesma cidade de Jérusalem havia um monte o mais forte e inexpugnavel de todos, que era o monte Sion, o qual se chamava *Civitas David*, Cidade de David: e assim como Deus salvou a Jérusalem por amôr de si, pelo que tinha de cidade sua, assim a salvou tambem por amor de David, pelo que tinha de cidade de David: *Propter me, et propter David servum meum.* Passemos agora de Jérusalem á Bahia.

O monte Sion da Bahia não ha duvida que é este monte em que estamos, posto que ao principio tão mal fortificado, depois tão forte e inexpugnavel, como as baterias e assaltos do inimigo, tanto á sua custa experimentaram. E que o David desta Sion seja Santo Antonio, que nelle assentou o solar da sua casa, facilmente se póde demonstrar até aos mesmos olhos; porque se do sayal lhe fizermos a samarra, da corda a funda, da voz formidavel do demonio a harpa, de ser o menor da familia de seu pae a familia dos menores, e de ter sempre a Deus junto ao peito, ser aquelle de quem disse o mesmo Senhor, que tinha achado um homem conforme ao seu coração, com pouca differença de côres veremos naquelle altar, ou de Santo Antonio formado um David, ou David transformado em Santo Antonio. Deste segundo David pois disse Deus o nosso caso: *Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum.* E se me perguntardes de que modo se repartiu a victoria da Bahia entre o Senhor e o servo, entre o Salvador e Santo Antonio, digo que na mesma Bahia temos razão da similhança, e tão similhante, que não póde ser mais natural, nem mais propria. A cidade da Bahia é cidade do Salvador, e Bahia de Todos os Santos; e assim como em quanto cidade do Salvador, pertence a defeza da cidade ao Salvador, assim em quanto Bahia de Todos os Santos, pertencia a defeza da Bahia

a Santo Antonio. E porque? Mais admiravel é ainda o porquê, que a mesma resposta. Porque sendo a Bahia, Bahia de Todos os Santos, a todos os Santos pertencia a defeza della. Logo se a todos os Santos pertencia á defeza da Bahia, por isso a defendeu Santo Antonio, porque Santo Antonio, sendo um só, é todos os Santos. Ora vêde.

Todos os Santos do céu se dividem em seis gerarchias: Patriarchas, Prophetas, Martyres, Confessores, Virgens: e em todas estas gerarchias tem eminente logar Santo Antonio. Primeiramente é Patriarcha, sendo filho de S. Francisco, porque muitos dos filhos do mesmo santo o tomaram a elle por pae, e se chamam Religiosos de Santo Antonio, quaes são os de toda esta Provincia. Assim se chamaram filhos de Israël os descendentes de Abrahão, tomando o nome, e reconhecendo por seu immediato patriarcha a Jacob, não só filho, mas neto do primeiro e universal Pae de todos. Foi Santo Antonio Propheta, como consta de tantas coisas futuras que anteviu e predisse, não só pertencentes a esta vida, senão tambem á eterna, revelando-lhe Deus até os segredos occultissimos da predestinação das almas. Nem se confirma pouco a verdade deste espirito prophetico, com a necessaria supposição de Deus o haver arrancado da terra onde nascera, porque *nemo propheta in patria sua.* [1] Foi Apostolo, e Apostolo de duas provincias tão dilatadas, como Italia e França, não só prégando nellas depois de christãs a fé do Evangelho, e confirmando-a com infinitos e portentosos milagres; mas confutando e convencendo os erros, allumiando a cegueira, e quebrantando o orgulho, a dureza e contumacia dos hereges, por onde foi chamado Martello das herezias: *Perpetuus hæreticorum malleus.* Foi Martyr, porque foi buscar o martyrio a Africa, e posto que não derramou o sangue, tão martyr foi como se o derramara, porque se Deus disse a Abrahão que não perdoara a vida a seu filho pela vontade e deliberação que tivera de o sacrificar: *Non pepercisti unigenito filio tuo propter me* [2] não menos suspendeu Deus o braço e espada de Abrahão, para que não executasse o golpe, do que te-

[1] *Luc.*, IV, 24.
[2] *Gen.*, XXI, 12.

ve mão nos alfanges e cimitarras dos Turcos, para que na garganta e peito aberto de Antonio não empregassem a sua furia. Que fosse Confessor, não ha mister prova. Mas a de ser perpetuamente Virgem, é tão milagrosa, e sem egual, que sendo necessarias a S. Bento as espinhas, e a S. Francisco os lagos enregelados para se livrarem das tentações proprias, a tunica que vestia Antonio, só por tocar ou ser tocada na carne virginal daquelle corpo mais que angelico, bastava para que della fugissem todas as tentações contrarias á pureza, e aos peccadores, mais forte e obstinadamente tentados, não só apagasse o fogo infernal, mas gerasse perpetua castidade. E como Santo Antonio em todas as gerarchias dos Santos, com os Patriarchas é Patriarcha, com os Prophetas Propheta, com os Apostolos Apostolo, com os Martyres Martyr, com os Confessores Confessor, e com as Virgens Virgem; pertencendo a todos os Santos a defeza da Bahia de Todos os Santos, e tendo Deus promettido que a gloria desta victoriosa protecção não a havia de repartir com todos seus servos, nem com muitos, senão com um só: *Propter me, et propter David servum meum:* este um, não podia ser outro, senão Santo Antonio, aquelle santo universal, que sendo um só na pessoa, nos gráus e gerarchias da santidade era todos os santos.

Quando Barac, capitão do povo de Deus, alcançou aquella famosa victoria contra Sisara, general dos exercitos d'el-rei Jabin, diz o Texto sagrado, que as estrellas do céu, conservando-se todas na sua ordem, pelejaram contra Sisara: *Stellæ manentes in ordine, et cursu suo adversus Sisaram pugnaverunt.* [1] E do mesmo modo concedo eu, e confesso, que todos os Santos do céu, sem se moverem do logar, nem da ordem, cada um da sua gerarchia, podiam defender a nossa cidade, e accudir á protecção em que ella os tinha empenhado com o nome de Bahia de Todos os Santos. Assim o supponho com o Real Propheta, o qual parece que não só tinha prophetisado, senão pintado a nossa victoria. Falla David de todos os santos do céu dentro no mesmo céu, e diz que na bocca tinham os louvores de Deus, e nas mãos as espadas

[1] *Juizes*, v, 20.

desembainhadas, para com ellas se vingarem de seus inimigos e rendidos e manietados os metterem debaixo dos pés: *Exaltationes Dei in gutture eorum, et gladii ancipites in manibus eorum: ad faciendam vindictam in nationibus, increpationes in populis: ad alligandos reges eorum in compedibus, et nobiles eorum in manicis ferreis.* [1] Que os os santos do céu se empreguem todos em louvores de Deus, essa é a ditosa occupação daquella patria bemaventurada: mas que juntamente estejam com as espadas desembainhadas nas mãos para pelejarem e vencerem seus inimigos; que espadas são, ou podem ser estas? São no caso presente as mesmas com que os nossos soldados pelejaram e venceram. A espada com que Gedeão pelejou e venceu, chamava-se, *Gladius Domini et Gedeonis:* [2] Espada de Deus e de Gedeão. E porque? Porque no mesmo tempo era meneada por duas mãos: visivelmente pela mão de Gedeão, e invisivelmente pela mão de Deus. Do mesmo modo no nosso caso. As armas com que vencemos o inimigo, visivelmente eram meneadas pelas mãos dos nossos soldados na terra, e invisivelmente pelas mãos de todos os Santos no céu: *Et gladii ancipites in manibus eorum.* E porque estas mãos invisiveis de todos os Santos eram as que principalmente nos deram a victoria, por isso conclue excellentemente o Propheta, que a gloria da mesma victoria é de todos os Santos: *Gloria hæc est omnibus Sanctis ejus.* [3]

Bem supponho eu logo, e devemos suppor todos, que todos os Santos do céu por si mesmos podiam defender a nossa, ou a sua Bahia de Todos os Santos. Mas como Deus tinha demittido de si e dedicado a parte desta protecção e desta gloria a um só santo, *et propter David servum meum*, nenhum outro podia ser, como foi, senão Santo Antonio, pela eminencia com que este Santo contem em si as gerarchias e dignidades de todos. E se na universalidade do Texto de David seria grande gloria de todos os santos, se todos concorressem por si mesmos para a defeza e victoria da Bahia de Todos os Santos, maior gloria

[1] *Psal.*, CXLIX, 6, 7 e 8.
[2] *Juizes*, VII, 20
[3] *Psal.*, CXLIX, 9.

foi na singularidade do nosso, que a mesma Bahia de Todos os Santos a defendesse um só santo: mas um santo, que sendo um só, é todos os santos: *Gloria hæc est omnibus Sanctis ejus.*

IV

Temos visto em commum a defeza e victoria da nossa cidade da Bahia repartida entre o Salvador e Santo Antonio: entre o Salvador, como cidade do Salvador, e entre Santo Antonio, como Bahia de Todos os Santos. Desçamos agora ao particular e alegremos os ouvidos, com que ouçam com certeza e segurança, o que os olhos testemunharam não sem duvida e receio. O Texto do nosso thema tresladado ao Cap. 19.º do 4.º Livro dos Reis, foi tirado do Cap. 37.º de Isaias, o qual como historiador escreveu o successo do sitio de Jérusalem, e como Propheta pintou nelle o da Bahia. E para que não faltasse tambem ao officio de commentador e interprete, no Cap. 26.º, cantando a victoria da cidade que tem por nome Salvador, diz, que para sua segurança e fortaleza se porá nella o muro e o antemural: *Urbs fortitudinis nostræ Salvator, ponetur in ea murus, et antemurale.* [1] Em phrase da milicia antiga, o muro significa a fortificação mais estreita e do recinto da cidade, e o antemural as que hoje se chamam fortificações, ou obras exteriores, que a defendem no largo. Assim que propriamente no nosso caso, o muro da cidade da Bahia foi o Salvador, e o ante-mural, Santo Antonio. Oiçamos agora com esta mesma divisão, quão seguramente nos defendeu dos inimigos o muro, e quão fortemente os resistiu e rebateu o antemural.

Em tres coisas consistiu a segurança que Deus prometteu a Jérusalem na invasão do exercito inimigo. Primeira, que elle não entraria na cidade: *Non ingredietur urbem hanc:* [2] Segunda, que não lançaria dentro nella as suas settas: *Nec mittet in eam sagittam:* Terceira, que a não poria de cerco: *Nec circumdabit*

[1] *Isai.*, XXIV, 1.
[2] *4.º Livr. dos Reis*, XIX, 32.

eam munitio: [1] e tudo se cumpriu com maravilhosas circumstancias no nosso caso. Primeiramente não entrou o inimigo na nossa cidade, antes esteve tão longe de entrar, e nós tão seguros de que elle entrasse, que em todos os quarenta dias do combate, assim de dia, como de noite, sempre estivemos com as portas abertas. Nisto mostrou bem a cidade do Salvador, que o seu Salvador e defensor era Deus, porque só Deus póde impedir e cerrar as entradas com portas abertas. Uma das coisas notaveis que temos no livro de Job, é que Deus cerrou as portas ao mar, para que não entrasse pela terra: *Quis conclusit ostiis mare.* [2] E acrescenta o mesmo Deus, que essas portas do mar as tem muito bem ferrolhadas, e muito bem trancadas: *Circumdedi illud terminis meis, et posui vectem, et ostia.* [3] Agora pergunto: O mar não está aberto por todas as partes? Entre o mar e a terra ha alguma coisa que lhe impida o entrar e passar adiante? Todos vemos que não. Que portas são logo estas, e que ferrolhos com que estão tão cerradas e tão seguras? O mesmo Deus o diz: *Et dixi: usque huc venies, et non procedes amplius:* [4] Eu disse ao mar: Até aqui chegarás, e não passarás d'aqui: e esta minha palavra são as portas sem portas, com que estando aberto o mar em todas as praias do mundo, o tenho fechado e ferrolhado a elle e a terra tão segura, que por mais bravo que a ameace, não póde dar um passo adiante: *Non procedes amplius.* Sabeis, senhores, quem deu tanta segurança á nossa cidade, que combatida do inimigo sempre estivesse com as portas abertas de dia, e de noite? Foi unicamente aquella poderosa palavra do Salvador, posto que a nós occulta: *Non ingredietur urbem hanc:* Não ha de entrar nesta cidade: e com este seguro da divina protecção estavam as nossas portas abertas, tão forte e tão inexpugnavelmente cerradas, que não houve antigamente arietes, nem ha modernamente pelardos, ou outros instrumentos e machinas bellicas, que podessem abrir na sua mesma abertura a menor brecha.

A segunda promessa de Deus foi: *Nec mittet in eam*

---

[1] *4.º Livr. dos Reis,* XIX, 32.
[2] *Job.,* XXXVIII, 8.
[3] *Ibid.,* 10.
[4] *Ibid.,* 11.

sagittam: que o inimigo não lançaria dentro na cidade as suas settas. Este genero de guerra tem muito mais difficultoso reparo: porque voando as settas por cima dos muros, cáem pela parte do céu sobre os que estão dentro. No mèsmo Livro de Job, pouco antes allegado, faz menção a Escriptura Sagrada de guerra chovida: *Pluat super illum bellum suum.* [1] E que guerra chovida é esta? E' aquella, cujos tiros veem pela parte do céu. Destes tiros disse David: *Pluet super peccatores laqueos:* [2] e taes foram os tiros e as ballas que choveram sobre a nossa cidade, depois que o inimigo assentou as suas baterias. As ballas que se atiravam ás nossas trincheiras por linha tendente, e a ponto fixo, ordinariamente ficavam enterradas nas mesmas trincheiras; mas as que se lançavam contra a cidade, como iam por elevação, voavam por cima dos muros, e cahiam como chuva do céu, sem nenhum reparo humano, mas com milagrosos effeitos da protecção divina: *Qui habitat in adjutorio Altissimi, in protectione Dei cœli commorabitur:* [3] Aquelles, diz David, a quem defende o Altissimo, morarão seguros, debaixo da protecção do Deus do céu. Notae a palavra *commorabitur*, que significa morar juntos, e falla particularmente dos moradores da cidade. Mas porque chama nesta occasião o Propheta a Deus o Altissimo, e o Deus do céu? Porque ainda que as ballas podiam passar por cima dos muros altos, não podiam avançar até o Altissimo que os defendia: *Qui habitat in adjutorio Altissimi:* e ainda que cahiam ou choviam pela parte do céu, não podiam offender aos que estavam debaixo da protecção do Deus do céu: *In protectione Dei cœli commorabitur.* Assim foi. Os tiros da artilheria inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos, e chovendo a maior parte delles sobre a cidade; que faziam? Uns cahiam saltando, e rodavam furiosamente pelas ruas e praças: outros rompiam as paredes, outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas ballas, quantas eram as pedras e as telhas: e foi coisa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa matassem, nem ferissem, nem ainda

[1] *Job*, XX, 23.
[2] *Psal.*, X, 7.
[3] *Ibid.*, XC, 1.

tocassem dentro da cidade, sendo que chegaram a levar ou despir a algumas ainda as roupas mais interiores, mas sem nodoa, nem signal nos corpos. E para maior excesso da maravilha, quando as ballas que choviam por elevação na cidade, nenhum damno fizeram nos moradores, é certo que as nossas culebrinas, que tambem jogavam por elevação desde as portas da Sé, cahindo no valle onde o inimigo tinha assentado o seu arraial, mataram muitos dos hereges. Não deixarei de continuar aqui o Texto que referi de David, em que já falla nos tiros que chovem do céu, e declarando-os como se descrevem os da polvora, diz que é uma tempestade de fogo e enxofre dada a beber em um copo: *Ignis, et sulphur, et spiritus procellarum pars calicis eorum.* [1] Note-se muito o *calicis eorum.* Estes eram os brindes que o flamengo fazia á cidade; mas ella lhe respondia muito á portugueza, porque recebendo tão pouco damno da chuva das suas ballas, como se fosse de agua, a nossa o executava nelles tão verdadeiro como de fogo e ferro. Elles brindavam á nossa saude, e nós á sua morte.

A terceira clausula da promessa divina, foi que o inimigo não poria de cerco a cidade: *Nec circumdabit eam munitio:* e assim o vimos cumprido. Se o inimigo queria render a cidade por assedio, porque a não cingiu, e cerrou por fóra com as linhas de circumvalação; porque ao menos não intentou fortificar-se nas tres eminencias que a dominam; mas se reduziu todo a um quartel? Aqui se vê a providencia e previdencia do nosso divino defensor, e como começou a defender e segurar a Bahia dentro em Pernambuco. O primeiro logar em que o inimigo se perdeu, foi a cidade que elle chamou de seu nome Mauricia, e a primeira acção foi o seu proprio conselho. Póde haver maior erro militar, que impossibilitar primeiro a victoria, e depois emprehender a guerra? Pois isto é o que fez o general hollandez, mais como obediente ás disposições do nosso soberano defensor, que como capitão, nem soldado. Determina conquistar a Bahia, e resolve de arrancar primeiro de Sergipe d'El-rei as reliquias do exercito pernambucano que alli estavam alojadas, e constavam de mil e duzentos soldados,

[1] *Psal.*, x, 7.

endurecidos em tantos trabalhos e campanhas, que eram os ossos da guerra, e por seu valor e experiencia merecedores de ser venerados como reliquias. Se Deus não cerrara os olhos a este conselho, veriam os menos cegos no seu mesmo leão belgico, com as sete settas juntas todas em uma mão, quão poderosas são as forças unidas para resistir. E se as mesmas provincias para resistir ao mais poderoso monarcha, tomaram o nome de Provincias Unidas, tambem as nossas milicias unidas resistiriam mais facilmente á sua, se deixasse em paz a umas, e pelejasse com as outras separadas e divididas. Mas não é coisa nova em Deus, quando quer desbaratar os effeitos, corromper os conselhos. Arrancado pois de Sergipe aquelle famoso troço de soldados e cabos, a quem a fortuna adversa na sua roda tinha lavrado como fortissimos diamantes, e encorporados com os do nosso presidio menos exercitados, mas não menos valorosos, alentada com esta segunda e nova alma a Bahia, logo ficou mais certa da victoria, que receiosa da guerra. Tal foi o estado em que o inimigo achou a nossa cidade, e por isso conforme a promessa divina se não atreveu a lhe pôr cerco: *Nec circumdabit eam munitio;* mas ensinado no seu proprio erro, reconhecendo o risco a que se expunha se dividisse as forças, tratou de as conservar unidas.

Mas como poderá a nossa cidade dar as devidas graças a seu Salvador pela abundancia com que a sustentou e conservou neste meio cerco, o que não pudéra ser, se fosse cerrado? David como tão cortado dos trabalhos e apertos da guerra, o que pedia a Deus, e exhortava a todos lhe pedissem, é que désse paz á cidade de Jérusaelm, para que nella e suas fortalezas houvesse abundancia do necessario: *Rogate quæ ad pacem sunt Jerusalem, et abundantia diligentibus te: fiat pax in virtute tua, et abundantia in turribus tuis.* [1] E a razão destas instancias tão repetidas de paz, e mais paz, era pela experiencia do que padeceram na guerra, sitiadas dos inimigos a mesma Jérusalem, e outras cidades de Israël, em que chegaram os homens a se sustentar dos coiros das arcas, e das solas dos sapatos, e de outras coisas que não teem nome, ainda

[1] *Psal.*, CXX, 7,

mais indecentes, obrigando a furia da fome até ás mesmas mães, a que comessem seus proprios filhos. E nós estivemos tão fóra de pedir a Deus paz, para que nos não faltasse a abundancia do sustento, que em todo o tempo da guerra não só se sustentaram os que nos sustentavam de carne sempre fresca, nem só abundava a cidade de todos os bastimentos naturaes da terra, ainda os mais hortenses e verdes; mas sem figura alguma de encarecimento, posto que sobre todas as da admiração, um só termo me occorre de se poder declarar a verdade da abundancia que logramos: e qual é? E' dizendo que quanto se acha em Lisboa, desde S. Paulo até á Confeitaria e Ribeira, assim do reino, como de fóra delle: tudo se viá aberto e exposto em cada uma das vendas da Bahia, sendo tantas, e sem a guerra lhe alterar os preços. Não só tão abundante e superabundantemente proveu o Salvador a sua cidade, mas com tantas prevenções de mimo e regalo, que quando Hollanda lhe fazia a guerra, toda Europa a servisse á meza.

V

Atéqui temos visto a parte da victoria, e defesa da cidade que tocou ao Senhor (*propter me*, que foi o muro. Agora veremos a que tocou ao servo (*et propter servum meum*), que foi o antemural. Nesta passagem porém do muro ao antemural, a mesma que dos muros a dentro parecia paz, delles afóra mudou tanto de semblante e trajo, que a catadura, como verdadeiramente de guerra, era cheia de fereza e de horror, e as roupas, não inteiras, mas rasgadas, tintas todas em sangue. O nosso Texto só refere ou promette em summa o successo, e diz que o inimigo, desenganado da empreza, tornará por onde veiu: *Per viam, qua venit, revertetur*. [1] Isto é o que nós agora mais socegadamente havemos de vêr. E não só veremos o visto, senão tambem o invisivel, porque se verá manifestamente a fortissima resistencia do nosso antemural, e quão a ponto pelejou sempre por nós e commosco o nosso segundo defensor Santo Antonio.

---

[1] *4.º Livr. dos Reis*, XIX, 33.

Eram as horas do meio dia, quando o inimigo com todo seu poder appareceu em marcha no monte fronteiro a este, não havendo nelle outra prevenção de defeza mais que os vestigios de uma trincheira rota: e quando se presumia que passando adiante naquelle mesmo dia se sentenciasse o pleito em uma bem confusa batalha (porque ainda não estava posta em ordem a confusão), subitamente vimos que as bandeiras, que vinham tendidas, nem se avançavam, nem faziam alto, mas voltando o passo no mesmo logar desciam e se escondiam para o valle onde assentaram o seu arraial. Agora pergunto: Porque não continuou a marcha o inimigo? Se depois que teve as forças mais cansadas e diminuidas nos acommetteu com tanta resolução, agora que as traz frescas e inteiras, porque nos não acommette? Se depois que estivemos fortificados, investiu denodadamente as nossas trincheiras e as pretendeu levar á escala e render-nos dentro nellas, agora que nos acha descobertos, e sem defeza, porque em vez de avançar se retira? Antes de responder a esta pergunta, quero fazer outra, não minha, senão de David. Quando os filhos de Israël chegaram ás ribeiras do Jordão, o rio, que levava sua costumada corrente, não só parou, mas voltou atraz. Admiraram-se todos de tão desuzado prodigio; e David, que quiz examinar a causa, perguntou-a ao mesmo rio: *Quid est tibi mare quod fugisti, et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* [1] Que a parte inferior do rio corra ao mar, isto é natureza; mas que a superior, que se vem precipitando com todo o pezo das aguas, pare e torne atraz? Se pára, quem a teve mão? E se torna atraz, quem lhe tirou pelas redeas? O mesmo Propheta responde: *A facie Domini mota est terra, à facie Dei Jacob:* [2] Na vanguarda do exercito dos Israelitas marchava a Arca do Testamento, e tanto que o rio deu de rosto com a arca do Deus de Jacob, esta subita vista lhe infundiu tal respeito e tal temor, que não só parou a corrente, mas voltou atraz: *Jordanis conversus es retrorsum.* Tem respondido David á sua pergunta, e tambem á minha. Santo Antonio, por auctoridade e canonisação do supremo Oraculo da

[1] *Psal.*, CXIII, 5.
[2] *Ibid.*, 7.

Igreja, é a Arca do Testamento. Assim lhe chamou o Summo Pontifice, reconhecendo, pela voz de sua mais que humana eloquencia, os profundissimos mysterios da divindade que naquella grande alma estavam encerrados: *Tantamque sui admirationem commovit, ut cum Summus Pontifex aliquando concionantem audiens, arcam testamenti appellarit.* Pois assim como o impeto do Jordão, tanto que avistou a Arca do Testamento, parou e tornou atraz com a sua corrente, assim o orgulho do exercito inimigo, tanto que do monte opposto descobriu o de Santo Antonio, não só foi obrigado desta vista a fazer alto, mas a voltar a marcha que trazia. E' verdade que elle não conheceu, nem podia conhecer a força occulta que o detinha; mas tambem o Jordão a não conheceu, nem podia conhecer, e comtudo é certo que elle o deteve.

Mais fez na tarde deste meio dia S. Antonio. Fataes foram as horas que ella durou, e chegariam até a ultima fatalidade, se não houvera mão occulta que invisivelmente a impedisse. Defendiam a marinha nas raizes do monte opposto o forte do Rosario e o reducto da Agua dos Minimos; mas dominados do sitio superior que pela parte da terra tinha occupado o inimigo, como incapazes de toda a defeza, rebentada a artilharia que foi possivel, lhe ficaram logo sujeitos. Cortados do mesmo modo os dois fortes de Monserrate e São Bartholomeu, com egual pressa se renderam, sem preceder ao menos a cerimonia militar da resistencia, que ainda nas praças condemnadas pede a cortezia da guerra. E quem não cuidaria, á vista deste desamparo, que o açoite do Brazil, que tinhamos á vista, era meneado pelo braço da Divina Justiça, a qual nestes primeiros golpes descarregados sobre as costas da Bahia, sem movimento seu, mais que os da dôr, lhe ameaçavam a total e breve ruina? Mas não era menos digno de admiração, que no mesmo tempo em que as praças fortes artilhadas e presidiadas, espontaneamente se entregavam: só a trincheirinha de S. Antonio, arruinada, aberta, e quasi raza com a terra, mostrasse espiritos de resistencia! Puzemos em uma das suas aberturas uma unica peça assentada sobre a terra nua e desegual, sem esplanada, ou outro pavimento fixo em que pudesse correr, e posto que ao disparar se enterravam as rodas,

com este só tiro, que podia parecer reclamo aos contrarios para que a mandassem render, não só se mostrou o nosso defensor forte contra elles, senão tambem contra Deus.

São termos de que usou o mesmo Deus, dizendo a Jacob: *Si contra Deum fortis fuisti; quanto magis contra homines prævalebis?* [1] Se foste forte contra Deus, quanto mais facilmente prevalecerás contra os homens? Na facilidade com que outras fortalezas se entregaram ao inimigo mostrou Deus quão facilmente lhe podia tambem entregar as demais, e castigar toda a Bahia; na resolução com que a trincheirinha arruinada de S. Antonio se oppoz tão fortemente á resistencia, nos assegurou que só o mesmo santo era poderoso para ter mão no braço de sua justiça, para nos não castigar. Em uma e outra coisa fallo pela bocca da Escriptura. Marchava Saül com um exercito de dez mil homens em demanda de David: retirou-se a caso a uma cova, e quiz sua fortuna que nella estava escondido o mesmo David, que tão capaz era. Eia, David, lhe dizem os companheiros: *Ecce dies de qua locutus est Dominus ad te: Ego tradam tibi inimicum tuum:* [2] Este é o dia em que Deus tem promettido de vos entregar nas mãos vosso inimigo, para que vos vingueis dos aggravos que vos tem feito. Levanta-se David, e que vos parece que faria? *Præcidit oram chlamydis Saül:* [3] Contentou-se sómente com cortar uma nesga da capa de Saül: e para que? Para naquelle retalho cortado tanto a seu salvo lhe mostrar quão facilmente lhe podéra tirar a vida e acabar com elle de uma vez. Porque se entregaram, senhores, ess'outras fortalezas? Porque se viram cortadas do inimigo. E contentou-se Deus de cortar á Bahia essa nesga de terra (que em fórma triangular propriamente é nesga) para que entendessemos, que assim como entregou uma parte ao hollandez, sem lhe custar duas onças de polvora, com a mesma facilidade lhe podéra entregar tudo.

Mas se o não executou assim Deus, foi porque S. Antonio, que nas ruinas da sua trincheira resistia

[1] *Gen.*, XXXII, 28.
[2] *4.º Livr. dos Reis*, XXIV, 5.
[3] *Ibid.*

visivelmente, de si para com o mesmo Deus lhe fez tão forte e poderosa resistencia, que lhe teve mão no braço, para que nos não castigasse, como ameaçava e podia; antes em logar do castigo nos désse a victoria. Vae a outra Escriptura. Quiz Deus não castigar, mas destruir cabalmente o povo que se chamava seu; e como por parte do mesmo povo se oppuzesse Moysés a esta resolução, refere o caso o Real Propheta: e são estas as suas palavras: *Dixit ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confractione, id est, in ruptura muri:* [1] Decretou Deus e disse que os havia de destruir e acabar a todos; e assim havia de ser, sem duvida, se Moysés, seu grande valido, lhe não resistisse: e onde? *In confractione, in ruptura muri:* nas ruinas do muro desbaratado e roto. Póde haver propriedade mais propria? Pois ainda foi mais propria do nosso caso, que no de Moysés. Porque no de Moysés é metaphora, e no nosso foi pura e mera realidade. Bem vimos os vestigios da pobre trincheira velha, aberta, desfeita, arruinada, rota. Mas como era de S. Antonio, d'alli resistiu o nosso defensor, não digo ao inimigo, senão a Deus, que se não fôra meneado por Deus, não era nada o poder do inimigo. De Moysés diz o Texto que lhe dizia Deus: *Dimitte me, ut irascatur furor meus:* [2] Moysés, deixa-me, deixa-me castigar. E se Moysés, que estava prostrado aos pés de Deus, tanto o apertava com as suas resistencias; que faria o nosso santo, que o tem nos braços? O certo é que lhe diria como Jacob: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi:* [3] e a benção que alcançou, sendo tão forte contra Deus, foi, que muito melhor prevaleceria contra os homens, como mostrou o effeito.

VI

Em quanto o inimigo trabalhava nas suas baterias, crescia tanto a nossa trincheira, quanto nelle o ciume de a vêr crescer. Determinado de ganhar o posto, a

---

[1] *Psal.*, CV, 23.
[2] *Exod.*, XXXII, 10.
[3] *Gen.*, XXXII, 26.

investiu de repente com mais de mil clavinas acompanhadas da escuridade da noite, sempre traidora ao valor que se funda na honra menos constante, onde não é vista. Assim se experimentou na confusão das primeiras cargas: mas acudindo os de maiores obrigações ao reparo, retirados logo os combatentes, amaneceram com a luz estendidos na campanha, os que não poderam retirar comsigo. Não podia soffrer a nossa bizarra infanteria, nem os cabos menores e maiores della, que fossemos reos, onde desejavam ser auctores. Todos clamavam que investissemos o inimigo nos seus quarteis, onde foi necessaria ao governo das nossas armas toda a paciencia e prudencia de Fabio Maximo, *Cujus non dimicare vincere fuit*, como delle diz Valerio tambem Maximo. Obedecendo com tudo ao desejo e voz commum, se decretou de publico o assalto para a madrugada da Ascenção, mas de secreto se tocou uma arma falsa, com que fazendo-se entender que os nossos intentos eram descobertos ao inimigo, se desistiu felizmente delles: Havia de ser o mesmo inimigo o aggressor, para que no successo da sua perda total reconhecessemos o perigo da nossa. Chegou em fim a noite decretoria e fatal de 18 de maio, em que acommetteram a requestada trincheira tres mil hollandezes ajuramentados de, ou ganhar ou morrer, dos quaes muitos cumpriram a segunda parte do juramento, mas nenhum a primeira. E posto que depois foram soccorridos com todo o grosso do exercito, sendo já na campanha batalha, o que na trincheira era assalto, e durando a porfia do combate tres horas inteiras, foi o successo tão desegual, que elles sem escrupulo de perjuros, em boa consciencia se retiraram vencidos, e nós concedendo-lhes que levassem os seus mortos a sepultar em muitas carroçadas, celebramos com salvas e repiques a memoravel victoria. Os mesmos Hollandezes confessaram, segundo o seu modo de contar, que entre mortos e feridos perderam naquella noite vinte e oito centos. Vede se foi memoravel.

Mas eu tambem vejo que estaes esperando ouvir a parte que nella teve Santo Antonio em um e outro assalto. Sou contente: e não vos ha de faltar a Escriptura Sagrada com toda a propriedade do caso. Levada a Arca do Testamento á cidade de Azoto, puzeram-na os Philisteus no templo junto ao seu idolo

Dagon, para que parecesse tropheo e despojo do mesmo idolo. Feito isto de dia, o que a Arca fez de noite foi, que amanheceu o idolo prostrado por terra diante della: *Et ecce Dagon jacebat pronus in terra ante arcam Domini.* [1] Admirados e sentidos, mas não desenganados da vaidade do seu erro, os Philisteus tornaram a restituir o idolo ao seu logar; porém sobrevindo a noite, se na passada lhes tinha succedido mal, muito peior lhes succedeu na seguinte; porque com a luz da manhã, não só appareceu o Dagon prostrado por terra, mas com a cabeça e as mãos cortadas, e lançadas á porta do templo: *Invenerunt Dagon jacentem super faciem suam coram arca Domini: caput autem Dagon, et duæ palmæ manuum ejus abscissæ erant super limen.* [2] De maneira que a Arca e o Dagon tiveram dois combatentes em duas noites differentes, e em ambas ficou a Arca vencedora, e na segunda com muito maior e total victoria. Vamos agora á significação destes dois combates. A Arca do Testamento já sabemos que é Santo Antonio: o Dagon quem será? Entre todas as nações do mundo, nenhuma se achará mais representada nelle que a hollandeza. A figura do idolo Dagon, como diz S. Jeronymo, e os outros Interpretes, era de meio homem e meio peixe: e tal é a terra de Hollanda por sitio, e por exercicio e modo de viver, taes são os seus habitadores. Toda a terra é retalhada do mar, com que juntamente vem a ser mar e terra, e os homens, a quem podemos chamar marinhos e terrestres, tanto vivem em um elemento como no outro. As suas ruas por uma parte se andam, e por outra se navegam, e tanto apparecem sobre os telhados os mastros e as bandeiras, como entre os mastros e as bandeiras, as torres. Sendo tão esteril a terra, que sómente produz feno, as arvores dos seus navios seccas, e sem raizes, a fazem abundante de todos os fructos do mundo. Em muitas partes toma o navio porto á porta de seu dono, amarrando-se a ella, e deste modo vem a casa a ser a ancora do navio, e o navio anetade da casa, de que egualmente usam. Aos animaes que vivem no mar e na terra, chamaram os Gregos amphibios: e quem poderá negar que tão

[1] *1.º Livr. dos Reis*, v, 3.
[2] *Ibid.*, 4.

amphibio era o Dagon como os Hollandezes, e tão compostos de peixe e homem os Hollandezes, como o Dagon? Estes Dagões, pois, e estes amphibios, são os que como homens nos queriam tomar a cidade, e como peixes a Bahia, cuidando que levando a trincheira, ganhavam ambas. Mas não advertiram os cegos, que a trincheira era de Santo Antonio, e que assim como elles são os Dagões, Santo Antonio é a Arca do Testamento. Na primeira noite e no primeiro combate ficaram prostrados por terra, e na segunda, não só prostrados, mas degolados, e com ambas as mãos cortadas e tão desfeitas, que dizem e tresladam os Setenta Interpretes, que cada mão ficou espedaçada em cem partes: *Ambo vestigia manus ejus erant ablata per partes centum.* Vêde se tiveram razão de contar os seus feridos e mortos aos centos.

Oh! como estou vendo o nosso santo lembrar-se da porfiada e estrondosa bateria daquella noite, e como Deus nesta occasião lhe deu o nome de David, *Et propter David servum meum*, gloriar-se da victoria, e triumphar, dizendo com elle: *Circumdederunt me sicut apes, exarserunt sicut ignis in spinis, et in nomine Domini, quia ultus sum in eos:* [1] Cercaram-me como abelhas, arderam como fogo em espinhas, mas eu, em nome do Senhor, vinguei-me delles. Bem mostram as comparações serem de uma eloquencia tão allegorica sempre e erudita, como a que lemos em todos os escriptos de Santo Antonio. Mas porque chama aos inimigos na investida e combate da sua trincheira abelhas, e diz que arderam como fogo nas espinhas? Não se pudéra mais vivamente declarar o que vimos e ouvimos. Pudéra chamar abelhas aos hollandezes, pela arte e bom governo que se lhes não póde negar da sua republica: e abelhas nesta facção, pelo appetite que cá os trouxe do nosso mel; mas chama-lhes abelhas, que lhes basta ser pequenas, para serem colericas, pelo impeto raivoso, e furia com que acommetteram, e mais particularmente, porque é proprio da abelha em picando cahir morta: *Ponuntque in vulnere vitam.* Assim lhes succedeu aos que investiram a cortina e travezes que a nossa trincheira já tinha, porque quantos a picaram com os instrumentos que para isso tra-

[1] *Psal.*, CXVII, 11.

ziam, todos cahiram, e ficaram sepultados no mesmo fosso.

Tambem vieram armados de infinita munição de granadas, e outros artificios de fogo, que disparados incessantemente entre a tempestade das cargas, allumiavam a noite, atroavam o ar, e choviam raios sobre os que dentro e no alto da fortificação a defendiam, presumindo os escaladores, que com estes apparatos de horror sacudiriam della os nossos, e franqueariam os difficultosos passos por onde insistiam em subir, e a pretendiam ganhar. Mas a toda esta representação de relampagos e trovões, chama o nosso defensor com maior energia fogo que arde nas espinhas: *Exarserunt sicut ignis in spinis;* porque do fogo que se atêa em similhante materia, como bem commenta Lorino, é maior o estrondo e o ruido do que são os effeitos: *Spinas ignis corripiens horribili cunctas crepitatione inflammationeque pervadit, sed brevi sonus ille flammaque conquiescit.* Tão fóra estiveram aquelles medos artificiaes de enfraquecer ou quebrantar a constancia e resistencia dos nossos, que as granadas que cahiam accezas e inteiras, rechaçadas intrepidamente, tornavam outra vez para d'onde vieram; e as que rebentavam entre elles, rara, ou nenhuma feria mortalmente. Em fim, conclue o occulto protector do seu terreno, que em nome do Senhor se vingou delles: *Et in nomine Domini, quia ultus sum in eos.* Não diz que venceu, senão que se vingou, porque a victoria responde á guerra, e a vingança á injuria. E porque os hereges lh'a faziam grande, atrevendo-se aos que pelejavam á sombra da sua casa, como a descomedidos profanadores daquelle sagrado, não os trata como vencedor, mas como vingativo; e não com o decoro de vencidos, mas com affronta de sacrilegos e castigados: *Quia ultus sum in eos.*

VII

Não debalde depois da noite do segundo combate da Arca, amanheceram as mãos do Dagon não só cortadas, mas postas á porta do templo, para significar, como diz Hugo Victorino, que aquella victoria não só fôra a segunda, senão a ultima, e que elle desenga-

nado não havia de tratar já de pelejar, senão de sahir, e se ir embora. Tanto como isto, depois daquella fatal e felicissima noite, se mudaram em ambos os arraiaes as idéas da guerra; a qual no general inimigo, e nos nossos se fazia já só com o pensamento: o do inimigo posto na retirada, e o dos nossos, em que se não podesse retirar. Como contra as suas duas baterias tinhamos em frente outras duas, e a terceira pelo lado esquerdo, que lhe desquartinava todos os quarteis, só restava a quarta pela rectaguarda. E me constou então (d'onde só podia constar com certeza) que levantada occultamente entre o bosque da eminencia opposta, na manhã em que cortadas as arvores apparecesse, tendo-se lançado na campanha de noite dois mil infantes, e batendo-se ao mesmo tempo de todas as quatro partes o arraial inimigo, se lhe mandaria recado por um trombeta, que se entregasse, pois já não tinha defeza, nem retirada. Este era o galhardo pensamento dos nossos generaes, em que o inimigo de sitiador ficaria sitiado, e nós, com roda de fortuna poucas vezes vista, de sitiados sitiadores. Antecipou-se porém o medo ao valor, a cautela ao perigo, e a fuga secreta do inimigo á publica declaração do nosso designio, de que quasi estou queixoso de Santo Antonio. No Texto que acima referimos do poder de todos os Santos, os quaes nesta defensiva representou a pessoa de Santo Antonio, se affirma com bizarros termos, que elles, quando pelejam, não só atam as mãos aos inimigos com algemas, senão tambem os pés com grilhões: *Ad alligandos reges eorum in compedibus, et nobiles eorum in manicis ferreis.* [1] Pois se o nosso victorioso defensor lançou as algemas ao inimigo, porque o não poz tambem em grilhões? Se lhe atou as mãos para que não pudesse mais pelejar, porque lhe não atou tambem os pés para que não pudesse fugir?

A razão verdadeira, e que não admitte outra, é a que já referimos do mesmo Texto, o qual, resumindo todo o successo desta protecção do céu, diz que o inimigo tornaria pelo mesmo caminho por onde veiu: *Per viam qua venit, revertetur.* [2] Assim se cumpriu na

[1] *Psal.*, CXLIX, 8.
[2] *4.º Livr. dos Reis,* XIX. 33.

fugida de Senaccherib, rei e general do exercito com que viera sitiar a cidade de Jérusalem. E se curiosamente quizermos inquirir a razão desta mesma razão, acharemos que a que Deus teve, não foi outra senão querer, em castigo daquelle atrevimento, que Senaccherib não só ficasse vencido, mas tornasse a apparecer diante dos seus affrontado. A prova é evidente. Porque em uma noite matou um Anjo cento e oitenta e cinco mil soldados do exercito de Senaccherib. Pois se matou a tantos, porque o não matou tambem a elle? Porque o morrer na guerra póde ser, e commummente é honra; mas o fugir sempre é affronta. Pois para que o soberbo infiel leve da cidade de Deus o merecido castigo de seu atrevimento, escape com a vida, mas fugindo. Por isso não quiz Deus que acommettessemos o inimigo nos seus quarteis, como tanto desejavam os soldados, nem que acabassemos de o sitiar nelles, como tinham determinado os generaes; mas que vencido do temor, e convencido da propria desesperação, sem nova violencia fugisse, e com uma fugida tão precipitada e torpe, deixando artilharia, munições, armas, bastimentos, e até o pão cozendo-se nos fornos, e nos ranchos a comida dos soldados ao fogo, para que os negros da Bahia tivessem com que banquetear a victoria. Mais ainda: que nas fortalezas rendidas estando á beira mar, e dominadas dos seus navios, nem das armas levassem um arcabuz, nem da artilharia um bota-fogo, e ficassem tão inteiras em tudo, como as acharam! Mas tambem este milagre em corsarios corria pelas obrigações de Santo Antonio, como tão pontual recuperador do perdido.

Em fim, o inimigo nos deixou tudo o nosso, e parte do seu. Mas não deixarei de advertir na historia do nosso Texto uma grande differença daquella fugida a esta. Antes de Senaccherib applicar o seu exercito ao sitio de Jérusalem, ordenou Deus lhe chegassem novas, que Tharaca, rei da Ethiopia, vinha sobre elle com todo o poder, em soccorro da mesma cidade. E posto que a mortandade executada pelo Anjo tinha sido de tantos mil, a esta nova attribue o mesmo Deus a sua fugida: *Ecce ego dabo ei spiritum, et audiet nuntium, et revertetur ad terram suam.* [1] Tambem cá o nosso

[1] *Isai.*, XXXVII, 7.

sitiador nos quiz conquistar com novas. Como nunca faltam humores melancolicos e amigos de as darem más, em um navio de Lisboa, que no tempo do sitio tomaram os Hollandezes, se acharam algumas cartas (poucas) em que se dizia, que lá se fallava em armada, mas que cá não esperassemos por ella, porque os muitos empenhos em que de presente se achava Hespanha, não permittiam que se diminuisse das forças maritimas. Estas cartas, cotadas á margem, remetteu por um trombeta o general hollandez aos nossos com outra sua, em que dizia lh'as enviava, para que tivessem entendido que não podiam ser soccorridos. Julgava que esta balla era a que maior brecha podia abrir nos corações dos cercados, e por isso se teve em segredo. Mas a resposta foi tão desassustada, como discreta: porque depois de satisfazerem, tambem por escripto, a outros pretextos da embaixada, acabava assim: «E quanto ás cartas de Lisboa que vossa senhoria nos enviou, respondemos ás que cá vieram, com as que lá ficaram». Assim era, porque todas as outras certificavam que vinha armada, como effectivamente veiu. Mas ou a nova fosse falsa, ou verdadeira, nem o inimigo aguardou a que viesse o soccorro, nem nós o houvemos mister, para que tambem por esta circumstancia a sua fugida fosse menos desculpavel, e a nossa victoria mais luzida. Embarcado, finalmente, levou as ancoras na segunda noite, que tambem lhe não foi favoravel, porque lhe faltou o vento: para que a olhos de todos, conforme o nosso Texto, se visse voltar por onde veiu. Pelas nove e dez horas do dia sahiu pela Bahia fóra a armada, triste, desembandeirada e muda: e se com a sua e nossa artilharia a despediu a cidade do Salvador com tres salvas; nellas publicamos ao céu, ao mar e á terra quão gloriosamente desempenhou o mesmo Salvador com a mesma cidade a sua palavra: *Protegam urbem hanc, et salvabo eam.*

VIII

Esta é, cidade, milicia e povo da Bahia, a victoria de que Deus nos fez mercê, tão gloriosa como sua, e de que todos lhe vimos render as graças, tão obrigados como nossa. Dois amores concorreram da parte de

Deus para ella, *propter me*, por amor de mim, *et propter servum meum*, por amor de meu servo. E se a este dobrado amor devemos dobrada correspondencia, seja a primeira, em lhe confessar o todo da gloria, que é sua; e a segunda, em lhe attribuir tambem a parte que póde parecer nossa. Se a Bahia fôra Roma, todos os nossos valorosissimos capitães e soldados haviam de apparecer hoje neste monte, como no do Capitolio, coroados com tres corôas — civicas, muraes e castrenses. Civicas, porque não só defenderam um cidadão, mas uma tão numerosa e populosa cidade: muraes, porque sendo tão fracas, as fachinas da nossa trincheira para a sustentar e fortalecer, fizeram dos proprios peitos muros: e castrenses, porque não só desejaram tantas vezes investir o inimigo nos seus proprios arraiaes, mas o obrigaram a que elle espontaneamente nol-os rendesse. Mas a corôa com que todas estas se coroam, é a da fé (que a elle faltava) offerecendo-as todos como verdadeiros catholicos, e lançando-as aos mesmos triumphantes pés do Salvador, e do santo que o tem em seus braços. Viu S. João no Apocalypse a Deus sobre um throno de grande magestade, e que vinte e quatro Anciãos, os quaes em roda lhe faziam côrte, todos coroados, prostrando-se de joelhos, adoravam profundissimamente ao supremo Senhor, e tirando as corôas da cabeça, as lançavam aos pés do seu throno: *Adorabant viventem in sæcula sæculorum, et mittebant coronas suas ante thronum.* [1] Santo Ambrosio, São Bernardo, Ruperto e os outros Expositores perguntam que corôas eram estas, e porque as tiravam da cabeça, e as lançavam aos pés do throno de Deus? E todos respondem uniformemente, que as corôas eram as das victorias que neste mundo tinham alcançado, e que todos as tiravam das proprias cabeças, e as lançavam diante do throno de Deus, para as attribuir a seu verdadeiro Auctor, reconhecendo que mais eram de Deus, que suas. Christo nosso Salvador é o verdadeiro Deus dos exercitos e das victorias; o seu throno é S. Antonio, que tão de assento o tem nos braços: e diante deste Deus e deste throno vêm lançar as corôas que mereceram na presente victoria os famosos Martes da nossa milicia, mais

[1] *Apoc.*, IV, 10.

gloriosas quando as põem aos pés de Deus, que quando Deus lh'as poz na cabeça. E chama-se Deus nesta occasião, *viventem in sæcula sæculorum*, porque as victorias temporaes, tão sujeitas á variedade da fortuna, só postas aos seus pés podem ser eternas.

Bem acabava aqui o sermão, se me não faltara a ultima clausula, que o nosso agradecimento não deve passar em silencio. Os que lançaram as corôas aos pés do throno de Deus, eram os Anciãos, em que mais particularmente são significados os veteranos, cabos e soldados da milicia pernambucana, cujas valorosas acções nesta guerra, assim como as admiraram os olhos dos presentes, assim serão perpetuas nas linguas da fama; e nas lettras e estampas dos annaes as lerá immortalmente a memoria dos vindouros. No meio porém desta mesma alegria universal não posso deixar de considerar nelles algum remorso de dôr. A' vista dos bens alheios cresce o sentimento dos males proprios. E taes podem ser as memorias dos desterrados de Pernambuco (como as lembranças de Sião sobre os rios de Babylonia) vendo a Bahia defendida, e a sua patria, pela qual trabalharam muito mais, em poder do mesmo inimigo. Assim o permittiu e ordenou Deus, mas como podemos esperar de sua providencia e bondade, para maior alegria e consolação de todos ainda nos dará restaurado Pernambuco. Serviu Jacob por Rachel sete annos, e ao cabo delles, em vez de lhe darem Rachel, achou-se com Lia. Queixou-se desta differença, tão sentido como o pedia a razão e o amor, e respondeu-lhe Labão: Filho, o que fiz não é porque te não queira dar a Rachel, mas porque te quiz tambem dar a Lia, e esta primeiro, porque é a irmã mais velha. O mesmo digo eu agora. Serviram os filhos de Pernambuco pela sua formosa Rachel, pela sua Olinda, outros sete annos, ao cabo dos quaes não só a não recuperaram, mas a perderam de todo. Argumento grande de seu valor, que houvessem mister os hollandezes sete annos para conquistar Pernambuco, quando bastaram outros sete aos moiros para conquistar Hespanha. Mas se ao cabo de tantos trabalhos e serviços não concedeu Deus aos Pernambucanos a sua Rachel, não foi por lh'a negar, senão por lhe querer dar tambem a Lia. Quiz-lhe dar primeiro a Bahia, como irmã mais velha e cabeça do Estado. E depois de levarem esta

gloria, de que ella sempre lhe deve ser agradecida, então lhe cumprirá seus tão justos desejos, e com dobrado e universal triumpho os metterá de posse da sua tão amada patria, como digna de ser amada. Assim o confiamos da bondade de Deus, e o esperamos da poderosa intercessão do nosso David, não menos interessado naquella perda, nem menos milagrosa a sua virtude para recuperar a Bahia, que Pernambuco. Lembrae-vos, glorioso Santo, dos muitos templos e altares, em que ereis venerado e servido naquellas cidades, naquellas villas, e em qualquer povoação, por pequena que fosse, e que nos campos e montes onde não havia casa, só vós a tinheis. Lembrae-vos dos empenhos e grandiosas festas com que era celebrado o vosso dia, e sobretudo, da devoção e confiança com que a vós recorriam em suas perdas particulares, e do promptissimo favor e remedio, com que acudieis a todos. O mesmo sois, e não menos poderoso para o muito que para o pouco. Apertae com esse Senhor que tendes nos braços, e apertae-o de maneira, que assim como nos concedeu esta victoria, nos conceda a ultima e total de nossos inimigos. E nós, como tão faltos de merecimento, a reconheceremos sempre como sua e como vossa: como sua, dada por amor de si; e como vossa, alcançada por amor de vós: *Propter me, et propter David servum meum.*

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO *

Prégado em Roma, na Igreja dos Portuguezes

Vos estis Lux mundi. [1]

I

A um portuguez italiano, e a um italiano portuguez, celebra hoje Italia e Portugal. Portugal a S. Antonio de Lisboa, Italia a S. Antonio de Padua. De Lisboa, porque lhe deu o nascimento: de Padua, porque lhe deu a sepultura. Assim foi, mas eu cuidava que não havia de ser assim. José, o prodigioso José, o que tanto cresceu fóra da sua patria, mandou que seu corpo fosse levado a ella, e não ficasse no Egypto. Em Egypto obrou as maravilhas, em Egypto recebeu as adorações, mas não quiz que descançassem seus ossos na terra onde reinára, senão na terra onde nascera. Quiz que conhecesse a sua patria, que estimava mais a natureza que as fortunas. Antes quiz uma sepultura raza, em sete pés da terra propria, que os mausoleos e as pyramides egypcias na estranha. Assim cuidava eu que a lei de bom portuguez devia fazer tambem S. Antonio. Mas quando por parte da

---

* Foi prégado este Sermão em Roma, na igreja do Santo Antonio dos Portuguezes, na occasião em que o marquez de Minas, embaixador extraordinario de Portugal, fez a embaixada de obediencia ao Papa Clemente x. E' um panegyrico brilhante em toda a sua contextura oratoria. O assumpto é tratado com toda a opportunidade, sendo pela primeira vez reconhecido em Roma o reino de Portugal, depois da proclamação da sua Independencia.

[1] *Math.*, v.

patria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação: *Vos estis lux mundi.* Reparae, diz o Evangelista, que Antonio foi luz do mundo. Foi luz do mundo? Não tem logo que se queixar Portugal. Se Antonio não nascera para o sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento; mas como Deus o creou para luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra, é obrigação do sol. Prophetisando Malachias o nascimento de Christo, diz que nasceria como sol de justiça: *orietur vobis Sol justitiæ.* E que fez Christo como sol, e como justo? Como sol mudou os horisontes, como justo deu a cada um o seu. Como sol mudou os horisontes, porque nasceu n'um logar e morreu n'outro, como justo deu a cada um o seu, porque a Belem honrou com o berço, a Jérusalem com o sepulchro. Assim tambem Antonio. Se Lisboa foi a aurora do seu oriente, seja Padua a sepultura do seu occaso.

Levante Padua glorioso mausoléu ás sagradas reliquias de Antonio, e veja-se esculpida nas quatro fachadas delle a obediencia dos quatro elementos sujeitos a seu imperio. A terra com os animaes prostrados, o mar com os peixes ouvintes, o ar com as tempestades suspensas, o fogo com os incendios parados. Pendurem-se nas pyramides, por tropheos, os despojos innumeraveis de suà beneficencia: as bandeiras dos vencedores, as ancoras dos naufragantes, as cadêas dos captivos, as mortalhas dos resuscitados, e dos enfermos de todas as enfermidades, os votos. Dispa-se a fama, para fazer cortinas a este sacrario, bordadas (como fazia a antiguidade) de olhos, de linguas, e de orelhas. Das orelhas com que deu ouvidos a tantos surdos, dos olhos com que restituiu a vista a tantos cegos, das linguas com que desimpediu a falla a tantos mudos. E por alma de todo este corpo milagroso, veja-se (como hoje se vê) e adore-se em custodia de crystal a mesma lingua de Antonio, depois da morte, viva; antes da resurreição, resuscitada; apesar da terra, incorrupta; apesar das cinzas, inteira; apesar da sepultura, immortal; e apesar dos tempos, eterna.

Isto é o que vê Italia em Padua. E em Lisboa, que vê Portugal e o mundo? Não se vêem alli muitos milagres, vê-se um só milagre; não se vêem os milagres do Santo, vê-se o milagre dos Santos. Vê-se Antonio

sobre os altares, com as mãos carregadas de memoriaes, como primeiro valido de Deus, e como bom valido, despachados logo. Vê-se a casa onde nasceu, convertida e consagrada com magnificencia real em sumptuoso templo, e vê-se com religiosa razão de estado, fundado sobre as abobodas do mesmo templo, o capitolio ou senado daquella triumphante cidade — daquella cidade, digo, que depois de pôr freio ao nunca domado Oceano, descobriu, conquistou, e sujeitou e uniu á Igreja Romana aquelles vastissimos membros do corpo do mundo, de que Roma já se chamava cabeça, mas ainda o não era.

Neste templo e naquelle sepulchro, se vê dividido Antonio entre Portugal e Italia; nestes dois horizontes tão distantes se vê dividida a luz do mundo entre Padua e Lisboa. Gloriosa Padua, porque póde dizer: aqui jaz; gloriosa Lisboa, porque póde dizer: aqui nasceu. Mas qual das duas mais gloriosa? Não quero decidir a questão, dividil-a sim. Fiquem as glorias de S. Antonio de Padua, para a eloquencia elegantissima dos oradores de Italia. E eu que me devo acommodar ao logar e ao auditorio, só fallarei hoje de S. Antonio de Lisboa.

Para louvor, pois, do santo portuguez, e para honra e doutrina dos portuguezes que o celebramos, reduzindo estes dois intentos a um só assumpto, e fundando tudo nas palavras do Evangelho: *Vos estis lux mundi*, será o argumento do meu discurso este: Que S. Antonio foi luz do mundo, porque foi verdadeiro portuguez; e que foi verdadeiro portuguez, porque foi luz do mundo. Declaro-me. Bem podéra S. Antonio ser luz do mundo, sendo de outra nação; mas uma vez que nasceu portuguez, não fôra verdadeiro portuguez se não fôra luz do mundo, porque o ser luz do mundo nos outros homens, é só privilegio da graça; nos portuguezes é tambem obrigação da natureza. Isto é o que hoje hão de ouvir os portuguezes de si e do seu portuguez. *Ave Maria.*

II

Vos estis lux mundi.

Falla Christo nestas palavras com os Apostolos, e nelles com todos seus successores, os varões apostolicos. E porque a obrigação do officio apostolico é allumiar o mundo com a luz do Evangelho, por isso lhes dá Christo por titulo o mesmo caracter da sua obrigação, chamando-lhes do mundo: *Vos estis lux mundi.* Esta prerogativa tão gloriosa, que nas outras nações é graça particular das pessoas, nos portuguezes não só é particular das pessoas, senão universal de toda a nação. A Pedro e a João disse Christo, que eram luz do mundo; mas ainda que Pedro e João eram galileus, não o disse a toda a Galilea. A Basilio e Athanasio disse Christo, que eram luz do mundo; mas ainda que Basilio e Athanasio eram gregos, não o disse a toda a Grecia. A Cypriano e Agostinho disse Christo, que eram luz do mundo; mas ainda que Cypriano e Agostinho eram africanos, não o disse a toda a Africa. A Antonio, porém, disse-lhe Christo que era luz do mundo, e não só o disse a Antonio, que era portuguez, senão tambem a todos os portuguezes. E qual é ou qual póde ser a razão desta differença tão notavel? A razão é, porque os outros homens, por instituição divina, teem só obrigação de ser catholicos, o portuguez tem obrigação de ser catholico, e de ser apostolico; os outros christãos teem obrigação de crer a fé, o portuguez tem obrigação de a crer, e mais de a propagar. E quem diz isto? S. Jeronymo, ou S. Ambrosio? Não: o mesmo Christo, que disse: *Vos estis lux mundi.*

E' gloria singular do reino de Portugal, que só elle, entre todos os do mundo, foi fundado e instituido por Deus. Bem sei que o reino de Israël tambem foi feito por Deus; mas foi feito por Deus só permissivamente, e muito contra sua vontade, porque teimaram os Israelitas a ter rei como as outras nações; porém o reino de Portugal, quando Christo o fundou e instituiu, apparecendo a el-rei (que ainda o não era) D. Affonso Henriques, [1] a primeira palavra que lhe disse foi: *Volo:*

[1] Ex Alfons. juram.

quero. Como o reino de Portugal havia de ser tão filho da Igreja Catholica, e lhe havia de fazer no mundo tão relevantes serviços, quiz Christo que a sua instituição fosse muito similhante á da mesma Igreja. A S. Pedro disse Christo: *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam;* [1] a D. Affonso disse Christo: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire.* A Pedro disse: quero fundar em ti uma Igreja, não tua, senão minha: *Ecclesiam meam.* A Affonso disse: Quero fundar em ti um imperio, não para ti, senão para mim: *Imperium mihi.* A Pedro, na instituição da Igreja, não disse: *In te, et in semine tuo;* porque como o imperio da Igreja era universal sobre todas as nações do mundo, quiz que todas as nações tivessem direito á eleição da thiara: o hebreu, como Pedro; o grego, como Anacleto; o romano, como Gregorio; o allemão, como Victor; o francez, como Martinho; o hespanhol, como Calixto; o portuguez, como Damazo. Mas na instituição do reino de Portugal disse Christo: *In te, et in semine tuo,* porque como era reino particular de uma só nação, quiz que fosse hereditario, e não electivo, para que se continuasse na successão e descendencia do mesmo sangue. E porque tudo isto, e para que? Não para o fim politico, que é commum a todos os reinos e a todas as nações, senão para o fim apostolico, que é particular deste reino, e desta nação. O mesmo Christo disse nas palavras com que o instituiu: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes:* para que por meio dos portuguezes seja levado meu nome ás gentes estranhas. Ainda então não sabia o mundo que gentes estranhas fossem estas: mas d'ahi a 400 annos, quando tambem o mundo se conheceu a si mesmo, então o soube. Vêde se foi instituição apostolica. De S. Paulo disse Christo: *Ut portet nomen meum coram gentibus:* [2] dos Portuguezes disse o mesmo Christo: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.* Aos Apostolos disse Christo: *Videte regiones, quia albæ sunt ad messem:* [3] e aos Portuguezes disse o mesmo Christo: *Ut sint messores mei in terris longinquis:* e notae que disse nomeadamente *messores:* segadores; porque se havia de servir tam-

[1] *Math.*, XVI, 18.
[2] *Act.*, IX, 15.
[3] *Luc.*, XIV, 35

bem do seu braço e do seu ferro. Quando Christo appareceu a el-rei D. Affonso, estava elle na sua tenda lendo a historia de Gedeão, não só com um, mas com dois mysterios: primeiro, para que o rei desconfiasse da promessa, vendo que os seus portuguezes eram poucos: segundo, para que os mesmos portuguezes entendessem, que, como soldados de Gedeão, em uma mão haviam de levar a trombeta, e na outra mão a luz. [1] A Pedro chamou-lhe Christo: *Cephas:* [2] pedra em significação do que havia de ser: os portuguezes primeiro se chamaram Tubales (de Tubal) que quer dizer mundanos, e depois chamaram-se lusitanos: lusitanos, para que trouxessem no nome a luz; mundanos, para que trouxessem no nome o mundo; por que Deus os havia de escolher para luz do mundo: *Vos estis lux mundi.*

III

Supposta esta verdade tão authentica, para que vejamos distinctamente quão bem se desempenhou S. Antonio da obrigação de verdadeiro portuguez, e do titulo de luz do mundo, considero eu na sua luz cinco movimentos muito particulares: 1.º mudar de Religião: 2.º deixar a patria: 3.º embarcar-se e metter-se no mar: 4.º dedicar a vida á conversão dos infieis: 5.º vir a Roma, onde estamos, e dar obediencia ao Vigario de Christo, como Portugal lh'a deu agora solemnemente, e com tanta solemnidade. Parecem muitos os movimentos, mas como são de luz serão breves.

Não ha coisa que mais pareça contraria á santidade, que a mudança da vocação. S. Antonio era religioso da sagrada Ordem de S. Agostinho; alli se graduou de luz, e alli havia de ser. Pois porque muda de habito e de profissão? Se o fez pela clausura de Conego Regrante, para sahir como luz ao mundo, passara-se aos Eremitas, debaixo da mesma Regra de S. Agostinho. Porque deixa logo o seu Patriarcha, e entre todos os Patriarchas escolhe a S. Francisco? Porque era portuguez, e resoluto a allumiar o mundo,

---

[1] *Juizes*, VII, 20.
[2] *Joan.*, I, 42.

havia de ser debaixo das Quinas de Portugal, debaixo da bandeira das Cinco Chagas. O mesmo S. Agostinho, seu Padre, chamou ás Chagas de Christo, bandeiras de luz: *Fulgentia redemptionis vexilla.* E como entre todos os Patriarchas, entre todos os generaes da Igreja militante, só Francisco levava diante a bandeira das Cinco Chagas, só debaixo desta bandeira se devia alistar Antonio como portuguez, e como luz do mundo: como portuguez, para seguir as sagradas Quinas: como luz do mundo, para allumiar com ellas aos infieis.

Infiel estava Thomé, e tão incredulamente infiel, que dizia e protestava: *Nisi videro fixuram clavorum, et mittam manum meam in latus ejus, non credam.* [1] Se não vir as chagas dos cravos, e não metter a mão na chaga do lado, não hei de crêr. Aqui reparo. Para crêr e para fazer fé, bastam duas testemunhas: as chagas dos cravos eram quatro, pois porque se não contenta Thomé com as chagas dos cravos, porque pede tambem a do lado para crêr? Porque as chagas dos cravos, ainda que eram chagas, não eram quinas: eram quatro, não eram cinco. E para converter infieis, para os render e reduzir a crêr, hão de concorrer todas as cinco chagas. Tertulliano: *Omnibus divinitatis Christi probationibus instructus, dixit: Dominus meus, et Deus meus.* Reduziu-se a infidelidade de Thomé, e rendeu-se á virtude e efficacia das chagas de Christo? Sim: Mas notae, diz Tertulliano, que não se rendeu a parte dellas, senão a todas: *Omnibus.* Crerás, Thomé, se vires as chagas das mãos de Christo? *Non credam.* Crerás, Thomé, se vires as chagas das mãos e as dos pés? *Non credam.* E se vires as duas das mãos, e tambem a quinta do lado? Então sim: *Dominus meus et Deus meus.* Assim se rendeu a infidelidade de Thomé, e assim se rendeu e se havia de render a do mundo.

Por isso disse judiciosamente S. Pedro Chrysologo, que a instancia de Thomé em pedir as cinco chagas, não só foi incredulidade, senão prophecia: *Prophetia sane magis, quam cunctatio fuit.* Muitas coisas prophetizou S. Thomé na India, dos portuguezes, mas esta prophecia foi o cumprimento de todas. Que havia de ser conquistada a infidelidade das gentes, em virtude das

---

[1] *Joan.*, xx, 25.

Cinco Chagas de Christo: que havia de ser conquistada a infidelidade das gentes, não pelas armas dos portuguezes, senão pelas armas de Portugal. Deu-nos Christo por armas e por brazão as sagradas quinas, e essas quinas foram as nossas armas. Quando os filhos de Israël sahiram de Egypto para a conquista da Terra de Promissão, sahiram sem armas, porque lh'as vedavam e prohibiam os Egypcios; e comtudo diz o Texto, que sahiram armados: *Armati ascenderunt filii Israël de terra Egypti:* pois se sahiram sem armas, como diz a Escriptura que sahiram armados? Milagrosamente o original hebréu: *Ascenderunt filii Israël armati; ascenderunt filii Israël quini et quini.* [1] Diz que sahiram armados, porque sahiram mysteriosamente cinco e cinco; e como sahiram cinco e cinco: *quini et quini*, essas quinas lhes serviram de armas: *Ascenderunt quini et quini: ascenderunt armati.* Estas foram as armas com que os Hebreus conquistaram a Terra de Promissão: estas foram as armas com que os Portuguezes conquistaram o Mundo Novo, e estas foram as armas com que S. Antonio conquistou, allumiou e renovou o Velho. Oh soberano David Menor, vestido de saial, e vencedor do Gigante, em virtude das sagradas Quinas!

Quando David, entre os irmãos o menor, houve de sahir contra o Gigante: que fez? Despe as armas de Saül, veste-se do seu saial, vae-se ao rio, escolhe cinco pedras, e sáe: *Elegit sibi quinque limpidissimos lapides de torrente.* [2] Para o tiro bastava uma só pedra, como bastou. Pois se bastava uma só, porque leva cinco David? Porque ainda que uma só bastava para o golpe, eram necessarias todas cinco para o mysterio. Aquellas cinco pedras eram as cinco Chagas de Christo: a torrente de que as tirou lavadas, era a torrente do seu sangue: e para um homem, ou um moço tão pequeno derrubar um gigante tão grande, só na virtude das cinco Chagas podia ser. Dispa logo Antonio as armas de Agostinho, vista-se do saial de Francisco, e com as sagradas Quinas diante sáia seguro e confiado o Menor, que elle vencerá o Gigante. Estava uma vez prégando S. Antonio: eis que apparece junto a elle S. Francisco com os braços em cruz,

[1] *Exod.*, XIII, 18.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 40.

mostrando as chagas. Francisco era Moysés: Antonio era o Josuë. Francisco sustentava a bandeira, Antonio meneava as armas. Francisco arvorava as quinas, Antonio alcançava as victorias. No corpo de Francisco estava scintillando a constellação das cinco estrellas fixas, e pela bocca de Antonio sahiam os raios e as influencias da luz que confundia e allumiava o mundo: *Vos estis lux mundi.*

IV

E se Antonio era luz do mundo, como não havia de sahir da patria? Este foi o segundo movimento. Sahiu como luz do mundo e sahiu como portuguez. Sem sahir ninguem póde ser grande: *Egredere de terra tua, et faciam te in gentem magnam:* [1] disse Deus ao Pae da fé. Sahiu para ser grande, e porque era grande, sahiu. Ao quinto dia do mundo creou Deus no elemento da agua as aves e os peixes. E que fizeram uns e outros? Os peixes como frios e sem azas deixaram-se ficar onde nasceram, as aves como alentadas e generosas mudaram de elemento. Assim o fez o grande espirito de Antonio, e assim era obrigado a o fazer, porque nasceu portuguez. Uma coisa em que ha muito tempo tenho reparado, são os dois empregos que Christo fez dos trinta dinheiros porque foi vendido. O primeiro emprego foi comprar um campo para enterro de peregrinos: *Emerunt ex eis agrum figuli in sepulturam peregrinorum.* [2] O segundo emprego foi esmaltar com os mesmos trinta dinheiros o escudo das armas de Portugal: *Ex pretio, quo ego genus humanum emi, et quo à Judæis emptus sum, insigne tuum compones.* Notaveis empregos! E que proporção tem o escudo de Portugal com o enterro dos peregrinos, para que o preço de um seja esmalte do outro? Grande proporção. Quiz Christo que o preço da sepultura dos peregrinos fosse o esmalte das armas dos portuguezes, para que entendessemos que o brazão de nascer portuguez era obrigação de morrer pe-

---

[1] *Genes.*, XII, 1.
[2] *Math.*, XXVII, 7.

regrino: com as armas nos obrigou Christo a peregrinar, e com a sepultura nos empenhou a morrer. Mas se nos deu o brazão que nos havia de levar da patria, tambem nos deu a terra que nos havia de cobrir fóra della. Nascer pequeno e morrer grande, é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas para a sepultura. Para nascer, pouca terra; para morrer toda a terra: para nascer, Portugal: para morrer, o mundo. Perguntae a vossos avós quantos sahiram e quão poucos tornaram? Mas estes são os ossos de que mais se deve prezar vosso sangue.

Funda-se esta pensão de sahir da patria na obrigação de ser luz do mundo. Como podéra S. Antonio ser luz de França e de Italia senão sahira de Portugal? Para Abrahão levar a fé á Palestina houve de sahir de Caldéa: para Christo derrubar os idolos do Egypto, houve de sahir de Nazareth: ambos desterrados da patria: mas ambos, como luz, desterrando trevas. Não se póde plantar a fé sem se transplantarem os que a semeam. Não debalde disse Christo: *Pater meus agricola est.* [1] Houve-se Deus com os portuguezes como agricultor de luzes. Semêa o agricultor em pouca terra o que depois ha de dispor em muita. Pouca terra era Portugal, mas alli fez Deus um seminario de luz, para a transplantar pelo mundo. Creou Deus a luz no primeiro dia: passou o segundo, passou o terceiro, e ao quarto dia, dividindo aquella mesma luz que tinha creado, formou della o sol, a lua e as estrellas, e repartiu-as por todo o firmamento: Pergunto: e esses planetas, esses astros, esses signos, e essas constellações, porque as não formou Deus logo no primeiro dia, senão depois? O mysterio foi, diz S. Basilio, porque quiz o supremo Artifice do Universo debuxar no rascunho da natureza a traça que havia de seguir nas obras da graça. E' o que vimos na conversão do Mundo Novo. Assim como a luz material primeiro a creou Deus junto em um logar, e depois a repartiu d'alli por todas as regiões do céu, e sobre todas as terras: umas estrellas ao polo Artico, outras ao Antartico: umas ao norte, outras ao sul: umas ao Septentrião, outras ao Meiodia; assim para allumiar

[1] *Joan.*, xv, 1.

o Novo Mundo, que tantos seculos havia de estar ás escuras, sem ser conhecido dos homens, nem ter conhecimento do verdadeiro Deus. Que fez o Auctor da graça? Creou primeiro e conservou separado em Portugal aquelle seminario escolhido de fé e de luz, para que d'alli, dividida e repartida a seu tempo, umas luzes fossem allumiar a Africa, outras a Asia, outras a America: umas ao Brazil, outras á Ethiopia, outras á India, outras ao Mogór, outras ao Japão, outras á China, e desta maneira transplantada de Portugal a fé, se plantasse nas tres partes do mundo.

E' verdade que Portugal era um cantinho ou um canteirinho da Europa: mas nesse cantinho de terra pura e mimosa de Deus: *Fide purum, et pietate dilectum:* nesse cantinho quiz o céu depositar a fé, que d'alli se havia de derivar a todas essas vastissimas terras, introduzida com tanto valor, cultivada com tanto trabalho, regada com tanto sangue, recolhida com tantos suores, e mettida, finalmente, nos celeiros da Igreja, debaixo das chaves de Pedro, com tanta gloria. Medindo-se Portugal comsigo mesmo, e reconhecendo-se tão pequeno á vista de uma empreza tão immensa, podéra dizer o que disse Jeremias, quando Deus o escolheu para Prophe ta das gentes: *Et Prophetam in gentibus dedi te:* [1] E que disse Jeremias? *Et dixit:* A, A, A, *Domine Deus, quia puer ego sum.* Deus meu, onde me mandaes que sou tão pequeno para tamanha empreza? O mesmo podéra dizer Portugal. Mas tirando-lhe Deus da bocca estes tres A A A, ao primeiro A, esvreveu Africa; ao segundo A, escreveu Asia; ao terceiro A, escreveu America; sujeitando todas tres ao seu imperio como Senhor, e a sua doutrina como luz: *Vos estis lux mundi.*

V

Mas como S. Antonio (já imos no terceiro movimento) como S. Antonio era a primeira luz destas luzes, ella foi tambem a que lhes abriu e mostrou o caminho, sahindo do Poente para o Levante. Não é este o curso do sol: porém assim havia de ser, porque era

[1] *Jerem.*, I, 6.

Antonio sol que levava a saude nas azas: *Et sanitas in pennis ejus.* [1] Pediu el-rei Ezechias a Deus que lhe segurasse a saude em um signal do sol; e qual foi o signal? Que o sol trocasse a carreira, e não caminhasse do Oriente para o Occaso, senão do Occaso para o Oriente. Assim Antonio, e assim os portuguezes. Elle do Poente para Levante, elles do Occaso para o Oriente, porque levavam na luz a saude do mundo. E porque o sol, quando desce a allumiar os Antipodas, mette o carro no mar, e banha os cavallos nas ondas, para que assim o fizessem tambem os portuguezes, deixa Antonio a terra, engolfa-se no Oceano, e começa a navegar, levando o pensamento e a prôa na Africa, que tambem foi a primeira derrota, e a primeira ousadia dos nossos argonautas.

Mas porque a phrase dos cavallos e carro do sol mettidos no mar, não pareça poetica e fabulosa, oiçamol-a ao Propheta Habacuc, que com novo e levantado estylo o cantou assim no Cap. 3.º: *Viam fecisti in mari equis tuis, et quadrigæ tuæ Salvatio.* [2] Vós, Senhor, diz o Propheta, fizestes o caminho pelo mar aos vossos cavallos e ás vossas carroças da salvação. Carroças da salvação, e cavallos que caminham pelo mar? Que carroças, e que cavallos são estes? *Portugallenses, in suis navigationibus, et conversionibus*, disse Genebrardo. Mas oiçamos antes o mesmo Texto. Primeiramente diz o Propheta, que Deus é o que lhe fez este caminho pelo mar: *Viam fecisti in mari equis tuis.* Porque o caminho que fizeram os Portuguezes, era caminho que ainda não estava feito. Por mares nunca d'antes navegados. Deus abriu o caminho aos Portuguezes, e os Portuguezes o abriram ás outras nações. Mareavam sem carta, porque elles haviam de fazer a carta de marear. As suas victorias arrumaram as terras; os seus perigos descobriram os baixos; a sua experiencia compassou as alturas; a sua resistencia examinou as correntes. Navegavam sem carta nem roteiro, por novos mares, por novos climas, com ventos novos, e com estrellas novas; mas nunca perderam o tino, nem a derrota, porque Deus era o que mandava a via: *Viam fecisti in mari equis tuis.* Estes eram os cavallos intrepidos e generosos. E as carro-

[1] *Malach.*, IV, 2.
[2] *Habac.*, III, 8.

ças da salvação, quaes eram? Eram aquellas cidades nadantes, aquelles poderosissimos vasos da primeira navegação do Oriente, a quem os estrangeiros com pouca differença de carroças, chamaram carráccas. E chama-lhe o Propheta carroças de salvação: *Quadrigæ tuæ salvatio*, porque da quilha ao tope, isso é o que levavam. Levavam por lastro os padrões da Igreja, e talvez as mesmas Igrejas em peças, para lá se fabricarem. Levavam nas bandeiras as Chagas de Christo, nas antenas a cruz, na agulha a fé, nas ancoras a esperança, no leme a caridade, no pharol a luz do Evangelho, e em tudo a salvação: *Et quadrigæ tuæ salvatio.* Desta maneira entraram pelo mar dentro, aquelles novos carros do sol, para levar a luz aos Antipodas. Assim o disse, fallando á lettra dos Portuguezes, o Propheta Isaias. Não é a exposição minha, nem de nenhum portuguez, é de Vatablo, de Cornelio, de Maluenda, de Thomaz Bossio, e outros: *Ite Angeli veloces ad gentem expectantem, expectantem, ad gentem conculcatam.* [1] Ide depressa, Portuguezes, ide depressa embaixadores do céu, levae a luz do Evangelho a essa gente que ha mil e quinhentos annos que está esperando: *Ad gentem expectantem.* [2] Ide, e levae a luz do Evangelho a essa gente pizada: *Ad gentem conculcatam.* Gente pizada? *Gentem conculcatam?* E qual é a gente pizada? Não a busqueis, que está muito longe. São os Antipodas, que vivem lá debaixo dos nossos pés: elles vivem lá em baixo, e os nossos pés andam já pizando por cima. Tão elegantemente o disse Isaias, como Propheta de Côrte.

S. Agostinho teve para si, que não havia Antipodas. E diz assim no Livro 26.º *De Civitate Dei: Absurdum est, ut dicatur, homines aliquos ex hac in illam partem trajecta Oceani immensitate navigare, et pervenire potuisse, ut etiam illis ex uno illo primo homine genus institueretur humanum.* [3] Se ha taes homens (argumentava Agostinho) são filhos de Adão: se são filhos de Adão, passaram destas partes áquellas, navegando e atravessando a immensidade do Oceano: tal passagem e tal navegação é impossivel; logo não ha

---

[1] *Vatab. Corn. Malu. Boss. Isai.*, XVIII, 2.
[2] *Lectio Hebr.*
[3] *Aug.*

taes homens. Grande gloria, Antonio, da vossa nação! Que chegassem os Portuguezes a dar fundo com as ancoras, onde S. Agostinho não achou fundo com o entendimento: que chegassem os Portuguezes a fazer possivel com o valor, o que no maior entendimento era impossivel! Por isso Isaias lhes chamou mais que homens: *Ite Angeli veloces.* Um só homem passou o Cabo da Boa Esperança, antes dos Portuguezes. E qual foi, e como? Jonas no ventre da balêa. Desembocou a balêa o Mediterraneo, porque não tinha outro caminho; tomou a costa da Africa á mão esquerda, dobrou o Cabo da Boa Esperança, escorreu a Ethiopia, passou a Arabia, entrou o Sino Persico, aportou ás praias de Ninive no Euphrates, e fazendo da lingua prancha, poz o Prophela em terra: *In profundum projectus est, exceptusque à ceto marino monstro ac devoratus post triduum fere Ninivitarum littoribus ejectus, justa prædicat*, diz Sulpicio Severo no Livro 1.º da Historia Sagrada.

Mas porque fez o Propheta esta viagem por debaixo do mar, dentro em uma balêa; porque a não fez por cima da agua no mesmo navio em que navegava? Porque este milagre do valor, e esta victoria da natureza, não era para os mareantes de Tyro: tinha-o Deus guardado para os Argonautas do Téjo. O Téjo era o que havia de dominar o mar; o Téjo era o que havia de triumphar das ondas e dos ventos; o Téjo era o que havia de tirar o tridente das mãos ao Oceano, para o pôr reverente aos pés do Tibre. Faltavam-lhe ao annel do Pescador quasi as tres partes do circulo, e essas lhe perfez o Téjo com o oiro das suas areas. Muito me engano eu, se o não cantou assim David: *Dominabitur à mari usque ad mare, et à flumine usque ad terminos orbis terrarum.* [1] Dominará a Igreja de mar a mar, e do rio: *à flumine*: até os ultimos fins da terra. E qual é o rio que de fim a fim está contraposto aos fins da terra? E' o rio de Lisboa — o Téjo. Do rio de Lisboa sahiu Antonio; e derrotado da tempestade foi aportar a Italia para ser luz da Europa. Do rio de Lisboa sahiram os Portuguezes; e medindo a Africa, descobrindo a America, chegaram com a luz do Evangelho até aos fins da Asia, para que allumiando Antonio a me-

[1] *Psal.*, LXXI, 8.

lhor parte do mundo, e allumiando os outros Portuguezes as tres maiores partes, na união de todas quatro se devesse inteiramente ao nome portuguez o titulo de luz do mundo: *Vos estis lux mundi.*

VI

Não se dedicou Antonio (este era o quarto movimento, mas por abreviar o ajuntarei com o ultimo) não se dedicou Antonio á christandade, porque são homens com luz: aos infieis o levava o seu espirito, porque era espirito portuguez. Gloria singular é de Portugal, que nem em toda a monarchia domine um só palmo de terra que não fosse conquistada a infieis. Tudo quanto dominou a luz neste mundo, foi conquistado ás trevas, porque ellas o possuiam primeiro: *Tenebræ erant super faciem abyssi, et dixit Deus: fiat lux, et facta est lux.* [1] E assim como o officio do sol é ir sempre seguindo e perseguindo as trevas, e lançando-as fóra do mundo, assim tambem os Portuguzes aos infieis. Estava Portugal pela desgraça universal de Hespanha occupada de Mahometanos; e que fizeram os Portuguezes? Do Minho os lançaram além do Douro, do Douro á Estremadura, da Estremadura a Além-do-Téjo, de Além-do-Téjo ao Algarve, do Algarve ás Costas de Africa, e alli os foram sempre seguindo e conquistando, até que o pezo das armas se passou ás Conquistas da gentilidade, onde fizeram o mesmo. Sempre como soldados de Christo, pela fé e contra os infieis.

E' verdade que algumas vezes tiveram guerra os Portuguezes contra catholicos; mas guerra defensiva sómente, nunca offensiva. Tem Portugal para os catholicos o escudo; para os infieis a espada. A S. Pedro, que era cabeça dos fieis, disse-lhe Christo, que mettesse a espada na bainha: a S. Paulo, que era conquistador da gentilidade, metteu-lhe na mão a espada. Para os infieis a espada sempre nua: para os fieis na bainha. Com os catholicos paz: com os infieis a perpetua guerra. S. Antonio meneou as armas da sua milicia na Italia e na França; mas esses raios da sua

[1] *Genes.*, I, 2 e 3.

luz foram reflexos. Os direitos iam á Africa: os reflexos foram á Europa. Mas ainda ahi (notae) não se chamou Antonio, martello dos vicios, senão martello das herezias: *Perpetuus hæreticorum malleus*. Porque os vicios acham-se tambem nos catholicos: as herezias só nos infieis. Por isso Deus para formar este martello, foi buscar o ferro ás minas de Portugal: porque a dureza natural do ferro Portuguez, é para quebrantar e converter infieis.

E' o ferro portuguez como o ferro da lança que abriu o lado de Christo: tirou primeiro sangue, e depois agua: *Exivit sanguis et aqua.* [1] O sangue para vencer: a agua para baptizar os vencidos. Mas qual foi a razão, ou o mysterio, porque o soldado não deu a lançada no corpo de Christo vivo, senão no corpo morto? Pela mesma que vou dizendo. O corpo mystico de Christo, materialmente considerado, é todo o genero humano: os fieis são o corpo vivo, porque é corpo informado com a fé: os infieis são o corpo morto, porque é corpo informe. Quando recebem a fé, então recebem tambem a forma, e se fazem membros vivos do corpo mystico de Christo, que é a Igreja. Para isto se serviu Christo daquelle soldado e da sua lança: *Ut sibi Ecclesiam fabricaret*, diz S. Cypriano. Foram sempre os soldados portuguezes como os fabricadores do segundo Templo de Jérusalem, que com uma mão pelejavam e com a outra iam edificando. Nenhum golpe deu a sua espada, que não acrescentasse mais uma pedra á Igreja. Se pelejavam, se venciam, se triumphavam, era para tirar reinos á idolatria, e sujeital-os a Christo; para converter as mesquitas e pagodes em templos, os idolos em imagens sagradas, os gentios em christãos, os barbaros em homens, as feras em ovelhas, e para trazer essas ovelhas de terras tão remotas, e em numero infinito, ao rebanho de Christo, e á obediencia do Summo Pastor.

Assim o fez S. Antonio em Roma, lançando-se a si e a tantos heresiarchas rendidos aos pés da Santidade de Gregorio IX. Assim o fez el-rei D. Manuel, pondo todo o Oriente aos pés da Santidade de Leão X. E assim o fez ultimamente o principe reinante de Portugal, o muito alto e muito poderoso senhor nosso D.

[1] *Joan.*, XIX, 34.

Pedro, que Deus guarde, offerecendo solemnemente aos beatissimos pés da Santidade de Clemente X nosso senhor, o seu reino, a sua monarchia toda, e na pessoa excellentissima de seu embaixador a sua real pessoa, como herdeiro e verdadeiro imitador de seus gloriosos progenitores. A el-rei D. Sebastião, pouco antes de dar a vida pela dilatação da fé, offereceu a Santidade de Pio V que escolhesse titulo: e que responderia o religiosissimo rei? Respondeu, que não queria outro titulo senão o de filho obedientissimo da Séde Apostolica. Em cumprimento deste titulo tres successores continuados do mesmo rei, em espaço de vinte e oito annos, estiveram sempre offerecendo á Santa Séde a mesma obediencia de filhos. E se a publica aceitação deste acto se dilatou, foi com attenção e providencia paternal do Vigario de Christo, para que no entretanto podesse lograr a Igreja os repetidos exemplos de tão constante sujeição e obediencia, perseverando e instando sempre o primeiro rei, o segundo, e o terceiro não só como filhos obedientes, mas obedientissimos filhos.

No Filho Prodigo notou egualmente S. Pedro Chrysologo, que chamou pae ao pae, reconhecendo que se não devia chamar filho: *Pater, non sum dignus vocari filius tuus.* [1] Parece implicação. A denominação de filho funda-se na relação de filho: a denominação de pae, funda-se na relação de pae, e conforme a verdadeira philosophia nas relações mutuas e reciprocas, quando falta uma, falta tambem a outra. Se falta a relação de filho, cessa a de pae: se falta a relação de pae, cessa a de filho. Pois se da parte do Prodigo faltava a relação e denominação de filho: *Non sum dignus vocari filius tuus:* como da parte do pae não faltou a relação e denominação de pae: *Pater?* Porque essa foi a maravilha mais que natural (diz Chrysologo) que faltando no filho a relação de filho, não faltasse no pae a relação de pae: *Ego perdidi, quod filii est: tu quod patris est, non amisisti.* Voltemos a similhança: Da parte do Pae universal nunca faltaram os fundamentos proximos da relação, que eram a vontade, o affecto e paternal amor, como sempre reconheceu e experimentou Portugal. Mas que em quanto não resultava a relação

[1] *Luc.*, xv, 19.

do pae, existisse sempre inteira a relação do filho? Essa foi a maravilhosa prova da verdadeira filiação. Tinha tanto de divina, que não só foi relação, mas subsistencia. Assim havia de ser para qualificar Portugal, que não só era filho, mas filho obedientissimo.

Bem sabe toda Europa com quantos discursos, e ainda direitos mal interpretados, procurou a politica menos christã tentar a obediencia portugueza em tantos annos. Mas a sua obediencia obedientissima tão longe esteve de dar ouvidos a similhantes tentações, que nunca chegou, nem ainda a ser tentada, quanto mais vencida. Quando Deus mandou a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho, diz a Escriptura, que tentou Deus a Abrahão: *Tentavit Deus Abraham.* [1] Eu cuidava que neste caso o tentado havia de ser Isaac. Sacrificar o pae ao filho amado, tentação era; mas que o filho se houvesse de deixar atar e lançar-se sobre a lenha, e aguardar o golpe e perder a vida, essa era a terrivel tentação. Pois porque diz a Escriptura que tentou Deus a Abrahão, e não a Isaac? Porque Isaac era filho obedientissimo. O amor no pae podia ser tentado, mas não vencido: a obediencia no filho nem vencida, nem tentada.

Tal foi a de Portugal. Tão longe de ser vencida, nem ainda tentada no meio de todas essas tentações, que como filho obedientissimo sempre esteve multiplicando obediencias sobre obediencias, e mandando embaixadas sobre embaixadas, tantas, e por tantos modos. Nas duas primeiras mostrou-se obediente: na terceira e na quarta mais que obediente: na quinta e na ultima obedientissimo. Uma só vez vieram os reis do Oriente a Belem protestar a sua obediencia, e offerecer as corôas aos pés de Christo: Mas como vieram? Chamados primeiro por uma estrella: *Vidimus stellam ejus, et venimus.* [2] A obediencia de Portugal não esperou por estrella para vir: antes vindo cinco vezes sem estrella, veiu tambem a sexta. Mas porque veiu sem estrella seis vezes [3] por isso o recebeu o céu com seis estrellas. Assim recuperou S. Antonio á sua patria em um dia, o que tinha perdido e pedido em tantos annos.

---

[1] *Genes.*, XXII, 1.
[2] *Math.*, II, 2.
[3] As armas de Clemente X são seis estrellas.

VII

Vivam as clementissimas estrellas eternamente: *Quasi stellæ in perpetuas æternitates.* [1] Vivam as clementissimas estrellas e permaneçam, se é concedido, sobre os annos de Pedro: *Stellæ manentes in ordine, et curso suo,* [2] para que debaixo destas estrellas, como a valente Debora, triumphe á Igreja do barbaro Sisara, que tanto se vem chegando, mas para sua ruina. E se os reis do Oriente, quando lhes appareceu a estrella escondida: *Gavisi sunt gaudio magno, valde;* faça extremos de prazer Portugal, adorando os clementissimos aspectos e a divina magestade destas estrellas: que se na outra estrella é opinião que estava um Anjo, nestas estrellas é fé que está Deus. Alegre-se Lisboa e alegre-se Portugal, e agora se tenha por verdadeiramente restituido, pois se vê restituido e canonizado. S. Antonio entrou triumphante no céu no dia de sua morte: mas os sinos de Lisboa não se repicaram milagrosamente, senão no dia de sua canonização; porque não tem Portugal as suas glorias por glorias, senão quando as vê confirmadas e estabelecidas por Roma. Muitas graças a Roma, muitas graças ás beatissimas estrellas que a dominam. E pois eu lhe não posso offerecer outro tributo, quero affixar ao pé dellas o meu thema: *Vos estis lux mundi:*

[1] *Dan.*, XII, 3.
[2] *Juizes*, V, 20.

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO *

Sic luceat lux vestra corum hominibus, ut vidcant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est. [1]

I

Assim como ha dias claros e escuros, assim o será o dia de hoje em comparação do passado. Hoje faz um anno (porque assim o pedia a occasião e as circumstancias da solemnidade) préguei aos portuguezes as luzes da sua nação: agora lhes descobrirei a elles, e a todos, as sombras dessas mesmas luzes, para que se veja no que disse, e no que direi, que não foi lisonja ou affectação o louvor, pois eu mesmo, e aos mesmos, não callo, nem dissimulo o que nelles se não deve louvar. Inventou a mathematica aquella famosa pyramide, a qual ferida perpendicularmente do sol, de tal maneira recolhe em si todas as luzes, que não deixa logar á sombra. Mas este milagre da natureza só tem similhante no maior milagre da graça, Maria sempre immaculada, da qual com tão admiravel propriedade como verdade se diz: *Non habet umbra locum.* Nas outras coisas, porém, por mais illustres e illustradas que sejam, nenhuma luz viram jámais os olhos humanos tão pura e tão sincera, que não ande junta com sombras.

---

* Deste Sermão basta dizer simplesmente que é maravilhoso na sua parte artistica. Elle é a segunda parte do antecedente, e foi composto para ser prégado no anno seguinte, ao em que se pregou o antecedente, não chegando, porém, a prégar-se por motivo de doença do orador.

[1] *Math.*, v.

O dia mais claro e resplandecente que amanheceu ao mundo, foi o da Transfiguração de Christo, porque nelle se viu o monte Thabor allumiado juntamente com dois soes, um no céu, outro na terra: no céu com o sol natural, que todos viam; na terra com o sol do rosto do mesmo Senhor, que só viram os que com elle subiram ao monte: *Resplenduit facies ejus sicut sol.* [1] E neste monte tão allumiado poderia tambem haver sombras? Parece que não; porque a sombra que fizesse um sol, a desfaria o outro. Comtudo é certo que aquelles mesmos olhos, que pela parte do céu, e pela da terra não só estavam allumiados, senão cercados de soes, no mesmo dia, e na mesma hora se viram cobertos de sombras: *Ecce nubes lucida obumbravit eos.* [2] Atravessou-se de repente uma nuvem, que tomando em si a envestidura dos raios de ambos os soes, se não eclipsou de todo, assombrou uma e outra luz; porque não ha neste mundo luz sem sombra. Estas sombras, pois, que sempre seguem e acompanham a luz, serão hoje a segunda parte daquellas mesmas luzes, que, não sei se com tanto applauso, como verdade, inculquei o anno passado aos ouvidos romanos. Então ouviram o que somos; agora ouvirão o que não deveramos ser. E posto que para persuadir o bem, é necessaria maior eloquencia, que para declamar ou declarar o mal; tambem para este triste assumpto me é necessaria a graça. *Ave Maria.*

II

Sic luceat lux vestra coram hominibus.

Na primeira parte e panegyrica das duas, em que continuo e divido estes dois sermões, nos mostrou o Evangelho como o nosso santo portuguez foi luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* Nesta segunda, que, como já insinuei, será mais declamatoria que panegyrica, nos dirá o mesmo Evangelho o modo com que luziu esta luz: *Sic luceat lux vestra.*

---

[1] *Math.*, XVII, 2.
[2] *Ibid.*, 5.

Queixava-se o anno passado (se bem vos lembra) a sua e nossa patria, de se ver deixada de um filho, e tal filho como Antonio. Justificava a sua queixa com o exemplo de José, que se mandou levar morto á terra propria: e agora repete e aperta a mesma queixa com outro exemplo mais vivo, mais domestico, e mais seu. Lembra-se Lisboa do seu famoso fundador Ulysses, tão amante da terra onde nascera, que sendo natural de Ithaca, o mais aspero e desconhecido logar de toda a Grecia, antepoz a dureza de seus rochedos ás delicias e grandezas mais celebradas do mundo, e depois de o ter visto e rodeado todo, o deixou todo por ella: tanto assim (diz Homero) que promettendo a deusa Calypso a Ulysses de lhe conceder a immortalidade, só com condição, que se deixasse ficar e viver nas terras que lhe offerecia, pôde tanto com elle o natural amor da sua, que não aceitou uma tal promessa, querendo antes (como pondera Cicero, e depois delle o ponderou tambem S. Chrysostomo) querendo antes morrer na terra propria, que ser immortal na estranha. A' vista, pois, desta formosa medalha do amor da patria, lançada para memoria e exemplo dos primeiros alicerces de sua fundação, e não se podendo jámais esquecer della, pois a traz impressa no nome: como se não queixaria Lisboa, e como se não tornará a queixar da sequidão, por não dizer crueldade, com que se vê deixada de um filho gerado, nascido e creado, não só no mais alto logar, mas no mais interior de si mesma, como filho do seu coração? Só póde dizer contra isto Antonio, que deixa a patria por ir buscar o martyrio; e que se mostra menos humano com os de seu proprio sangue, porque o quer derramar todo por Christo. Mas a esta satisfação responderei depois. O que agora só digo sobre o que já disse, é, que assim como S. Antonio foi obrigado a deixar Portugal, para ser portuguez: assim foi necessario, que se tirasse d'entre os portuguezes, para ser tão grande homem, e tão grande santo como foi. Um dos maiores homens que houve no mundo, foi Abrahão; e a este mandou Deus que sahisse da sua patria, e de entre os seus para ser maior. O maior santo de todos os santos foi o Filho de Deus; e nem isto bastou para que podesse obrar na sua patria as maravilhas com que assombrava as alheias: para que nem os naturaes se escandalizem, nem os estranhos estra-

nhem a differença do que hoje direi. Mas vamos ao Evangelho.

III

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est. De tal modo ha de luzir a vossa luz diante dos homens, que vejam elles as vossas boas obras, e glorifiquem a Deus. Isto é o que diz Christo a S. Antonio. E isto não o podia fazer um portuguez entre portuguezes. A primeira coisa que se lhe encarrega nestas palavras, é que ha de luzir a sua luz: *Sic luceat lux vestra:* e luzir portuguez entre portuguezes, e muito menos luzir com a sua luz, é coisa muito difficultosa na nossa terra. Com a luz alheia vi eu lá luzir alguns; mas com a propria, *lux vestra*, nem Santo Antonio, quanto mais os outros. Toda a terra (porque toda é tocada deste vicio) tem opposição com a luz. A lua quem a eclipsa? A terra; porque chegam lá as suas sombras. E o sol onde não chegam as sombras da terra, quem o escurece e encobre cada hora a nossos olhos? Tambem a terra. Levanta o sol com seus raios os vapores da terra, e esses mesmos vapores que elle levantou, condensando-se em nuvens, são os que o não deixam luzir. Tomam em si os resplandores do mesmo sol, e doirando-se com elles ou o escurecem de todo, ou nol-o tiram dos olhos. Preze-se, ou não se preze o sol de escurecer as estrellas do céu, que lá estão os vapores da terra, que o escurecerão a elle.

Sendo esta a condição natural de toda a terra, como grosseira em fim, rude e opaca, e nascida debaixo das trevas, *Terra erat inanis, et vacua, et tenebræ erant super faciem abyssi;* [1] nenhuma terra ha comtudo entre todas as do mundo, que mais se opponha á luz, que a Lusitania. Outra etymologia lhe dei eu no sermão passado, mas como ha vocabulos que admittem muitas derivações, e alguns que significam por antiphrase o contrario do que soam; assim o entendo deste nome, posto que tão luzido. O mundo,

[1] *Gen.*, I, 1.

dizem os Grammaticos, que se chama mundo, *Quia minime mundus;* e a morte Parca, *Quia nemini parcit.* E assim como o mundo se chama mundo, porque é immundo, e a morte se chama Parca, porque a ninguem perdoa, assim a nossa terra se póde chamar Lusitania, porque a ninguem deixa luzir. Não é S. Isidoro, nem Marco Varro o auctor desta funesta etymologia, senão a mesma natureza e o mesmo céu, com o curso e occaso de suas luzes. A terra mais occidental de todas é a Lusitania. E porque se chama Occidente aquella parte do mundo? Por ventura, porque vivem alli menos, ou morrem mais os homens? Não: senão porque alli vão morrer, alli acabam, alli se sepultam, e se escondem todas as luzes do firmamento. Sáe no Oriente o sol com o dia coroado de raios, como rei e fonte da luz: sáe a lua e as estrellas com a noite, como tochas accezas e scintillantes contra a escuridade das trevas, sobem por sua ordem ao zenith, dão volta ao globo do mundo resplandecendo sempre e allumiando terras e mares; mas em chegando aos horizontes da Lusitania, alli se affogam os raios, alli se sepultam os resplandores, alli desapparece e perece em toda aquella pompa de luzes.

E se isto succede aos lumes celestes e immortaes: que nos lastimamos, Senhores, de ler os mesmos exemplos nas nossas historias? Que foi um Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi um Duarte Pacheco? Que foi um D. João de Castro? Que foi um Nuno da Cunha, e tantos outros heroes famosos, senão uns astros e planetas lucidissimos, que assim como allumiaram com estupendo resplandor aquelle glorioso seculo, assim escureceram todos os passados? Cada um era na gravidade do aspecto um Saturno, no valor militar um Marte, na prudencia e diligencia um Mercurio, na altiveza e magnanimidade um Jupiter, na fé, e na religião, e no zelo de a propagar e estender entre aquellas vastissimas gentilidades, um Sol. Mas depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo estes astros, ou indigites da nossa nação, onde foram parar, quando chegaram a ella? Um vereis privado com infamia do governo, outro prezo, e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do Oceano, encommendando aos ventos levassem á sua patria as ultimas vozes,

com que della se despedia: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*

Vêde agora se tinha razão para dizer, que é natureza ou má condição da nossa Lusitania não poder consentir que luzam os que nascem nella. E vêde tambem se podia Santo Antonio deixar a patria, sendo filho de uma terra onde se não consente o luzir, e tendo-lhe mandado Christo que luzisse: *Sic luceat lux vestra.*

Eu não direi que S. João no seu Apocalypse levantou figura aos que nascem em Portugal; mas ha muitos dias que naquellas suas visões de Pathmos tenho observado uma notavel pintura, na qual estão retratadas ao vivo as fortunas ou influencias deste fatal nascimento: *Signum magnum apparuit in cœlo mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim: et in utero habens, clamabat parturiens. Visum est aliud signum in cœlo: et ecce draco magnus: et draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* [1] Essa é em summa a historia da visão, na qual diz o Evangelista, que viu primeiramente uma mulher vestida do sol, coroada de estrellas, e com a lua debaixo dos pés, a qual estava de parto, e dava vozes. E que logo appareceu diante desta mulher um grande dragão, o qual com a bocca aberta, estava esperando que sahisse á luz o filho para lh'o tragar e comer, tanto que nascesse. Infeliz menino, antes destinado ás unhas e dentes do dragão, que nascido! Mas que dragão, que mulher, e que filho é este? O enigma é tão claro, que pelas figuras sem lettra se póde entender. A mulher vestida de luzes, o mesmo nome diz, que é a Lusitania: as luzes são as que ouvistes o anno passado; e o ter a lua debaixo dos pés, é a maior expressão da mesma figura; porque a Lusitania foi a primeira em toda Hespanha, que sacudiu o jugo dos Sarracenos, e tantas vezes então, e depois metteu debaixo dos pés as luas mahometanas. O parto, que a fazia bradar, são os filhos, ou partos da Lusitania, não todos, senão aquelles com que ella dá brado no mundo. E o dragão, finalmente, já preparado para tragar esses filhos, é aquelle mesmo dragão que Portugal

[1] *Apoc.*, XII, 1, 2, 3 e 4.

tem por timbre das suas armas; porque é timbre da nossa nação, tanto que sáe á luz quem póde luzir, tragal-o logo, para que não luza. De maneira, que a mulher e o dragão em tão differentes figuras, uma humana, outra sem humanidade, ambas vem a ser a mesma coisa: porque como mulher para os filhos, e como dragão os traga depois de nascidos.

Os exploradores que foram descobrir e informar-se da Terra de Promissão, de tal maneira a descreveram, que parece definiram a nossa. Tres coisas disseram, todas grandes e notaveis; mas a terceira assombrosa e terrivel, e para todos fugirem de tal terra. Disseram que era tão fertil, e de clima tão benigno, que os rios manavam mel e leite: *Venimus in terram, ad quam misisti nos, quæ revera fluit lacte, vt melle.* [1] Disseram mais, que viram nella homens da geração dos Gigantes: *Stirpem Enoc vidimus ibi.* E sobre estas duas prerogativas tão singulares, a terceira, que acrescentaram, foi, que era uma terra, que comia e tragava os seus naturaes: *Terra, quam lustravimus, devorat habitatores suos.* Julgae se quadra bem toda a definição á nossa terra. E tal na benignidade dos ares, na fertilidade dos campos, na affluencia dos rios, que chamando-se antigamente Lethes, o que hoje se chama Lima, é opinião de muitos Auctores, que o temperamento e delicias da Lusitania, foram as que deram motivo á fabula dos Campos Elysios. Que na mesma terra se conserve a geração dos Gigantes, isto é, de homens maiores que os outros homens, tambem o não póde negar quem tiver lido as antiguidades do mundo. Basta por exemplo serem os Lusitanos, os que com seu rei Siculo, filho de Luso, debellaram em Sicilia os cyclopes, e deixaram eternisada esta victoria no mesmo nome de seus habitadores, os quaes desde então se chamaram Siculos. Mas que importam estas excellencias, e outras que se poderam dizer sem lisonja, se o clima ou consfellação natural da mesma terra é tão alheia de humanidade, que come seus proprios filhos? Que importa que como mãe seja tão felizmente fecunda nos partos, que os gere de tão eminente estatura, se, como dragão peçonhento, com raiva de os vêr tão grandes, os morde, os roe, os abo-

[1] *Num.*, XIII, 28, 29 e 33.

canha, os ataçalha, e não descança até os engolir, e devorar de todo: *Terra devorat habitatores suos?*

IV

Agora sim, que já posso responder a Santo Antonio, e confutar a sua escusa. De maneira, meu Santo, que deixaes Portugal, e vos embarcaes para Africa, porque dizeis, que ides buscar o martyrio? Antes por isso mesmo vós não deveis sahir da vossa patria. Não tendes vós já encerrado no peito aquelle grande thesouro de sabedoria e eloquencia, com que depois haveis de esclarecer e assombrar o mundo, e agora a vossa modestia e humildade encobre e dissimula, e, quasi contra o conselho deste mesmo Evangelho, tem escondido debaixo do meio alqueire: *Neque enim accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio?* Escusado é logo ir buscar o martyrio incerto por mar em terras estranhas, se o tendes mais breve e mais seguro na mesma onde nascestes. Amanheçam em Coimbra os resplandores dessa theologia, que depois ha de ter a primeira cadeira na segunda Religião, de que tendes tomado o habito; passae com os ecos dessa fama a Lisboa, e começae a levar após vós a Côrte com a eloquencia mais que humana dessa lingua immortal, e eu vos prometto (não tanto que ella fallar, senão depois que fôr fallada) que não faltem naturaes vossos, que vos façam martyr. Não vos asseguro rodas de navalhas, nem boias de metal, porque lá não se martyrisa com tanto engenho; mas se vos contentaes com martyrio mais apparelhado, e mais vulgar, de serdes logo um S. Sebastião, não o duvideis. Todos os raios que de si despedir a vossa luz, se hão de converter em settas que se empreguem em vós. O vosso nome ha de ser o applauso de todas as vozes, e o vosso corpo o alvo de todas as settas. Não vos ha de valer serdes filho de S. Francisco, uma vez que mostrardes que sois geração de Gigante: *Stirpem Enoc vidimus ibi.*

Appareceu Saül no meio do povo de Israël, em occasião que estava junto em Côrtes, e diz o Texto Sagrado, que era de tão alta e agigantada estatura, que do hombro para cima excedia a todos: *Stetitque in*

medio populi, et altior fuit universo populo ab humero, et sursum. [1] E vós, Saül, sois tão grande na terra onde nascestes, que os maiores, quando muito, vos dão pelo hombro, e com toda a cabeça sobrepujaes a todos? Ora esperae pelos effeitos dessa vossa tão bizarra estatura, e vereis a fortuna que com ella vos aguarda. Deu-se a fatal batalha dos campos de Gelboë, e posto que na confusão dos grandes exercitos, quando se combatem, apenas se conhece distincção de homens a homens, como Saül avultava tanto entre a multidão, sobre elle carregou todo o pezo da batalha, e nelle se empregaram todas as settas: *Totum pondus prœlii versum est in Saul: et vulneratus est vehementer à sagittariis.* [2] Os sete montes daquella cidade, em um dos quaes nasceu Santo Antonio, todos são montes de Gelboë. Alli está encantada a fatalidade dos que fez a natureza ou a fortuna maiores que os outros. Contra elles se armam as batalhas, contra elles se tiram as settas, e sobre elles se descarrega todo o pezo da guerra; porque a inveja, como filha primogenita da soberba, peza para cima, e todos seus tiros se assestam contra o mais alto. Não debalde domina sobre Portugal o Sagittario; porque este é o signo em que lá nascem todos os que são apontados com o dedo, para que contra elles se apontem as settas. Escusadamente vae logo provocar as dos arcos turquescos a Africa, quem as tinha tão apparelhadas na patria, e tão certas na sua propria grandeza.

Essa foi, se eu me não engano, a providencia daquella inopinada enfermidade, com que apenas tinha posto os pés Santo Antonio nas praias africanas, quando foi apenas outra vez obrigado a se embarcar para os ares patrios, como se lhe dissera Deus: Vens buscar o martyrio a Berberia, deixando Portugal e Lisboa? Torna, torna para d'onde vieste, que tambem lá ha Marrocos e Tetuões. Para a terra de seu nascimento mandou Deus tornar a Adão: *In terram de qua sumptus es:* [3] e não porque aquella terra da sua patria fosse mais sadia, senão para que nella morresse com dobrada dôr, em pena de ter comido da arvore da scien-

---

[1] *1.º Livr. dos Reis,* x, 23.
[2] *1.º Livr. dos Reis,* xxxi, 3.
[3] *Gen.,* iii, 19.

cia. Não havia outra terra para onde o desterrar, senão para aquella mesma em que nascera? A sua patria ha de ser o desterro? O tiral-o della foi o maior favor, e o tornar para ella ha de ser castigo? Sim; porque sendo aquella terra tão feliz no primeiro parto, que gerou o primeiro homem do mundo; foi tão maldita no segundo, que não produziu mais que abrolhos e espinhos contra esse mesmo homem que della nascera: *Spinas, et tribulos germinabit tibi.* [1] Deixe-se ficar Antonio no campo Damasceno da sua patria, e se já a tem deixado, torne para ella, que nella achará, se se souber o que sabe, quanto ia buscar tão longe. Quando Santo Antonio, depois de comer da arvore da sabedoria em tão profundos estudos, se escondeu como Adão, bem sabia que na sua patria tambem é delicto o muito saber, posto que não seja por desobediencia, mas por mais obedecer e servir a Deus. Manifeste pois á sua terra o que sabe, deixe luzir (pois assim lh'o manda Christo) a sua luz, e experimentará logo que esta mesma terra, que fez o primeiro homem, em logar de lhe tecer corôas de loiro, se arma de espinhos e abrolhos, com que o martyrise: *Spinas, et tribulos germinabit tibi.*

V

Mas como Deus não queria de Antonio o seu martyrio, a nova providencia de uma furiosa tempestade o derrotou da patria, para onde tornava, e o levou a tomar porto em Italia. E porque, ou para que? Porque Deus lhe tinha mandado que luzisse a sua luz diante dos homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus.* E para a sua luz luzir diante dos homens, era necessario que o mesmo Deus o levasse a terra onde houvesse homens, diante dos quaes se podesse luzir. Oh terra verdadeiramente bemdita, patria da verdade, asylo da razão, metropole da justiça, que não debalde te escolheu Deus para collocar em ti o seu eterno solio! Quasi estou para dizer, que aquella figura do Apocalypse, que expliquei enigmaticamente, não só é,

[1] *Gen.*, III, 18.

ou foi enigma, senão historia, ou prophecia litteral deste successo de Santo Antonio. Dissemos que a mulher vestida de luzes era a Lusitania: dissemos que o dragão que estava esperando com a bocca aberta, para tragar o parto que della nascesse, era o timbre das suas armas, e a deshumanidade natural, com que trata seus filhos: agora vède como o filho, que então nasceu e escapou dos dentes do dragão, foi Santo Antonio: *Et peperit filium masculum, qui recturus erat omnes gentes in virga ferrea, et raptus est filius ejus ad Deum, et ad thronum ejus:* [1] E pariu (continua o Texto) um filho varão, o qual havia de reger todas as gentes com vara de ferro, e logo foi arrebatado da presença da mãe e do dragão, e levado a Deus, e ao seu throno.

Primeiro que tudo, não faça duvida dizer o Texto que este filho havia de reger as gentes com vara de ferro; porque é propriedade dos termos, ou titulos, com que na Escriptura se descrevem os que Deus elege e constitue (como elegeu e constituiu a Santo Antonio) para prégadores universaes do mundo: *Ego autem constitutus sum rex ab eo super Sion montem sanctum ejus prædicans præceptum ejus: Reges eos in virga ferrea, et tamquam vas figuli confringes eos.* [2] Assim regia e encaminhava Santo Antonio com a lei e preceitos divinos todas as gentes a que prégava. E assim confundia e quebrantava os rebeldes com vara e efficacia propriamente de ferro, que por isso foi chamado por excellencia martello das heresias: *Perpetuus hæreticorum malleus.* Este filho, pois, prodigioso parto da Lusitania, que Deus tinha destinado a tão gloriosos fins, para o livrar assim da mesma mãe, como das unhas do dragão, de que não podia escapar, depois de sahir á luz do mundo, diz o Texto, que foi arrebatado com a violencia, *raptus est;* porque o arrebatou do caminho que levava para a patria, a violencia da tempestade. E diz mais, que foi levado a Deus, e ao seu throno: *ad Deum, et ad thronum ejus:* porque a mesma violencia dos ventos o levou a Italia e a Roma, onde Deus tem seu throno na terra.

Já agora, meu santo, póde luzir a vossa luz dian-

---

[1] *Apoc.*, XII, 5.
[2] *Psal.*, II, 6 e 9.

te dos homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus;* porque já estaes em terra de homens, diante dos quaes se póde luzir. Tanto vos era necessaria a ausencia de uns, como a presença dos outros. Já os mesmos Summos Pontifices vos chamam Arca do Testamento: já as vossas vozes são ouvidas como oraculos: já as vossas razões e sentenças são recebidas e veneradas como divinas. E não porque vós hoje sejaes outro do que d'antes ereis, nem outros os documentos da vossa doutrina; mas porque tanto vae de logar a logar, e de homens a homens: *Coram hominibus.*

Esta felicidade de achar Santo Antonio homens, diante dos quaes luzisse a sua luz, como o Senhor lhe mandava, foi na minha opinião uma das maiores graças que o mesmo Senhor lhe concedeu; porque sendo muito poucos no mundo os homens que podem luzir; aquelles diante dos quaes se possa luzir, ainda são muito menos. Todos os dias ouvimos no Evangelho de S. João uma coisa, em que eu não acabo de reparar: *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes: hic venit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine.* [1] Houve, diz, naquelle tempo um homem, mandado por Deus, o qual veiu para ser testemunha, e testemunhar da luz. A luz não ha mister testemunhas; porque ella por si mesma, e sem mais prova, demonstra o que é. Quanto mais que a luz, de que fallava o Evangelista (como elle mesmo acabava de dizer), era a luz verdadeira, e fonte de toda a luz, Christo, que allumia todos os homens: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* [2] Pois se todos os homens viam essa mesma luz, porque foi necessario que mandasse Deus um homem como o Baptista, para que testemunhasse della? Porque tão raros são como isto no mundo os homens, que possam testemunhar da luz. Poder ver a luz, e ser allumiado della, é de todos os homens: *Quæ illuminat omnem hominem.* Mas fazer verdadeiro conceito dessa mesma luz, e dizer e testemunhar o que ella é: *Ut testimonium perhiberet de lumine;* para isso apenas se acha no mundo um homem, e esse

[1] *Joan.*, I, 6 e 7.
[2] *Ibid.*, 9.

mandado por Deus: *Fuit homo missus à Deo.* Testemunhar o Baptista de Christo, como discretamente notou S. Gregorio Nazianzeno, era allumiar o sol com uma candèa; e sendo isto uma coisa, que não só parece superflua, mas ridicula, teve necessidade o sol desta candea, para que entre os homens houvesse um que testemunhasse da sua luz como merecia: *Ut testimonium perhiberet de lumine.*

E se quizermos examinar a causa deste effeito tão contrario á natureza da mesma luz, acharemos que todo procede, não da luz, senão dos homens. O mesmo S. João o disse: *Lux venit in mundum, et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* [1] Veiu a luz ao mundo, e os homens (quem tal havia de imaginar?) amaram mais as trevas, que a luz. Quantas vezes se vê isto no mundo, e eu o tenho visto? Vêr os que luzem, é para rir; e vêr os que não luzem, para chorar: *Dilexerunt magis tenebras, quam lucem.* As trevas amadas, veneradas, e applaudidas, como se foram luz, e a luz aborrecida, desestimada, e perseguida, como se fôra trevas. Tal é, e tal costuma ser o juizo dos homens, ou seja por ignorancia, ou por malicia. Mas que remedio terá a luz para não ser aborrecida de tal gente? Se é aborrecida, porque veiu ao mundo: *Lux venit in mundum;* vá-se do mundo, e não será aborrecida. Assim o cuidava eu, e assim creio que bastará para com alguns homens, mas não para com todos.

Diz Plinio, que os homens do monte Atlante todos os dias amaldiçoam o sol duas vezes, uma quando nasce, e outra quando se põe: *Solem orientem, Occidentemque dira imprecatione intuentur.* [2] O monte Atlante é aquelle tambem opinado entre os homens, que delle se diz e celebra, que sustenta o céu com seus hombros, e que o mesmo céu havia de cahir, se aquella forte columna o não sustentára. Pois se com tanto trabalho e tanto zelo se sustenta neste monte o céu, para que não caia; a melhor joia, e maior lustre do mesmo céu, que é o sol, como é tão aborrecido, e anathematisado no mesmo monte? Dir-me-heis que tudo isto é fabula e mentira: e que a verdadeira razão deste

---

[1] *Ibid.*, III, 19.
[2] *Plin. liv.* 5 cap. 8.

odio é, porque os moradores do monte Atlante são os ethiopes mais adustos, como mais visinhos, ou menos defendidos do sol, e por isso aborrecem tanto a luz dos seus raios, porque aos outros homens allumia, e a elles queima. Mas se isto assim é, como é, aborreçam os do monte Atlante ao sol, quando nasce, e não quando se põe. Se o recebem com maldições, quando vem, deem-lhe graças e louvores, quando se vae. Mas quando vem, e apparece diante destes homens, aborrecido na presença; e quando se vae, e os deixa, tambem aborrecido, e perseguido na ausencia: *Orientem, occidentemque?* Sim; porque o sol, ainda que se vae, vae para tornar: *A summo cœlo egressio ejus, et occursus ejus usque ad summum ejus.* [1] Vá-se pois o sol, e desappareça de uma vez para sempre, e logo nem os do Atlante terão quem os queime, nem o sol quem o injurie

VI

Isto é o que fez Santo Antonio; não só se foi da sua terra, senão para sempre, e para nunca mais tornar a ella. Nem o Santo podia deixar de o fazer assim, supposto o preceito divino, e o fim e intento delle. O fim e intento do preceito de Christo era: *Ut videant opera vestra bona:* que de tal maneira luzisse diante dos homens, que elles vissem suas obras boas: e nada disto podia ser, se Santo Antonio ficasse na patria, e quizesse luzir nella. E porque razão, ou semrazão ? Por tantas quantas são as palavras do mesmo preceito: *Ut videant opera vestra bona.* Elle havia de fazer as obras: *Opera vestra:* os homens haviam-nas de vêr: *Ut videant:* e essas obras vistas haviam de ser boas, *bona:* e nenhuma destas coisas podia Santo Antonio conseguir entre os da sua patria, por outras tantas razões. Primeira, porque não havia de poder fazer essas obras: Segunda, porque ainda que as fizesse, não as haviam de vêr os homens: Terceira, porque ainda que as fizesse, e elles as vissem, não haviam de ser boas: *Ut videant opera vestra bona.* Daeme agora attenção.

---

[1] *Psal.* XVIII, 7.

Primeiramente digo, que aquellas obras que o Evangelho recommenda a Santo Antonio elle as não havia de fazer, nem as podia fazer na sua patria, e não por falta de virtude no santo, senão por defeito ou esterilidade natural da terra em que nasceu. Não é coisa nova na natureza haver terras que são fecundas para as plantas, e estereis para os fructos. São fecundas para as plantas, porque ellas produzem as arvores: e são estereis para os fructos, porque essas mesmas arvores não podem produzir os fructos em quanto estão nellas. Por esta razão e experiencia inventou a agricultura o remedio do transplantar, arrancando ou desterrando as plantas da terra onde nasceram, e passando-as a outras, onde fructifiquem. Isto é o que fez ou succedeu a Santo Antonio, do qual parece que prophetisou David, quando no Texto hebreu, em que fallava, disse: *Erit tamquam lignum, quod transplantatum est, et fructum suum dabit.* [1] Os milagres e obras prodigiosas com que Santo Antonio admirava e convertia o mundo em Italia e França, eram fructos daquella generosa planta, mas transplantada: *Tamquam lignum quod transplantatum est.* [2] Porque se Deus (que tambem é agricultor, *Pater meus agricola est*) o deixára ficar na terra onde nasceu, nenhuma dessas maravilhas havia de obrar, nenhum desses fructos havia de produzir, não por defeito da planta, senão por vicio da terra.

E' a nossa terra (por que se não queixe de que lhe digo injurias) como a patria de Christo. Obrava Christo Senhor nosso por toda a parte aquella multidão de milagres, tantos, tão continuos e tão estupendos, como sabemos; mas tanto que chegava á sua patria (assim como o Manná cessou, tanto que chegou á Terra de Promissão) assim cessava, e se suspendia, e ficava totalmente parada aquella corrente celestial e benefica de maravilhas com que soccorria, remediava, e admirava a todos. S. Marcos chegou a dizer que Christo na sua patria não podia fazer milagre algum: *Abiit in patriam suam, et non poterat ibi virtutem ullam facere.* [3] Ainda na bocca de um Evange-

[1] *Psal.* I, 3.
[2] *Joan.*, XV, 1.
[3] *Marc.*, VI, 1 e 5.

lista parece duvidosa esta proposição. Christo em quanto Deus, não era omnipotente por natureza, e em quanto homem, não era tambem omnipotente por communicação, e por graça? Assim o crê e confessa a nossa fé. Pois como é possivel que um Homem-Deus, e por um e por outro modo omnipotente, não podesse fazer milagres na sua patria? Aqui vereis que coisa é a patria. E se tanta resistencia e contradição experimentou a omnipotencia ordinaria; que seria a delegada de S. Antonio?

Respondeu Christo a este escandalo com aquelle proverbio universal: *Non est propheta sine honore, nisi in patria sua:* [1] Não ha Propheta sem honra senão na sua patria. De sorte que toda esta repugnancia, ou todo este impossivel topava na honra. E como é vicio natural da patria não soffrer, nem poder vêr mais honrado a quem nasceu nella; porque a patria não podia soffrer a honra de Christo, não podia Christo na patria fazer os milagres. Para os milagres honrarem a Christo na sua patria, era necessario que os da mesma patria cressem que eram verdadeiros milagres. Mas elles, diz o Evangelista, eram tão duros, e tão incredulos, que não criam que um homem seu natural podesse fazer obras sobrenaturaes, e por isso o Senhor as não podia fazer: *Non poterat ibi ullam virtutem facere: et mirabatur propter incredulitatem eorum.* Reparêmos muito nesta ultima clausula e na connexão della com a antecedente. Diz o Evangelista, que não podia Christo fazer milagres na sua patria, e que o mesmo Senhor se admirava muito, de que a incredulidade dos seus naturaes fosse a causa de não poder fazer os milagres: *Et mirabatur propter incredulitatem eorum.* Pois porque elles não criam que Christo podesse, por isso Christo não podia? Sim, e o mesmo Mestre Divino declarou o segredo deste impossivel noutra occasião.

Pediu-lhe um pae a saude milagrôsa para um filho, dizendo: *Si quid potes, adjuva nos:* [2] Se é que podeis, favorecei-me a mim e a este filho. E o Senhor respondeu: *Si potes credere, omnia possibilia sunt credenti:* [3] Se tu podes crêr, tudo é possivel a quem crê. Notae,

---

[1] *Math.*, XIII, 53. *Marc.*, VI, 4.
[2] *Marc.*, IX, 21.
[3] *Ibid.*, 22.

que não disse, tudo me é possivel a mim, porque sou omnipotente: senão tudo te é possivel a ti, se crês, que eu posso. E a razão é, porque segundo a disposição condicional da Providencia Divina, para se fazer um milagre são necessarias duas possibilidades; uma activa, da parte de Deus, que faz o milagre, que é a omnipotencia; e outra passiva, da parte do homem, a quem se faz, que é a credulidade. E como nos naturaes de Christo faltava esta segunda possibilidade, e pela inveja natural, que nasce com os que nascem na mesma patria, não podiam crêr (nem querer) que Christo nascido entre elles fizesse milagres, por isso o mesmo Senhor não podia na sua terra, o que podia em todas: *Non poterat ibi.*

Oh patria tão naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão grandes e tão illustres terias, se assim como nascem de ti, não nascêra juntamente de ti, e com elles, a inveja que os afoga no mesmo nascimento, e os não deixa luzir, nem crescer? Aquelle trigo mallogrado do Evangelho, que cahiu entre espinhos, diz o Texto, que os espinhos que juntamente nasceram com elle o afogaram: *Et simul exortæ spinæ suffocaverunt illud.* [1] Note-se muito o *simul exortæ*. Não ha coisa que mais pique, nem de que mais se piquem os naturaes, que da emulação e inveja. Estes são os espinhos que afogam logo desde seu nascimento, os que nascem na mesma terra, e estes são os que haviam de afogar na nossa a S. Antonio, para que não obrasse fóra della o que obrou, nem obraria, se não fugisse della.

Mas que muito que houvesse de succeder a S. Antonio com os da sua, o que succedeu ao mesmo Deus, depois que teve patria? Impugnavam e contradiziam os de Nazareth, patria de Christo, a fama das maravilhas do Senhor; e houve um que se atreveu a lhe dizer em presença: *Quanta audivimus facta in Capharnaum, fac et hic in patria tua:* [2] Isto que ouvimos de vossas maravilhas ao longe, não o veremos de perto? Desses milagres, tantos e tão famosos, que fazeis nas outras partes, não fareis tambem algum aqui na vossa patria? Não; e por isso mesmo. Na terra onde nascem

[1] *Luc.*, VIII, 7
[2] *Ibid.*, IV, 23.

os milagrosos, não nascem, nem se dão os milagres. O que só não póde estorvar a patria, é que cheguem lá os eccos da fama, e que de boa ou má vontade sejam ouvidos: *Quanta audivimus.* Assim chegavam e se ouviam de longe em Portugal, as maravilhas do seu grande portuguez: e posto que não sei se eram tão cridas e applaudidas então, como mereciam; o que só posso affirmar sem escrupulo, é, que não seriam tão bem ouvidas na terra propria, como elle era ouvido nas estranhas. Ouviam, que quando prégava Antonio, cessavam todos os outros exercicios mecanicos, civis e politicos; porque os lavradores deixavam os arados, os mercadores as tendas, os ministros os tribunaes, os cortezãos os palacios e os theatros: *Quanta audivimus!* Ouviam, que se despovoavam as cidades, e que não cabendo a multidão immensa nos templos, era obrigado a prégar nos campos, e que prégando em uma só lingua, sendo de differentes nações os ouvintes, todos o entendiam, como se fallára na sua: *Quanta audivimus!* Ouviam, que vestido de burel e descalço, ia cercado de guardas, e defendido de homens armados, os quaes mal podiam resistir ao pezo e tumulto das gentes que concorriam a lhe beijar o habito e roubar algum fio delle, como preciosa reliquia: *Quanta audivimus!* Ouviam, que se o não queriam ouvir os hereges obstinados, para confundir sua dureza e rebeldia, ia prégar aos peixes, e que elles, chamados da sua voz, concorriam de todo o mar em cardumes, grandes e pequenos, e postos por sua ordem com as cabeças fóra d'agua, como se tiveram o uso de razão, que fallava aos homens, escutavam attentos o que Santo Antonio lhes dizia, e assentiam a tudo: *Quanta audivimus!* Ouviam, que armando-se uma horrenda tempestade sobre o povo innumeravel, que no campo descoberto ouvia ao Santo, elle os assegurou que ninguem se inquietasse, ou movesse, e voltado para o céu escuro e medonho, com o aceno sómente de uma mão emmudeceu os trovões, apagou os relampagos, e suspendeu as nuvens, os quaes não tiveram licença para chover, senão depois de recolhidos todos a suas casas: *Quanta audivimus!* Ouviram, que encommendando-se a Antonio os cegos viam, os surdos ouviam, os mancos andavam, os mudos fallavam, os enfermos de todas as enfermidades saravam, e até os mortos, invocado o Santo por bocca dos vivos, resus-

citavam: sendo muito mais admiraveis resurreições as de infinitos peccadores, que, mortos e sepultados em todo o genero de vicios, por força da palavra divina pronunciada pela bocca de Antonio, se convertiam á penitencia e restituiam á graça: *Quanta audivimus!* Todas estas e outras muitas maravilhas se ouviam em Portugal e Lisboa, onde as levava a fama: mas que o mesmo Santo, que tantos e tão prodigiosos milagres obrava nas terras estranhas, os fizesse tambem na sua: *Fac hic in patria tua*, isso não; porque não podia ser: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

Vejo comtudo que todos estão reclamando contra esta doutrina e argumentando contra a verdade della, não menos que demonstrativamente, e com a experiencia. Porque sabemos que S. Antonio foi a Lisboa para livrar a seu pae, condemnado falsamente por um homicidio, e que em presença de todo o povo, e ministros da justiça, que o levavam ao supplicio, resuscitou o mesmo morto; e que este declarou a verdade, e depoz juridicamente que não era aquelle o homem que o matára. Pois se S. Antonio fez este estupendo milagre em Lisboa e dentro dos muros della, e no adro da mesma Sé, junto ás casas onde o mesmo Santo nasceu, como digo eu, nem posso provar com verdade, que Santo Antonio não havia, nem podia fazer milagres na sua patria? Agradeço-vos muito a instancia, que é bem apertada; e tambem espero que me haveis de agradecer a solução. Respondo e concedo, que Santo Antonio fez este milagre, e tambem outro similhante em Lisboa; mas o Santo Antonio que fez os milagres em Lisboa, não era o nascido em Lisboa. Ora vêde. Quando um santo apparece realmente em alguma terra distante, póde ser por um de dois modos: ou levado lá, como levou o Anjo ao Propheta Habacuc a Babylonia, ou reproduzindo-o Deus, e ficando onde estava, como Christo está no céu, e juntamente no Sacramento. Deste segundo modo é que fez Santo Antonio os milagres em Lisboa, não levado, senão reproduzido; porque no mesmo tempo ficou e estava em Italia prégando e inclinado sobre o pulpito, como diz a historia. E como o Santo, que fez os milagres, era Santo Antonio reproduzido, não era Santo Antonio nascido em Lisboa. O Santo Antonio nascido em Lisboa, esse ficou cá em Italia: o que obrou lá o milagre, era o mesmo Santo Antonio sim, mas repro-

duzido e nascido de novo nas mãos da omnipotencia. De sorte que para Santo Antonio fazer milagres em Lisboa, foi necessario que Deus lhe désse outro segundo e novo nascimento, e assim segunda vez nascido fizesse o milagre na terra onde não nascêra.

Quando chegou aos ouvidos d'el-rei Herodes a fama dos grandes milagres que Christo obrava, entrou o rei em um pensamento notavel. Presumiu e disse, que aquelle homem não era Christo, senão o Baptista resuscitado, e que por isso fazia tantos milagres: *Joannes Baptista surrexit à mortuis, et ideo virtutes operantur in eo.* [1] Consta do Evangelho que o Baptista não fez milagre algum em sua vida: *Joannes nullum signum fecit.* [2] Pois se o Baptista não fez milagres emquanto vivo; d'onde se colhe que os faria depois resuscitado? Porque a resurreição é um segundo nascimento do mesmo homem, que por isso se chama regeneração; e a graça que não teve o maior dos nascidos no primeiro nascimento, era verosimil que a tivesse no segundo. Isto pois que em S. João reproduzido era verosimil, em Santo Antonio foi certo. Não porque o segundo nascimento lhe désse a virtude de fazer milagres, que já a tinha; mas porque lhe tirou o impedimento de ser a terra em que nascêra: e como Lisboa não era patria de Antonio assim reproduzido, por isso pôde fazer milagres em Lisboa, o que de outro modo não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

VII

Mas dado que S. Antonio fizesse milagres na sua patria; a segunda coisa que prometti, e digo, é que os homens da mesma terra não os haviam de vêr. O que Christo encommenda a Santo Antonio no nosso Texto, é que a sua luz resplandeça de tal modo diante dos homens, que elles vejam as suas obras illustres e gloriosas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.* E estas obras illustres e gloriosas, se o Santo as fizesse na sua patria, como

[1] *Math.*, XIV, 2.
[2] *Joan.*, X, 41.

suppomos, parece que não podiam os homens deixar de as vêr. O não as vêrem, só podia ser, ou por falta das obras, ou por falta da luz. Assim o notou Santo Agostinho, dando a razão, porque não vemos a Deus, estando elle presente em toda a parte: *Est quod videas, sed non est unde videas.* Para vêr é necessario objecto, e luz: o objecto que é Deus, sempre o temos presente; a luz com que elle se póde vêr, essa é a que nos falta, e por isso o não vemos. Mas no nosso caso, nem faltava o objecto, que são obras, *Opera vestra bona*, nem faltava luz, que era a mesma de quem as obrava: *Sic luceat lux vestra.* Logo como póde ser, que os homens as não vissem? Digo que sim póde ser, e que assim havia de ser, não por falta das obras, nem por falta de luz, senão por falta dos olhos.

Nasceu no primeiro dia do mundo a luz, a qual não era outra coisa, que um globo daquelle luminoso accidente creado na segunda ou terceira região do ar, dentro da qual fazia seu curso dividindo o dia da noite, e dando desde logo á duração composta de ambos, o periodo natural que hoje observam. E' porém coisa muito digna de admirar, que em quanto aquella primeira luz se conservou no logar onde foi creada, não houve olhos creados, que a vissem: porque nem a terra e a agua creados no primeiro dia, nem o firmamento no segundo, nem as plantas e hervas no terceiro tinham olhos. Luzia a luz, e não havia olhos que a vissem luzir; allumiava ella só o universo, e não havia em todo o universo olhos que se allumiassem com ella, nem a vissem allumiar: distinguia as noites e os dias, mas não havia olhos que notassem a egualdade e concerto desta distincção, nem se alegrassem com a presença da mesma luz, ou sentissem sua ausencia. Não sei se chame a isto desgraça da luz, se natureza do logar, ou região em que nasceu ao mundo. Desenganae-vos, luz, ainda que sejaes a primogenita do Creador, e a primeira de todo o creado, que em quanto não sahirdes do logar onde nascestes, não ha, nem hão de haver olhos que se ponham em vós. Sahi, sahi desse berço natural, em que nascestes, passae a outros logares estranhos e remontados, e logo tereis olhos que vos vejam, que vos admirem, que vos amem, que vos celebrem, que vivam de vós, e morram por vós. Assim foi. Ao quarto dia da creação tirou Deus a luz da região do ar, onde a creara, repartiu-a pelas espheras

celestes com fórma e nome de sol, de lua, e de estrellas: e logo no quinto dia e no sexto se desfez o mundo todo em olhos, que se allumiassem com a luz e a festejassem: olhos no mar, olhos no ar, olhos na terra: olhos nas aves, olhos nos peixes, olhos nos animaes terrestres; e sobre tudo olhos no homem, que não só lograsse os resplandores da luz, mas désse os devidos louvores ao Creador della. De maneira, que esta luz que hoje vêmos e com que vêmos todas as coisas, emquanto esteve e não sahiu do logar e região em que nascêra, nem ella se via, nem se viam com ella as outras obras admiraveis da Omnipotencia, e não por falta das obras, nem por falta da luz, senão por falta de olhos. E isto é o mesmo que eu digo, e supponho que havia de succeder a Santo Antonio.

Um dos mais famosos milagres, que fez Christo Senhor nosso, foi o vulgarmente chamado do diabo mudo; porque foram quatro milagres em um milagre. O miseravel homem era mudo, e fallou: era cego e cobrou vista: era endemoninhado e ficou livre do demonio. Póde haver maior fecundidade de milagres? As arvores muito fecundas, como diz a nossa lingua, dão os fructos em pinha. Mas vêde qual era a terra onde nasciam. Começavam a se admirar as turbas á vista de tanto milagre junto; eis que no mesmo ponto chegam-se os Escribas e Phariseus ao mesmo obrador daquelles milagres e dizem-lhe assim: *Magister volumus à te signum videre:* [1] Mestre, quizeramos vêr um milagre vosso. Ha tal pedir, e em tal occasião, e naquelle mesmo logar? Não acabavam estes homens de vêr um milagre, e quatro milagres? Não. Christo era o que tinha acabado de os fazer; mas elles não tinham acabado, nem ainda começado a os vêr: e porque? Não por falta dos milagres, senão por falta de olhos. *Volumus videre:* Queremos vêr, disseram, e disseram bem; porque o que lhes faltava, não eram milagres que vêr, eram olhos com que vissem os milagres. Assim lhe havia de succeder a Santo Antonio: a elle não lhe haviam de faltar os milagres, mas aos milagres haviam de lhe faltar os olhos. Logo em tal terra, e entre taes homens, não podia o Santo fazer o que Christo lhe mandava, que era luzir de maneira

[1] *Math.*, XII, 38.

que os homens o vissem: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant.*

E se me perguntardes a razão, porque naquella terra ha tanta falta de olhos, ou de olhos que vejam a luz: nas mesmas palavras a temos. A luz ha de luzir: *Sic luceat:* os homens hão de a vêr: *Ut videant:* e olhos que vejam luzir a luz, não os póde haver em uma terra, onde a mesma luz os faz cegar. Oiçamos ao mesmo Santo Antonio, que, como pratico do paiz, conhecia bem as causas deste terrivel effeito: *Invidus, si esset in cœlo, ibi totaliter excæcaretur à gloriâ proximi, et à luce beatitudinis ipsorum:* São tão incapazes os olhos do invejoso de vêr luzir (diz Santo Antonio), que se um invejoso fosse ao céu logo havia de ficar totalmente cego; porque a luz da gloria e bemaventurança do proximo o havia de cegar. Do proximo disse, e não do bemaventurado, com grande elegancia e energia; porque a inveja sendo dôr de olhos, é de olhos que olham ao perto *(proximi)* e não ao longe. E se isto em sentença de Santo Antonio havia de succeder no ceu: porque lhe não succederia a elle o mesmo na terra e mais na sua?

Sahiu David contra o Gigante, applaudiu-se a victoria como merecia, e diz o Texto que desde aquelle dia nunca mais Saül pôde vêr a David: *Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David à die illa, et deinceps.* [1] Vêde os contrarios effeitos daquella animosa e venturosa pedrada. O tiro foi um, e as feridas duas: ao Gigante feriu na testa, e a Saül quebrou-lhe os olhos. Tudo lhe sobejou a David para os applausos, só lhe faltaram os olhos de quem mais o devia estimar e applaudir. Mas se Saül era tão invejoso, por que invejou uma victoria de David, e não quarenta victorias do Gigante? *A die illa*, desde aquelle dia, diz o Texto, que começou a inveja de Saül; e eu cuidava que havia de começar quarenta dias antes. Quarenta dias continuos sahiu o Gigante a desafiar, elle só, os exercitos de Saül; e em todos estes quarenta dias se recolheu para a sua tenda com outros tantos triumphos, não só vencedor das mãos e das armas, senão dos corações e do proprio conhecimento dos Israelitas, não se atrevendo nenhum a

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVIII, 9.

sahir a campo com elle, e confessando com o temor a vantagem, que é a maior victoria de todas. Pois se Saül é invejoso, porque não inveja a Golias, senão a David? Porque Golias era philisteu, e David israelita. Golias era de outra terra, e d'outra nação: David era da sua patria, e do seu proprio sangue. Por isso não teve coração para o estimar, nem bocca para o applaudir, nem olhos para o vêr, ou poder vêr. Para que se veja, se acharia Santo Antonio olhos na sua patria, que com a luz de suas maravilhas (como elle mesmo diz), se não cegassem de inveja, e totalmente as não vissem: *Totaliter excæcarentur.*

Tambem contra este discurso vejo que póde haver quem argumente, e tambem com a mais qualificada prova, que é a da experiencia. Todos sabemos quanto Lisboa se honra de ter um filho como Santo Antonio: os theatros e jogos publicos, com que o festeja, os applausos, os panegyricos, os poemas, com que celebra estas mesmas maravilhas que obrou nas terras estranhas. Logo não é de tão má condição a sua patria, que não houvesse de estimar as mesmas obras gloriosas, se fossem feitas nella, nem são tão máus, ou tão cegos os seus olhos, que as não houvessem de vêr. Acceito outra vez, e estimo a instancia: porque tão longe está de impugnar o meu discurso, que antes o confirma mais. Ainda não tendes advertido, que a inveja faz grande differença dos mortos aos vivos, e dos presentes aos passados? Os olhos da inveja são como os do sacerdote Heli, dos quaes diz o Texto sagrado, que não podiam vêr a luz do Templo, senão depois que se apagava: *Oculi ejus caligaverant, nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.* [1] Em quanto as luzes são vivas, cada reflexo dellas é um raio, que cega os olhos da inveja: porém depois que ellas se apagaram, e muito mais se se mettem largos annos em meio, então abre a inveja, como ave nocturna, os olhos; então vê o que não podia vêr: então venera e celebra essas mesmas luzes, e levanta sobre as estrellas seus resplandores. Por isso disse com grande juizo S. Zeno Veronense, que todo o invejoso é inimigo dos presentes, e amigo dos passados: *In omnibus se inimicum præsentium servat, ami-*

[1] *1.º Livr. dos Reis*, III, 2.

cum vero pereuntium. Os mesmos que agora amam, e veneram a Santo Antonio, se viveram em seu tempo, o haviam de aborrecer e perseguir; e as mesmas maravilhas, que tanto celebram e encarecem, se foram obradas na sua patria, as haviam de escurecer e aniquilar. Não tenho menos fiador desta, que só parece conjectura, que a verdade do mesmo Christo. E' um logar da Historia Evangelica, antes de bem entendido, escuro; mas depois de entendido, singularmente admiravel.

Os Escribas e Phariseus do tempo de Christo, que eram os mais doutos e religiosos, em nenhuma coisa se esmeravam tanto, como em edificar mausoleos aos Prophetas, e ornar e renovar os sepulchros dos Santos antigos. A' vista pois destas fabricas, e do que sobre ellas diziam, reprehendeu-os o Senhor asperamente e exclamou contra elles desta maneira: *Væ vobis, Scribæ, et Pharisæi hypocritæ, qui ædificatis sepulchra prophetarum, et ornatis monumenta justorum, et dicitis: si fuissemus in diebus patrum nostrorum, non essemus socii eorum in sanguine prophetarum!* [1] Ai de vós, Escribas e Phariseus hypocritas, que edificaes sepulchros aos Prophetas e ornaes os monumentos dos justos, e dizeis que se vós vivereis no tempo de vossos paes, que os perseguiram e mataram, não havieis de ser cumplices nas suas mortes, nem ter parte no seu sangue! Atéqui parece que não havia materia de reprehensão, senão de louvor; porque tudo era honrar e venerar os santos, e detestar o sacrilegio e tyrannia dos que os tinham perseguido e morto. Mas o que mais accrescenta a difficuldade e admiração, é o motivo da mesma reprehensão, que o Senhor prosegue, e a conclusão, que infere daquellas mesmas obras. *Itaque testimonio estis vobismetipsis, quia filii estis eorum, qui prophetas occiderunt: et vos implete mensuram patrum vestrorum.* [2] E d'aqui se prova bem (diz o Senhor), e vós mesmos testemunhaes contra vós, que sois filhos e imitadores daquelles que mataram os Prophetas, e que em edificar e ornar os seus sèpulchros acabaes de encher as medidas do que vossos paes come-

[1] *Math.*, XXIII, 29 e 30.
[2] *Ibid.*, XXXI, 32.

çaram. Não póde haver mais notavel consequencia, nem mais difficultoso modo de inferir ! Se o Senhor dissera: Vós mataes os Prophetas, e perseguis os justos, como vossos paes os mataram e perseguiram: bem se inferia, que como filhos de seus paes, eram tambem seus imitadores. Mas se os paes mataram os Prophetas, e os filhos lhes edificavam magnificos sepulchros: se os paes derramaram o sangue dos justos, e os filhos os veneravam e honravam: se os mesmos filhos condemnavam o que seus paes tinham feito, e protestavam, que se viveram no seu tempo, haviam de fazer o contrario: como affirma a verdade de Christo, que tudo isto era hypocrisia e falsidade, e que as mesmas obras presentes, posto que tão diversas, eram testemunho e prova de que haviam de fazer o mesmo que seus paes fizeram ? Se nas sentenças divinas póde haver superlativo, esta verdadeiramente foi divinissima. Todos aquelles Prophetas, e Santos antigos, cujos sepulchros agora veneravam tanto, tinham sido perseguidos e mortos por inveja de seus proprios naturaes, como homens em fim maiores, e mais eminentes que os outros na sua patria: e d'aqui se seguia, como inferiu a Summa Verdade, que todo o culto e veneração, com que os descendentes daquelles mesmos paes agora os celebravam, não era prova de que elles não houvessem de fazer o mesmo, se vivessem no seu tempo: antes provava e testemunhava contra elles, que tambem os haviam de perseguir e matar; porque é consequencia propria e natural da inveja, perseguir os presentes e estimar os passados, matar os vivos e celebrar os mortos. Assim que, todas essas festas publicas, todos esses panegyricos e applausos, com que hoje celebra Lisboa e Portugal o seu portuguez, tão longe estão de provar que no tempo em que vivia Santo Antonio, houvessem de fazer o mesmo, que antes são testemunhos publicos e authenticos do contrario: e que essas maravilhas, que hoje tanto celebra e festeja a sua patria, se elle as obrára na mesma patria, hoje faz quatrocentos annos, quando vivo, nem então haviam de ser maravilhas, nem haviam de luzir como taes, nem haviam de ser vistas, quanto mais celebradas; porque os olhos da inveja são como os de Heli, que em quanto se não apagam as alampadas não vêem as luzes: *Nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.*

VIII

Temos visto que as obras illustres e gloriosas que Santo Antonio obrou nas terras estranhas, não as havia de fazer na sua, e que ainda que as fizesse nella, não haviam de ser vistas: agora digo e concluo, que ainda que fossem feitas e vistas, por isso mesmo não haviam de ser boas: *Ut videant opera vestra bona.* A razão desta lastimosa verdade, em summa é, porque em havendo olhos máus, não ha obras boas. Boa obra era, e canonisada por boa, derramar a Magdalena os unguentos preciosos sobre os pés do Salvador: *Opus enim bonum operata est in me.* [1] Mas como eram máus os olhos de Judas, logo essa mesma obra foi murmurada e reputada por não boa: *Ut quid perditio hæc?* [2] Boa obra era, e tambem canonisada por boa, a graça que o Pae de familias fez aos ultimos que vieram trabalhar á sua vinha; mas tambem a murmuraram e se escandalisaram della os companheiros: *Murmurabant adversus patrem familias.* [3] E porque? Porque ainda que a obra era boa, os olhos eram máus: *An oculus tuus nequam est, quia ego bonum sum?* [4] Basta que porque eu sou bom, hão de ser os vossos olhos máus? Sim: e não é necessario outro porquê. Antes deste mesmo *porquê*, e desta mesma causa, resulta outro effeito ainda peior. Porque eu sou bom, os vossos olhos são máus; e porque os vossos olhos são máus, hei de deixar de ser bom. Assim succedeu ao Pae de familias; porque elle era bom, e a graça que fez era boa, os olhos que a viram foram máus: e porque os olhos que a viram foram máus, a graça, e quem a fez, deixaram de ser bons; e por isso foram murmurados. Notae este terrivel e diabolico circulo, que a inveja faz com causalidade reciproca entre a potencia de vêr, e o objecto visto. A vista, ou se faz por especies, que o objecto manda á potencia, ou por raios, que a potencia manda ao

---

[1] *Math.*, XXVI, 10.
[2] *Ibid.*, 8.
[3] *Ibid.*, XX, 11.
[4] *Ibid.*, 15.

objecto: e estas duas opiniões contrarias dos philosophos, conciliou e ajuntou a inveja para fazer guerra ao bem, que não póde vêr. Pelas especies que sáem do objecto, faz que sendo o objecto bom, os olhos sejam máus: e pelos raios que sáem dos olhos, faz que sendo os olhos máus, o objecto não seja bom. De maneira que a bondade do objecto faz a maldade da potencia, e a maldade da potencia desfaz a bondade do objecto. Porque eu sou bom, os teus olhos são máus: e porque os teus olhos são máus, eu não hei de ser bom. Vêde se mettidas entre tal casta de olhos, podiam ser as obras de Santo Antonio boas: *Ut videant opera vestra bona.*

E se algum curioso admirado de taes effeitos, me perguntar qual é o segredo desta maldita philosophia, respondo que o segredo é, porque os olhos da inveja nunca vêem sem dar olhado. Oh que bello menino (diz o que dá olhado)! E no mesmo ponto se murchou aquella belleza, e o menino definhou, até que morreu de todo. Se o olhado chegára ao céu, tanto que estes máus olhos se fitassem no sol, logo aquella immensa e formosa luz que doura e allumia o universo, se havia de eclipsar e escurecer. E isto mesmo que o olhado não póde fazer no Sol do céu, sem duvida o havia de fazer no Sol da terra, se a luz e obras gloriosas de Santo Antonio fossem vistas na sua. Mandou-lhe Christo que a sua luz resplandecesse de tal modo diante dos homens, que elles vissem as suas obras boas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona:* e se a luz de suas obras, ou as suas obras de tanta luz, com que esclarecia o mundo, fossem feitas e vistas na sua patria; logo a luz havia de ficar eclipsada, e a bondade das obras escurecida; porque os mesmos olhos que as vissem, lhes haviam de dar olhado; e as mesmas obras boas, e tão boas, assim vistas, ou olhadas, haviam de deixar de ser boas. Não é consideração ou malicia minha, senão oraculo expresso do Espirito Santo: *Fascinatio nugacitatis obscurat bona.* [1] O olhado dos olhos máus escurece todas as obras boas. E chama-se este olhado, o olhado da zombaria: *Fascinatio nugacitatis;* porque os invejosos zombam do que haviam de admi-

[1] *Sapient.*, IV, 12.

rar, e fazem farça do que deviam applaudir. E é traça de desfazer e desmentir o mesmo bem, que reconhecem, rirem-se por fóra, do que os faz chorar por dentro. Obrigação tinha logo Santo Antonio de buscar outros olhos mais benignos, e menos venenosos; porque se o effeito do olhado é escurecer: *Fascinatio obscurat;* como podia a luz de Santo Antonio luzir: *Sic luceat lux vestra?* E se o que escurece o olhado são as boas obras: *Obscurat bona:* como podiam as obras de Santo Antonio, vistas por taes olhos, parecer boas: *Ut videant opera vestra bona?*

Para que vejamos nas mesmas obras, e tão gloriosas de Santo Antonio, como isto havia e podia ser, é necessario que advirtamos primeiro uma notavel habilidade e astucia, que usa a inveja para desluzir e escurecer as boas obras, e para lhes envenenar e destruir a mesma bondade. E qual vos parece que será esta habilidade e astucia? E' que nunca olha para toda a obra boa de claro em claro, assim como é em si mesma; senão que sempre a procura tomar por um lado, e por aquella parte, ou ponta d'onde menos claramente se descobre a sua bondade, para ter em que morder e que arguir. Balac, rei dos Moabitas, tendo á vista os arraiaes do povo de Deus, de que era capital inimigo, subornou com grandes promessas ao Propheta Balaam, para que os amaldiçoasse. Subiu-se o Propheta a um monte, d'onde se descobriam todos os arraiaes, e viu nelles tal ordem, tal concerto, tal grandeza e magestade, que em logar de os amaldiçoar, os abendiçoou, e disse e prophetisou delles grandes maravilhas. Que faria o rei ouvindo isto? Queixou-se muito a Balaam de que fizesse tanto pelo contrario o que entre ambos estava concertado; e como elle se escusasse que não pudéra fallar contra o que vira, nem dizer mal do que lhe parecêra mais que bem: o meio que de novo lhe offereceu e aconselhou o rei, foi este: *Veni mecum in alterum locum, unde partem Israël videas, et totum videre non possis, inde maledicito ei:* [1] Vinde commigo a outro logar d'onde vejaes só parte de Israël, e não o possaes vêr todo, e d'ahi o amaldiçoareis. De sorte, que entendeu sagazmente o rei, que aquillo mesmo que vendo-se

[1] *Num.*, XXIII, 13.

todo e como é, não se póde amaldiçoar; visto só por algum lado, póde ser capaz de maldição. E este é o dictame e a astucia da inveja. Olha para as coisas grandes de modo que se não vejam todas, senão alguma parte, e essa a menos luzida; e desta sorte não ha obra tão boa, que por mal vista não possa ser maldita.

Ninguem fez neste mundo tão boas obras, nem tão manifestas, nem tantas, como o Filho de Deus: *Multa bona opera ostendi vobis ex Patre meo.* [1] Mas vêde porque lado as via, e como olhava para ellas a inveja, que por ellas o poz na cruz. Se tirava a Matheus do Telonio, e Zacheu das usuras, não dizia que convertia os peccadores, senão que tratava com publicanos. Se dava vista ao cego de seu nascimento, fazendo um pequeno de lodo, e pondo-lh'o nos olhos; e se ao paralitico de trinta e oito annos mandava levantar do leito, e tomal-o ás costas, não dizia que fazia milagres, senão que quebrantava o sabbado. Se nas bodas de Caná persuadia o celibato a João, e convidado pelo Phariseu defendia a penitencia de Magdalena, e no banquete do outro principe reprehendia a soberba dos primeiros logares, e louvava a modestia e humildade dos ultimos, não dizia que das mezas fazia escóla de virtudes, senão que andava em convites. Se via o concurso das gentes, umas sobre outras, a trocar as vestiduras sagradas, e receber saude, não dizia que sarava os enfermos, senão que perturbava e inquietava a republica. E se deste modo eram vistas as boas obras de Christo pelos olhos dos seus naturaes; como veriam as de Santo Antonio ser boas: *Ut videant opera vestra bona?*

Dae-me licença que eu me revista um pouco de humor invejoso, e vêde como haviam de ser avaliadas na sua patria as obras boas, e tão boas, de Santo Antonio. Quando vissem que deixava a sobrepeliz, e murça de Santa Cruz, e se passava ao habito de S. Francisco; e que trocava o nome de Fernando, pelo de Fr Antonio, não haviam de dizer que buscava maior aspereza e humildade, senão que era um moço vario e inconstante, e que não podia ser bom espirito o que deixava a primeira vocação. Quando ou-

[1] *Joan.*, x, 32.

vissem, que tendo deixado Portugal para ir buscar o martyrio a Africa, se embarcava outra vez da Africa a Portugal para buscar e recuperar a saude nos ares patrios. bem se vê o que diriam: que os martyrios vistos de perto são muito mais feios que de longe: que aquelles fervores de ser martyr, com as aguas do Mediterraneo se tinham apagado, e que mal teria coração para dar a vida, quem tão amigo era da saude. A passagem ou arribada a Sicilia e Italia, claro é que se havia de attribuir á tempestade e acaso, e não a mysterio da Providencia, que o levava, onde tanto se queria servir delle. E quando se visse que com tão poucos annos de habito, e de edade, se punha em campo contra Fr. Elias, que relaxava a pobreza e primitiva Regra serafica, não haviam de dizer, que aquillo era zelo da religião, senão *divisio à capite;* que era desobediente e rebelde ao seu Geral; que era sedicioso e perturbador da Ordem; em fim que obrava como filho de seu pae, e não como filho de S. Francisco; e para maior energia e propriedade da satyra, aqui lhe haviam de encaixar o sobrenome de Bulhão, que tinha deixado no mundo. Quando ouvindo a confissão do outro moço que tinha pizado a sua mãe, lhe afeiou a enormidade daquelle desacato com tal efficacia, que o moço assombrado se foi cortar o mesmo pé, não haviam de reparar em que o Santo lh'o restituira outra vez milagrosamente; mas que era tão indiscreto nas reprehensões dos peccadores, que não merecia ter assento no tribunal da benignidade e misericordia de Christo, e que devia a Religião prival-o do confessionario. Se se dissesse, que homens e mulheres se levantavam de noite para ir tomar logar no campo, onde havia de prégar Santo Antonio, e que a outra mãe, pela mesma causa, deixára só o filhinho, que innocentemente se deitou em uma caldeira de agua fervendo; que motivos tão apparentes teria a inveja para dizer, que aquellas prégações e aquelles concursos mais eram para destruição das almas, e das vidas, que para edificação? Que direi do partido, em que o Santo veiu com os hereges, de que a mula esfaimada de tres dias, com o pasto natural diante, e o pão do céu á vista, decidisse a controversia? Qual temeridade (diriam) póde ser maior, e mais precipitada, que o mysterio mais sagrado da nossa fé fiar a demonstração da sua verdade da con-

tingencia de um successo tão difficultoso, e do appetite irracional, e da fome irritada de um bruto? Outra vez fugido um noviço do convento, mandou o Santo ao demonio, que com uma espada nua o esperasse ao passar de uma ponte, e o fizesse tornar para d'onde viera; e não haviam de dizer que até o inferno obedecia a Antonio, senão que era homem de taes artes, que tinha trato secreto e familiar com os demonios, e ao menos, que usava de meios tão suspeitosos, que deviam ser delatados ao Santo Officio. Já se lhe succedesse então o que depois experimentou Roma na Igreja antiga de S. Pedro, quando o Pontifice mandou que em logar de uma imagem de Santo Antonio, se puzesse a de S. Gregorio; que diria a piedade e devoção portugueza? Foi o caso, que subindo o pedreiro para picar a parede, levantou (diz a historia) o picão, e dando o primeiro golpe *in capitio*, no capello do Santo, elle despregou a mão pintada, e deitando a rodar o pedreiro, e o andaime com um fracasso, que fez tremer toda a basilica, metteu outra vez a mão na manga, e defendendo desta sorte o seu posto, ninguem se atreveu mais a o tirar delle. E fradesinho menor, que não cede o seu logar nem a um santo, como S. Gregorio Papa, nem por mandado de outro Papa; e que tanto que lhe tocam, e o picam, dá com tudo a rodar; e que á primeira picada não espera pela segunda, porque não sabe levar duas em capello: pintado portuguez será elle, mas Santo, isso não.

E se as boas obras de Santo Antonio assim haviam de ser, ou assim podiam ser interpretadas na sua patria (como ella costuma interpretar e accusar outras verdadeiramente boas, e tanto mais quanto mais teem de maravilhosas) fez muito bem, e andou muito prudente o Santo em as vir obrar em terra onde fossem estimadas, como mereciam, e vistas como Deus lhe mandava: *Ut videant opera vestra bona*. Naquelle seu Cantico triumphal introduz o Propheta Habacuc a Deus sahindo a obrar maravilhas em Babylonia, não por si mesmo, senão por seus ministros e instrumentos, e diz estas notaveis palavras: *Deus ab austro veniet, et sanctus de monte Pharan: splendor ejus, ut lux erit, cornua in manibus ejus.* [1] Diz, como coisa nova e

[1] *Abac.*, III, 4.

rara, que será o seu resplandor á medida da sua luz: *Splendor ejus, ut lux erit;* porque ordinariamente vemos grandes resplandores, onde não ha luz, e grandes luzes sem nenhum resplandor. O proverbio da nossa terra diz: *Nem tudo o que luz é oiro:* melhor diria, se dissesse: *Nem tudo o que é oiro luz:* e como Santo Antonio na sua patria era oiro, quando menos arriscado a não luzir, e luz arriscada a não resplandecer: como se havia de expor a estas contingencias, se Christo lhe mandava que luzisse a sua luz: *Sic luceat lux vestra?* Diz o Propheta, que esta luz resplandecente levava nas mãos o que os toiros trazem na cabeça: *Cornua in manibus ejus.* E se vos admira a phrase, e quereis ouvir a interpretação propria desta, que parece impropriedade, sabei que a palavra *cornua*, referindo-se, como aqui se refere, á luz, quer dizer resplandores. Por isso dos resplandores que lançava de si o rosto de Moysés, se diz no Texto sagrado: *Cornua erat facies sua.* [1] E estes resplandores nasciam e estavam nas mãos, *in manibus ejus;* porque nas mãos e nas obras se hão de vêr, como se viam as de Santo Antonio: *Ut videant opera vestra bona.* Finalmente, diz, que esta mesma luz, ou este mesmo santo, sahiu do monte Pharan: *Et sanctus de monte Pharan*, com grande mysterio; porque o monte Pharan, como declaram e trasladam os Setenta, é o mesmo que o monte das sombras: *De monte umbroso:* e para a luz luzir, e as boas obras resplandecerem, é necessario que sáiam e se apartem da terra das sombras, onde ellas as podem eclipsar e escurecer. Por isso Santo Antonio sahiu da sua com divina prudencia e providencia: e porque esteve fóra da terra das sombras, por isso a luz das suas obras luziu e resplandeceu de maneira, que os olhos dos homens puderam vêr obras de tanta luz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.*

IX

Tal foi, senhores, hoje faz um anno, a luz, e taes são hoje as sombras que nos deram materia á primei-

[1] *Exod.*, XXXIV, 29.

ra e segunda parte deste sermão, ou destes dois sermões. O primeiro todo de luz, e o segundo todo de sombras. E tendo eu dado fim, como tenho, a um e outro discurso, que colherei de tão estranho assumpto para dizer ao nosso Santo portuguez, e a todos os portuguezes? A vós, meu Santo, só digo, que vos dou o parabem, e os devidos louvores, não por outro motivo, senão pelo mesmo com que se queixava de vós a patria, invejosa de Italia: e não por outro exemplo, senão pelo mesmo que ella allegava de José, ao qual mais generosamente antes quizestes emendar, que seguir. Elle mandou trasladar seu corpo do Egypto para a sua patria: e quem o poderá livrar de ingrato nesta eleição, e de injusto nesta preferencia? Na patria foi perseguido, foi prezo, foi vencido, e, para dizer tudo em uma palavra, foi invejado de seus proprios irmãos. No Egypto foi amado, foi estimado, foi adorado e preferido pela mesma Magestade a todos os naturaes, sendo estrangeiro. E se a patria, em summa, de livre e senhor o fez escravo, e o Egypto de escravo principe; devendo José eternisar a memoria de tamanhas obrigações, quando menos nos marmores do seu sepulchro: que as esqueça, as desconheça, e quasi as despreze, pelo amor tão mal merecido da terra indigna em que nascêra! Não ha duvida que se póde pôr em questão, se foi mais ingrato José com o Egypto, ou a sua patria com elle. Não assim o generoso e fiel animo de Antonio, e por isso antes de Padua, que de Lisboa. Não teve aggravos que perdoar á patria; porque os anticipou com fugir della: foi porém tão reconhecido, e tão agradecido ás honras que recebeu da devoção, da piedade, e da nobreza de Italia, posto que terra estranha, que não tendo outra coisa que lhe deixar (como aquelle que tinha deixado tudo) por prenda de seu amor, por memorial de sua gratidão, e por fiador perpetuo de seu patrocinio, deixou nella o deposito de seus sagrados despojos; para que tambem entendam todos os que amam, veneram, e servem a Santo Antonio, de qualquer nação ou condição que sejam, que servem a tão bom pagador, que não sabe dever o que deve; e só é natural das suas obrigações, porque não reconhece outra patria.

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO

Panegyrico e apologetico, contra o nome, que vulgarmente em Roma, na igreja dos Portuguezes, se lhe dá de Santo Antonino

---

Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur. [1]

I

Desgraça é minha e nossa, e não sei se diga do mesmo Santo que celebramos, que quando haviamos de levantar tropheus, seja necessario tomar as armas e defender, dentro em Roma, a quem tanto merecia triumphar nella. Eu, que hoje havia de fazer panegyricos, sou obrigado a desfazer aggravos. E que aggravos? Os aggravos do nome de Santo Antonio em Roma. Em Roma, cabeça e adoração do mundo, em Roma, mãe universal de todos os peregrinos, os aggravos daquelle peregrino portuguez, que a pés descalços a visitou com tanta devoção, a edificou com tantos exemplos, a illustrou com sua doutrina, e a admirou e fez admiravel com o prodigio estupendo de seus milagres! Celebra hoje Portugal a Santo Antonio de Lisboa: Italia a Santo Antonio de Padua: e já este não era pequeno aggravo; mas é força dissimular os menos grandes, para acudir aos maiores. Não determino disputar com Padua de tão longe: com Roma é o meu pleito, de Roma é a minha queixa, e não menos bem fundada, que no mesmo Texto do Evangelho, que propuz.

---

[1] *Math.*, v.

Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur. Aquelle que fizer, e ensinar (diz Christo), esse terá o nome de Magno. Não póde ser a lei mais clara. Agora diga-me Roma o nome de Antonio Magno a quem o deu. Não o deu ao Antonio de Portugal, senão ao Antonio do Egypto. Elle é o que se nomeia e venera com a antonomasia de *Magnus Antonius*. Pois se o Evangelho tão reconhecidamente promette o nome de Magno aos merecimentos do nosso Antonio, por que lh'o nega aquella cidade, que contém em si a regra do mesmo Evangelho? Porque lh'o nega e o dá a outro? Dir-me-ha por ventura Roma, que o outro Antonio foi muitos annos primeiro; e que quando o nosso veiu ao mundo já o nome estava dado. Mas lembra-me a este proposito, o que já disse Tertulliano á mesma Roma. Não fostes vós, meu Santo, o que tardastes; senão ella a que se apressou. Argue Tertulliano aos primeiros que canonisaram os deuses gentilicos, e diz que ficaram sem altares e sem nome os que melhor o mereciam, não porque a antiguidade os quizesse excluir, senão porque se apressou: *Properavit opinor.* Fez deus da guerra a Marte? *Properavit;* porque se não apressára tanto, fôra deus da guerra Scipião. Fez deus das musas a Apollo? *Properavit;* porque se esperára mais, fôra deus das musas Homero. Fez deus da medicina a Esculapio? *Properavit;* porque se aguardára mais tempo, fôra deus da medicina Hypocrates. Fez deus das sciencias a Mercurio? *Properavit;* porque se não se adiantára tanto, fôra deus das sciencias Aristoteles. Eu não nego, antes venero e adoro as excellencias do grande Antonio Africano; só tenho para mim, que se o mundo, e a cabeça do mundo, se não anticipára, póde ser que a grandeza daquelle nome não a consagrára ao da Africa, senão ao da Europa; ao portuguez e não ao Egypcio.

Mas porque o meu intento não é tirar o direito adquirido, senão defender o tirado: já que o nome de Magno se deu áquelle Antonio: porque senão havia de dar tambem ao nosso: *Hic Magnus vocabitur?* Se entre os capitães houve um nome de Magno para Alexandre, e outro para Pompeu; se entre os Pontifices houve um nome de Magno para Leão, e outro para Gregorio; se onde não havia, nem podia haver comparação, ouve um nome de Magno para

Christo: *Hic erit Magnus*, [1] e outro para o Baptista: *Erit Magnus coram Domino;* [2] porque se não daria o nome de Magno ao nosso Antonio, assim como se tinha dado ao outro? Vejo que me póde responder Roma, que os nomes se fizeram para distincção das pessoas, e que havendo dois Antonios, ambos Magnos, não se distinguiam. Venho nisso; mas distinguirá Roma aos Antonios, como distinguiu aos Flabios, e aos Valerios. Já que ao primeiro Antonio tinha chamado Magno, ao segundo chamára-lhe Maximo. E vêde se o merecia. A dois heroes (como notou Plutarco) deu Roma o nome de Maximos: a Fabio, porque restituiu as perdas do imperio: a Valerio, porque reconciliou o povo com o senado. Pois se Roma dá o nome de Maximo a Fabio, por restituidor das perdas; por que o não daria a Antonio, que tem por graça e por officio restituir todas as coisas perdidas? Tanto o tem por officio e por obrigação, que na nossa terra o prendemos como devedor, para que as restitua. E se Roma deu o nome de Maximo a Valerio, por reconciliador da plebe com o senado; porque o não daria a Antonio, que não só reconciliou com Deus tanta infinidade de almas, que andavam fóra de sua graça; mas reconciliou com a mesma Igreja Romana tantos hereges, tantas seitas, tantos heresiarchas, que por isso lhe chamaram martello das heresias: *Perpetuus hæreticorum malleus?*

Mas tão longe esteve Roma (este é o mais duro ponto do meu e do nosso sentimento), tão fóra esteve Roma de dar a Antonio o nome de Magno, ou Maximo, que lhe dá o de Minimo. Por me não atrever a pronunciar tão grande aggravo, o dissimulei até-gora. Como chama Roma ao nosso Santo Antonio? Santo Antonino. Antonino a Antonio? A Antonio de Lisboa, a Antonio o Portuguez, Antonino? Esta admiração, por lhe não chamar desde logo abuso, será hoje a materia do meu discurso, de tal maneira apologetico, que não deixe de ser panegyrico. Lembrada a Virgem Senhora nossa da apologia, com que Santo Antonio defendeu a pureza de sua immaculada Conceição, quando ainda tanta necessidade tinha

[1] *Luc.*, I, 32.
[2] *Ibid.*, 15.

de ser defendida, se dignará assistir poderosamente á que havemos de fazer do mesmo Santo; e seja esta vez agradecimento a graça: *Ave Maria.*

II

Qui fecerit, et docuerit, hic Magnus vocabitur.

Chamar a Santo Antonio Antonino, são dois aggravos em um aggravo. O primeiro da comparação: o segundo da preferencia. Não só é aggravo de Antonio o preferir-se-lhe outro, senão tambem o comparar-se-lhe. Mas já que o aggravo é por comparação, será tambem por comparação o desaggravo. Não me tenhaes por temerario, porque hei de fazer uma comparação incomparavel. Quereis saber quão grande Santo foi este, a quem chamaes Antonino? Olhae para aquelle altar. Foi tão grande Santo Antonio, que Christo, diante delle, parece pequeno. Fallo da grandeza das obras, e tenho licença do mesmo Christo para o dizer assim. *Qui credit in me, opera, quæ ego facio, faciet, et majora faciet.* [1] Algum dos que crerem em mim, diz Christo, não só fará as obras que eu faço, senão ainda maiores. Não maiores de pessoa a pessoa: não maiores de virtude a virtude; não maiores de merecimento a merecimento, que isso não póde ser; mas de obras a obras, sim. E sendo as obras de Antonio, ainda comparadas com as de Christo, maiores, *Majora faciet*, não é muito, que posto Christo á vista de Antonio, pareça Antonio o Grande: *Hic Magnus vocabitur.* Não o Grande, comparado Antonio com Antonio (como vós o comparaes); mas o Grande, comparado Antonio com Christo, como elle quer que o comparemos.

Seja a primeira prova desta incomparavel comparação a do mesmo Evangelho. Duas comparações fez Christo neste Evangelho, ambas de luz, mas muito diversas: uma o sol, outra a candea. O sol: *Vox estis lux mundi;* a candea: [2] *Neque accendunt lucernam,*

---

[1] *Joan.*, XIV, 12.
[2] *Math.*, V. 14.

et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum. [1] E estas luzes tão diversas; este sol, e esta candea, quem são, e a quem significam? Eu cuidava que o sol, por ser fonte da luz, era Christo: e que a candea, por ser luz participada, era Antonio. Mas não é assim. A candea é Christo, o sol é Antonio. Que a candea seja Christo, disse-o Santo Hylario, e tambem Santo Thomaz: *Lucerna Christi ponitur supra candelabrum, id est, in ligno per passionem suspensa.* Que o sol seja Antonio, não o dizem os mesmos Santos, e todos, senão o mesmo Christo: *Vos estis lux mundi.* O sol aqui não sou eu, sois vós: *Vos estis.* Pois Antonio o sol, e Christo a candea? Sim. E' verdade que a candea em si é tal candea, que dá a luz ao sol; e o sol em si é tal sol, que recebe a luz da candea: mas comparada luz a luz, effeitos a effeitos, e obras a obras, as de Christo á vista de seu servo Antonio parecem de candea: as de Antonio á vista de Christo seu Senhor parecem de sol. E porque não cuideis que exaggero, lêde-o no Texto, e vêde-o na experiencia. A esphera da candea, diz o Texto que é uma casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt:* a esphera do sol, diz o mesmo Texto que é o mundo todo: *Vos estis lux mundi.* E tal foi a esphera de Christo, tal foi a esphera de Antonio. A missão que o Eterno Padre signalou a Christo, como Messias promettido aos Patriarchas, foi a casa de Israël: *Non sum missus nisi ad oves quæ perierunt domus Israël.* [2] Eis ahi a esphera da candea, uma casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* A missão que Christo signalou a Antonio, como successor dos Apostolos, foi o mundo todo: *Euntes in mundum universum, prædicate omni creaturæ.* [3] Eis ahi a esphera do sol, o mundo todo: *Vos estis lux mundi:* e como na comparação de missão a missão, e de esphera a esphera, a de Christo é uma casa, e a de Antonio o mundo todo: não é muito na comparação de luz a luz, e de obras a obras, que Christo, sendo a fonte da luz, pareça candea, e Antonio, sendo luz participada, pareça sol: Christo, sen-

---

[1] *Math.*, v, 15.
[2] *Ibid.*, xv, 24.
[3] *Marc.*, xvi, 15.

do o immenso, pareça pequeno, e Antonio, sendo creatura limitada, pareça grande: *Hic Magnus vocabitur.*

III

Mas para que procedamos com distincção na prova desta gloriosa grandeza, dividamos os discursos nas mesmas partes em que o Evangelho divide os fundamentos della. A dois titulos refere o nosso Texto a grandeza do nome de Santo Antonio, fazer e ensinar: *Qui fecerit et docuerit, hic Magnus vocabitur.* Aos mesmos titulos, e com as mesmas palavras, reduziram os Evangelistas as maravilhas de Christo: *Cœpit Jesus facere, et docere.* [1] O *facere* entende-se dos milagres, o *docere* da prégação. Ora compararemos o *facere* de Christo com o *fecerit* de Antonio: o *docere* de Christo com o *docuerit* de Antonio; e veremos quanto por um e outro titulo merece o nome de grande: *Qui fecerit, et docuerit, hic Magnus vocabitur.*

Começando pelo *fecerit:* quando Christo vivia neste mundo, corriam a elle, como a fonte da saude, todos os enfermos; tocavam ao Senhor, e ficavam sãos. Morreu Antonio tal dia como hoje, e com o mesmo prodigio todos os enfermos que tocavam o sagrado corpo, immediatamente cobravam saude. Grande maravilha, que obrasse o corpo de Antonio morto, o que obrava o corpo de Christo vivo. Em Christo dava vida a fonte da vida; em Antonio dava vida o despojo da morte. Em Christo dava vida todo Christo; em Antonio dava vida a metade de Antonio, e a menor ametade, o corpo. Eliseu tinha dobrado o espirito de Elias: e em que se viu? - pergunta e responde S. Agostinho. - Em que morto, foi tão milagroso como Elias vivo. Elias resuscitou um morto, estando vivo: Eliseu resuscitou um morto, depois de morto. Eis alli o Elias e o Eliseu. Menino, porque estaes despido? Porque deu a sua capa a Antonio, e com ella o seu espirito dobrado: por isso era tão milagroso Antonio morto, como Christo vivo. Mas ainda nesta maravilha havia outra maravilha maior. Como o

[1] *Actos.*, I, 1.

concurso e o tropel dos enfermos para tocar o corpo do Santo era infinito, uns chegavam, outros não podiam chegar; mas estes que não podiam chegar, diz Surio, bastava que desejassem tocar o Santo, para ficarem sãos. De maneira que para receber a saude de Christo, era necessario tocar a Christo: para receber a saude de Antonio, bastava desejar a saude. Christo dava saude pelo tacto, Antonio pelo desejo. Christo pelo tacto, para fazer mais que Moysés: Antonio pelo desejo, não para fazer, mas fazendo mais que Christo: *Majora faciet.* Levantou Moysés a serpente de metal no deserto; e todos os feridos que olhavam para ella, saravam logo. Pergunto: e saravam tambem os cegos? Não; porque a saude dependia da vista, quem não tinha olhos, não tinha remedio. Por isso Christo não poz a saude na vista, nem em outro sentido particular, senão no tacto, que é sentido commum. Se Christo puzera a saude no vêr, não sararam os cegos; se a puzera no ouvir, não sararam os surdos; se a puzera no fallar, não sararam os mudos; e como queria o Senhor que sarassem todos, poz a saude no tacto, que é sentido universal e de todos: *Omnis turba quærebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes.* [1] Mas com ser tão universal a saude milagrosa de Christo, ainda a de Santo Antonio era mais universal. A saude de Christo era mais universal que a de Moysés, quanto vae do tacto á vista; a saude de Antonio era mais universal que a de Christo, quanto vae do desejo ao tacto. Para sarar pelo tacto, era necessaria presença e movimento: para sarar pelo desejo, nem era necessaria presença, nem movimento, bastava a vontade: pelo tacto não podia sarar o tolhido, nem o ausente; pelo desejo, o tolhido e o ausente podiam todos sarar, e todos saravam. E isto é o que fez Antonio: *Qui fecerit.*

Mas deixemos a comparação de desejo a tacto, vá de desejo a desejo. Desejou Zacheu vêr a Christo: *Quærebat videre Jesum;* [2] mas como a gente fosse muita, e Zacheu era pequeno do corpo, não o podia vêr: *Et non poterat præ turba, qui statura pusillus*

---

[1] *Luc.*, VI, 19.
[2] *Ibid.*, XIX, 3.

erat. [1] Oh que boa occasião para Christo fazer um milagre e um desejo! Que não conceda Christo milagres ao desejo de Herodes, era desejo de curiosidade: que não conceda milagres ao dos Escribas e Phariseus, era desejo de malicia; mas ao desejo de Zacheu, que era desejo de devoção! Eia, Senhor, veja-vos Zacheu milagrosamente, não se diga que sois como os grandes da terra, que se não deixam vêr dos pequenos: ou a estatura de Zacheu suba, ou desçam as especies do vosso rosto, e veja-vos quem tanto deseja vêr-vos. Comtudo não fez este milagre Christo; mas se Zacheu desejára vêr a Santo Antonio, ainda que tivéra um monte diante, eu estou certo que o havia de vêr. Desejou uma senhora ir ouvir a Santo Antonio que prégava no campo: mas não devia de ser senhora, porque não tinha liberdade: devia de ser alguma pobre mulher; não lhe deu licença seu marido. E que succedeu? Sem sahir de sua casa, estando tão longe, ouviu o sermão tão distinctamente, como se estivéra ao pé do pulpito. Fez Antonio por quem o desejava ouvir o que Christo não fez por quem o desejava vêr. Christo ao devoto não lhe suppriu a estatura: Antonio á devota suppriu-lhe as distancias. As especies do rosto de Christo, para satisfazer a um desejo, não se dobraram tres dedos: as especies da voz de Antonio, para satisfazerem a um desejo, estenderam-se duas milhas. E não só a mulher ouviu ao Santo, senão tambem o marido. Christo não quiz dar um milagre por um desejo: Antonio por um desejo fez dois milagres.

Mas dir-me-heis que tambem Christo alguma vez quiz fazer um milagre por um desejo. Por isso na piscina perguntou ao paralytico, se desejava a saude: *Vis sanus fieri?* [2] Assim é; mas vêde a differença, ou as differenças. Christo fez milagres por desejos, mas por desejos declarados: Antonio por desejos occultos. Christo ao menos queria ouvir os desejos: Antonio despachava os desejos sem os ouvir. Christo punha o *cumpra-se* aos desejos, mas com os memoriaes na lingua: Santo Antonio sem sahirem do coração. Mais ainda: o paralytico alcançou o remedio por

[1] *Luc.*, XIX, 3.
[2] *Joan.*, V, 6.

um desejo de trinta e oito annos: os enfermos de Santo Antonio por um instante de desejo. O desejo do paralytico, quando Christo nasceu, já havia seis annos que era desejo: os enfermos de Santo Antonio vieram depois de Antonio morto, e no ponto em que tiveram desejo, tiveram saude. Christo acudiu a um desejo, mas quando já o desejo pudéra ser desesperação: Antonio acudia aos desejos, antes de chegarem a ser esperança: e quem não espera que os desejos sejam grandes, não póde deixar de ser grande: *Magnus vocabitur.*

IV

Um milagre fez Christo, que foi qualificado pelo maior milagre do mundo: *A sæculo non est auditum;* [1] mas neste mesmo milagre deixou Christo materia a Santo Antonio para fazer outro milagre maior: *majora faciet.* Era um cego de seu nascimento, fez Christo um pouco de lodo com os dedos, poz-lh'o no logar dos olhos, mandou-o lavar á fonte de Siloë, e cobrou vista. Todos aqui reparam em Christo dar vista com lodo: eu reparo em Christo o mandar lavar. Já que Christo fez que o lodo désse vista, porque não fez que o lodo não enlodasse? Porque Deus, quando faz milagres por instrumentos naturaes, ainda que eleva as naturezas, não as muda, nem as violenta. A agua do baptismo elevada sanctifica, mas nem por isso deixa de molhar. Assim foi o lodo: deu vista, mas enlodou; porque essa é a natureza do lodo. Ouvi um grande milagre de Santo Antonio; e muito maior sendo portuguez. Os portuguezes enlodam sem lodo: Santo Antonio, sendo portuguez, fez que o lodo não enlodasse. Ia uma senhora, (esta o era) ia ouvir a Santo Antonio muito perto delle: era inverno: cahiu no lodo. Que taes ficariam as galas! Disse-lhe o Santo que se levantasse; e estavam os vestidos tão limpos e aceiados, como quando sahiram do guarda roupa. Nunca se viu tão limpo milagre.

Nem por sua propria Esposa o fez Christo. Era a Esposa tão polida, que chamada a grandes instan-

[1] *Joan.*, IX, 32.

cias de Christo, lhe respondeu: *Lavi pedes meos: quomodò inquinabo illos?* [1] E sendo tão ardentes os extremos, com que o Divino Amante suspirava sua presença, deixou passar todo o inverno, e então lhe disse: *Surge amica mea, et veni: jam enim hiems transiit:* [2] Já agora, Esposa minha, podeis sahir de casa; porque já passou o inverno. Linda paciencia para tão grande amor! Não era mais facil fazer Christo que, ainda que os lodos afogassem os campos, passasse a Esposa por cima delles, sem lhe offenderem um fio da roupa? Nem com tanto amor fez Christo tal milagre. Que o lodo não enlode, nunca a omnipotencia de Christo o fez, nem em quanto Homem, nem em quanto Deus. Abriu-se o mar Vermelho, para que passassem os filhos de Israël, e diz o Texto que mandou Deus um vento abrazador: *Ventum urentem*, [3] para que seccasse o lodo. Abriu-se o mar, para que passassem a pé, e seccou-se o lodo, para que passassem a pé enxuto. Pois se a Omnipotencia estava tão liberal de milagres, e a occasião era tão apertada, que já os inimigos lhe vinham batendo nas costas, e Deus queria que não só passassem a pé, mas a enxuto; porque não fez que passassem pelo lodo, sem se enlodarem? Pelo lodo sem se enlodarem? isso não. Professores da limpeza, e da limpeza votada, guardar do lodo: ninguem presuma que póde entrar no lodo, sem se enlodar. Mas este milagre, que não fez Christo, nem com tanto amôr, nem com tanta necessidade; nem em quanto Homem, nem em quanto Deus, foi um acaso de Santo Antonio: *Qui fecerit.*

V

Mas tiremo-nos do lodo, ponhamo-nos em Lisboa. Matou-se alli um homem: accusaram ao pae de Santo Antonio, sem culpa; e o peior é que lh'a provaram. Condemnado á morte (que naquelle bom tempo na nossa terra, quem matava, morria, e não prevalecia

[1] *Cant.*, v, 3.
[2] *Cant.*, II, 10 e 11.
[3] *Exod.*, X, 13.

a misericordia contra a justiça, ainda que fosse Procurador das cadeas um Titulo), sahiu do Limoeiro, e quando chegava já perto da sua casa, apparece no adro da Sé Santo Antonio. Embargos, nunca ninguem os poz tão de receber. Neste adro, disse o Santo, está sepultado o morto, diga elle mesmo, se o matou este homem. Levanta-se da sepultura o morto, testemunha que não era aquelle o matador. Insta a Justiça que descubra quem era; mas não o consentiu Santo Antonio. Morreu outra vez o defunto, resuscitou o vivo, ficou livre o innocente, e desappareceu o auctor do milagre. O caso da resurreição de Lazaro todos o sabem. Comparemos uma com outra, e veremos que onde Christo fez um milagre, fez Santo Antonio seis milagres, e maravilhas sem conto.

Christo teve novas da enfermidade de Lazaro por um escripto de Martha, e Maria: Antonio teve a noticia da morte de seu pae por revelação do céu: primeiro milagre. Christo tardou quatro dias; Antonio não tardou: e sendo portuguez não tardar, segundo milagre. Christo do Jordão, aonde estava, a Bethania poz quarenta e oiro horas: Antonio, de Italia a Portugal, foi em uma noite: terceiro milagre. Christo mandou levantar a campa: Antonio não mandou cavar a terra; quarto milagre. Christo pediu fé a Martha, como sempre pedia: Antonio pediu fé; quinto milagre. Christo, com uma resurreição, deu a vida: Antonio, com uma resurreição, deu tres vidas: uma ao morto, que resuscitou; outra ao innocente, que não morreu, outra ao culpado, que não quiz descobrir. Este foi o sexto milagre; e pudéra ser o setimo desapparecer logo o milagroso: obrar a maravilha, e não querer o applauso. Porque o não perca quem o não quiz, ponderemos mais o caso. Christo disse a Martha: *Ego sum resurrectio, et vita:* [1] Eu sou resurreição, e vida. Christo foi resurreição, e vida: Antonio foi vida e resurreição. Christo deixou morrer a Lazaro, para resuscitar a Lazaro: Antonio não deixou morrer a seu pae, para o resuscitar depois: resuscitou o morto, para que não morresse o vivo. Christo deu uma vida, para remediar uma morte: Antonio deu uma vida, para conservar outra vida.

---

[1] *Joan.*, XI, 25.

Houve-se Santo Antonio com seu pae na vida corporal, como Christo com sua Mãe na vida espiritual: não lh'a deu por remedio, deu-lh'a por perservação. Quasi estava para dizer deste venturoso pae nesta circumstancia, que foi mais venturoso em ter por filho a Antonio, que Adão em ter por filho a Christo. Adão foi sentenciado á morte: *Morte morieris;* [1] deu-lhe a vida seu filho Christo: mas quando lh'a deu? Depois de executada a sentença. Não assim S. Antonio; metteu-se entre a sentença e a execução, e deu a vida a quem lh'a tinha dado; podendo dizer com palavras de Christo, o que o mesmo Christo não póde dizer: *Ego vivo propter Patrem, et ipse vivet propter me.* [2]

VI

Isto é o que Santo Antonio, em comparação das obras e milagres de Christo, fazia: *Qui fecerit;* agora, seguindo a mesma comparação, passemos do fazer ao ensinar: *Et docuerit.* Prégava o Santo na Igreja de um logar não muito povoado, quando passava por alli acaso uma tropa de vinte e dois ladrões bandoleiros, cuja crueldade, por costume, se exercitava em matar, e cuja cubiça, por vida e profissão, em roubar quanto encontrava. Souberam que estava alli prégando Santo Antonio, e movidos da sua fama, entraram por curiosidade a ouvir o que dizia. Ao principio se deixaram levar e enlevar da graça do prégador, e depois, penetrados pouco a pouco da força e efficacia de suas razões, se renderam de tal sorte a ellas, que todos, sem se fallarem, se converteram: e confessando seus peccados ao mesmo Santo, e recebendo com promessa da emenda a competente absolvição, assim como tinham entrado a ouvir peccadores, sahiram da prégação penitentes. E que direi eu á vista deste caso tão raro em outro menor no numero, mas, por todas as suas circumstancias, mais notavel na pessoa?

Um anno e tres mezes havia, que Christo Senhor nosso começára a prégar a Judas, quando disse: *Non-*

---

[1] *Gen.*, II, 17.
[2] *Joan.*, VI, 58.

ne ego vos duodecim elegi, et ex vobis unus diabolus est? [1] E em todo este tempo não deixou occasião de lhe bater ao coração, arguindo o máu e traidor pensamento, com que já traçava a sua venda; porque já o Senhor se tinha passado de Judéa para Galiléa, sabendo que os Judeus tratavam de lhe tirar a vida: *Quia quærebant eum Judæi interficere.* [2] Finalmente, chegado o dia, em que a morte de Christo, e a traição e venda de Judas se havia de effectuar, sete vezes (como já tenho notado n'outra occasião) o admoestou, e lhe prégou claramente o Senhor, que desistisse de tão impia e cruel maldade. E sem se deixar render de tão repetidas prégações, como ladrão sahiu do Cenaculo, como ladrão concertou a venda, como ladrão recebeu o preço, como ladrão entregou a seu Mestre, e como ladrão rebentou, e morreu impenitente. E que não bastando em mais de um anno tantos dias e tantas prégações de Christo para converter um ladrão tão alluniado antes na fé do verdadeiro Deus, e não podendo ignorar que o era o mesmo Christo, Santo Antonio em um só dia, e com uma só prégação, ou parte della, convertesse vinte e dois ladrões, quasi sem noticia de Deus, costumados a viver de roubos e homicidios!

Duas coisas difficultam aos homens de similhante vida a conversão e emenda della: o pejo de confessar o peccado, e a obrigação de restituir o alheio. Judas já tinha confessado o seu peccado: *Peccavi, tradens sanguinem justum;* [3] mas o alheio ainda o não tinha restituido: porque ainda que tornou a lançar no Templo os trinta dinheiros: *Retulit triginta argenteos;* [4] estes dinheiros foram o preço da venda, mas não a restituição do vendido. O que Judas vendeu e entregou foi a liberdade de Christo; e esta não a restituiu: antes, porque viu que o levavam atado e prezo, sem se livrar das mãos dos Judeus, como outras vezes tinha feito, desesperado se enforcou. O mesmo succede a outros ladrões, que nem elles se enforcam a si, nem a justiça a elles. Facilmente confessam o peccado: porque roubar o alheio já não é acção tão vil

[1] *Joan.*, VI, 71.
[2] *Ibid.*, VII, 1.
[3] *Math.*, XXVII. 4.
[4] *Ibid.*, 3.

e affrontosa, depois que a nobreza e dignidade dos que a usam, a tem feito quasi honra. Mas tendo tantas artes e ardis para tomar o alheio na vida; encommendam a restituição a seus herdeiros, e nenhum tem valor para a fazer por si mesmo na morte.

Dois ladrões teve Christo na morte, que nem tinham necessidade de confessar a culpa, nem obrigação de a restituir. Estes foram aquelles dois, em meio dos quaes o Senhor foi crucificado. Não tinham necessidade de confessar a culpa, porque o pregão e o supplicio a manifestava: nem obrigação de restituir o alheio, porque pregados a um pau, nús, e despidos, a mesma desnudez e impossibilidade os desobrigava da restituição. E comtudo, desejando Christo converter a ambos, e offerecendo por elles todo o seu sangue, só converteu a um. Caso horrendo, estupendo, tremendo, e digno, se não houvera outra causa, de na terra se quebrarem as pedras, e no céu se escurecer o sol. E' possivel que um homem condemnado á morte, sem honra, sem remedio, sem esperança de vida, mais que duas horas, em um monte coberto de caveiras, pregado em uma cruz, com tantas mortes, e a sua, e de seu companheiro á vista, se não queira converter! O maior dia que houve no mundo foi aquelle em que o Filho de Deus actualmente estava remindo o genero humano desde Adão até o ultimo homem; e que este estando tão junto a Christo, e Christo promettendo o Paraiso ao companheiro, e o companheiro, com o seu exemplo e palavras, prégando-lhe a fé e a salvação: e sobretudo, que correndo do corpo do Salvador quatro fontes de misericordia em seu sangue, por obstinação da propria vontade se não queira aproveitar delle! Mas era ladrão: e é tal, tão cruel, tão impio, e tão deshumano o exercicio de um homem, a outro de sua propria natureza, despojar de seus trabalhos e suores, tirando-lhe talvez a vida, que não ha dureza de marmore tão dura, nem de diamante tão impenetravel, ainda ao mesmo sangue de Christo, como a de um tal coração. Se Christo convertera estes dois ladrões, ainda a conversão de Santo Antonio ficava superior em vinte; se convertera tambem a Judas, em dezenove; mas quando Christo no maior dia, e na maior acção de sua vida, de tres ladrões não converte mais que um: que de vinte e dois não fique um só por converter, mas que todos

os vinte e dois se convertam a uma prégação de Antonio! Bem se deixa vêr quanto maior foram suas obras, que as do mesmo Christo, assim como no fazer, no ensinar: *Et docuerit.*

VII

Mais. Prégava Christo a verdade aos Judeus, mas elles, como filhos do pae da mentira, não só a não queriam crêr, mas de nenhum modo ouvir. Suppunha-os o Senhor creaturas racionaes, que eram ou deviam ser: e como taes os quiz persuadir com razões, e dois efficazes argumentos. Primeiro: *Qui ex Deo est, verba Dei audit: propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis:* [1] quem é de Deus, ouve a palavra de Deus: vós não a quereis ouvir: logo não sois de Deus. E se não sois de Deus, de quem sois? Segundo argumento: Se não sois de Deus: logo sois do demonio, e do demonio não servos e seguidores sómente, senão filhos: *Vos ex patre diabolo estis.* [2] Responderam: Nós somos filhos de Abrahão: e replicando Christo: Se sois filhos de Abrahão, fazei obras dignas de tal pae: então sahiram com a sua e terceira consequencia: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum:* [3] Tomaram pedras para apedrejar o Senhor, o qual, escondendo-se dentro em si mesmo, e fazendo-se invisivel, sahiu do Templo. Pudera-os cegar, mas teve por melhor fazer-se invisivel, para que com olhos abertos vissem como em espelhos, nas pedras que tinham na mão, a dureza da sua rebeldia.

O mesmo succedeu a Santo Antonio com os hereges, cuja vaidade e soberba não só fazia pouco caso da sua doutrina, mas se retirava e fugia de a ouvir. E que faria Antonio neste caso? Far-se-ia tambem invisivel? Não o soffria seu zelo. Vae-se diante dos mesmos hereges á ribeira do mar: chama em voz alta aos peixes: Peixes, vinde ouvir a palavra de Deus, já que os homens lhe negam os ouvidos. A esta voz

---

[1] *Joan.*, VIII, 47.
[2] *Ibid.*, 44.
[3] *Ibid.*, 59.

(coisa maravilhosa!) começou a ferver todo o mar, e os peixes em cardumes, cada qual segundo sua especie, a nadar direitamente, aonde os chamava a voz. Os mais pequenos ordenadamente junto á praia; os outros mais afastados um pouco; e os maiores, que demandavam maior fundo, no ultimo logar: e todos com as cabeças fóra da agua aguardavam attentos o para que aquella voz os chamára. Socegado o mar, e quieto todo o auditorio, começou Santo Antonio a lhes prégar aquelles beneficios divinos, que sem os entenderem, tinham recebido da mão de seu Creador. Vós fostes, dizia, as primeiras creaturas sensitivas, que Deus produziu: os vossos olhos, os primeiros que descobriram e viram a luz do mundo: o vosso elemento o segundo, mais vasto que toda a terra, diaphano, transparente e penetravel: muitos de vossos corpos os maiores de todos os viventes, vestidos uns de escamas prateadas e doiradas, outros de pelles de differentes côres, asperas, ou lizas. Emfim, parentes em primeiro gráu do sublime côro das aves, nascidas na mesma patria das aguas, onde muitas, desprezando as alturas do ar, vivem juntamente comvosco; pelo que todos deveis infinitas e continuas graças ao Creador. Tudo isto viam, e ouviam os hereges pasmados e attonitos do silencio e attenção, com que os peixes mostravam por seu modo assentir a tudo o que o Santo prégava: desfazendo-se pouco a pouco e abrandando-se as pedras, que tinham, não nas mãos, como os Judeus, mas nos corações obstinados.

Um chamado Bonivilho, o mais sabio e ardente disputador de sua seita, era o que mais admirava o que estava vendo, e quasi não cria. Notava que Antonio, para os ensinar a crèr, os não mandava como Salomão á escola das formigas, ou das abelhas, animaes, ou bichinhos, que na pequena esphera de seu corpo, e na grande astucia de seu engenho, imitam as mais bem ordenadas republicas; mas os ensinava com o exemplo dos peixes, cujo confuso governo é totalmente despotico e tyrannico: comendo os grandes aos pequenos, os maiores aos grandes, e os mesmos maiores sendo comidos de outros de tão portentosa grandeza, que os podem engulir e devorar de um bocado. Era mais que admiravel nesta condição de communidade a ordem, quietação e socego, com que não só attendiam ao que o Santo prégava, mas depois

de receberem a sua benção, sem se lembrarem da fome, ou costume, se apartavam em paz, e se retirava cada especie no seu cardume ao logar d'onde alli tinham vindo. Assim dentro da Arca de Noé olhava o lobo para o cordeiro, e o falcão para a pomba com tal temperança do instincto, e appetite natural, como esquecidos do que eram, ou tinham sido antes.

Penetrado pois Bonivilho, como mestre dos demais, desta consideração, e communicando-a aos companheiros, todos, ou quasi todos, cederam da sua dureza, convertendo-se e pedindo perdão ao Santo. Christo Senhor nosso, de pescadores de peixes, fez pescadores de homens: mas Santo Antonio fez pescadores dos homens, não os pescadores, senão os peixes. E aquelle foi o dia em que o mar fez o mais formoso lanço na terra, do que a terra o tinha feito nunca com as redes no mar. Sendo admiravel a differença com que no mesmo caso, de não serem ouvidos dos homens, se houveram no modo de ensinar o Supremo Mestre, e o grande discipulo. Christo escondeu-se em si mesmo: Antonio não se escondeu. Christo fez-se invisivel; Antonio fez que vissem todos e ouvissem, como era ouvido. Christo sahiu-se do Templo; Antonio não se sahiu da campanha ou da estacada. Christo desenganou-se de não reduzir com razões a homens racionaes; Antonio resolveu-se a convencer racionaes com animaes brutos e sem razão. Christo deixou de gastar e multiplicar palavras com os que as não queriam ouvir: e Antonio persuadiu aos mesmos com aquelles animaes que entre todos são mudos, e com o seu silencio. Emfim, os Judeus ficaram deixados com as pedras na mão; e os hereges com a dureza dos corações convertida de pedras em homens. Assim o tinha Deus promettido por Ezequiel aos reduzidos de Babylonia: *Auferam ab eis cor lapideum, et dabo eis cor carneum.* [1]

VIII

Tendo mostrado Santo Antonio a maioria do seu ensinar, *et docuerit*, primeiro em homens, e depois em brutos; só lhe resta em quem fazer clara a mesma

[1] *Ezech.*, XI, 19.

demonstração. Em quem? Não em outrem, senão no mesmo demonio.

Assombrado o demonio, e raivoso das maravilhas com que Santo Antonio, entre catholicos e hereges, despovoava o inferno, determinou (quem tal imaginára!) desarmal-o. Tinha o Santo reduzido a lição da Sagrada Escriptura a um livro de logares communs e materias particulares, do qual se valia, principalmente quando havia de prégar sem novo estudo, e de repente. Este livro lhe desappareceu da cella, e houve mister Santo Antonio outro Santo Antonio, que perdido lh'o deparasse. Porque estas graças de Deus, que os Theologos chamam *gratis datas*, ou é fidalguia dos que as recebem, ou imitação com que Deus as concede, que nunca as possam exercitar comsigo, senão com outros. Assim vemos em S. Roque, que tendo a graça de curar todos os apestados, elle morreu de peste: e em S. Pedro, que dando saude fóra da sua casa a todos, não a deu dentro della a sua sogra que gravemente estava enferma de febres. E puderamos allegar aqui ao mesmo Christo, que fazendo tantos milagres em toda a parte, só na sua patria, diz o Evangelista expressamente, que não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.* [1] E que foi feito daquelle livro de Santo Antonio? Ainda o demonio com maior astucia lh'o tinha, não tirado, mas persuadido a outrem que occultamente o furtasse. Foi-se ter com um noviço que devia ser pouco humilde, e de altos, ou altissimos pensamentos, e disse-lhe interiormente: Não vês a grande fama de Fr. Antonio, que leva todo o mundo apoz si com suas prégações? Pois eu te ensinarei meio, com que faças tua toda a sua fama; armando-te a ti, e tirando-lhe as suas armas a elle: na sua cella tem um livro, de que tira quanto prega: entra lá occultamente, tira-o, e esconde-o onde ninguem te veja, nem o saiba: e logo sahindo-te da Religião, pois és noviço, com o teu talento, de que tanto presumes, e com o seu peculio, serás outro Santo Antonio.

Pareceu bem ao noviço o conselho, como inventado e dado por quem lhe conhecia o humor. Deixa o habito: sáe-se com o livro roubado; e como pela falta que fez no Noviciado fosse conhecida e averiguada a sua

[1] *Marc.*, VI, 5.

fugida, então revelou Deus ao Santo o engano do demonio, e o extraordinario modo de tentação com que o tinha tirado do estado religioso para o mundo, e posto no caminho certo do inferno. O intento de desarmar a Santo Antonio com o furto do livro, foi recebido com riso de todos os que o souberam, como se Santo Antonio fosse prégador de cartapacio, e como Arca do Testamento, que era, não tivesse dentro em si mesmo as taboas de ambas as Leis, isto é, de todas as Escripturas, assim da Lei escripta, como da Graça. O que sentiu o Santo estranhamente compadecido como pae e pastor, foi a perda daquella ovelha. E como nos parece que procuraria reduzil-a ao rebanho? Por ventura iria elle a buscal-o, como o seu zelo tão facilmente acudia aos mais estranhos? Não: mandaria ao menos algum Religioso dos mais antigos e espirituaes, que com verdadeiros conselhos o reduzisse outra vez? Tambem não. Finalmente encommendaria esta empreza a um par de leigos, robustos e de boas mãos, que, quando não quizesse por vontade, o trouxessem por força? Nem isso fez o Santo; porque em caso tão extraordinario quiz que fosse tambem novo e inaudito o remedio. Quer reduzir, e restituir á Religião o noviço: mas não por meio de outrem, senão do mesmo demonio que o tinha enganado.

Christo na ultima tentação disse ao demonio: *Vade retro:* [1] Torna atraz: e assim o fez Santo Antonio com notavel propriedade. Já que tu, demonio, foste o que machinaste, desde seu principio, toda esta tramoia, *Vade retro*, torna agora atraz, e pois tu a começaste e fizeste, tu és o que a has de desfazer. Já se vê qual seria o desgosto e raiva do demonio, considerando não só desfeita a sua maquina, mas a affronta de ser pelo mesmo auctor della. Não póde porém deixar de obedecer a Santo Antonio pelo poder que tinha sobre o inferno. Vae, como signaladamente lhe era mandado: espera o noviço em uma ponte, d'onde ou se havia de lançar ao rio, ou tornar atraz: e assim prezo, e ambos envergonhados, se vieram lançar aos pés de Santo Antonio. Oh maravilha nunca vista, e com razão estimada na mesma Escriptura por impossivel!

---

[1] *Math.*, v, 10. Juxta codices græcos, et latinos apud. Maldon. in Cap. IV.

Toda a conversão de uma alma a Deus, depois de de o ter deixado, é sobre toda a natureza; mas nenhuma mais difficultosa que a do Religioso. Não lhe dá outro nome a Escriptura Sagrada que de impossivel: *Impossibile est eos, qui semel sunt illuminati, et prolapsi sunt, rursus renovari ad pœnitentiam.* [1] E que este impossivel, não só confirmado, mas atado e reatado com tão particulares circumstancias, se desfizesse por meio do mesmo demonio, e tornasse elle a trazer e metter na Religião o que por tão extraordinarios meios tinha tirado della! E que isto o não obrasse Santo Antonio por si mesmo, ou por outro Religioso, senão por meio de um demonio! Só na escola de Santo Antonio se póde achar tal modo de ensinar: *Et docuerit.*

IX

E senão vejamos o que fez Christo, cujo dominio, imperio, e desprezo em tratar os demonios tão frequentes em seu tempo na Judéa e Galiléa, foi verdadeiramente admiravel; mas nenhuma acção sua tão soberana, que possa fazer parallelo a esta de Santo Antonio. A acção mais devota, e ao parecer mais santa do demonio, foi a daquelle que deu em ser prégador de Christo e publicar que era Deus. E que fez então o Senhor? Por ventura converteu, por meio desta prégação do demonio, a todo o mundo, que elle lhe tinha offerecido no deserto: *Hæc omnia tibi dabo?* [2] ou quando menos a um homem? Nem por pensamento. O que fez foi não só mandar-lhe que se calasse; mas emmudeceu-o totalmente: *Obmutesce.* [3] Não assim Santo Antonio. O que Christo não fez por meio de um demonio prégador da sua divindade, fez Santo Antonio por outro demonio depravador da sua Religião: não o privou do instrumento da lingua, antes acrescentou o de uma espada nua com que ameaçasse o noviço fugitivo. Como se dissera: Tu me qui-

[1] *Hebr.*, VI, 4 e 6.
[2] *Math.*, IV, 9.
[3] *Marc.*, I, 22.

zeste desarmar, para tentar o Religioso, pois eu te armarei, para que tu mesmo desfaças o que tinhas feito. Se depois de lançado Adão do Paraiso, puzera Deus por guarda delle a mesma serpente que o tentára, fôra grande propriedade e energia do castigo: mas não fiou Deus do demonio tal genero de obediencia. E' verdade que tambem deu a espada; mas a quem? A um Cherubim: *Cherubim, et flammeum gladium;* [1] porque a acção da espada não está na espada, senão na mão de quem a menea. Mas não foi assim a de Santo Antonio. Mette a sua espada na mão do demonio, seguro de que não obraria a espada o que quizesse a mão: senão a mão, posto que muito a seu pezar, o que quizesse a espada. Assim foi, e não em menor, ou menos difficultoso caso, que em um já qualificado por impossivel.

Emfim, que não converteu Christo por meio do demonio a peccador algum, nem gentio, nem christão, e muito menos Religioso. E' grande o numero de Religiosos, não só noviços, que cada dia deixam o habito, senão tambem dos professos, que depois de o serem, apostatas e fugitivos, renunciam e abominam o que votaram e prometteram a Deus. E quando alguns se emendam e tornam verdadeiramente á Religião, quem os converte? Converte-os o mesmo Christo com os impulsos de sua graça, converte-os com os indultos de seu Vigario o Summo Pontifice, converte-os emfim, com meios varios, extraordinarios de sua omnipotencia. Porém que um Religioso pervertido se converta á Religião por meio do demonio, e do mesmo demonio que o perverteu e incitou a sahir della; esta maravilha só Santo Antonio a fez neste caso, acabando de mostrar primeiro nos homens, depois nos brutos, e ultimamente no mesmo demonio, a grandeza e maioria de suas obras, não só consideradas em si, mas comparadas com o mesmo Christo, assim como já vimos no fazer, *fecerit*, e agora acabamos de vêr no ensinar, *Et docuerit.*

[1] *Gen.*, III, 24.

X

Este é aquelle Santo, ou aquelle famoso heroe entre todos os santos, que, chamando-se Antonio, o vulgo de Roma acrescentando-lhe uma lettra ao nome, e chamando-lhe Antonino, de tão grande o fez pequeno. Tire-lhe esta lettra tão injustamente acrescentada, e ficará reduzido (que é o que eu só pertendo) á sua natural, ou sobrenatural grandeza. Assim tirou Deus a Sarai aquelle ultimo, *i*, com que a fez muito maior do que era; e assim tirado a Antonino o ultimo, *n*, ficará restituido ao que é e sempre foi. Elle se fez menor por amor de Christo; e Christo lhe pagou esta grande resolução com se fazer em sua presença menor que elle. Como se dissera com o Baptista: *Illum oportet crescere, me autem minui.* [1] E quando Christo se diminue e faz menor que Antonio, injustiça manifesta é, por não dizer sacrilegio, que haja quem o diminua, ou reduza a um nome diminutivo, para lhe tirar, não digo já a maioria, senão a egualdade de grande. Será justo que nós lh'a tiremos, quando o Evangelho lh'a dá: *Hic Magnus vocabitur?*

Só falla com o vulgo Romano a humildade pouco presumida da minha apologia; mas se ella tivera atrevimento para se presentar aos pés de Sua Santidade, tenho por certo que pacificamente sahiria despachada. O Papa Nicolau IV tinha collocado a estatua de Santo Antonio na mesma ordem e serie, em que na basilica de S. João de Latrão se vêem as dos Apostolos: [2] e parecendo-lhe a Bonifacio VIII que aquelle logar tão alto não competia a um santo de tão pouca antiguidade, como era em seu tempo a de Santo Antonio, ordenou que fosse tirada delle, e posta alli a de S. Gregorio Magno. Eis aqui como o sobrenome de Magno já então se impugnava a Santo Antonio. Mas vejamos como elle o defendeu. Levantaram os officiaes os andaimes por ordem de um Pontifice, para pôrem naquelle logar outro, e ao primeiro golpe de picão, que tocou no capello de Santo Antonio, levan-

---

[1] *Joan.*, III, 30.

[2] Ex Damiano Cornejo in Chronic. S. Franc.

tou a mão a estatua com tal impulso, que os pedreiros e os andaimes com o ruido, que assombrou toda Roma, vieram abaixo, tendo-se por grande milagre do mesmo Santo, que todos os que tinham subido áquella obra se levantassem vivos, e sem lesão; ficando elle porém no seu logar sem ser substituido por outro, posto que summo, e tão grande Pontifice, como bem declara o titulo e sobrenome de Magno. E são já tres Pontifices, um que lh'o deu, outro que lh'o quiz tirar, e o terceiro que o não substituiu.

Em nossos dias se acrescentou a este numero o quarto, que foi Urbano VIII. Houve tambem em Roma quem tivesse por demasiada a devoção da Escala Santa, por onde todas as segundas feiras, desde a aurora até ao meio dia, estão subindo de joelhos, desde o pé do Capitolio até o alto de *Ara cœli*, em continua devoção, homens e mulheres a venerar a imagem de Santo Antonio. Mas que responderia a discreta urbanidade daquelle grande Pontifice? Respondeu Urbano, que elle não queria pleitos com Santo Antonio, de que em S. João de Latrão tinha já o aviso. Vêde se tenho eu razão de que a minha apologia sahisse com o merecido despacho, se chegasse a se pôr aos pés de Sua Santidade.

Tornando ao vulgo (se vulgo se póde chamar o Romano, com que só fallo), para que lhe não pudesse dizer hoje Tertulliano que se apressou em dar o nome de Magno a Santo Antonio do Egypto (em quem eu tambem o reconheço e venero), saiba que nesta tão justa restituição imitará não menos que ao mesmo Deus, o qual, depois de começar a se povoar o Limbo dos Padres em Abel, esperou dois mil e trezentos annos, para lhe dar o nome de seio de Abrahão, a quem entre todos os Patriarchas era tão devido, como a Santo Antonio, pelo que fez e ensinou o de Magno: *Hic Magnus vocabitur.*

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO

Prégado na festa que se fez ao Santo na igreja das Chagas de Lisboa, aos 14 de Setembro de 1642, tendo-se publicado as Côrtes para o dia seguinte

---

Vos estis sal terræ. [1]

I

A' Arca do Testamento (que assim lhe chamou Gregorio IX), ao Martello das heresias (que este nome lhe deu o mundo), ao defensor da fé, ao lume da Igreja, á maravilha de Italia, á honra de Hespanha, á gloria de Portugal, ao melhor filho de Lisboa, ao cherubim mais eminente da Religião Serafica, celebramos festa hoje. Necessario foi que o advertissemos, pois o dia o não suppõe, antes parece que diz outra coisa. Celebramos festa hoje, como dizia, ao nosso portuguez Santo Antonio; e se havemos de reparar em circumstancias de tempo, não é a menor difficuldade da festa, o celebrar-se hoje. Hoje? Em quatorze de Se-

---

* Este Sermão é mais politico que panegyrico, commenta o padre Honorati. Escusado é dizer de que modo e com quanta arte o orador funda sempre no Evangelho seus documentos politicos para que não desdigam da tribuna sagrada e concordem com o genero oratorio que professa. A respeito d'este sermão e em particular sobre a bellissima theoria dos impostos nelle expendida, escreveu o Dr. Carel: "Palavras memoraveis que deveriam escrever-se com lettras d'oiro no gabinete dos ministros e na sala das nossas assembleias legislativas.„ *Carel, Vieira, sa vie et ses œuvres.* Cap. III, pag. 43.

[1] *Math.*, v.

tembro Santo Antonio? Se já celebramos universalmente suas sagradas memorias em treze de Junho, como torna agora em quatorze de Setembro? Entendo que não vem Santo Antonio hoje por hoje, senão por amanhã. Estavam publicadas as Côrtes do reino para quinze de Setembro; vem Santo Antonio aos quatorze, porque vem ás Côrtes. Como ha dias que o céu está pela coròa de Portugal, manda tambem seu procurador o céu ás Côrtes do reino. Algumas sombras disto havemos de achar entre as luzes do Evangelho. Com tres similhanças é comparado Santo Antonio ou com tres nomes é chamado neste Evangelho. E' chamado sal da terra: *Vos estis sal terræ:* é chamado luz do mundo: *Vos estis lux mundi:* é chamado cidade sobre o monte: *Non potest civitas abscondi supra montem posita.* Esta ultima similhança me faz difficuldade.

Que Santo Antonio se chame sal da terra, sua grande sabedoria o merece: que se chame luz do mundo, os raios de sua doutrina, os resplandores de seus milagres o approvam; mas chamar-se cidade Santo Antonio: *Non potest civitas abscondi!* Um Santo chamar-se uma cidade? Sim. Em outro dia fôra mais difficultosa a resposta; mas hoje, e no nosso pensamento, é muito facil. Chama-se cidade Santo Antonio, porque os procuradores de Côrtes são cidades: são cidades pela voz, são cidades pelo poder, são cidades pela representação; e assim dizemos que veem ás Côrtes as cidades do reino, e não veem ellas, senão seus procuradores. E como os procuradores de Côrtes são cidades por esta maneira, muito a proposito vem Santo Antonio hoje representado em uma cidade, porque é cidade por representação. Mas que cidade? *Civitas supra montem posita:* cidade posta em cima, ou acima dos montes. Clara está a descripção, se a interpretamos mysticamente. Cidade acima dos montes, não ha outra senão a Jérusalem do céu, a cidade da Gloria: *Civitas, de qua dicitur, gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei,* commenta Hugo Cardeal. E por parte desta cidade do céu temos hoje na terra a Santo Antonio.

Na Igreja de Santo Antonio se costumam cá fazer as eleições dos procuradores de Côrtes; e tambem no céu se fez a eleição na pessoa de Santo Antonio. E foi a eleição do céu com toda a propriedade; porque, ain-

da humanamente fallando, e pondo Santo Antonio de parte o habito e o cordão, parece que concorrem nelle com eminencia as partes e qualidades necessarias para este officio publico. As qualidades que constituem um perfeito procurador de Côrtes, são duas: ser fiel, e ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel, e ainda mais estadista, que Santo Antonio? Fiel como portuguez, Santo Antonio de Lisboa; estadista como italiano, Santo Antonio de Padua. Deu-lhe a fidelidade a terra propria; a razão de Estado as estranhas. Isto de razão de Estado, com ser tão necessaria aos reinos, nunca se deu muito no nosso (culpa de seu demasiado valor); e os portuguezes que a usam e praticam com perfeição, mais a devem á experiencia das terras alheias, que ás influencias da propria. E como Santo Antonio andou tantas e tão politicas em sua vida, Hespanha, França, Italia, ainda nesta parte ficava mui acertada a eleição de sua pessoa, quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua sabedoria, de sua santidade.

Só fará escrupulo nesta materia o genio tão conhecido de Santo Antonio, segundo o qual parece que era mais conveniente sua assistencia em Côrtes que se fizessem em Castella, que nestas que celebramos em Portugal. Os intentos de Castella, são recuperar o perdido: os intentos de Portugal, são conservar o recuperado. E como deparar coisas perdidas, é o genio e a graça particular de Santo Antonio; a Castella parece que convinha a assistencia de seu patrocinio, que a nós por agora não. Quem nos ajude a conservar o ganhado, é o que havemos mister. Ora, senhores, ainda não conhecemos bem a Santo Antonio? Santo Antonio, para os estranhos, é recuperador do perdido; para com os seus é conservador do que se póde perder. Caminhava o pae de Santo Antonio a degollar (assim o dizem muitas historias, ainda que alguma nos falle menos nobremente), e chegando já ás portas da Sé, e ás suas, eis que appareceu o santo milagrosamente, fez parar os ministros da justiça, resuscita o morto, declara-se a innocencia do condemnado, e fica livre. Pergunto: Porque não esperou Santo Antonio que morresse seu pae, e depois de morto lhe restituiu a vida? Não é menos fundada a duvida que no exemplo de Christo Senhor nosso, de quem diz o Texto de S. João, que avisado da enfermidade de Lazaro, de proposito

se deteve e o deixou morrer, para depois o resuscitar. *Distulit sanare, ut posset resuscitare*, ponderou o Chrysologo: que lhe dilatou a saude, porque lhe quiz resuscitar a vida. Pois se é mais gloriosa acção, e mais de Christo resuscitar uma vida, que impedir uma morte; porque o não fez assim Santo Antonio?

Não fôra maior milagre, não fôra mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutello pela garganta do pae, e no mesmo ponto apparecer sobre o theatro o filho, ajuntar a cabeça ao tronco, levantar-se o morto vivo, pasmarem todos, e não crerem que o viam, ficando só da ferida um fio subtilmente vermelho para fiador do milagre? Pois porque o não fez Santo Antonio assim? Se tinha virtude milagrosa para resuscitar; se resuscitou alli um morto; se resuscitou outros muitos em diversas occasiões: porque não esperou um pouco para resuscitar tambem o seu pae? Porque? Porque era seu pae. Aos estranhos resuscitou-os, depois de perderem a vida; a seu pae defendeu-lhe a vida, para que não chegasse a perdel-a: aos estranhos remedea; mas ao seu sangue preserva. Christo Senhor nosso foi Redemptor universal do genero humano, mas com differença grande. A todos os homens geralmente livrou-os da morte do peccado, depois de incorrerem nelle: mas a sua Mãe preservou-a, para que não incorresse: aos outros deu-lhes a mão, depois de cahirem: á sua Mãe teve-a mão, para que não cahisse: dos outros foi Redemptor por resgate; de sua Mãe por preservação. Assim tambem Santo Antonio. Aos estranhos resuscitou-os depois de mortos; a seu pae conservou-lhe a vida, para que não morresse: que essa differença faz o divino portuguez dos seus aos estranhos. Para com os estranhos é recuperador das coisas perdidas, para com os seus é tambem preservador de que se não percam. Por isso com bem occasionada propriedade se compara hoje no Evangelho ao sal: *Vos estis sal terræ*. O sal é remedio da corrupção, mas remedio preservativo: não remedea o que se perdeu; mas conserva o que se pudéra perder, que é o de que temos necessidade.

Supposto isto, nenhuma parte lhe falta a Santo Antonio, antes todas estão nelle em sua perfeição, para o officio que lhe consideramos de procurador do céu nas nossas Côrtes. Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do reino: e esta será

a materia do sermão. Santo Antonio é o que ha de prégar, e não eu. E cuido que desta maneira ficará o sermão mais de Santo Antonio, que nenhum outro; porque nos outros tratamos nós delle, neste trata elle de nós. Mas como eu sou o que hei de fallar; para que o discurso pareça de Santo Antonio, cujo é, e não meu, muita graça me é necessaria. *Ave Maria.*

II

Vos estis sal terræ.

Já Santo Antonio tem dito seu parecer. Nestas quatro palavras breves, nestas seis syllabas compendiosas, *Vos-es-tis-sal-te-rræ*, se resume todo o arrasoado de Santo Antonio em ordem ao bem e conservação do reino. E ninguem me diga, que disse estas palavras Christo a Santo Antonio, e não Santo Antonio a nós; porque como a rhetorica dos do outro mundo são os exemplos, e o que obraram em vida é o que nos dizem depois da morte, dizer Christo a Santo Antonio o que foi, é dizer-nos Santo Antonio o que devemos ser. *Vos estis sal terræ*, disse Christo a Santo Antonio por palavra: *Vos estis sal terræ*, diz Santo Antonio aos portuguezes por exemplo. Entendamos bem estas quatro palavras, que estas bem entendidas nos bastam.

Vos estis sal terræ. O primeiro fundamento que toma para seu discurso Santo Antonio, é suppôr que devemos e havemos de tratar de nossa conversação. Isso quer dizer (conforme a exposição de todos os Doutores) *Vos estis sal terræ:* Vós sois sal da terra. Quem diz sal, diz conservação; e a que Christo encommendava no original destas palavras tem grandes circumstancias da nossa. Muito tenho reparado, em que primeiro chamou Christo aos Apostolos pescadores, e ao depois chamou-lhes sal: *Faciam vos fieri piscatores hominum: Vos estis sal terræ.* [1] Se pescadores, porque sal juntamente? Porque importa pouco o ter tomado, se se não conservar o que se tomou. Chamar-lhes pescadores, foi encommendar-lhes a pesca-

[1] *Marc.*, I, 17.

ria; chamar-lhes sal, foi encarregar-lhes a conservação. Sois pescadores, Apostolos meus, porque quero que vades pescar por esse mar do mundo; mas advirto-vos que sois tambem sal; porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conservar. Senhores meus, já fomos pescadores, ser agora sal é o que resta. Fomos pescadores astutos, fomos pescadores venturosos; aproveitámo-nos da agua envolta, lançámos as redes a tempo, e ainda que tomámos sómente um peixe rei, foi o mais formoso lanço, que se fez nunca, não digo nas ribeiras do Tejo, mas em quantas rodeam as praias do Oceano. Pescou Portugal o seu reino, pescou Portugal a sua corôa, advirta agora Portugal, que não a pescou para a comer, senão para a conservar. Foi pescador, seja sal. Mas isto não se discorre, suppõe-se.

Porém: *Si sal evanuerit, in quo salietur?* Se o sal não fôr effectivo; se os meios que se tomarem para a conservação, sahirem vãos e inefficazes, que remedio? Esta é a razão de se repetirem; e esta é a maior difficuldade destas segundas Côrtes. As primeiras Côrtes foram de boas vontades; estas segundas podem ser de bons entendimentos. Nas primeiras tratou-se de remediar o reino; nestas trata-se de remediar os remedios. Difficultosa empreza, mas importantissima. Quando os remedios não teem bastante efficacia para curar a enfermidade, é necessario curar os remedios, para que os remedios curem ao enfermo. Assim o fez o mesmo Christo Deus e Senhor nosso, sem dispendio de sua sabedoria, nem erro de sua providencia. Não se póde acertar tudo da primeira vez. Trabalhava Christo por sarar e converter o seu povo com os remedios ordinarios e prégação evangelica; e vendo que se não seguia a desejada saude, que fez? Tratou de remedios, para que os remedios remediassem os enfermos. Em proprios termos o disse Santo Asterio fallando da resurreição da filha do Jairo: *Ut vidit Judæos ad sermones obsurdescere, factis ipsos instituit, ac medicinæ medicinam accommodat.* Vendo Christo que estava a enfermidade rebelde, e os ouvintes surdos a seus sermões, ajuntou ás palavras obras, ajuntou á doutrina milagres, e tomou por arbitrio melhorar os remedios, para que os remedios melhorassem os enfermos: *Ac medicinæ medicinam accommodat.* Applicou umas medicinas a outras medicinas, para que os que eram remedios fracos, fos-

sem valentes remedios. Este é o fim de se repetirem Côrtes em Portugal. Arbitraram-se nas passadas varios modos de tributos, para remedio da conservação do reino; mas como estes tributos não foram effectivos, como estes remedios sahiram inefficazes, importa agora remediar os remedios.

III

Mas perguntar-me-ha alguem, ou perguntára eu a Santo Antonio: Que remedio teremos nós para remediar os remedios? Muito facil, diz Santo Antonio: *Vos estis sal terræ*. Para se curar uma enfermidade, vê-se em que peca a enfermidade: para se curarem os remedios, veja-se em que peccaram os remedios. Os remedios, como diz a queixa publica, peccaram na violencia, muitos arbitrios, mas violentos muito. Pois modere-se a violencia com a suavidade, ficarão os remedios remediados. Foram inefficazes os tributos por violentos, sejam suaves, e serão effectivos. *Vos estis sal terræ:* Duas propriedades tem o sal, diz aqui Santo Hilario; conserva, e mais tempera: é o antidoto da corrupção e lisonja do gosto; é o preservativo dos preservativos, e o sabor dos sabores: *Sal incorruptionem corporibus, quibus fuerit aspersus, impertit, et ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est.* Taes como isto devem ser os remedios com que se hão de conservar as republicas. Conservativos sim, mas desabridos não. Obrar a conservação, e saborear, ou ao menos não offender o gosto, é o primor dos remedios. Não tem bons effeitos o sal, quando aquillo que se salga fica sentido. De tal maneira se ha de conseguir a conservação, que se escuse quanto fôr possivel o sentimento. Tirou Deus uma costa a Adão para a fabrica de Eva: mas como a tirou? *Immisit Deus soporem in Adam*, diz o Texto sagrado: Fez Deus adormecer a Adão, e assim dormindo lhe tirou a costa. [1]

Pois porque razão dormindo, e não accordado? Disse-o advertidamente o nosso portuguez Oleastro, e é o pensamento tão tirado da costa de Adão, como das

[1] *Gen.*, II, 21.

entranhas dos portuguezes: *Ostendit, quàm difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quam obrem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit.* A costa de que se havia de formar Eva, tirou-a Deus a Adão dormindo, e não accordado, para mostrar quão difficultosamente se tira aos homens, e com quanta suavidade se deve tirar ainda o que é para seu proveito. Da creação e fabrica de Eva dependia não menos que a conservação e propagação do genero humano; mas repugnam tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhes tem convertido em carne e sangue, ainda que seja para bem de sua casa, e de seus filhos, que para isso traçou Deus tirar a costa a Adão, não accordado, senão dormindo: adormeceu-lhe os sentidos, para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto, se ha de tirar aos homens o que é necessario para sua conservação. Se é necessario para a conservação da patria, tire-se a carne, tire-se o sangue, tirem-se os ossos, que assim é razão que seja; mas tire-se com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homens não o sintam, nem quasi o vejam. Deus tirou a costa a Adão, mas elle não o viu, nem o sentiu; e se o soube, foi por revelação. Assim aconteceu aos bem governados vassallos do imperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nescitis:* Eu sei que ha tributos, porque vejo as minhas rendas acrescentadas: vós não sabeis se os ha, porque não sentis as vossas diminuidas. Razão é que por todas as vias se acuda á conservação; mas como somos compostos de carne e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Tão asperos podem ser os remedios, que seja menos feia a morte, que a saude. Que me importa a mim sarar do remedio, se hei de morrer do tormento?

Divina doutrina nos deixou Christo desta moderação na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro, que pagasse o tributo a Cezar, e disse-lhe que fosse pescar, e que na bocca do primeiro peixe acharia uma moeda de prata, com que pagasse. Duas ponderações démos a este logar o dia passado: hoje lhe daremos sete a differentes intentos. Se Deus não faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nesta occasião, sendo ao parecer superfluo? Poderá

o Senhor dizer a Pedro, que fosse pescar, e que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispõe que se pague o tributo não do preço, senão da moeda que se achar na bocca do peixe? Quiz o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fructo de seu trabalho, que este é o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade e com tão pouco dispendio seu, que satisfazendo ás obrigações de tributario, não perca os interesses de pescador. Coma o seu peixe como d'antes comia, e mais pague o tributo que d'antes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço senão da bocca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem.* [1] *Aperto ore:* Notae. Da bocca do peixe se tirou o dinheiro do tributo; porque é bem que para o tributo se tire da bocca. Mas esta differença ha entre os tributos suaves e os violentos: que os suaves tiram-se da bocca do peixe; os violentos, da bocca do pescador. Hão se de tirar os tributos com tal traça, com tal industria, com tal invenção, *Invenies staterem*, que pareça o dinheiro achado, e não perdido; dado por mercê da ventura, e não tirado á força da violencia. Assim o fez Deus com Adão; assim o fez Christo com S. Pedro; e para que não diga alguem, que são milagres a nós impossiveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria é supplemento da Omnipotencia, e o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

IV

Sim. Mas que industria poderá haver para que os tributos se não sintam, para que sejam suaves e faceis de levar? Que industria? *Vos estis sal terræ.* Não se mette Santo Antonio a discursar arbitrios particulares, que seria coisa larga, e menos propria deste logar, posto que não difficultosa: um só meio aponta o Santo nestas palavras, que transcende universalmente por todos os que se arbitrarem, com que qualquer tributo, se fôr justo, será mais justo; e se facil,

[1] *Math.*, XVII, 26.

muito mais facil, e mais suave: *Vos estis sal terræ.* Nota aqui S. João Chrysostomo a generalidade com que fallou Christo aos Discipulos. Não lhes chamou sal de uma casa, ou de uma familia, ou de uma cidade, ou de uma nação, senão sal de todo o mundo, sem exceptuar a ninguem. *Vos estis sal terræ, non pro una gente, sed pro universo mundo*, commenta o Santo Padre. Queremos, Senhores, que o sal, qualquer que fôr, não seja desabrido? Queremos, que os meios da conservação pareçam suaves? *Non pro una gente, sed pro universo mundo.* Não sejam os remedios particulares, sejam universaes: não carreguem os tributos sómente sobre uns, carreguem sobre todos. Não se trate de salgar só um genero de gente: *Non pro una gente:* reparta-se, e alcance o sal a terra: *Vos estis sal terræ.* Convida Christo aos homens para a acceitação e observancia de sua Lei, e diz assim: *Venite ad me omnes, qui laboratis, et onerati estis et ego reficiam vos.* [1] Vinde a mim todos, que tão cançados e molestados vos traz o mundo, e eu vos alliviarei: *Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris:* [2] Tomae o meu jugo sobre vós, e achareis descanço para a vida: *Jugum enim meum suave est, et onus meum leve:* [3] Porque o jugo de minha Lei é suave, e o peso de meus preceitos é leve.

Ora se tomarmos bem o peso á Lei de Christo, havemos de achar que tem alguns preceitos pesados, e, segundo a natureza, assás violentos. Haver de amar aos inimigos: confessar um homem suas fraquezas a outro homem: bastar um pensamento para offender gravemente a Deus, e ir ao inferno: estes e outros similhantes preceitos não ha duvida que são pesados e difficultosos: e por taes os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou cruz nossa: *Tollat crucem suam, et sequatur me.* [4] Pois se os preceitos da Lei de Christo, ao menos alguns, são cruz pesada; como lhes chama o Senhor jugo suave e carga leve: *Jugum enim meum suave est, et onus meum leve?* Antes de o Senhor lhes chamar assim, já tinha dito a causa: *Venite*

[1] *Math.*, XI, 28.
[2] *Ibid.*, 29.
[3] *Ibid.*, 30.
[4] *Ibid.*, XVI, 24.

ad me omnes. A Lei de Christo é uma lei que se estende a todos com egualdade, e que obriga a todos sem privilegio: ao grande e ao pequeno: ao alto e ao baixo, ao rico e ao pobre: a todos mede pela mesma medida. E como a lei é commum sem excepção de pessoas, e egual sem differença de preceito, modera-se tanto o pesado no commum, e o violento no egual, que, ainda que a lei seja rigorosa, é jugo suave; ainda que tenha preceitos difficultosos, é carga leve: *Jugum meum suave est, et onus meum leve.* E' verdade que é jugo, é verdade que é peso, nem Christo o nega; mas como é jugo que a todos eguala, o exemplo o faz suave; como é peso que sobre todos carrega, a companhia o faz leve. Clemente Alexandrino: *Non prætergredienda est æqualitas, quæ versatur in distributionibus honorando justitiam: propterea Dominus, tollite, inquit, jugum meum super vos, quia benignum est et leve.*

O maior jugo de um reino, a mais pesada carga de uma republica, são os immoderados tributos. Se queremos que sejam leves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte, e comtudo todos o pagam, e ninguem se queixa: porque é tributo de todos. Se uns homens morreram, e outros não, quem levára em paciencia esta rigorosa pensão da mortalidade? Mas a mesma razão que a estende, a facilita; e porque não ha privilegiados, não ha queixosos. Imitem as resoluções politicas o governo natural do Creador: *Qui solem suum oriri faciet super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* [1] Se amanhece o sol, a todos aquenta: e se chove o céu, a todos molha. Se toda a luz cahira a uma parte, e toda a tempestade a outra, quem o soffrêra? Mas não sei que injusta condição é a deste elemento grosseiro em que vivemos, que as mesmas egualdades do céu, em chegando á terra, logo se desegualam. Chove o céu com aquella egualdade distributiva que vemos; mas em a agua chegando á terra, os montes ficam enxutos, e os valles afogando-se: os montes escoam o peso da agua de si, e toda a força da corrente desce a alagar os valles: e queira Deus que não seja theatro de recreação para os que estão olhando do alto, vêr nadar as cabanas dos pastores sobre

[1] *Math.*, v, 45.

os diluvios de suas ruinas. Ora guardemo-nos de algum diluvio universal, que quando Deus eguala desegualdades, até os mais altos montes ficam debaixo da agua. O que importa é que os montes se egualem com os valles, pois os montes são a quem principalmente ameaçam os raios: e reparta-se por todos o peso, para que fique leve a todos. Os mesmos animaes de carga se lh'a deitam toda a uma parte, caem com ella; e a muitos navios metteu nas mãos dos piratas a carga, não por muita, mas por descompassada. Se se repartir o peso com egualdade de justiça, todos o levarão com egualdade de animo: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum æquitate persolvitur:* Porque ninguem toma pesadamente o peso que se lhe distribuiu com egualdade, disse o politico Cassiodoro.

V

Boa doutrina estava esta, se não fôra difficultosa, e, ao que parece, impraticavel. Bom era que nos egualaramos todos: mas como se podem egualar extremos que têem a essencia na mesma desegualdade? Quem compõe os tres estados do reino, é a desegualdade das pessoas. Pois como se hão de egualar os tres estados, se são estados porque são desegualdes? Como? Já se sabe que ha de ser: *Vos estis sal terræ.* O que aqui pondero é que não diz Christo aos Apostolos: vós sois similhantes ao sal; senão: *Vos estis.* Vós sois sal. Não é necessaria philosophia para saber que um individuo não póde ter duas essencias. Pois se os Apostolos eram homens, se eram individuos da natureza humana, como lhes diz Christo que são sal: *Vos estis sal?* Alta doutrina de estado. Quiz-nos ensinar Christo Senhor nosso, que pelas conveniencias do bem commum se hão de transformar os homens, e que hão de deixar de ser o que são por natureza, para serem o que devem ser por obrigação. Por isso tendo Christo constituido aos Apostolos ministros da Redempção, e conservadores do mundo, não os considera sal por similhança, senão sal por realidade: *Vos estis sal:* porque o officio ha se de transformar em natureza, a obrigação ha se de converter em essencia, e devem os homens deixar de ser o que são, para chegarem a ser

o que devem. Assim o fazia o Baptista, que, perguntado quem era, respondeu: *Ego sum vox:* [1] Eu sou uma voz. Calou o nome da pessoa, e disse o nome do officio; porque cada um é o que deve ser, e senão, não é o que deve. Se os tres estados do reino, attendendo a suas proeminencias, são deseguaes, attendam a nossas conveniencias, e não o sejam. Deixem de ser o que são, para serem o que é necessario, e eguale a necessidade os que desegualou a fortuna.

A mesma formação do sal nos porá em pratica esta doutrina. Aristoteles e Plinio reconhecem na composição do sal o elemento da agua e do fogo: *Sal est igneæ, et aquæ naturæ, continens duo elementa, ignem et aquam*, diz Plinio. A Glossa ordinaria, e S. Chromacio acrescentam o terceiro elemento do ar (prova seja a grande humidade deste mixto); e diz assim S. Chromacio: *Natura salis per aquam, per calorem solis, per flactum venti constat et ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur:* A materia ou natureza do sal são tres elementos transformados, os quaes tendo sido fogo, ar e agua, se uniram em uma differente especie, e se converteram em sal. Grande exemplo da nossa doutrina! Assim como o sal é uma junta de tres elementos, fogo, ar e agua, assim a republica é uma união de tres estados, ecclesiastico, nobreza e povo. O elemento do fogo representa o estado ecclesiastico, elemento mais levantado que todos, mais chegado ao céu, e apartado da terra: elemento a quem todos os outros sustentam, isento elle de sustentar a ninguem. O elemento do ar representa o estado da nobreza, não por ser a esphera da vaidade, mas por ser o elemento da respiração; porque os fidalgos de Portugal foram o instrumento felicissimo, porque respiramos, devendo este reino eternamente á resolução de sua nobreza os alentos com que vive, os espiritos com que se sustenta.

Finalmente o elemento da agua representa o estado do povo: (*Aquæ sunt populi*, diz um Texto do Apocalypse) [2] e não como dizem os criticos, por ser elemento inquieto e indomito, que á variedade de qualquer vento se muda: mas por servir o mar de muitos

[1] *Joan.*, I, 23.
[2] *Apocal.*, XVII, 15.

e mui proveitosos usos á terra, conservando os commercios, enriquecendo as cidades, e sendo o melhor visinho, que a natureza deu ás que amou mais. Estes são os elementos de que se compõe a republica. De maneira, pois, que aquelles tres elementos naturaes deixam de ser o que eram, para se converterem em uma especie conservadora das coisas: *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur:* assim estes tres elementos politicos hão de deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado que mais convenha á conservação do reino. O estado ecclesiastico deixe de ser o que é por immunidade, e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da nobreza deixe de ser o que é por privilegios, e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do povo deixe de ser o que é por possibilidade, e esforce-se a contribuir com o que póde: e desta maneira deixando cada um de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem: sendo esta concorde união dos tres elementos efficaz conservadora do quarto. *Vos estis sal terræ.*

VI

Amplifiquemos este ponto, como tão essencial, e fallemos particularmente com cada um dos tres estados. Primeiramente o estado ecclesiastico deixe de ser o que é por immunidade, e seja o que convém á necessidade commum. Serem isentas de pagar tributo as pessoas e bens ecclesiasticos, o direito humano o dispõe assim, e alguns querem que tambem o divino. No nosso passo o temos. Indo propôr S. Pedro a Christo, que os ministros reaes lhe pediam o tributo, respondeu o Senhor, que fosse pescar, como dissemos, e que na bocca do primeiro peixe acharia o didracma, ou moeda. Difficulto. Supposto que o tributo se havia de pagar do dinheiro milagroso, e não do preço do peixe, para que vae pescar S. Pedro? Não era mais barato dizer-lhe Christo, que mettesse a mão na algibeira, e que ahi acharia com que pagar? Para Christo tão facil era uma coisa como a outra; para S. Pedro mais facil esta segunda. Pois porque lhe manda que vá ao mar, que pesque, e que do dinheiro que achar

por esta industria, pague o tributo? A razão foi, porque quiz Christo contemporizar com o tributo de Cezar, e mais conservar em seu ponto a immunidade ecclesiastica. Pague Pedro (como se dissera Christo), mas pague como pescador, não pague como Apostolo: pague como official do povo, e não como ministro da Igreja. Deixe Pedro, por representação, de ser o que é, e torne por representação a ser o que foi: deixe de ser ecclesiastico, e torne a ser pescador; e então pague por obrigação do officio, o que não deve pagar por privilegio da dignidade. *Ita Christus tributum solvere voluit, ut nec publicanos offenderet, nec suum perderet privilegium*, diz o doutissimo Maldonado de sentença de S. Chrysostomo e de Euthymio. A razão é: *Dum non ex suo, sed ex invento solveret:* porque pagou do dinheiro achado, e não do seu.

Mas a mim mais facil me parece distinguir na mesma pessoa differentes representações, que admittir, receber, e dar sem consideração de dominio. O pensamento é o mesmo, escolha cada um das duas razões a que mais lhe contentar. E como a materia era de tanta importancia, ainda por outra clausula a confirmou e ratificou o Senhor, para que este exemplo lhe não prejudicasse: *Da pro me et te:* [1] *Dae*, a Pedro, por mim e por vós. *Da:* aqui reparo. Quando lhe vieram perguntar a Christo, se era licito pagar o tributo a Cezar, respondeu o Senhor: *Reddite, quæ sunt Cæsaris, Cæsari, et quæ sunt Dei, Deo:* [2] *Pagae* o de Cezar a Cezar, e o de Deus a Deus. Pergunta Theofilato: *Quare reddite et non date?* Porque diz Christo *pagae*, e não diz *dae?* A mesma questão faço eu aqui: *Da pro me et te: quare da et non, redde?* Porque diz *dae* e não diz *pagae?* Se lá diz Christo, *pagae* e não *dae;* porque cá diz o mesmo Senhor *dae* e não, *pagae?* A razão é, porque lá fallava Christo com os seculares, cá fallava com os ecclesiasticos; e quando uns e outros concorrem para os tributos, os seculares *pagam*, e os ecclesiasticos *dão*. Os seculares *pagam*, porque *dão* o que devem; os ecclesiasticos *dão*, porque pagam o que não devem. Por isso Christo usou da clausula *dá* com grande providencia; para que este acto tão contrario

[1] *Matth.*, XVII, 26.
[2] *Ibid.*, XXII, 21.

á immunidade ecclesiastica, não cedesse em prejuiso della, declarando que o tributo que um e outro estado paga promiscuamente, nos seculares é justiça, nos ecclesiasticos é liberalidade: nos seculares é divida, nos ecclesiasticos é dadiva: *Da: Reddite.*

Tanta é a immunidade das pessoas e bens ecclesiasticos: mas estamos em tempo, em que é necessario cederem de sua immunidade para soccorrerem a nossa necessidade. Não digo que *paguem* os ecclesiasticos: mas digo que *dêem:* não digo *reddite;* mas digo *da.* Liberalidade peço e não justiça; ainda que a occasião presente é tão forçosa, que justiça vem a ser a liberalidade. Com nenhum Doutor allegarei nesta materia, que não seja ou Summo Pontifice, ou Cardeal, ou Bispo: para que com o desinteresse em causa propria se qualifique ainda mais a auctoridade maior. Quando el-rei de Israël, Saül, trafava de tirar a vida a David, rei tambem de Israël, que havia naquelle tempo dois que se intitulavam reis do mesmo reino: um, rei injusto, outro santo: um, rei escolhido por Deus, outro, reprovado por elle: neste tempo (que parece neste tempo), foi ter David com o sacerdote Achimelech, ou Abiatar, e com licença sua tomou do altar os Pães da Proposição, e repartiu-os a seus soldados. Acção foi esta, que tem contra si um Texto expresso no Capitulo vinte e quatro do Levitico, desta maneira: *Eruntque panes propositionis Aaron et filiorum ejus, ut comedant eos in loco sancto: quia Sanctum Sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo:* Quer dizer: que os Pães da Proposição seriam perpetuamente de Arão e seus descendentes, e que os comeriam os sacerdotes, e não outrem, por ser pão santo e consagrado a Deus. Esta é a verdadeira intelligencia do Texto, conforme uma Glossa de fé no Capitulo sexto de S. Lucas. Pois se os Pães da Proposição eram proprios dos sacerdotes, e nenhum homem secular podia comer delles licitamente, como os deu a David um sacerdote tão zeloso como Achimelech; e como os tomou para seus soldados um rei tão santo como David?

Não temos menor interprete ao logar, que o Summo Pontifice Christo, auctor e expositor de sua mesma Lei. Approva Christo esta acção de David no Capitulo segundo de S. Marcos, e diz assim: *Nunquam legistis, quid fecerit David quando necessitatem habuit?*

Quomodo introivit in domum Dei, et Panes Propositionis manducavit, quos non licebat manducare nisi sacerdotibus et dedit eis, qui cum eo erant? [1] Nunca lestes o que fez David quando teve necessidade, como entrou no Templo de Deus, como tomou os pães, que não era licito comer senão aos sacerdotes, e os deu a seus soldados? De maneira que a total razão, por que approva Christo entrar David no Templo, e tomar o pão dos sacerdotes é porque o fez o rei. *quando necessitatem habuit*, quando teve necessidade; porque quando estão em necessidade os reis, é bem que os bens ecclesiasticos os soccorram, e que tirem os sacerdotes o pão da bocca para o sustentarem a elle, e a seus soldados. Assim declara Christo que precede o direito natural ao positivo, e que póde ser licito pelas circumstancias do tempo, o que pelas Leis e Canones é prohibido.

E verdadeiramente que quando a nenhum rei deveram os ecclesiasticos esta correspondencia, os reis de Portugal a mereciam; porque se attentamente se lerem as nossas Chronicas, apenas se achará templo, ou mosteiro em todo Portugal, que os reis portuguezes com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecessem com preciosissimas dadivas. Impossivel coisa fôra deter-me em materia tão larga e inutil, e tão sabida. Concorram pois as Igrejas a soccorrer a seus fundadores, a sustentar a quem as enriqueceu, e a offerecer parte de suas rendas ás mãos de cuja realeza receberam todas. Mais é isto justiça, que liberalidade; mais é obrigação, que benevolencia; mais é restituição, que dadiva.

Tirou el-rei Ezechias do Templo, para se soccorrer em uma guerra, os thesouros sagrados, e as mesmas laminas de oiro com que estavam chapeadas as portas; e justificam muito esta resolução assim o Texto, como os Doutores, por tres razões: De necessidade em respeito do reino; de conveniencia em respeito do Templo; de obrigação em respeito do rei. Por razão de necessidade em respeito do reino (diz o Cardeal Caetano), porque quando o reino tinha chegado a termos, que se não podia conservar, nem defender de outra maneira, justo era que em falta dos thesouros profa-

[1] *Marc.*, II, 25 e 26.

nos substituissem os sagrados, e que se empenhassem e vendessem as joias da Igreja para remir a liberdade publica. *Omni exceptione majus est exemplum hoc Ezechiæ, ut pro redemptione vexationis ab infidelibus liceat, exhaustis publicis thesauris, ex Ecclesiæ totalibus subvenire publicæ libertati christianorum.* Por razão de conveniencia em respeito do Templo (diz o Bispo S. Theodoreto); porque mais convinha ao Templo conservar-se pobre, que não se conservar; e é certo que na perda ou defesa da cidade consistia juntamente a sua; porque fazendo-se senhor da cidade Senaccherib, tambem arderia com a cidade o Templo: *Quando non sufficiebant thesauri regis, mos erat in hujusmodi necessitatibus sacros etiam thesauros consumere; necessitas autem effecit, ut etiam constaret portas æneas, ne si bello superior fuisset Senacherib, et urbem et templum incenderet.* Finalmente, por razão de obrigação em respeito do mesmo rei; porque, como nota o Texto, *confregit Ezechias valvas templi et laminas auri, quas ipse affixerat.* [1]

As laminas de oiro, que Ezechias arrancou das portas do Templo, elle mesmo as tinha dado; e era justa correspondencia, que em tal occasião as portas se despissem de suas joias, e restituissem generosamente o seu oiro a um rei, que com tanta liberalidade as enriquecerá. Os templos são armazens das necessidades; e os reis que offerecem votos, depositam soccorros. Quando David se viu no deserto desarmado e perseguido, nenhum soccorro achou senão a espada do Gigante, que consagrára a Deus no Templo: que as dadivas, que dedicaram aos Templos os reis victoriosos, bem é que as restituam os Templos aos mais necessitados. Isto é o que deve fazer o estado ecclesiastico de Portugal, e em primeiro logar os primeiros delle; que por isso pagou o tributo não outro dos Apostolos, senão S. Pedro.

VII

O estado da nobreza tambem é isento por seus privilegios de pagar tributos: *Capita stipendio censa igno-*

[1] *4.º Livr. dos Reis,* XVIII, 16.

biliora, disse lá Tertulliano; donde Jeremias, fallando de Jérusalem: *Princeps Provinciarum facta est sub tributo:* [1] Contrapoz o tributo á nobreza, e exaggerou a Jérusalem senhora, para a lamentar tributaria. No passo que nos fez o gasto temos tambem isto. Quando os ministros de Cezar pediram o tributo a S. Pedro, perguntou-lhe Christo: *Quid tibi videtur, Simon?* [2] Que vos parece, Pedro, neste caso? *Reges terræ à quibus accipiunt tributum, à filiis, an ab alienis?* [3] Os reis da terra de quem recebem tributo, dos filhos, ou dos estranhos? *Ab alienis.* [4] Dos estranhos, respondeu S. Pedro. *Ergo liberi sunt filii?* [5] Logo isentos somos nós de pagar tributos, diz Christo? Eu, porque sou Filho do Rei dos reis; e vós, porque sois domesticos e creados de minha casa; que os que teem foro, ou filiação na casa real, isentos e privilegiados são de pagar tributos. *Hoc exemplum probat*, diz o doutissimo Tanero, *etiam familiares ipsius Christi a tributo liberos esse, cùm et in humana politia non tantum filius ipse regis, sed etiam familia ejus à tributis libera esse soleat.* Isto resolveu Christo *de jure.* Mas *de facto* que resolveu? *Ut autem non scandalizemus eos, vade et da eis pro me et te.* [6] Resolveu que sem embargo de serem privilegiados, pagassem o tributo: porque seria materia de escandalo, que quando pagavam todos, não pagassem elles. Pois se nos casos communs lhe parece bem a Christo que paguem tributos os nobres, a quem isentam as leis; quanto mais em um caso tão extraordinario e maior que pôde acontecer em um reino, em que se arrisca a conservação do mesmo reino, do mesmo rei e a mesma nobreza?

Por duas razões principalmente me parece que corre grande obrigação á nobreza de Portugal de concorrerem com muita liberalidade para os subsidios e contribuições do reino. A primeira razão é, porque as commendas e rendas da Corôa, os fidalgos deste reino são os que as logram e lograrão sempre; e é justo que

---

1 *Thren.*, I, 1.
2 *Math.*, XVII, 24.
3 *Ibid.*
4 *Ibid.*, 25.
5 *Ibid.*
6 *Ibid.*, 26.

os que se sustentam dos bens da Corôa, não faltem á mesma Corôa com seus proprios bens: *Quæ de manu tua accepimus, dedimus tibi.* Não ha tributo mais bem pago no mundo, que o que pagam os rios ao mar. Continuamente estão pagando este tributo, ou em desatados crystaes, ou em prata successiva (como dizem os Cultos), e vemos que para não faltarem a esta divida, se desentranham as fontes e se despenham as aguas. Pois quem deu tanta pontualidade a um elemento bruto? Porque se dispendem com tanto primor umas aguas irracionaes? Porque? Porque é justo que tornem ao mar aguas que do mar sahiram. Não é o pensamento de quem cuidaes, senão de Salomão. *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur:* [1] Tornam os rios perpetuamente ao mar (e em tempos tempestuosos com mais pressa e muito tributo); porque, mais ou menos grossas, do mar recebem todas suas correntes. Que injustiça fôra da natureza, e que escandalo do universo, se crescendo caudalosos os rios, e fazendo-se alguns navegaveis com a liberalidade do mar, reprezaram avarentos suas aguas, e lhe negaram o devido tributo? Tal seria, se a nobreza faltasse á Corôa com o oiro que della recebe. E é muito de advertir aqui uma lição que a terra nos dá, se já não fôr reprehensão, com seu exemplo. A agua que recebe a terra é salgada; a que torna ao mar é doce. O que recebe em ondas amargosas, restitue-o em doces tributos. Assim havia de ser, senhores, mas não sei se acontece pelo contrario. A todos é coisa muito doce o receber; mas tanto que se falla em dar, grandes amarguras! Pois consideremos a razão, e parecer-nos-ha imitavel o exemplo. A razão porque as aguas amargosas do mar se convertem em tributos doces, é porque a terra, por onde passam, recebe o sal em si. *Vos estis sal terræ:* Portuguezes, estranhe-se na terra o sal: entenda-se que o que se dá, é o sal e conservação da terra: e logo serão os tributos doces, ainda que pareçam amargosas as aguas.

A segunda razão porque a nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a el-rei nosso senhor, que Deus guarde, mais que nenhuma outra nobreza a

[1] *Eccl.*, I, 7.

outro rei, é porque ella o fez. Já que a fidalguia de Portugal sahiu com a gloria de levantar o rei, não deve querer que a leve outrem de o conservar e sustentar no reino. Fazer, e não conservar, é insufficiencia de causas segundas inferiores: os effeitos das causas primeiras dependem dellas *in fieri, et conservari.* E' verdade que muitas vezes tem maiores difficuldades o conservar, que o fazer; mas quem se gloria da feitura, não deve recusar o peso da conservação. Peccou Adão, decretou o Eterno Padre, que não havia de acceitar menor satisfação, que o sangue de seu Unigenito Filho. Notificou-se este decreto ao Verbo (digamol-o assim), e que vos parece que responderia? *Ego feci, ego feram:* Eu o fiz, eu o sustentarei, diz por Isaias. A razão com que o Filho de Deus se animou á conservação tão difficultosa e tão penosa de Adão, foi com se lembrar que elle o fizera: *Ego feci, ego feram.* Para se persuadir a ser Redemptor, lembrou-se que fôra Creador: e para conservar a Adão com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com uma palavra. Nobreza de Portugal, já fizestes ao rei, conserval-o agora é o que resta, ainda que custe: *Ego feci, ego feram.* Muito foi fazer um rei com uma palavra; mas conserval-o com todo o sangue das veias, será a corôa de tão grande façanha. Sangue e vidas é o que peço; que a tão illustres e generosos animos, petição fôra injuriosa fallar em fazenda.

VIII

Resta que obrigação absoluta de pagar tributos, só o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso passo, que, como atégora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da bocca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo: mas perguntará algum curioso, que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias ha que eu me não atrevêra a satisfazer á duvida; mas fui-a achar decidida em um Auctor estrangeiro de nossa Companhia, chamado Adamus Conthzem, póde ser que seja mais conhecido dos Politicos, que dos Escripturarios; mas em uma e outra coisa é muito douto. Diz este Auctor, fallando do nosso peixe: *Piscis est apud Plinium, qui Faber dicitur, et piscis Sancti Pe-*

tri Christianis: Que é este um peixe, a que hoje os Christãos chamam peixe de S. Pedro; e Plínio, na sua Historia Natural, lhe chama *Faber*. Notavel coisa! *Faber* quer dizer o official. De sorte que ainda no mar, quando se ha de pagar um tributo, não o pagam os outros peixes, senão o peixe official. Não pagou o tributo um peixe fidalgo, senão um peixe mecanico. Não o pagou um peixe que se chamasse rei, ou delfim, ou outro nome menor de nobreza, senão um peixe que se chamava official: *Faber*. Sobre os officiaes, sobre os que menos podem, cáem de ordinario os tributos; não sei se por lei, se por infelicidade: e melhor é não saber porque.

Seguia-se agora, segundo a ordem que levamos, exhortar o povo aos tributos; mas não commetterei eu tão grande crime. Pedir perdão aos que chamei povo, isso sim. Em Lisboa não ha povo. Em Lisboa não ha mais que dois Estados — ecclesiasticos, e nobreza. Vassallos que com tanta liberalidade dispendem o que teem, e ainda o que não teem, por seu rei, não são povo. Vae louvando o Esposo divino as perfeições da Igreja em figura da Esposa, e admirando o ar, garbo e bizarria, com que punha os pés no chão, chama-lhe filha de Principe: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis!* [1] Não ha duvida que no corpo politico de qualquer monarchia, os pés como parte inferior, significam o povo. Pois se o Esposo louva o povo da monarchia da Igreja, com que pensamento, ou com que energia lhe chama neste louvor filha de Principe: *Filia Principis?* A versão hebrea o declarou ajustadamente: *Filia Principis, idest, filia populi sponte offerentis.* Onde a Vulgata diz, filha de Principe, tem a raiz hebrea, filha do povo, que offerece voluntaria e liberalmente. E povo que offerece com vontade e liberalidade, não é povo, é principe: *Filia populi sponte offerentis: filia Principis.* Bem dizia eu logo, que em Lisboa não ha tres Estados, senão dois — ecclesiastico, e nobreza. E se quizermos dizer que ha tres, não são ecclesiastico, nobreza, e povo, senão ecclesiastico, nobreza, e principes. E a principes quem os ha de exhortar em materia de liberalidade?

---

[1] *Cant.*, VII, 1.

Só digo por conclusão, e em nome da patria o encareço muito a todos, que ninguem repare em dar com generoso animo tudo o que se pedir (que não será mais do necessario) ainda que para isso se desfaça a fazenda, a casa, o estado, e as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eram: *Vos estis sal terræ*. A agua deixando de ser agua, faz-se sal, e o sal desfazendo-se do que é, torna a ser agua. Neste circulo perfeito consiste a nossa conservação e restauração. Deixem todos de ser o que eram, para se fazerem o que devem; desfaçam-se todos como devem, tornarão a ser o que eram. Este é em summa o espirito das nossas quatro palavras: *Vos*, *estis*, *sal*, *terræ*.

IX

Temos acabado o sermão. E Santo Antonio? Parece que nos esquecemos delle; mas nunca fallámos de outra coisa. Tudo o que dissemos neste discurso foram louvores de Santo Antonio, posto que desconhecidos, por irem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedade do sal, e eram virtudes do Santo. E senão, arribemos brevemente sobre ellas, e vamol-as discorrendo. Se a prmeira propriedade do sal é preservar da corrupção, que espirito apostolico houve que mais trabalhasse por conservar incorrupta a Fé Catholica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escriptos, com a efficacia de seus exemplos, e com a maravilha perpetua de seus prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal, é, sobre preservativo, não ser desabrido, que santo mais affavel, que santo mais benigno, que santo mais familiar, que santo, em fim, que tenha uns braços tão amorosos, que por se vêr nelles Deus, desceu do céu á terra, não para luctar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal apostolico era não ser de uma senão de toda a terra; quem no mundo mais sal da terra, que Santo Antonio? De Lisboa deixando a patria, para Coimbra; de Portugal, como desejo de martyrio, para Marrocos; da arribação de Marrocos para Hespanha, de Hespanha para Italia, de Italia para França, de França para Ve-

neza, de Veneza outra vez a França, outra a Italia, com repetidas jornadas; com os pés andou a Europa, e com os desejos a Africa, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os Portuguezes.

Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformações dos elementos, em que santo se viram tantas metamorphoses, como em Santo Antonio, transformando-se do que era, para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em Antonio, de secular em ecclesiastico, de clerigo em Religioso, e ainda de um habito em outro habito, para maior gloria de Deus tudo, sendo o primeiro em quem foi credito a mudança, e a inconstancia virtude. Finalmente, se a ultima propriedade do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se; quem mais bizarra e animosamente, que Santo Antonio, se tyrannisou a si mesmo, desfazendo-se com penitencias, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus; até que em trinta e seis annos de edade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade á alma, aonde vive, e viverá sem fim?

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO*

Prégado na cidade do Maranhão, em dia da Santissima Trindade

Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cœlorum. [1]

I

Não só ha predestinação para os homens, senão tambem para os dias: os homens predestinados para a gloria de Deus; e os dias predestinados para Deus ser glorificado nelles. Não é esta proposição ou distincção minha, senão da mesma Sabedoria Divina no Capitulo trinta e tres do Ecclesiastico. Faz alli este Author, tão canonico como todos os outros, da Escriptura Sagrada, uma notavel questão: *Quare dies diem superat, et iterum lux lucem, et annus annum à sole?* [2] Qual é a razão porque um dia é mais celebre que o outro dia, e tambem neste mesmo dia um anno mais celebre que o outro anno, sendo que o mesmo sol faz os dias, e mais os annos? Responde o mesmo Texto, que a razão desta differença não é outra, senão a vontade e eleição divina. E assim como Deus predestinou os homens não só para serem gloriosos no céu, mas tambem para serem mais santos, mais

---

[1] N'este sermão continua Vieira engenhosamente o elogio das virtudes de Santo Antonio com a explicação do mysterio da SS. Trindade. O sermão, commenta o padre Honorati, é douto e instructivo, prégado em linguagem elegante e por vezes sublime.

[1] *Math.*, v.

[2] *Eccl.*, XXXIII, 7.

sabios, mais nobres, mais ricos, e mais poderosos e illustres na terra; assim tambem predestinou os dias, para que uns fossem mais santos, mais festivos, e de maior veneração e celebridade, por serem dedicados a maior culto divino, ou na memoria e reconhecimento de seus particulares beneficios. Esta é a resposta quanto á primeira parte da questão, e quanto á differença dos dias: *Quare dies diem superat?* Quanto á segunda parte, e á differença dos mesmos dias na variedade dos annos: *Et iterum lux lucem, et annus annum*, a razão da differença é, porque variando-se com os annos os tempos; a ordem e o logar dos dias tambem se varia, da qual variedade e mudança se segue que as festas e celebridades dos dias ou se dividem entre si, ou se ajuntam no mesmo dia. E tudo isto não succede acaso, senão porque assim o ordenou a disposição da Sabedoria Divina: *A Domini scientia separati sunt, facto sole, eī præceptum custodiente. Et immutavit tempora, et dies festos ipsorum, et in illis dies festos celebraverunt.* [1]

Tudo o que até agora disse (e foi necessario dizer-se, por ser sabido e advertido de poucos) é o que temos e celebramos neste grande dia, sempre grande, e hoje com especial grandeza: sempre grande universalmente, por ser o dia da Santissima Trindade, creadora e conservadora do mundo, o qual, como pendente de tres dedos, sustenta a omnipotencia do Padre, a sabedoria do Filho, a bondade do Espirito Santo: *Appendit tribus digitis molem terræ.* [2] E grande principalmente na monarchia e reinos de Portugal, isto é, nas quatro partes do mesmo mundo, na Europa, na Africa, na Asia, e nesta America, por ser juntamente dia do nosso portuguez Santo Antonio. A união e concurso destas duas celebridades no mesmo dia, poderia parecer ser succedida acaso pela variedade do anno; mas como já nos consta por revelação e auctoridade divina, que assim, a dignidade dos dias, como a variedade dos annos, tudo está predestinado e ordenado *ab æterno* pela disposição e eleição daquella Suprema Providencia, que assim como creou todas as coisas, assim decretou e signalou a cada uma del-

[1] *Eccl.*, XXXIII, 8 e 9.
[2] *Isaias*, XL, 12.

las a differença dos tempos; com muita razão podemos duvidar na união deste mysterioso concurso, a qual das duas partes se deve attribuir principalmente o motivo ou empenho do mesmo encontro: se á religião e virtudes de Santo Antonio, para com ellas nos ensinar a crêr, a admirar e celebrar dignamente o mysterio profundissimo e incomprehensivel da Santissima Trindade: ou á mesma Trindade Santissima para nos declarar e fazer entender as grandezas e excellencias do seu grande servo Antonio.

Parece que este mesmo nome de servo, e de um servo tão estremadamente zeloso em procurar sempre e em tudo a maior gloria de seu Senhor: e de um servo que neste mesmo dia da Santissima Trindade prégou tantas vezes aos ignorantes, e fez crêr aos infieis, que sendo um em essencia, é trino em Pessoas; e sendo as Pessoas tres, e cada uma dellas Deus, não são tres deuses, senão um só Deus: e de um servo que todos os dias e momentos da vida, sem tomar ou reservar para si um só instante, os dedicou e consagrou a este mesmo culto, a esta mesma veneração, e a este mesmo obsequio, com nome, com habito, e com profissão de Menor, que ainda na mesma Gloria professa: sendo finalmente certo, e mais conforme á razão, e á obrigação, e á natureza, que o servo busque ao Senhor, e não o Senhor ao servo: por estas e infinitas outras considerações, parece que neste concurso ou encontro de festas e dias, o de Santo Antonio sem duvida é o que se vem sujeitar, render e servir, para tambem com o seu, e comsigo celebrar e festejar o da Santissima Trindade.

Comtudo, se eu hei de dizer o que sinto, o meu parecer, sem lisonja, nem encarecimento, é que não acaso, mas por ordem e disposição divina, como fica mostrado, não é o dia de Santo Antonio o que neste concurso vem celebrar e servir o da Santissima Trindade: senão o da Santissima Trindade o que vem auctorisar, honrar e engrandecer o de Santo Antonio. Primeiramente não é acção menos decente, ou alheia da magestade das tres Pessas divinas, virem ellas assistir com modo de presença mais alta e mais sublime aos servos seus fieis e mais diligentes que dignamente sabem amar, obedecer, e servir á mesma Magestade. Assim o préguei deste logar o domingo passado, com palavras do mesmo Christo: *Si quis dili-*

git me, sermonem meum servabit, et Pater meus diliget eum, et ad eum veniemus: [1] Quem me ama (diz Christo) obedecerá e guardará meus preceitos, e a quem os obedecer e observar, amará meu eterno Pae, e a elle viremos. E quem são estes que hão de vir, e assistir ao que ama e obedece a Christo. *Et ad eum veniemus?* E' o mesmo Padre, e o Filho, e o Espirito Santo, as tres Pessoas da Santissima Trindade, diz a Fé e a Theologia, com todos os Santos Padres. E se a Santissima Trindade em Pessoa, ou em Pessoas, promette ir assistir a quem ama a Christo e observa seus preceitos, como negará este favor no seu dia a Santo Antonio, tão diligente e exacto observador não só dos preceitos, senão dos acenos da vontade de Christo, e tão amante, e amado seu? Quando o mesmo Christo, que por amor de nós se fez homem, e por amor de Santo Antonio se fez menino, e se lhe veiu pôr nos braços, como o vemos; quem foi o que buscou e a quem? Não foi Antonio a Christo, senão Christo a Antonio. Pois se para honrar a obediencia, e corresponder ao amor, não é Antonio o que vae a Christo, senão Christo o que vem a Antonio, o que fez a segunda Pessoa da Santissima Trindade, porque o não fará tambem a primeira e a terceira, *Et ad eum veniemus?*

Assim é hoje, e naturalmente assim havia de ser, nem podia ser d'outra sorte no concurso destes dois dias. Porque? Porque o dia de Santo Antonio é dia estavel e fixo, que se não muda, nem varia com a mudança dos annos: o dia da Santissima Trindade é dia não fixo, senão mudavel, que com a variedade dos annos se varia tambem, e se muda: logo este é o que só podia vir, e o que veiu. Este singular favor não succedido agora acaso, senão por decreto e disposição eterna, é o que na ordem e dignidade dos dias estava destinado e predestinado pela Divina Providencia, para que o dia da Santissima Trindade, e a Santissima Trindade nelle viesse auctorisar e honrar com infinitos augmentos de celebridade o dia de Santo Antonio: e para que a mesma Trindade, como auctora das excellencias e grandezas do nosso Santo, fosse tambem a prégadora dellas.

---

[1] *Joan.*, XIV, 23.

Tudo isto, e nada menos, é o que dizem as palavras do Evangelho, que tomei por thema: *Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur in regno Cœlorum:* Aquelle que fizer e ensinar, terá nome de grande no reino do céu. Na terra, que é um ponto em respeito do céu, não póde haver grandes, como bem e philosophicamente notou Seneca, condemnando o nome de Magno em Alexandre. Santo Antonio foi verdadeiramente grande, porque foi grande no reino do céu. Mas porque estas grandezas no mesmo reino do céu são maiores e menores; para manifestar a grandeza deste prodigioso Menor, só o podia fazer toda a Santissima Trindade: porque toda ella o fez grande. Este será o assumpto do meu discurso; esta a união, ou unidade a que reduzirei o concurso destes dois dias; e este o nó indissoluvel com que em tanta disparidade de extremos atarei e concordarei uma e outra festa. Que diz o Evangelho? Tres coisas grandes em tres palavras: *Qui fecerit, et docuerit, magnus vocabitur:* [1] e as mesmas tres coisas mostrarei eu que foram aquellas com que as tres Pessoas da Santissima Trindade fizeram grande a Santo Antonio. Mas de que modo? A Pessoa do Padre dando-lhe o *fecerit;* a Pessoa do Filho dando-lhe o *docuerit;* e a Pessoa do Espirito Santo dando-lhe o *vocabitur.* Supposto e proposto assim o que hei de dizer, espero que para gloria da mesma Trindade, em tão nova e difficultosa empreza nos não faltará com sua graça a Filha do Padre, a Mae do Filho, e a Esposa do Espirito Santo; porque, como bem disse Richardo de Santo Laurencio: *Per ipsam, et in ipsa, et ex ipsa augetur gloria Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.* [2] Ave Maria.

II

Quando Deus obra fóra de si mesmo (que os Theologos chamam *ad extra*) é certo com certeza de fé, que para qualquer effeito, maior ou menor, não só concorre como primeira causa a unidade da essencia divina, senão tambem egual e indivisamente a Trin-

[1] *Math.*, v, 19.
[2] Ricardus de S. Laur. Lib. 2 de Laud. Virg..

dade das Pessoas. Comtudo, na expressão deste mesmo concurso ha uma differença tão notavel, que se a obra, posto que grande, não é a mais excellente, attribue-se o effeito á unidade, isto é, a Deus em quanto um; mas se é a mais nobre e a mais excellente de todas, refere-se expressamente á Trindade, isto é, a Deus em quanto trino. Na primeira e mais antiga obra de Deus temos a prova e o exemplo desta particular expressão. No principio, diz o Texto Sagrado, creou Deus o céu e a terra: *In principio creavit Deus cœlum et terram:* [1] continuou a obra da creação por todos os seis dias seguintes, e sempre falla o Texto pelos mesmos termos: chegado finalmente o fim do mesmo sexto dia, em que Deus creou o homem, muda a Escriptura Sagrada o estylo, e diz, que disse Deus: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram:* [2] Façamos o homem á nossa imagem e similhança. Pois se no principio disse *creavit;* porque agora diz *faciamus?* Todos os Santos Padres e Interpretes entendem concordemente, que a palavra singular, *creavit*, significa a unidade de Deus: e a palavra do numero plural, *faciamus*, significa a Trindade das Pessoas. Pois se a primeira e todas as outras obras da creação se attribuem a Deus em quanto um, porque razão a ultima, que foi o homem, se refere expressamente ao mesmo Deus em quanto trino? Porque todas as outras obras, ainda que grandes, não eram as mais nobres e mais excellentes, como feitas por Deus para servirem ao homem; porém o homem creado e formado pelo mesmo Deus, como imagem sua, para dominar e ser senhor de todas, era a mais nobre e mais excellente de todas. E posto que todas eram obras do mesmo Deus e da mesma omnipotencia, as menos nobres attribuem-se á unidade e a Deus, em quanto um na essencia; e a mais nobre e a mais excellente á Trindade, e ao mesmo Deus em quanto trino em Pessoas.

Não sou tão apaixonado das grandezas de Santo Antonio, que ordene este primeiro alicerce do meu discurso a dizer que a differença que faz o homem a todas as outras creaturas, faz Santo Antonio a todos os outros homens. O encarecido a que falta o solido,

[1] *Gen.*, I, 1.
[2] *Ibid.*, 26.

é vaidade e não verdade; e as verdades deste grande homem foram tão grandes, que nem se podem declarar quanto mais encarecer. O que só quiz assentar por primeiro fundamento do que hei de dizer, é, que as grandezas e dotes singulares com que Deus levanta umas creaturas sobre outras creaturas, e umas obras suas maiores sobre outras, posto que grandes, por excepção ou propriedade, e quando menos por expressão particular pertencem á Trindade do mesmo Deus, e ás tres divinas Pessoas. Pede David a Deus que se digne de bemdizer ou abendiçoar o seu povo com tal vantagem, que nelle singularmente, como povo seu, seja Deus reverenciado e temido de todas as outras nações do mundo, e diz assim: *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus, et metuant eum omnes fines terræ.* [1] E porque razão, ou com que energia invoca David a Deus nesta petição, repetindo tres vezes o nome de Deus: *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus?* Porque como a sua petição era que o povo de Israël fosse abendiçoado sobre todos os outros, coherentemente, e segundo a propriedade do que pedia, havia de invocar a Deus em quanto trino, e a todas, e cada uma das tres Pessoas da Santissima Trindade. De maneira que o primeiro nome *Deus*, significa a Deus Padre, *Benedicat nos Deus:* o segundo nome *Deus*, significa a Deus Filho, e por isso *Deus noster*, Deus nosso; porque só a Pessoa do Filho se fez homem como nós: e o terceiro nome *Deus*, significa o Espirito Santo, *Benedicat nos Deus.* Assim declaram este famoso Texto todos os Interpretes; e particularmente Hugo Cardeal o confirma com outro do Capitulo sexto dos Numeros, em que Deus mandava expressamente que o povo se abençoasse, não com uma, nem com duas, senão com tres bençãos. A primeira, em nome do Padre: *Benedicat vos Dominus, et custodiat vos:* [2] *ecce benedictio Patris.* A segunda, em nome do Filho: *Ostendat Dominus faciem suam vobis: ecce benedictio Filii.* A terceira, em nome do Espirito Santo: *Et det vobis pacem: ecce benedictio Spiritus Sancti.*

E se perguntarmos: Estas tres bençãos da Pessoa

---

[1] *Psal.*, LXVI, 7 e 8.
[2] *Num.*, VI, 24 e seg.

do Padre, da Pessoa do Filho, e da Pessoa do Espirito Santo, como se distinguiam entre si, e quaes eram ou haviam de ser? Responde o mesmo Doutor eminentissimo, como se eu o tivera subornado para este dia: *Pater in potentia, Filius in sapientia, Spiritus Sanctus in beneficencia.* A benção do Padre havia de ser communicando o poder: a benção do Filho communicando a sabedoria: a benção do Espirito Santo communicando a bondade e santidade. Agora se entende claramente o que eu prometti no thema do Evangelho sem o declarar: *Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur.* Até os mesmos doutos sabem que ao Padre se attribue o poder, ao Filho a sabedoria, ao Espirito Santo a santidade. E eu que disse? Que concorrendo toda a Santissima Trindade para as grandezas de Santo Antonio, o Padre lhe dera o *fecerit*, o Filho lhe dera o *docuerit*, e o Espirito Santo o *vocabitur*. E agora veremos que verdadeiramente assim foi. Porque a Pessoa do Padre para Santo Antonio fazer tão prodigiosas maravilhas, *qui fecerit*, lhe deu o poder: a Pessoa do Filho para ensinar e converter o mundo, *docuerit*, lhe deu a sabedoria: e a Pessoa do Espirito Santo, não só para santificar as almas, mas tambem para ser chamado por antonomasia o Santo, *vocabitur*, lhe deu seu proprio nome, ou o seu nome proprio.

Mas antes que passemos á prova particular de cada um destes titulos (porque não pareça excesso de novidade referil-os ás tres Pessoas divinas), vejamos como se portou com Deus, e comsigo o nosso Menor ornado pelo mesmo Deus, ou por melhor dizer, cheio de tão extraordinarias grandezas. Aquelle grande Expositor tambem portuguez, a quem chamaram em Hespanha *el Padre de los conceptos*, porque quando sahiu com os seus Commentarios sobre o Apocalypse, andando mui validas nos pulpitos as comparações ou os similes, então se introduziram em seu logar, ou se acreditaram mais os que hoje se chamam conceitos (e digo se *chamam:* porque, como bem disse um grande poeta do mesmo tempo tambem castelhano: muitos são taes, e teem tão pouca substancia, que parecen concepto y es sonido). Este Expositor pois naquelles tres *á á á* do Propheta Jeremias, *á, á, á, Domine Deus:* [1]

[1] *Jerem.*, XVI, 13.

reconhece que falla o mesmo Propheta com as tres Pessoas da Santissima Trindade. E sobre as palavras que Deus lhe tinha dito: *Priusquam te formarem in utero, novi te; et antequam exires de vulva sanctificavi te, et prophetam in gentibus dedi te*, diz que a palavra, *novi te*, foi do Padre, a palavra, *sanctificavi te*, do Filho, e a palavra, *prophetam dedi te*, do Espirito Santo. As do Expositor são estas: *Loquebatur enim cum et Sancta Trinitas: Pater dicens, novi te: Filius dicens, sanctificavi te: Spiritus Sanctus dicens, Prophetam dedi te.* [1] Não é logo pensamento (posto que favor grande) nem alheio, nem menos digno da magestade das tres Pessoas divinas; que no dia da Santissima Trindade em que a mesma Trindade vem honrar a Santo Antonio, as tres Pessoas divinas tomem cada uma por sua conta as tres palavras do Evangelho: o Padre a palavra *fecerit*, o Filho a palavra *docuerit*, o Espirito Santo a palavra *vocabitur*. No *vocabitur* significou a terceira Pessoa a santidade para o nome, *sanctificavi te:* no *docuerit* significou a segunda a sabedoria para a doutrina, *Prophetam dedi te:* no *fecerit* significou a primeira o poder para as obras, *novi te:* que assim declarou este conhecimento a provisão dos poderes: *Ecce constitui te super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et dispердas, et dissipes, et ædifices, et plantes.* Com tanto excesso como este (a que tambem podemos chamar trino) se portou Deus liberal e grandioso com Santo Antonio. E Santo Antonio com Deus, de que maneira? Quando mais levantado, então mais humilde: quando maior, então menor. *A', á, á, Domine Deus: ecce nescio loqui, quia puer ego sum.* Jeremias escusava-se allegando a menoridade dos annos: *Quia puer ego sum;* e Santo Antonio repetindo tres vezes *á, á, á*, ao Padre, allegava o ser menor na edade, ao Filho o ser Menor no habito, ao Espirito Santo o ser menor no nome. Mas quanto se escusava por mais incapaz, e quanto se reconhecia por mais indigno das grandezas a que as tres Pessoas divinas o levantavam, tanto era mais digno de todas, e mais egual a todas, como agora veremos.

---

[1] *Viegas, Apocalypse,* VI, sect. 5.

III

E' tão propria da Pessoa do Padre a attribuição da omnipotencia para as obras, que o mesmo Christo lhe attribuia todas as suas: *Pater in me manens, ipse facit opera.* [1] E Santo Antonio no poder que lhe foi communicado com o *fecerit*, obrava com tão divina moderação nas que fazia, que bem mostrava serem derivadas da omnipotencia do Padre A Moysés concedeu Deus na vara uma larga participação do poder divino: mas quantas vezes a vara se converteu em serpente, e o mesmo poder na mão de Moysés foi veneno? Digam-no as pragas horrendas do Egypto em todos os elementos: a morte e degollação universal em uma noite de todos os primogenitos: e o Mar Vermelho aberto, e levantado em duas serranias, que logo tomaram a côr do mesmo nome, e afogado Pharaö com todos seus exercitos debaixo das ondas, a agua, como cantou o mesmo Moysés, foi a terra das suas sepulturas. Os mesmos poderes, se não foram maiores, deu Deus a Elias tambem santo, mas não capitão ou soldado, senão Religioso. E que castigos não fez no mundo a espada do seu zelo sempre ardente? Elle foi o que mandou ás nuvens que não chovessem sobre a terra, sem dar licença á aurora para que distillasse sobre ella uma só gotta de orvalho. Seccaram-se os rios, as fontes, os montes, os campos, os valles, sem se vêr uma folha verde naquelle perpetuo e tremendo estio sem inverno, nem primavera. Abrasavam-se os gados, as feras, as aves, os homens: mirrava-se a vegetativa, mugia a sensitiva, clamava ao céu a racional: e não havia vida, ou coisa vivente que não morresse e estalasse á sede. Só Elias, que tinha as chaves na mão, se não abrandava, porque se ellas eram de ferro, elle era de diamante.

Elle foi o que sobre os dois capitães que lhe levaram recados de el-rei Achab para que descesse do monte, fez descer fogo do céu que aos capitães e soldados desfez logo em cinzas. Elle o que por sua propria mão, e dos que o acompanhavam, em um dia

[1] *Joan.*, XIV, 10.

degollou sobre o rio Cison oitocentos e cincoenta sacerdotes de Baal, e dos outros idolos. E assim usava Elias da espada que Deus lhe metteu na mão com os seus poderes. Finalmente, o mesmo Jeremias, que pouco ha nos serviu de outro exemplo, tambem nos poderes que Deus lhe deu, o foi de similhantes severidades, castigos e ruinas. Disse-lhe Deus que o tinha constituido sobre os reis e sobre os reinos para arrancar e plantar, para dissipar, destruir e edificar; mas nas execuções deste supremo imperio não vimos reinos plantados, senão arrancados: não edificados e levantados, senão destruidos e arruinados: sujeitos ao jugo estranho, dominados e captivos. Muitos annos andou Jeremias, com assombro dos que viam aquelle portento, carregado de jugos e cadêas, as quaes pelos embaixadores que estavam em Jérusalem ia mandando aos seus reis, em signal do captiveiro que lhes annunciava, como foi ao rei de Edom, ao rei de Moab, ao rei de Amon, ao rei de Tyro, ao rei de Sidonia, e ultimamente ao rei da mesma Jérusalem, Sedecias.

O' Antonio não menos poderoso que todos estes ministros de Deus tão santos, com a investidura de toda a omnipotencia divina, obsequiosa, por não dizer sujeita a vosso imperio! Mas nunca para destruições, nunca para ruinas, nunca para damno, castigo, perda, ou dôr de alguem; mas para remedio, para allivio, para consolação, para alegria, para bem e utilidade de todos. Nisto mostrastes e provastes claramente ao mundo que os poderes com que obraveis em tudo quanto fizestes, *qui fecerit*, eram de participação não de outra Pessoa da Santissima Trindade, senão do Padre, que como Pae tudo faz para bem, e não sabe fazer mal.

Estava Abrahão no valle de Mambre esperando á porta da sua casa ou tabernaculo os peregrinos que por alli passavam, para os hospedar (caridade pela qual se chamou Seio de Abrahão aquelle logar debaixo da terra, aonde os Santos antigos tambem esperavam até que se lhes abrissem as portas do céu), quando viu o mesmo Abrahão, tres caminhantes notaveis, que não eram propriamente nem o que pareciam, nem o que eram, senão o que representavam. Pareciam tres homens, eram tres anjos; mas representavam as tres Pessoas da Santissima Trindade. Neste sentido diz a Igreja: *Tres vidit, et unum adoravit.* Hospeda-

das debaixo deste disfarce, as tres divinas Pessoas, duas dellas partiram a castigar a Sodoma, como a castigaram com o fogo descido do céu, e uma entretanto se deixou ficar com Abrahão. Atéqui o Texto expressamente, o qual porém no que callou, ou não exprimiu, nos deixou tambem uma duvida bem curiosa e necessaria; mas não facil de resolver. Se as Pessoas eram todas as tres da Santissima Trindade, porque foram executar este castigo só duas? E se uma se deixou ficar com Abrahão, qual foi esta que não foi? Não falta quem diga modernamente, depois de lêr os Expositores, que foi a Pessoa do Filho, o qual como elle só se fez homem, se compadeceu mais daquelles homens. [1] Mas esta mesma razão de ser homem, como logo veremos, é a prova de não ser elle o que ficou.

Eu respondo confiadamente, que foi sem duvida a Pessoa do Padre, e o provo do mesmo Texto, aonde dizem assim as duas Pessoas que foram executar aquelle castigo: *Delebimus locum istum, eo quod increverit clamor eorum coram Domino, qui misit nos, ut perdamus illos:* [2] Não podemos deixar de castigar esta cidade, porque o clamor de seus habitadores chegou á presença do Senhor, que nos mandou fazer esta execução. E daquella palavra, *misit nos*, se convence que estas duas Pessoas eram o Filho e o Espirito Santo; porque, como ensina a Theologia, e consta das Escripturas, o ser mandado, *missus*, só se póde dizer das duas Pessoas, uma mandada do Padre, que é o Filho, outra mandada do Padre e do Filho, que é o Espirito Santo, e de nenhum modo do Padre. Assim o tinha eu imaginado com algum receio, por ser pensamento sem auctor; quando venturosamente o fui achar em Santo Agostinho no Livro 2. De Trinitate, onde excita e resolve a questão pelo mesmo fundamento com estas palavras: *Sed quas duas Personas hic intelligimus? An Patris, et Filii, an Patris, et Spiritus Sancti, an Filii et Spiritus Sancti? Hoc fortè congruentius quod ultimum dixi: Missos enim se dixerunt, quod de Filio, et Spiritu Sancto dicimus: nam Patrem missum nusquam scripturarum nobis notitia occurrit.*

[1] *Escobar. ibi.*
[2] *Gen.*, XIX, 13.

Atéqui S. Agostinho. Acrescento do mesmo Texto outra congruencia e confirmação não pequena.

Acabando de comer os tres divinos hospedes, todos perguntaram a Abrahão aonde estava Sara: *Dixerunt ad eum: ubi est Sara uxor tua?* [1] E logo não todos, senão um só lhe disse, que no anno seguinte, por aquelle mesmo tempo, de Sara, que era esteril, teria um filho: *Cui dixit: revertens veniam ad te tempore isto, et habebit filium Sara uxor tua.* [2] Logo aquelle que agradeceu, e pagou a hospedagem, assim como era o que mandou aos dois, assim foi o que prometteu o filho, e fez paes a Abrahão e a Sara. Porque a prerogativa e attribuição de fazer paes, é propria só e unica da Pessoa do Padre, como affirma S. Paulo: *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Domini nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in cœlis, et in terra nominatur.* [3] Supposto, pois, que a primeira Pessoa da Trindade, o Padre, é o que ficou com Abrahão, porque não foi tambem com as outras duas Pessoas á execução daquelle castigo, a qual pertencia á justiça, á providencia, e á omnipotencia, que é commum a todas as tres Pessoas divinas? A mesma razão em que se funda a pergunta, é a resposta. Aquella missão ou commissão das outras duas Pessoas era para castigar, para destruir, para assolar, para abrazar e desfazer em cinzas aquella depravada e miseravel cidade; e a ruina e damno, e qualquer mal dos homens não quer a Pessoa do Padre, como Pae, que se attribua a elle.

E senão, passemos dos principios ao fim do mundo. No dia do Juizo, feita aquella separação de todos os homens, uns á mão direita, outros á esquerda de Christo, aos da direita, chamando-os para o céu, dirá o supremo Juiz: *Venite benedicti Patris mei:* [4] Vinde, bemditos de meu Padre; e aos da esquerda, mandando-os para o inferno: *Ite, maledicti, in ignem æternum:* [5] Ide, malditos, ao fogo eterno. Parece que nesta segunda parte da sentença falta uma palavra, como

---

[1] *Gen.*, XVIII, 9.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Eph.*, III, 14 e 15.
[4] *Math.*, XXV, 34.
[5] *Ibid.*, 41.

bem notou Origenes: *Considerandum est, quod Sanctis non solum dictum est, benedicti, sed cum additamento, Patris mei: è contra autem non dicitur, maledicti Patris mei.* [1] Pois se aos que vão para o céu chama Christo bemditos de seu Padre, aos que hão de ir para o inferno, e lhes chama malditos, porque lhes não acrescenta tambem o sobrenome de malditos de seu Padre? Já está dito, e as mesmas palavras o dizem. Porque as bençãos, o dar o céu, e todos os outros bens, pertencem á distribuição do Padre; as maldições, o inferno, e todos os outros males não quer elle se lhe attribuam. Se sois bemdito e bemaventurado, sois do Padre: *Benedicti Patris mei:* se sois maldito e malaventurado, *Ite maledicti*, não sois do Padre, sois vosso, que de vós e não delle vos vieram esses males: *Nam benedictionis quidem ministrator est, maledictonis autem unusquisque sibi est auctor.*

E se esta prerogativa singular da Pessoa do Padre se verificou no principio do mundo, e se ha de verificar no fim: se assim foi no passado, e assim ha de ser no futuro, assim tambem, e não de outra maneira, é no presente. Grande e admiravel Texto em materia occultissima, e verdade que a mesma Pessoa do Padre quiz que nos fosse revelada no Evangelho, para que todos soubessemos o que temos na sua beneficencia: *Neque enim Pater judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio.* [2] O Padre (diz Christo) a ninguem julga, e todo o poder e officio de julgar commetteu e deu ao Filho. Destas palavras nascem duas grandes e graves questões: primeira, porque a Pessoa do Padre a ninguem julga: segunda, porque o officio de julgar o commetteu todo ao Filho. A razão da primeira é porque ao officio de julgador pertence não só absolver, senão tambem condemnar; e o Padre não quer condemnar a ninguem: o officio de julgador, ainda que proceda justamente, elle é a mesma justiça, aos maus castiga e faz mal, aos bons premeia e faz bem. E posto que esta segunda parte é muito propria da Pessoa do Padre, a primeira é muito alheia da sua propriedade e misericordia. E d'aqui se segue a razão e fundamento da segunda questão declarada pelo mes-

[1] Origin. Homil. 9. in diversis loc. Evang.
[2] *Joan.*, v, 22.

mo Christo: *Potestatem dedit ei judicium facere, quia Filius hominis est:* [1] Deu a Pessoa do Padre o officio e poder de julgar á Pessoa do Filho, porque o Filho é tambem Filho do homem. Pois se a Pessoa do Filho é Deus pelo que tem do Padre, e é homem pelo que tem de nós, porque quiz que nos julgasse em quanto Filho nosso, e não em quanto Filho seu? Admiravelmente S. Bernardo: *Ipse Pater Deus dedit Filio suo judicii potestatem* [2] (notae agora muito) *non quia suus, sed quia Filius hominis est: ó verè Pater misericordiarum!* Deu o Padre poder de julgar ao seu Filho, mas não em quanto seu, senão em quanto nosso; não porque é Filho de Deus, senão porque é Filho do homem: porque o officio de julgar é de justiça, e de fazer justiças, e o Padre não é Pae da justiça, nem das justiças, senão da misericordia e das misericordias: *O' verè Pater misericordiarum!*

IV

Já, ainda que não quizessemos, estamos vendo, que a Pessoa do Padre é a que deu a Santo Antonio o *fecerit;* e que em todos os poderes desta sua omnipotencia delegada, foi perfeitissimo imitador do mesmo Padre, usando della só para fazer bem, e de nenhum modo mal, e para obras sempre de misericordia, e nenhuma, posto que licita, de justiça. Condemnado o pae de Santo Antonio á morte, e não o podendo livrar ou suspender a execução os seus embargos; bom partido, diz o filho, seja testemunha no caso o mesmo morto. Aceita a proposta com riso, porque não conheciam a quem a fazia (e bastava ser portuguez, para que em Portugal a não cressem) chega o fradinho á sepultura, manda ao defunto, como Christo a Lazaro, que saia fóra: pasmam todos de o verem vivo, e já não duvidavam do que havia de dizer. Perguntado se era aquelle homem o que o matára, respondeu que não. Eu cuidava que com a vista do milagre se haviam de embotar os fios ao cutello; mas os executores do

---

[1] *Joan.*, v, 27.
[2] Bern. Serm. 73 in Cant.

crime com fereza mais de carniceiros, que zelo de ministros da justiça, instavam e requeriam ao inquiridor milagroso, que perguntasse mais ao resuscitado quem fôra o seu matador. Agora eram elles os dignos de riso: a boa porta batiam. Respondeu muito mesurado o franciscano, mettendo as mãos nas mangas, que elle viera a livrar o innocente, e não a condemnar culpados. Não respondêra mais a Pessoa do Padre, se fallára por bocca de Frei Antonio.

Não foi isto mais que uma amostra do panno, e de como o Santo usava dos poderes que Deus lhe tinha dado, sempre para bem como o Padre, e nunca para mal. Assim como a Providencia Divina fez a Moysés Deus do Egypto, com poder sobre os elementos: *Constitui te Deum Pharaonis;* assim fez a Santo Antonio com aquelle *fecerit*, não Deus de um só reino, ou parte do mundo, senão de todo, com dominio e imperio universal sobre todas as creaturas. E como o mesmo mundo está fundado em uma concordia discorde, e não ha coisa nelle que não tenha o seu contrario, a maior maravilha deste Deus, ou vice-Deus portuguez, foi que nesta mesma contrariedade não só elle seguiu sempre as partes do bem; mas, com violencia de toda a natureza, a obrigou a que as seguisse. Quantas vezes mandou Antonio ao fogo que não queimasse, ao vento que não assoprasse, á agua que não molhasse? E porque o demonio deitou na lama a uma senhora, que vinha ouvir o Santo, mandou tambem á terra que o lodo lhe não tocasse, nem descompozesse o vestido. Que direi do mesmo demonio, instrumento sempre do mal, já que fallamos nelle? Tendo este tentado um noviço a que deixasse o habito e a Religião, não quiz Antonio ajudar-se dos Anjos (os quaes lhe eram tão obsequiosos, que como correios lhe traziam as cartas, e duas vezes em seus hombros o levaram a logares muito distantes), mas mandou ao mesmo demonio que elle fosse buscar o noviço, e o trouxesse, como trouxe, á Religião. Até ao demonio, muito a seu pezar, obrigou a fazer bem. Chamavam a Santo Antonio Martello dos hereges; mas eu não sei que casta de martello era este, que não parecia de ferro, senão de cera, porque sempre reduziu os hereges com brandura, e nunca com rigor. Santos houve que os cegaram e emmudeceram; mas como os havia de emmudecer, nem cegar aquelle que a tantos cegos deu vista, a tantos mudos lingua, e a tantos surdos ouvidos?

Dos braços do Anjo sahiu Jacob manco: e a quantos mancos e aleijados deu Antonio pés e braços? A um filho desobediente, que, reprehendido pelo Santo, se cortou a si mesmo o pé com que tinha desacatado a sua mãe, o mesmo lh'o restituiu outra vez a seu logar, e uniu á perna, com maior milagre que o do manco de S. Pedro na porta Especiosa do Templo. Que bem pareceria o retrato daquelle pé entre tantas muletas penduradas diante dos altares de Santo Antonio! O' que gloriosas alampadas! Mas ainda luzem e resplandecem mais as amarras, as cadêas, e as mortalhas que tambem se vêem pendentes diante das suas imagens em todos os sanctuarios do mundo; as amarras dos naufragantes salvos, as cadêas dos captivos em terra de mouros, livres; as mortalhas dos agonisantes, ou não permittidos morrer, ou depois de mortos resuscitados. Nove resuscitou de uma só vez este grande dominador da vida e da morte; mandando á mesma morte, que a infinitos enfermos que já mastigava, os não engulisse, ou que engulidos já, como a baleia de Jonas, os vomitasse vivos.

Nenhum santo daquelles a quem communicou Deus seus poderes, teve maior e mais justa causa para usar delles pela parte da severidade e rigor, como Santo Antonio. Dominava na Lombardia um tyranno chamado Encelino, tão soberbo, tão insolente, e tão cruel, que de uma só vez, com exquisitos generos de tormentos, matou a onze mil paduanos, naturaes daquella nobilissima cidade, tão devota de Santo Antonio, que mereceu lhe désse o seu sobrenome. E como vingaria o Santo aquellas e outras injurias? A esta fera, a este monstro, a este inimigo capital do genero humano foi buscar pessoalmente, e quando seria obra digna do seu poder e do seu zelo, se por suas proprias mãos o fizesse em pedaços, como fez o Propheta Samuel a Agag, rei dos Amalecitas; e quando com maior razão lhe pudéra dizer o que disse o mesmo Propheta: «Agora te farei o que tu fizeste a tantos»; ou quando pelo menos com uma só palavra, como S. Pedro a Ananias, o pudéra derrubar morto a seus pés; o castigo com que se contentou a sua bondade (proprio da bondade e piedade de pae) foi compadecer-se do miseravel e tremendo estado a que as suas tyrannias o tinham já condemnado em vida ás penas do inferno; a morte que por tantas mortes tinha merecido: os clamores

dos innocentes que bradavam ao céu; a justiça e vingança divina, tantas vezes e por tantos modos provocada; a paciencia do mesmo Deus com que ainda lhe promettia o perdão, e esperava a emenda; as orações e penitencias que o mesmo que o reprehendia tinha offerecido por ella; e tudo isto com tal efficacia de espirito, e com razões tão accezas em vivo fogo de caridade, que aquelle coração, mais duro que os bronzes, não pôde deixar de se abrandar e derreter: e quando os soldados que o cercavam temiam e aguardavam contra o Santo algum excesso furioso de sua tyrannia, Encelino, desapertando o cinto, e lançando-o como baraço ao pescoço, em reconhecimento de suas culpas, se lançou humilde a seus pés. O' victoria nunca imaginada em uma batalha tão difficultosa! Assim venceu um poderoso a outro poderoso, triumphando do poder injusto, cruel e tyranno, que tantos e tão execrandos males fazia, o poder piedoso, amigo e santo que todo se empregou sempre em fazer bem a todos.

Acabou finalmente na flôr da edade aquella vida que tanto se apressou a consummar a carreira; mas nem a morte lhe diminuiu o poder, nem mudou a condição de fazer a todos bem, e a ninguem mal. Morto Santo Antonio, e concorrendo todos os enfermos ao seu sepulchro, nelle experimentavam tal differença, que os que iam confessados, e em graça de Deus, todos de qualquer enfermidade ficavam de repente sãos com inteira e perfeita saude; mas os que não levavam esta disposição da graça, tornavam tão enfermos como vieram. O que reparo e admiro neste grande e tão notavel caso, não é que o corpo de Santo Antonio morto désse vida a uns; o que a mim e a todos deve causar maior admiração, é, que pelo mesmo modo não désse morte aos outros. O corpo de Christo, que tambem no Sacramento está morto e sepultado, aos que chegam a elle em graça dá vida; e se não vão em graça, morte: *Mors est malis, vita bonis*. Pois porque não faz o mesmo Santo Antonio? Não é elle o que com o Divinissimo Sacramento nas mãos, adorado pelo mais bruto de todos os animaes, converteu o herege mais bruto que elle? Porque razão logo não imita nos seus milagres ao mesmo Senhor, e aos que vcem em graça, dá vida, e aos que falta a graça morte? A solução verdadeira é a que provámos em todo este discurso. Dá vida a uns, e

não dá morte a outros, porque os seus poderes eram do *fecerit*, que lhe communicou a Pessoa do Padre, e como taes só podia fazer bem, e não podia fazer mal. Assim havemos de dizer coherentemente.

Mas desta mesma solução nasce outra maior instancia. A bondade da Pessoa do Padre é de tal condição, que o mesmo bem que faz aos bons, faz tambem aos maus. Assim o notou e provou Christo com o exemplo do sol: *Ut sitis Filii Patris vestri, qui solem suum oriri facit super bonos et malos.* [1] Não haveis de fazer bem aos que vos amam sómente, senão tambem aos que não amam, para mostrardes que sois filhos do Pae do céu, o qual faz nascer o seu sol sobre os bons e sobre os maus. Sendo pois os poderes de Santo Antonio derivados do poder da Pessoa do Padre: porque sarava só aos bons, e aos maus não? Respondo que sim sarava; porque experimentando os maus que não saravam porque não estavam em graça como os que iam confessados, confessavam-se tambem, e postos em graça de Deus, recebiam egualmente a do Santo. Por este modo, assim os bons, como os maus, todos saravam; só com uma differença, que aquelles saravam primeiro, e estes um pouco depois. E nisto mesmo imitava o Santo com grande propriedade o exemplo do mesmo Padre: *Qui solem suum oriri facit;* porque ainda que o Padre faz nascer o seu sol para todos, o sol primeiro allumia aos que vigiam, e depois aos que dormem. Assim o fazia tambem Santo Antonio, mostrando em tudo e por tudo, que tudo o que vivo e morto fazia, era em virtude dos poderes do Padre que lhe dera o *fecerit*.

V

Mostrado como a primeira Pessoa da Santissima Trindade, o Padre, para o poder das obras maravilhosas que fez, deu a Santo Antonio o *fecerit;* segue-se vêr como a segunda Pessoa, o Filho, para a sciencia da doutrina, tambem cheia de maravilhas que ensinou, lhe deu o *docuerit*. Como ao Padre se attribue

[1] *Math.*, v, 45.

a omnipotencia, e o provámos com o Texto do mesmo Christo; assim ao Filho se attribue a sabedoria, e se prova com o testemunho de S. Paulo: *In quo sunt omnes thesauri sapientiæ, et scientiæ abscondit.* [1] Mas quem poderá declarar dignamente de quanta parte desles thesouros foi enriquecido Santo Antonio? Depois de estarem por muitos annos escondidos quiz Deus que se descobrissem, e logo lhe mandou por uma carta seu grande Patriarcha S. Francisco que excitasse o officio de ensinar, *docuerit*, e que fosse, como foi, o primeiro mestre da theologia e Escriptura Sagrada de toda a Religião Serafica. De maneira que os Alenses, os Boaventuras, os Escotos, e os outros famosissimos Doutores desta grande Athenas da Igreja Catholica, todos foram raios daquella primeira luz. Quando ao quarto dia da creação do mundo appareceram no céu o sol, a lua, e as estrellas, não diz a Escriptura que creou Deus aquellas luminarias celestes, senão que as poz no firmamento: *Et posuit eas in firmamento.* [2] E se as poz então, quando as creou? Todos os Santos e Interpretes do Texto sagrado dizem que foram creadas na luz do primeiro dia, quando Deus disse: *Fiat lux;* [3] e esta primeira luz foi a que o Creador repartiu por todos os sete planetas, e por todas as estrellas sem numero do firmamento.

Assim pois como todos as luzes que de dia e de noite allumiam o mundo, devem o seu principio, o seu nascimento, e o seu ser áquella primeira luz; assim todos os astros, e constellações Seraficas, que tanto teem allumiado, allumiam, e hão de allumiar o mundo até o fim delle, ou com a voz em infinitos prégadores, ou com a penna em infinitos volumes, todos são raios e rios daquella fonte de luz (como a que viu Mardocheu) e todos são resplandores, e filhos daquelle pae, a quem a immensa e luzidissima Familia Franciscana póde chamar com razão, *pater luminum*, pae dos Lumes. Ainda então não tinha sahido á luz o Lume da theologia, Santo Thomaz, ainda então muitos daquelles profundos mysterios que hoje estão tão manifestos, estavam occultos, muitas daquellas questões que hoje estão tão declaradas, estavam escuras, e toda aquella

---

[1] *Coloss.*, II, 3.
[2] *Gen.*, I, 17.
[3] *Ibid.*, 3.

silva innumeravel de conclusões, e decisões theologicas estava inculta, impenetravel, confusa, intrincada e sem ordem; e o grande Antonio foi o Jason, foi o Prometheu, e foi o Theseu, que com o prumo do seu juizo sondou o mais profundo, com o pharol do seu engenho allumiou o mais escuro, e com o fio do seu discurso abriu o caminho ao mais intrincado.

Sahindo Antonio, ou antes de sahir das cadeiras, subiu aos pulpitos: e não ha entendimento que possa comprehender, nem lingua que possa declarar com palavras a sabedoria e eloquencia divina, o espirito, a efficacia, a luz, e os prodigiosos effeitos da sua doutrina. A aula em que ensinava, não eram os templos, por magnificos e mais capazes que fossem, porque não cabia o auditorio senão nos campos. Os dias em que prégava, ainda que fossem feriaes, a sua prégação, para que não se tocavam os sinos, e só a fama de que havia de prégar, os fazia de guarda. Fechavam-se as officinas, fechavam-se as lojas, fechavam-se as tendas, fechavam-se os tribunaes; e nem os officiaes attendiam ás suas artes, nem os mercadores aos seus interesses, nem os requerentes aos seus pleitos, nem os ministros aos seus despachos; em fim dias santos. E se estes dias santos não começavam das Vesperas, começavam das Matinas: porque não só madrugavam os ouvintes, mas á meia noite, como dizem todas as Chronicas, se preveniam muitos a tomar o logar nos campos. S. Jeronymo, S. Gregorio, S. Leão Papa, e muito particularmnte Santo Agostinho, se queixavam do amphitheatro romano, porque lhes tirava os ouvintes; mas quando em Roma prégava Santo Antonio, os amphitheatros eram os desertos, e os desertos e os campos os amphitheatros

Grande maravilha, que em uma cidade de tantos passatempos e delicias, a sua maior fosse um homem que a despovoava. Como eram tão innumeraveis os ouvintes, não era menor maravilha que todos ouvissem o prégador. Em tanta vastidão de campo e descampado, uns estavam perto do pulpito, outros muito longe; mas tão claramente o ouviam os de longe, como os de perto: por signal que não podendo vir ao sermão uma devota mulher, desejosa de ouvir o Santo, em sua casa, que distava duas milhas, o ouviu como se estivera ao pé do pulpito. Todos ouviam, e com maior maravilha todos entendiam o prégá-

dor, como se fallasse na sua propria lingua; porque a lingua do Apostolo portuguez era das mesmas com que sobre os de Christo desceu o Espirito Santo. Isto se viu particularmente em um anno santo, em que todo o mundo concorre a Roma. Achavam-se no immenso auditorio italianos, hespanhoes, francezes, inglezes, allemães, suecos, dinamarcos, polacos, moscovitas, gregos, armenios, persas, turcos, mouros, ethiopes, e todos, como se na cidade de S. Pedro ouvissem ao mesmo S. Pedro, ouviam em uma lingua todas as linguas, e cada um a sua: *Audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus.* [1]

Mas que novo ouvinte de Santo Antonio é este que eu estou vendo, nem esperado, nem imaginado por elle? Caso singular e inaudito! Estava Santo Antonio prégando em um Capitulo geral da sua Ordem, e o sermão era da Cruz; senão quando S. Francisco, que estava em outra cidade muito distante, apparece no ar á vista de todos, com os braços abertos em figura de cruz. Santo Patriarcha, e Serafico Padre, quem nos póde declarar o mysterio dessa vossa apparição, senão vós mesmo? Tres coisas não entendo: o modo com que viestes aqui; o fim para que viestes; e a fórma em que apparecestes. Quanto ao modo, supposto que não deixastes de estar aonde estaveis, viestes reproduzido: e quem vos reproduziu? Não ha duvida que este vosso filho, e a sua palavra. O' maravilha estupenda! Em Deus o Padre produz ao Filho, e aqui o filho, se não produziu, reproduziu ao Padre. Lá a palavra é a produzida, aqui a palavra foi a producente. E a que fim, ou para quê? Para o mesmo fim que teve o Padre Deus quando appareceu no Thabôr. Fallava o Filho da mesma Cruz de que fallava Antonio, e quiz manifestar a todos o Padre Serafico, que aquelle era o seu filho mais amado, e encommendar a todos que o ouvissem: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui, ipsum audite.* [2] Finalmente, sendo elle seu ouvinte, representou-se de repente em fórma de cruz, para mostrar que era tanta a efficacia da palavra de Antonio, que não só podia fazer os homens amigos da Cruz, senão convertel-os em cruzes. A imagem do Serafim transformou a Francisco em cruci-

[1] *Act.*, II, 8.
[2] *Math.*, XVII, 5.

ficado, e a prégação de Antonio tranformou-o em cruz.

E donde lhe vinha a Santo Antonio esta tão extraordinaria efficacia? Vinha-lhe do que dizia, e da voz e acção com que o dizia. O que dizia eram tudo verdades tiradas e cavadas das minas das Sagradas Escripturas, e particularmente do Evangelho. O Papa Gregorio IX, que dentro no mesmo anno canonisou a Santo Antonio, ouvindo-o prégar, chamou-lhe Arca do Testamento; mas disse pouco, porque a Arca do Testamento só continha as Taboas da Lei, parte do Testamento Velho: mas na memoria e entendimento de Santo Antonio estavam encerrados os thesouros de ambos os Testamentos, e no segundo as palavras de Christo sobre todas as divinas divinissimas. Este era o fino aço do que dizia, forjado na fornalha do coração, limado na agudeza do entendimento, e despedido pela lingua em settas: *Sagittæ tuæ acutæ, populi sub te cadent in corda inimicorum regis.* [1] Como as settas eram agudas, *sagittæ acutæ*, e a agudeza não era para lisongear os ouvidos, senão para ferir e penetrar os corações, *in corda*, por isso os povos inteiros cahiam a seus pés: *Populi sub te cadent.*

Das acções de Santo Antonio no pulpito não acho mais que uma na sua historia. Estando uma vez prégando no campo, toldou-se o céu, começaram a se ouvir trovões com horror, e ameaços de grande tempestade: e que fez então o prégador? Moveu uma mão para o mais espesso das nuvens, e bastou o poder, ou a graça deste menéio para que emmudecessem os trovões, a tempestade se suspendesse, e a nuvem servisse ao auditorio de toldo, e ao Santo de docel (mas sem gotteiras). Estes mesmos effeitos causava aos ouvintes o ar das suas acções que era o compasso das vozes, suspensos todos e mudos na admiração do que viam e ouviam, não havendo em tantos milhares de homens, mulheres e meninos, quem rompesse com um ai (e mais havendo muitas lagrimas) a attenção extatica do silencio.

O modo de dizer, já moderado, já forte; já mavioso na compaixão, já formidavel e tremendo nas invectivas; em fim qual o requeria a impressão dos af-

[1] *Psalm.*, XLIV, 7.

fectos, basta suppor que era tão vivo, tão efficaz, tão poderoso e sem resistencia, como se colhe sem discurso, tanto do que feria, como do que curava. Só para documento de muitos prégadores, e do modo com que se deve fallar no pulpito, não deixarei de ponderar o que succedeu a Santo Antonio prégando, não uma, senão duas vezes. Prégava na noite de Quinta Feira Maior ao tempo em que no seu convento se cantavam as Matinas; e lembrado que lhe tocava no Côro uma Lição, que faria? Parou no que ia dizendo, e sem sahir do pulpito, appareceu no Côro, onde foi visto e ouvido de todos cantar a sua Lição; e tanto que lá acabou, continuou cá o que ia prégando. Outra vez lhe succedeu similhante caso, presente o Santo ao mesmo tempo no pulpito, e presente no Côro: mas com a mesma circumstancia e advertencia, que em quanto cantava em uma parte, estava mudo na outra sem fallar palavra. Pois se Santo Antonio estava no mesmo tempo presente em dois logares, porque não cantava e prégava juntamente em um e outro? O estar presente em dois logares era o milagre: mas suppostas as duas presenças, naturalmente e sem milagre podia fallar juntamente em ambos; porque razão logo cantava, não prégava?

O mesmo facto está dizendo que a musica ha de estar tão longe do sermão, como o pulpito do côro. Quando prégava, não cantava, e quando cantava, não prégava: porque a lingua de Santo Antonio não era dos prégadores que cantam quando prégam. Isto de prégar cantando, é um vicio e abuso, que se tem introduzido nos pulpitos, frouxo, fraco, frio, e quasi morto; sem força, sem efficacia, sem energia, sem alma; contra toda a rhetorica, contra toda a razão, contra toda a arte, contra toda a natureza, e contra a mesma graça. O prégar não é outra coisa que fallar mais alto. Prégar cantando é muito bom para adormentar os ouvidos, e conciliar somno, por onde ainda os que mais cabeceam, dormem ao tom do sermão. As vozes do prégador hão de ser como as caixas e trombetas da guerra, que esperlam, animam, e tocam á arma, como eram as de Santo Antonio; por isso todos o ouviram com uma attenção tão vigilante e tão viva, que nem pestanear podiam, quanto mais dormir.

Assim era ouvido Santo Antonio, e só nos resta saber como se portava com os que o não queriam ou-

vir. Os hereges rebeldes e obstinados não queriam ouvir os golpes daquelle Martello, que tanto os feria; e que fez o Santo para os converter sem que o ouvissem? Aos Apostolos disse Christo: *Faciam vos fieri piscatores hominum:* [1] Atégora ereis pescadores de peixes, eu farei que sejaes pescadores de homens. Assim o fez Santo Antonio, mas por tal modo e tal arte, qual nunca elles, nem antes quando pescadores, nem depois quando Apostolos inventaram. Quando pescadores, Pedro, e os demais, pescavam os peixes com as redes; quando Apostolos, pescavam os homens com a prégação. E Santo Antonio trocou um e outro artificio. Aos peixes pescou-os com a prégação, e aos homens pescou-os com os peixes, fazendo dos mesmos peixes a rede com que os pescava. Ambos os lanços, assim o do mar, como o da terra, foram egualmente venturosos. O lanço do mar pescou os peixes que vieram todos a ouvir da bocca do Santo a palavra de Deus com a attenção que sabemos; e o lanço da terra pescou os homens, porque os hereges que o não queriam ouvir, com a evidencia e assombro do mesmo milagre, cercados e presos dentro na rede, e atados de pés e mãos, não tendo para onde fugir, vencidos e convencidos se converteram.

VI

Este foi o novo e admiravel artificio com que Santo Antonio, trocando as palavras de Christo, para se fazer pescador de homens, se fez primeiro pescador de peixes, e pescando os peixes, não com redes, senão com a prégação da palavra de Deus, da pescaria da mesma palavra fez as redes com que pescou aos homens. E se me perguntarem quem ensinou a Santo Antonio esta doutrina tão encontrada com que se fez ouvir dos brutos que o ouviram como racionaes, quando os racionaes o não queriam ouvir como brutos, respondo, que a segunda Pessoa da Santissima Trindade, o Filho, o qual lhe communicou o *docuerit*, e a sabedoria divina de ensinar. E posto que a doutrina

[1] *Math.*, IV, 19.

parece encontrada em um e outro caso; no dos Apostolos, e no de Santo Antnio a temos expressa, não por outrem, senão pelo mesmo Christo. Disse Christo a S. Pedro que lançasse as redes ao mar; e elle sobre o desengano do que tinha experimentado no mesmo mar toda aquella noite, respondeu que assim o faria, não confiado na rede, senão na sua palavra: *In Verbo tuo laxabo rete.* [1] Foi a rede ao mar, e a palavra de Christo trouxe a ella tanta multidão de peixes, que a não podiam arrastar, nem os pescadores a tinham visto similhante. Já aqui temos a primeira parte da pescaria de Santo Antonio, pescando os peixes com a palavra de Deus; vejamos agora a segunda, em que dos peixes assim pescados fez as redes com que pescar aos homens.

Saltando S. Pedro em terra com os outros companheiros, o que succedeu então, refere S. Lucas com palavras tão milagrosas como o mesmo milagre: *Stupor enim circumdederat eum, et omnes qui cum illo erant, in captura piscium:* [2] Vendo a multidão dos peixes pescados em virtude da palavra de Deus, Pedro, e todos os que com elle estavam, ficaram cercados de pasmo. Note-se muito a palavra *circumdederat:* não diz que o pasmo os assombrou, ou desmaiou, ou tirou fóra de si, senão que os cercou: *Stupor circumdederat eos.* E porque? Porque naquelle caso houve dois cercos, um no mar, outro na terra: no mar o cerco da rede que cercou e tomou os peixes em virtude da palavra divina: *In Verbo tuo:* e na terra o pasmo do milagre dos peixes tomados, do qual pasmo fez Christo a rede com que cercou e tomou os homens: *Stupor enim circumdederat eos.*

E que se seguiu deste caso? Duas coisas: uma, que S. Pedro se lançou aos pés de Christo confessando-se por peccador: *Exi à me, quia peccator sum, Domine;* [3] como os hereges convertidos e prostrados aos pés de Santo Antonio, confessaram o peccado da sua infidelidade. A segunda, dizer Christo a S. Pedro que d'alli aprenderia a ser pescador dos homens: *Ex hoc jam homines eris capiens:* [4] porque com a palavra de

---

[1] *Luc.*, v, 5.
[2] *Ibid.*, 9.
[3] *Ibid.*, 8.
[4] *Ibid.*, 10.

Deus, *In Verbo tuo*, e com a evidencia dos milagres, *In captura piscium*, os Apostolos então, e Santo Antonio tantos annos depois, converteu o mundo.

Por certo que este famoso exemplo, tão bem ensinado em Christo, e tão bem aprendido e imitado em Santo Antonio, bastava por prova de que a sciencia, da qual elle recebeu o *docuerit*, foi a segunda Pessoa da Santissima Trindade. Mas posto que bastasse como prova publica, ainda temos outra maior e mais admiravel, que foi a secreta e occulta. A maior maravilha, e o maior milagre do nosso Taumaturgo portuguez não foi o resuscitar mortos (como resuscitou nove de uma só vez) nem o dominar todos os elementos, nem o ter sempre apparelhada e prompta aos acenos da sua vontade a mesma Omnipotencia; mas qual foi? Foi que tendo o peito cheio daquella extraordinaria sabedoria adquirida e sobrenatural, que depois rebentou e sahiu a publico, ao tempo que a Providencia Divina tinha determinado, com assombro e pasmo do mundo: elle não se chamando mestre ou doutor, nem ainda discipulo, com o simples nome de Frei Antonio, tivesse encoberto e sepultado dentro em si mesmo tudo o que sabia, com tal segredo que fosse reputado de todos por idiota e ignorante.

D'aqui nasceu que como tal, e de nenhum prestimo ou talento, desestimado e desprezado de seus proprios Irmãos, naquelle grande Capitulo geral em vida de S. Francisco, não houvesse Guardião ou Prelado algum que o quizesse acceitar por subdito, e, o que é mais que tudo, que nem elle para remir esta necessidade, desamparo e desprezo, manifestasse a menor luz dos thesouros que debaixo da rudeza e remendos do seu burel estavam encerrados. O' milagre sobre todos os milagres! O' prodigio sobre todos os prodigios do mais prodigioso e milagroso de todos os Santos! Agora havia eu de começar o sermão, para cavar no descobrimento destas minas o immenso de virtude, de capacidade, de poder, que nesta unica acção ou omissão não de um dia, ou muitos dias, senão de annos sobre annos, reconhece e faz estremecer o juizo humano!

O mais alto ponto, o mais fino, e o mais difficil da sabedoria, não é o saber; é o saber e poder encobrir o que sabe. Sabia muitas coisas por revelação divina o Propheta Jeremias, as quaes não podia manifestar,

e diz assim: *Factus est in corde meo quasi ignis exæstuans, claususque in ossibus meis: et defeci, ferre non sustinens.* [1] A peça de artilheria carregada, se lhe taparam a bocca, e lhe poem fogo, rebenta, não ha bronze que o resista. Tal é, diz o Propheta, o que sei, e não posso occultar: arde dentro no meu coração como fogo que me penetra nos ossos, com tal violencia e tormento, que me faltam as forças, desmaio, e o não posso soffrer. Um só segredo, que não podia passar delle, guardava dentro em si o Propheta Isaias: *Secretum meum mihi, secretum meum mihi:* [2] e declarando o Texto original os effeitos que causava este segredo no interior d'onde não podia sahir, diz: *Macies est mihi, macies est mihi: tabes est mihi, tabes est mihi:* Ai de mim, que me vejo emmagrecer e mirrar, ai de mim que me vejo entisicar sem remedio, pela força que me faço em não dizer uma coisa que sei. A muitos entisica o estudo por saber, a Isaias entisicava-o o saber, porque o havia de occultar. Ah Isaias! Ah Jeremias! Vós sois os dois Prophetas maiores: e pois no forçoso silencio de não poderdes dizer o que sabeis, se vos aperta tanto o coração, pedi a Santo Antonio que parta comvosco da largueza e capacidade do seu. Nelle tem encerrados todos os segredos da philosophia, nelle todos os segredos da Theologia, n'elle todos os segredos vossos, e de toda a Sagrada Escriptura, e nelle todas as revelações e illustrações divinas que continuamente recebe do céu, e nem por isso se lhe aperta ou estreita o peito, nem os seus ossos se secam, ou entisicam; antes ardendo dentro nelles muito maior fogo, nem o fumo da menor luz, apparece cá fóra.

Eliphaz Themanites, o primeiro dos quatro Sabios que disputaram com Job, escusando-se de lhe haver de dizer o que trazia meditado, ainda que o houvesse de molestar, tomou esta salva: *Conceptum sermonem tenere quis poterit?* [3] Que homem haverá que o que tem concebido no entendimento, o possam impedir e ter mão, para que não sáia á lingua? Allude á conceição corporal, á qual necessariamente se segue o parto, sem que haja poder ou força em todas as da

[1] *Jerem.*, XX, 9.
[2] *Isai.*, XXIV, 16.
[3] *Job.*, IV, 2.

natureza que o possa impedir. Primeiramente ao *quis poterit* de Eliphaz, respondo que este homem, que elle teve por impossivel, foi Santo Antonio, pois estando tão cheio, e como rebentando de sabedoria, elle a soube, e pôde conter dentro em si mesmo, como se a não tivera. E quanto á conceição e parto a que allude o mesmo Sabio, accrescento, que a força desta consequencia e similhança ainda foi mais forte e mais admiravel no mesmo Santo pelo muito que tinha de divino o seu entendimento. Deus tambem concebeu *ab æterno. Ex utero ante luciferum genui te;* [1] e assim como o conceber na Pessoa do Padre, juntamente foi conceber e fallar; assim o ser concebido na Pessoa do Filho, juntamente foi ser concebido e ser Verbo e palavra do Padre.

E como o entendimento de Antonio tinha tanto de divino, e tanta propensão como divino, a se communicar todo; o não lhe sahir á lingua, nem por uma palavra o muito que tinha concebido, assim como era maior esta violencia, assim foi maior maravilha a victoria de a reprimir e conter. Deus quanto sabia disse (nem póde deixar de o dizer) em uma palavra: e Santo Antonio de quanto sabia nem uma só palavra disse. E para que vejamos em phrase e termos humanos quanto teve de divino este silencio; o proverbio humano diz: *Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter:* Todo o vosso saber é nada, se ninguem sabe o que vós sabeis. Donde se segue que fazendo Santo Antonio que ninguem soubesse o que elle sabia, com esta acção aos outros homens quasi impossivel, aniquilou toda a sua sabedoria: *Scire tuum nihil est.* Agora pergunto: E qual é aquella potencia do mundo, que póde aniquilar? Só aquella que de nada creou todas as coisas. Assim o resolve a melhor philosophia, que o crear e o aniquilar é regalia só de Deus. E tendo Deus dado ao entendimento de Santo Antonio a primeira parte de divino para poder comprehender o que soube, tambem lhe deu, e com maior maravilha, esta segunda para poder aniquilar o que sabia.

De tudo o que atégora tenho dito, claramente terão entendido os que não só ouviram com os ouvidos, senão com os olhos abertos, que toda a sabedoria de Santo Antonio, e muito mais nesta ultima circumstan-

[1] *Psal.*, CIX, 4.

cia de a encobrir, foi participação e influencia da segunda Pessoa da Santissima Trindade, que lhe deu o *docuerit*. Antes de a mesma Pessoa, o Verbo Divino encarnado, sahir a ensinar: *Cœpit facere, et docere*, [1] que fez? O mesmo, nem mais nem menos, que Santo Antonio. Quando Christo em sua menoridade perdido, foi achado no Templo entre os Doutores, não sómente admirados elles, mas pasmados, como diz o Texto, do que perguntava, do que respondia, e do que sabia: *Stupebant super prudentia, et responsis ejus;* [2] parece que deviam dizer os paes, isto é, S. José e a Senhora: Este Menino não está perdido em Jérusalem; em Nazareth é que está perdido, deixemol-o ficar entre os Doutores, pois tanta habilidade tem para as lettras: mas não foi assim. Tornou para Nazareth, e alli se exercitava, ou serrando, ou acepilhando um madeiro com José, e levando os cavacos á Mãe, para que dos suores de ambos guizasse o de que se haviam de sustentar todos tres.

Desta maneira esteve eclipsado por muitos annos aquelle divino Sol, e reputada a sua sabedoria por ignorancia, até que sahiu a allumiar o mundo. Póde haver maior retrato, ou mais vivo original de Santo Antonio? Em seus primeiros annos, em habito de Conego Regrante, com o nome de Dom Fernando, sendo a fama da Universidade de Coimbra, e a admiração dos seus doutores. E depois, trocando a murça com o burel, e mudando o nome de Fernando em Antonio, para desbaptisar a sua sabedoria, o que fez em Italia entre os seus frades, foi a profissão de idiota e ignorante, servindo na cozinha e nos outros exercicios mais baixos e humildes da casa, com que elle se escusou, quando a primeira vez foi mandado prégar. Assim imitou pelos mesmos passos o nosso filho de S. Francisco ao Filho do Eterno Padre; sendo certo (reparae muito no que agora digo) sendo certo, que, a um e a outro Filho, mais difficultoso foi o estudo da ignorancia, que o uso da sabedoria.

Peccou Adão, e antes de Deus em figura de homem lhe perguntar aonde estava: *Adam ubi es*, [3] diz o Tex-

---

[1] *Act.*, I, 1.
[2] *Luc.*, II, 47.
[3] *Gen.*, III, 9.

to, que andava o Senhor passeando no Paraiso, e fallando comsigo em vozes que o mesmo Adão ouviu: *Cum audisset vocem Domini deambulantis in Paradiso.* [1] E que fazia o Filho de Deus (que o Filho era, pois tinha tomado fórma de homem), que fazia, andando e fallando assim? Profundissimamente Tertulliano: *Interrogans Adam quasi nesciens, ubi es, quæ erat persecuturus, ediscebat.* [2] O Filho de Deus sabia muito bem aonde Adão estava, e havia-lhe de perguntar aonde estava, como se o não soubera, *quasi nesciens;* e como havia de mostrar que ignorava o que sabia, andava passeando e repetindo como estudante, e aprendendo o que havia de dizer para não errar: *Quæ erat persecuturus, ediscebat.* Tão difficultoso é aprender a ignorar, até á sabedoria, que tudo sabe! E não só no caso de Adão, *quasi nesciens*, nem só no caso do diluvio, *quasi non præscius*, nem só no caso de Abrahão, *quasi ignorans quid sit in homine;* mas em infinitos outros, diz o mesmo Tertulliano, tornava a aprender Deus esta lição todas as vezes que perguntando, ou arguindo, ou dissimulando, havia de mostrar que ignorava o que sabia: *Quæ erat persecuturus, infinita semper ediscebat.*

Para que se veja com quanta cautela, com quanta circumspecção, e com quanta vigilancia havia de viver Antonio como Argos de si mesmo, e como réu de sua propria sciencia, exposto aos olhos, ouvidos, e linguas, não de uma, mas de muitas communidades, e communidades de gente regular, cujos olhos são os mais agudos para vêr, cujos ouvidos os mais despertos para ouvir, e cujas linguas as mais promptas para não perdoar; e todos, por tudo, os mais lynces, para nada se lhes esconder. Assim estudava e se desvelava a sua humildade depois de jubilado nas lettras, por conseguir na opinião o grau de idiota: estudo tanto mais difficultoso á natureza e á honra, quanto é mais custoso á presumpção abater as sobrancelhas, que queimar as pestanas. Mas isto se entende daquella sciencia que se aprende nas escolas publicas da vaidade, e não debaixo do magisterio secretissimo

---

[1] *Gen.*, III, 8.
[2] Tertul. adversus Praxeam pagin. 1022.

da Divindade, cuja segunda Pessoa, como lhe tinha dado, para se esconder, o exemplo; assim lhe communicou, para ensinar, o *docuerit*.

VII

Declarada a verdade e o modo com que a primeira Pessoa da Santissima Trindade deu a Santo Antonio o *fecerit*, e a segunda o *docuerit*, só resta que vejamos como a terceira lhe deu *o vocabitur*. E se nesta distribuição de suas grandezas tocou ao Padre o *fecerit* pela attribuição da omnipotencia, e ao Filho o *docuerit* pela attribuição da sabedoria, não menos propriamente pertence ao Espirito Santo o *vocabitur* pela attribuição da santidade, que significa o mesmo nome de santo, o qual sendo commum a todas as Pessoas Divinas, é proprio e especial da terceira.

Ajunta-se este nome no nosso Texto com o *magnus: Magnus vocabitur in regno Cœlorum;* porque no céu, aonde só os nomes são verdadeiros, o nome de Santo, como maior e mais excellente, é tambem o unico, e sobre todos com que Deus é louvado. Aquelles Serafins que assistiam perpetuamente ao throno de Deus, o que cantavam a córos, como diz o Propheta Isaias, era, *Sanctus, Sanctus, Sanctus:* [1] *Sanctus* ao Padre, *Sanctus* ao Filho, *Sanctus* ao Espirito Santo; e tres vezes não mais, nem menos, porque cantavam á Santissima Trindade. Mas se as perfeições da Santissima Trindade são tão infinitas como o mesmo Deus; e os cantores eram Serafins, os espiritos e entendimentos supremos de toda a côrte do céu: porque não variavam a musica e os louvores, assim como alternavam as vozes? Porque sendo tambem infinitos os nomes de Deus, nenhum ha que mais lhe agrade que o nome de Santo, por ser este sobre toda a excellencia o mais excellente. Assim responde o grande Dionisio Areopagita no admiravel livro que compoz *De Divinis nominibus. Deus per excellentem cuncta excellentiam Sanctus prædicatur.* [2]

Este nome, pois, de Santo (que no céu é o maior e mais cantado e celebrado de todos) é tambem o pro-

---

[1] *Isai.*, VI, 3.
[2] Dionys. de Div. nomin. Cap. 12.

prio da terceira Pessoa da Santissima Trindade; e o que ella tomou para si, e deu a Santo Antonio. Mas para que vejamos quanto deu, saibamos a razão porque o tomou. Na Santissima Trindade o Padre é Espirito Santo, o Filho é Espirito e Santo, o Espirito Santo é Espirito e Santo. Pois se este nome é commum a todas as Pessoas divinas, porque o tomou a terceira Pessoa por particular e proprio seu? Porque este nome era o que melhor nos podia declarar a egualdade que tem o Espirito Santo com o Padre e com a Filho, naquella mesma differença em que parece que lhe não é egual. Ora vêde. A Pessoa do Padre gera o Filho, a Pessoa do Padre e a do Filho produzem o Espirito Santo; porém a Pessoa do Espirito Santo, nem só como o Padre, nem acompanhado como o Padre e o Filho, produz outra Pessoa divina, porque não é possivel outra. Logo, parece que não é egual a Pessoa do Espritio Santo á do Padre, e á do Filho. E se não são eguaes, como verdadeiramente são, *Qualis Pater*, *Spiritus Sanctus*, esta que parece desegualdade e verdadeiramente é differença muito notavel, com que se suppriu? Com o nome de Santo.

Com o nome de Santo, digo, não só como commum a todas as Pessoas da Santissima Trindade, mas como proprio da terceira. Não é o Espirito Santo, como o Pae, que gera outra Pessoa divina, qual é o Filho; mas é Santo como o Pae: não é como o Filho, que com o Pae produz outra Pessoa divina, qual é o mesmo Espirito Santo: mas é Santo como o Filho. E como é egual ao Padre e ao Filho no nome, não de santificado, mas de Santo, nem de santidade accidental, senão substancial, nem recebida de outrem, mas propria; porque é Santo como o Pae, ainda que não seja Pae, e porque é Santo como o Filho, ainda que não seja Filho: é tão egual, e tão Deus como o mesmo Filho, e como o mesmo Pae. Excellentemente Origenes: *Sanctus Spiritus ita Sanctus est, ut non sit sanctificatus: nec initium sanctitatis ejus accepit. Similique modo de Patre et Filio intelligendum est. Sola enim Trinitas substantia est, quæ non extrinsecus accepta sanctificatione, sed natura sua sit sancta.*

Deste nome proprio de Santo, fundado na santidade substancial da terceira Pessoa da Santissima Trindade, se deriva com a mesma propriedade natural o de santificador, santificando e distribuindo a mesma

santificação como absoluto e independente Senhor, como e a quem quer: *Divisiones gratiarum sunt, idem autem Spiritus dividens singulis prout vult:* diz S. Paulo. [1] E o maior exemplo deste poder, como notam os Theologos, [2] e o mais similhante ao que logo veremos em Santo Antonio, foi o do mysterio ineffavel da Encarnação do Verbo. Trazendo o Anjo Gabriel esta embaixada (a que só a grandeza de um animo capaz de receber dentro em si a todo Deus pudéra ter que replicar), respondeu ao reparo da Senhora: que aquella obra, quanto ao modo, não teria nada de humana, porque assim como a Pessoa que havia de encarnar, era a segunda da Santissima Trindade, assim os soberanos Artifices da mesma união seriam a primeira Pessoa, que é o Altissimo, e a terceira, que é o Espirito Santo: *Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi.* [3] E que se seguiriam destes dois discursos unidos em um, ambos divinos, e no mesmo sugeito? O mesmo Anjo declarou que seriam dois effeitos, e dois nomes tão ineffaveis como o proprio composto: um que se chamaria Filho de Deus, e outro que seria por antonomasia o Santo: *Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei.* [4]

Agora (quanto é licito comparar ou equiparar por similhança extremos tão infinitamente distantes) tomemos destas duas clausulas o *Sanctum*, e o *vocabitur*. O *vocabitur* é o que dissemos, e imos provando que deu e communicou a Santo Antonio a terceira Pessoa da Santissima Trindade: e o *Sanctum*, o nome de Santo absoluto, e por antonomasia, com que o mesmo Espirito Santo, sem outro exemplo mais que o presente, fez que Santo Antonio singularmente entre todos os santos fosse chamado o Santo. S. Bernardo, ponderando as palavras do Anjo, *Et quod nascetur ex te Sanctum,* [5] admirado da novidade do termo, exclama: *Ut quid ita simpliciter Sanctum et absque additamento?* Santo e simples e absolutamente Santo sem additamento: que é isto? E' o que disse o Anjo do Verbo depois de encarnado, e o que quiz o Espirito Santo,

---

[1] *1.ª Epist. ad Corinth,* XII, 4 e 11.
[2] Suarez. De Trinit. Livr. 2.º Cap. 5.º
[3] *Luc.,* I, 35.
[4] *Ibid.*
[5] Bern. Serm. 4.—Super Missus.

que tambem se verificasse de Santo Antonio: *Sanctum et absque additamento.* Santo Antonio em Padua, aonde tem o seu sepulchro, não se chama Santo Antonio, senão o Santo por antonomasia, e sem additamento. Vou ao Santo, venho do Santo, sem outro nome, quer dizer, vou a Santo Antonio, venho de Santo Antonio. E para que se veja que isto foi não por affecto ou devoção particular humana, senão por instincto divino inspirado pelo mesmo Espirito; quando Santo Antonio passou desta vida, temendo os seus Religiosos que o povo o não deixasse sepultar, resolveram a ter a morte em segredo até lhe darem sepultura com as portas fechadas; mas os meninos, por divino instincto, no mesmo instante em que expirou começaram a bradar por todas as ruas: Morreu o Santo, morreu o Santo. E como, *Ex ore infantium et lactantium perfecisti laudem*, [1] tambem elles como linguas do céu o nomeavam por Santo sem additamento. O' excellencia grande de Antonio! Não digo bem, ó excellencia grande do Santo entre todos os Santos! S. Francisco, seu Santo Padre, chama-se Santo; mas com additamento, S. Francisco: S. Domingos, companheiro e irmão do mesmo S. Francisco, chama-se santo; mas santo com additamento, S. Domingos: os dois filhos dos mesmos paes, Doutores e Lumes da Igreja, o Angelico e o Seraphico, tambem se chamam santos; mas santos com additamentos, um, Santo Thomaz, outro, S. Boaventura: porém Santo Antonio, singular entre todos, Santo sem additamento, e por isso com muita razão, Santo Antonio de Padua, porque só Padua lhe acertou com o nome proprio, sendo que teve muitos nomes. Em Lisboa se chamou no baptismo Fernando, em Coimbra na mudança do habito se chamou Antonio; e só Padua lhe acertou com o verdadeiro nome, Santo, e mais nada, porque é mais que tudo: *Sanctum sine additamento.*

VIII

E posto que para provar que a vocação ou imposição deste nome parece que bastava á verdade do que

[1] *Psal.*, VIII, 3.

acabo de referir; para que este ultimo discurso se parecesse com os dois passados, determinei mostrar como o *vocabitur* em Santo Antonio não fôra menos proprio do Espirito Santo, que o *fecerit*, e o *docuerit* do Padre e do Filho. E não sei se o mesmo Santo Antonio, ou o mesmo Espirito Santo me quiz reprehender como covarde, e castigar como escasso em seus louvores. Não é mais dar o Espirito Santo, que receber delle quanto pôde dar? E não é mais que dar o Espirito Santo, dal-o do modo que só o pôde dar aquelle de quem o mesmo Santo recebeu o ser? Estes dois *mais* são tão estupendos, que tanto podia tremer a lingua de os imaginar, como a mesma fé de os crêr. Mas eu offenderia gravemente ao Espirito Santo, e faria egual aggravo a Santo Antonio, se não referisse lizamente o que agora direi. Depois de fortemente tentado por muitos dias um noviço da mesma Ordem, rendido emfim á força da tentação, resolveu-se deixar o habito. E que faria a dôr e caridade de Frei Antonio, que se achava no mesmo convento, para o conservar na vocação? O' prodigio sobre toda a admiração estupendo! Tambem parece derivação do *vocabitur*. Vae aonde estava o noviço, abre-lhe com as mãos a bocca, mette-lhe por ella a respiração e alento da sua, dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum:* Recebe o Espirito Santo: e no mesmo ponto fugiu o espirito tentador, tornou em si o tentado, triumphou do inimigo que o tinha vencido, e perseverou até á morte na Religião como filho digno de tal Mãe, e segunda vez gerado de tão santo Pae. Não foi isto dar o Espirito Santo, que é mais que recebel-o?

Vamos agora ao modo sem comparação mais admiravel que a mesma obra. Christo Senhor nosso deu o Espirito Santo aos Apostolos, e deu tambem poder aos Apostolos para darem o Espirito Santo: mas de que modo? Com uma differença muito notavel. Os Apostolos communicavam o Espirito Santo pela imposição das mãos pondo-as sobre aquelles que o recebiam, como diz S. Lucas: *Imponebant manus super illos, et accipiebant Spiritum Sanctum.* [1] E Christo communicou o Espirito Santo aos Apostolos com o alento e respiração da sua propria bocca, a qual res-

[1] *Act.*, VIII, 17.

piração elles recebiam nas suas, como o mesmo Senhor juntamente lhes disse: *Insufflavit, et dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum.* [1] E qual foi a razão desta differença? Muito grande, muito particular, e muito necessaria. Porque os Apostolos com a imposição das mãos significavam nellas que o faziam com poder e auctoridade recebida de Christo: e Christo com o alento e respiração da sua bocca significava que elle era, como segunda Pessoa da Santissima Trindade, a que juntamente com a primeira produzira e espirára o mesmo Espirito Santo (que essa é a palavra e termo theologico com que se declara a producção e processão com que o Espirito Santo procede do Padre e do Filho). Assim o dizem Santo Agostinho, S. Cyrillo, Beda, e os outros Padres na exposição do mysterio desta acção de Christo. [2] E nós á vista do que fez Santo Antonio, ou da confiança, poder, e auctoridade que teve para o fazer, que podemos dizer, senão pasmar? De maneira que havendo de communicar Santo Antonio o Espirito Santo, não o fez como S. Pedro, S. Paulo, S. João, e os outros Apostolos com a imposição das mãos sobre o Religioso tentado e vencido; senão com o alento e respiração da sua bocca, e dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum*, pelo mesmo modo, assim na acção, como nas palavras, com que o mesmo Christo quiz significar e representar nellas, como segunda Pessoa da Santissima Trindade, que delle procedia a terceira. Tanto é o que amou e o que honrou o Espirito Santo áquelle Santo, a quem com a propriedade do nome deu a antonomasia do seu!

E pois temos na bocca de Santo Antonio, por obra e por palavra, uma tão singular figura da processão do Espirito Santo, vejamos nella uma nova prerogativa do mesmo divino Espirito, participada tambem de Santo Antonio, e gloriosamente continuada nelle. Fallando Christo da sua processão, em quanto segunda Pessoa da Santissima Trindade, e da processão do Espirito Santo, em quanto terceira Pessoa, de si diz que procedeu: *Ego ex Deo processi:* [3] e do Espirito Santo diz que procede: *Spiritum veritatis, qui à*

---

[1] *August.* tract. 121.
[2] *Joan.*, XX, 22.
[3] *Joan.*, VIII, 42.

Patre procedit. [1] As processões, assim do Filho como do Espirito Santo, ambas foram *ab æterno;* pois como fallando Christo de uma e outra, da sua diz que procedeu, de preterito, *processi*, e da do Espirito Santo diz que procede de presente, *procedit?* A razão é, porque ás processões eternas *ad intra* ajuntou o Senhor as temporaes *ad extra*, quando o Filho e o Espirito Santo vieram a este mundo. Expressamente consta de um e outro Texto, porque no primeiro accrescenta, *veni*, e no segundo, *cum venerit:* no primeiro, *Ego ex Deo processi, et veni;* e no segundo, *Cum venerit Paralictus, qui à Patre procedit.* Diz pois Christo, fallando de si, que procedeu e veiu, de preterito, porque de tal maneira veiu do Padre a este mundo, que tornou outra vez para o mesmo Padre: *Exivi a Patre, et veni in mundum, iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem.* [2] Pelo contrario, do Espirito Santo diz de presente que procede e vem; porque de tal maneira veiu, que sempre vem, e sempre está vindo, communicando a todos os seus dons e graças. A questão foi agudamente excitada pelo abbade Ruperto; [3] e a solução tambem é sua, com uma não menos aguda e bem fundada advertencia. Mas porque a mesma foi primeiro de S. Athanasio, [4] e mais expressa e elegantemente declarada por elle: as suas palavras são estas: *Dei quidem Filius post impletam totam dispensationem, tandem assumptus est: Spiritus verò Sanctus super Apostolos veniens, et super omnem carnem effusus, non est rursus assumptus, sed in generationes transit omnes, et si quemlibet hominem invenit, habitat super eum.* E porque a segunda Pessoa da Santissima Trindade veiu á terra, e depois tornou para o céu; e a terceira veiu, porém não tornou, mas está sempre comnosco em todo o tempo e em todo o logar. Esta mesma graça de estar sempre comnosco communicou o mesmo Espirito Santo a Santo Antonio; e para que fosse primeiramente em todo o tempo, não só lh'a concedeu em vida, senão tambem depois de morto.

---

[1] *Joan.*, XV, 26.
[2] Rupert. l. 1. de process. Spirit. Sant. c. 11.
[3] *Athan.*, *q.* 79.
[4] *Joan.*, XVI, 28.

Os outros Santos geralmente neste mundo trabalharam, padeceram, glorificaram a Deus, serviram ao proximo, venceram o demonio, pizaram o mundo, mortificaram a carne; com o exercicio das virtudes cultivaram as almas proprias; com a palavra e o exemplo as alheias; bons para si, e fazendo bem a todos. Isto em quanto viveram: acabada porém feliz e constantemente a carreira da vida, deixaram este mundo, e foram-se para o céu a gosar o fructo dos seus trabalhos, e descançar delles. Bem assim como Christo, o qual, *post impletam totam dispensationem, tandem assumptus est.* Pelo contrario, S. Antonio imitando tambem a Pessoa do Espirito Santo, pela prerogativa do nome, em ficar sempre comnosco, *Assumptus non est, sed in generationes transit omnes.* Quatrocentos e vinte e sete annos faz hoje que Santo Antonio foi tomar posse do eminentissimo logar que tem na Côrte do céu como grande della, *Magnus in regno Coelorum;* mas nem por isso em todos os annos e dias de tantos seculos deixou de estar sempre comnosco na terra, nada menos poderoso e vigilante em nos assistir, acudir e ajudar, senão muito mais que quando vivia. Quando vivia (que é a segunda parte da mesma prerogativa) estava juntamente em differentes logares, agora está em todos os do mundo; e se hoje o não vemos na propria Pessoa, vemol-o nos mesmos e maiores effeitos

Pouco tivera feito o Espirito Santo em dar a Santo Antonio com o *vocabitur*, o nome de Santo, se lh'o não dera acompanhado das outras partes de que inteiramente se compõe o seu proprio nome. O nome da terceira Pessoa da Santissima Trindade, pelo que é em si, e pelo que obra em nós, compõe-se inteira e ineffavelmente destas tres palavras: *Spiritus*, *Sanctus*, *Paraclitus:* Espirito, Santo, Paraclito. E por virtude e extensão do mesmo *vocabitur*, não só communicou a mesma Pessoa divina a Santo Antonio o nome de Santo, senão tambem o antenome de Espirito, e o sobrenome de Paraclito: o de Espirito, cuja propriedade é estender-se a todas as quatro partes do mundo, como diz Ezequiel: *Aquatuor ventis insuffla Spiritus;* [1] e o de *Paraclitus*, que quer dizer *Consolator*, Consolador.

[1] *Ezech.*, XXXVII, 9.

para que em todas as partes do mesmo mundo assistisse como espirito, e em todas fosse consolador, como é, de todos os que tivessem necessidade de consolação. Quando o Espirito Santo desceu do céu, veiu em figura de espirito: *Spiritus vehementis*, [1] e em figura de linguas de fogo: *Linguæ tanquam ignis:* não só pelo que então significava nos Apostolos, senão pelo que depois havia de obrar com todos: em figura de espirito: porque como espirito havia de encher todo o mundo: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum:* [2] e em figura de linguas, e essas de fogo; porque como consolador havia de allumiar e alentar a todos com a luz e consolação das suas vozes: *Et hoc quod continet omnia, scientiam habet vocis.* [3] E quem não vê nestas mesmas figuras retratado hoje a Santo Antonio? Depois que a sua alma se despiu do corpo, elle ficou espirito, e do corpo só lhe ficou a lingua incorrupta e incorruptivel como é o fogo: o espirito para a assistencia universal de todo o mundo, e a lingua para consolação universal de todos em qualquer parte delle. Neste mesmo dia, e nesta mesma hora em que nós celebramos a Santo Antonio na America, o celebram e festejam com muito maiores demonstrações de solemnidade na Europa, na Africa, e na Asia todas as nações, e todos os estados do mundo: e porquê? Porque nenhuma acção; nem estado ha nelle, grande ou pequeno, que nos trabalhos e necessidades, a que todos estão expostos, não invoque e chame por Santo Antonio; e nenhuma voz ha dos que o invocam, a que elle não responda: Aqui estou. E' verdade que o não vemos com os olhos, mas vemol-o nos effeitos. Isso é ser invisivel como espirito, e effectivo como consolador. E senão, digam-no todos em todo o tempo e logar. Os lavradores no campo, os navegantes no mar, os soldados na guerra, os mercantes nos commercios, os pleiteantes nas demandas, os requerentes nos despachos, os presos nos carceres, os captivos nas masmorras, os enfermos nas doenças, os agonisantes na morte, e até os mortos nas sepulturas; porque não ha logar nem estado tão alheio de toda a es-

---

[1] *Act.*, II, 2 e 3.
[2] *Sap.*, I, 7.
[3] *Ibid.*

perança e remedio, a que as consolações deste Paraclito universal se não estendam.

O maior trabalho, e o mais universal do mundo, de que ninguem e nenhuma coisa escapou, foi o diluvio de Noé: e este nome de Noé lhe poz seu pae Lamech, que era Propheta, dizendo: *Iste consolabitur nos:* [1] Este nos consolará, porque Noé na lingua hebraica quer dizer: *Consolator, et consolatio:* Consolador, e consolação. E cumpriu-se a prophecia e significação do seu nome no mesmo Noé; porque elle foi o restaurador e reparador do mundo, e o consolador e a consolação daquella perda universal e immensa, em que se incluiram todas as da fazenda, as da fortuna, as da natureza, as da vida, e as de quanto em mil e seiscentos e cincoenta e seis annos tinha cultivado o trabalho, adquirido a cubiça, levantado a ambição, e multiplicado e gerado a propagação humana. Então prometteu Deus que não haveria mais outra perda universal como aquella; mas deixou o mesmo mundo sujeito a tantas outras particulares, ou livres ou violentas (sobre as da mesma fragilidade natural de então para cá mais enfraquecida) que apenas ha casa, familia, nem pessoa, nem dia neste valle de lagrimas, livre de tristezas, afflicções e trabalhos, para cuja consolação não ha outro consolador e Paraclito mais prompto e mais familiar e domestico, e que invocado diga, aqui estou, como Santo Antonio. De quão vivas, e effectivas sejam as razões da sua lingua para a consolação das mais desesperadas tristezas e afflicções, pudéra referir muitos casos, todos admiraveis, dos quaes só contarei um, por ser succedido em nossos dias, e me parecer que do Mundo Velho, onde foi mui celebrado, ainda não passou ao Novo. Na cidade de Napoles estava sentenciado á morte um pobre homem, a quem não valeram arrazoados, nem embargos, nem, como elle dizia, a propria innocencia, prevalecendo contra tudo a prova das testemunhas: com o triste desengano de haver de sahir a justiçar ao outro dia, fez á ventura uma petição, a qual entregou a sua mulher egualmente afflicta, para que a levasse ao vice-rei, e lançada a seus pés, o procurasse mover com suas lagrimas, a que ao menos

[1] *Gen.*, v, 29.

lhe commutasse o castigo em outro que não fosse de morte. Foi a desconsolada requerente a palacio, mas não teve entrada, porque aquellas portas, sempre patentes aos ricos e poderosos, só para os pobres que não teem, nem podem, costumam de ordinario estar fechadas. E que faria sobre esta desesperação a miseravel? Devia ser boa christã: resolveu-se a bater ás portas do céu, pois que achava fechadas as da terra. Vae-se á Igreja de Santo Antonio, e entre lagrimas e soluços põe a petição sobre o altar aos pés do Santo, dizendo, que pois tinha nos braços o Rei, não só dos vice-reis, mas dos reis, delle esperava o seu despacho, o qual viria buscar ao outro dia. Ainda não tinha bem amanhecido, quando a quê esperava que as portas da Igreja se abrissem, chegou ao altar, aonde achou o seu papel, ao que mostrava, sem nenhuma mudança. Abriu-o, viu que tinha mais escriptura, pediu, porque não sabia lêr, que lh'a declarassem, e como lhe dissessem, que continha o perdão do vice-rei, e logo puzessem ao condemnado em sua liberdade, já se vê como correria alegre a lhe levar a nova e a vida. Presentou o despacho ao carcereiro, o qual porém o teve por novo crime, entendendo que a lettra e a firma era furtada. Eis aqui trocada outra vez a tristeza em novo susto. Levou o carcereiro o papel ao secretario, que tambem confirmou o furto da lettra, admirado da grande similhança e propriedade della; e suppondo que o caso pedia nova inquirição e exame, para ser cortada a mão que tal escrevêra; e não imaginando, nem lhe passando por pensamento o que o vice-rei poderia responder, lhe presentou aberta a petição. Mas, ó Antonio, verdadeiro e universal Paraclito! O' Antonio, piedoso consolador, e certissima consolação de todos os angustiados e afflictos! O' lingua viva e immortal! O' lingua a mais eloquente e poderosa oradora para convencer entendimentos, e trocar vontades, e para render a divina e as humanas á vossa! Respondeu o vice-rei, que a lettra não era fingida, senão sua, e que elle escrevêra o despacho, e o firmára de sua mão. E dando a causa de não só haver moderado a sentença, mas de absolver totalmente o réu solto e livre; este mesmo papel, disse, me trouxe aqui um fradinho de São Francisco, que me disse taes coisas e com tal efficacia, que eu não pude deixar de fazer e escrever o que elle

quiz. Executou-se o perdão, divulgou-se o caso, pasmaram os que não conheciam bem o auctor; mas os que conhecem o seu poder e as suas maravilhas, sem admiração, nem novidade, só diziam: Isto é ser Santo Antonio. E eu que direi? Só digo, que a terceira Pessoa da Santissima Trindade tem bem desempenhado neste discurso o *vocabitur*, pois para dar o Espirito Santo inteiramente a Santo Antonio todo o seu nome, não só lh'o deu em quanto Santo, senão tambem em quanto Espirito e em quanto Parachto: *Sanctum quoque, et Paraclitum spiritum.*

IX

Tenho acabado, posto que mais largamente do que eu quizera, as tres partes do meu discurso. E para que imitando a Santo Antonio em todas ellas, offereçamos tambem algum obsequio á fiel veneração das tres Pessoas da Santissima Trindade; do que o nosso Santo imitou em cada uma, tiremos muito brevemente tres documentos. O primeiro, para os que a fortuna fez poderosos: o segundo, para os que o estado faz sabios: o terceiro, para os que a profissão deve fazer santos. Todo o homem tem obrigação de ser similhante á Santissima Trindade. Por isso Deus, não só em quanto um, senão em quanto trino (fallando entre si as tres Pessoas Divinas) quando creou o homem, disse: *Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram:* [1] Façamos o homem á nossa imagem e similhança. Se o poderoso puder moderar o que póde, usando do poder só para o bem, será similhante á Pessoa do Padre, e imitará a Santo Antonio no *fecerit*. Se o sabio souber encobrir a seu tempo o que sabe e só manifestar o que convem, será similhante á Pessoa do Filho, e imitará a Santo Antonio no *docuerit*. Se o que deve ser santo, estimar a verdade deste nome sobre todos os titulos do mundo, será similhante á Pessoa do Espirito Santo, e imitará a Santo Antonio no *vocabitur*. Desta maneira o poder moderado, a sabedoria bem entendida, e a santidade,

[1] *Gen.*, I, 26.

sobre tudo estimada, lhe alcançarão a solida e eterna grandeza, não na terra, aonde tudo é pequeno e pouco, senão no céu, aonde tudo é muito e grande: *Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur in regno Cœlorum.*

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO *

Prégado na Dominga infra octavam de Corpus Christi com o Santissimo Sacramento Exposto, em S. Luiz do Maranhão no Anno de 1653

Homo quidam fecit cœnam magnam. [1]
Vos estis sal terræ: Vos estis lux mundi. [2]

I

Admiravel é Deus em si mesmo, e admiravel em seus santos; e por estas duas razões de admiração duas vezes admiravel neste grande dia. David diz que fez Deus uma só memoria de suas maravilhas; e eu hoje sou obrigado a dizer que fez duas. A primeira memoria das maravilhas de Deus, é o Santissimo Sacramento do altar: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam dedit timentibus se.* [3] A segunda memoria de suas maravilhas, é aquella grande maravilha de todas as memorias do mundo, o nosso prodigioso portuguez Santo Antonio. Ambas estas memorias se vieram a enlaçar neste dia. Todas estas maravilhas se vieram a encontrar e accumular nesta festa. E bem era necessaria toda a graça da primeira, e toda a eloquencia da segunda, para satisfazer a tamanhas obrigações. Ora eu prevendo que tinha duas festas para prégar, e querendo reduzil-as como costumo, a um só discurso, achei-as tão unidas ambas entre si, e os sugeitos dellas tão similhantes e parecidos, que

---

[1] *Luc.*, XIV, 16.
[2] *Math.*, V, 13 e 14.
[3] *Psal.*, CX, 4 e 5.

mais trabalho me deu o podel-as distinguir, que havel-as de ajuntar. Se olhava para aquella custodia, e considerava as maravilhas do Santissimo Sacramento, parecia-me que via as de Santo Antonio: se voltava os olhos, e os punha neste altar, e considerava as maravilhas e prodigios de Santo Antonio, parecia-me que estava vendo as do Santissimo Sacramento. E se não fôra pelos accidentes, com ser um Sugeito divino, e outro humano, quasi me pudéra persuadir que eram o mesmo. Elias era mestre, e Elizeu discipulo: Elias era senhor, e Elizeu servo; mas eram tão parecidos ambos nas maravilhas, que só na capa se distinguiam. Deu Elias a capa a Elizeu, e ficou Elizeu outro Elias. Assim o notou S. João Chrysostomo: *Elias sursum, Elias deorsum.* Não nego que Antonio é servo, e Christo Senhor; não nego que Antonio é discipulo, e Christo Mestre: *Magister et Domine:* [1] mas quando olho para aquelle Elias divino, e para este Elizeu, posto que humano, vejo-os nas maravilhas tão parecidos, vejo-os nos milagres tão equivocados, que só parece que se distinguem na capa. Se Christo daquelle sacrario tirára a capa dos accidentes, e a lançara sobre Antonio, quasi poderamos adorar nelle outro Sacramento.

Outro Sacramento disse, e melhor dissera o mesmo Sacramento, porque comparadas as maravilhas que se creem daquella Hostia consagrada, com as maravilhas que se lecm e se veem em Santo Antonio, só ha de differença entre umas e outras, que na Hostia está o Sacramento com as cortinas cerradas, em Santo Antonio está o Sacramento com as cortinas corridas. Na Hostia estão as maravilhas do Sacramento secretas; em Santo Antonio estão publicas. Na Hostia estão escondidas, em Santo Antonio manifestas. Na Hostia creem-se, e não se vêem; em Santo Antonio creem-se, e vêem-se. Finalmente, na Hostia está o Sacramento com cortinas, em Santo Antonio sem cortina. O Manná, figura maior do Sacramento, fóra da Arca do Testamento, estava coberto com a cortina do *Sancta Sanctorum*, que cobria todo o Propiciatorio; mas dentro da Arca do Testamento não tinha cortina alguma. E quem é a Arca do Testamento? Já o Papa

[1] *Joan.*, XIII, 13.

Gregorio IX disse que era Santo Antonio. Só em Santo Antonio está o Sacramento sem cortina, só em Santo Antonio estão patentes e descobertas as maravilhas daquelle sacrosanto mysterio. Em qual daquelles altares cuidaes que está o Sacramento propriamente exposto? Não está exposto naquelle altar maior, senão neste. Exposto, quer dizer manifesto e declarado. E o Santissimo Sacramento naquella custodia está desencerrado sim, mas exposto não; porque não está manifesto nem declarado. Só onde está Santo Antonio, está o Santissimo Sacramento propriamente exposto; porque elle é a exposição e declaração das maravilhas do Santissimo Sacramento. Valha-me Deus, quanta coisa tenho dito antes de começar a dizer! Ora por aqui ha de ir o sermão, seguindo o caminho que nos abrir o Evangelho, posto que parece bem fechado. E pois havemos de fallar do mysterio onde Deus é mais admiravel, e do santo onde Deus se mostrou mais admiravel, recorramos pela graça á Mãe tambem admiravel: *Mater admirabilis. Ave Maria.*

II

Vos estis sal terræ: Vos estis lux mundi.

Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo. Em dia em que Deus assenta comsigo á meza os homens; em dia em que os homens renovam a memoria suavissima da Ceia de Christo: *Homo quidam fecit cœnam magnam*, [1] muito a tempo vem o sal, e muito a tempo a luz; o sal para a meza, a luz para a ceia. Mas estes *a tempos* só em tempo de Santo Antonio os logrou a Igreja. Em quanto Santo Antonio não veiu ao mundo, o mysterio do Sacramento do altar era como meza sem sal, e como ceia sem luz (logo direi o porquê); mas depois que Santo Antonio sahiu ao mundo, e o assombrou e esclareceu com os prodigios de seus milagres, elle foi o sal daquella meza: *Vos estis sal:* elle foi a luz daquella ceia: *Vois estis lux.* Mas antes que eu diga como isto é, vejo que me dizeis

[1] *Luc.*, XIV, 19.

todos, que não póde ser. Dizeis que na meza do Santissimo Sacramento não póde haver sal, nem póde haver luz: porque o sal é para o gosto, e a luz para a vista; e no mysterio do Sacramento nem tem logar o sentido de gostar, nem tem logar o sentido de vêr. Não tem logar o sentido de gostar, porque comemos o corpo de Christo, mas não o gostamos. Não tem logar o sentido de vêr, porque comemos o corpo de Christo, e não o vemos.

Na parabola do Evangelho de hoje, em que um principe chamou convidados para uma grande ceia que fizera: *Homo quidam fecit cœnam magnam*, [1] um dos convidados disse que não podia vir, e dois escusaram-se: A escusa de um foi: *Juga boum emi quinque, et eo probare illa:* que comprára cinco juntas de bois, e que as ia provar. A escusa do outro foi: *Villam emi, et necesse habeo exire, et videre illâm:* [2] que comprára uma quinta, e que a ia vêr. Toda esta historia, como dizem commummente os Santos Padres, é uma allegoria do que passa no mysterio da Eucharistia. E se tomarmos as palavras destes dois Textos, assim como soam na nossa lingua, vêde que admiravelmente dizem commosco. Um disse que ia provar: *Eo probare:* outro disse que ia vêr: *Necesse habeo videre;* e ambos se escusaram do banquete com muita razão; porque na Ceia do Santissimo Sacramento quem tem appetite de provar, ou quem tem curiosidade de vêr, bem póde escusar-se de ir lá; porque naquella meza secretissima e sacratissima, onde tudo é occulto e encoberto, não tem logar o sentido do gosto, que é o que prova; nem tem logar o sentido da vista, que é o que vê. E como não tem logar naquella meza, nem o sentido do gosto, nem o sentido da vista; pelo sentido do gosto fica excluido o sal, e pelo sentido da vista fica excluida a luz.

Tudo isto era assim antes de Santo Antonio vir ao mundo; mas depois que Santo Antonio melhorou e illustrou o mundo com suas maravilhas, já na meza do Sacramento tem logar o sentido do gosto; já na ceia do Sacramento tem logar a luz, porque tambem tem logar o sentido da vista. Antes de Santo Antonio

[1] *Luc.*, XIV, 18.
[2] *Ibid.*, 18.

apparecer no mundo, era o Sacramento só mysterio da fé; mas depois que veiu ao mundo Santo Antonio, já o Sacramento é tambem mysterio dos sentidos. Disputando Santo Antonio com um herege obstinado sobre a verdade do Sacramento, depois que não valeram razões, Escripturas, nem argumentos contra a sua obstinação, veiu a um partido, que todos sabeis: que elle fecharia a sua mula tres dias sem lhe dar de comer; que ao cabo delles a traria á presença de Santo Antonio, quando estivesse com a Hostia nas mãos, e que se aquelle animal assim faminto deixasse de se arremessar ao comer que elle lhe offerecesse, por adorar e reverenciar a Hostia, elle então creria que estava nella o corpo de Christo. Assim o propoz obstinadamente o herege; e assim o aceitou Santo Antonio, não só sobre todas as leis da razão, senão ainda parece que contra ellas. O mysterio da Eucharistia distingue-se de todos os outros mysterios, que confessamos, em ser elle, por antonomasia, o mysterio da Fé. Os brutos distinguem-se dos homens, em que os homens governam-se pelo entendimento, e os brutos pelos sentidos. Pois se o Santissimo Sacramento é o mysterio da Fé, como deixa Santo Antonio a prova delle no testemunho de um animal, que se governa só pelos sentidos? Porque era Santo Antonio. Antes de Santo Antonio vir ao mundo, era o Santissimo Sacramento mysterio só da Fé, e só podia testemunhar nelle o entendimento: mas depois de Santo Antonio vir ao mundo, ficou o Sacramento mysterio tambem dos sentidos; e por isso podiam já os sentidos dar testemunho nelle: bem se viu nos mesmos dois sentidos de gostar e vêr.

Amanheceu o dia aprazado, veiu a mula faminta, e após della toda a cidade de Tolosa, assim catholicos, como hereges, para vêr o successo. Posto o bruto á porta da Igreja, apparece S. Antonio com a Hostia consagrada nas mãos; e o herege com os manjares do campo, naturaes daquelle animal, que os tinha prevenidos. Mas, ó poder da Divindade e Omnipotencia! Por mais que o herege applicava o comer aos olhos e á bocca do bruto, elle, como se fôra racional, dobrou os pés, dobrou as mãos, e mettendo entre ellas a cabeça, com as orelhas baixas, esteve prostrado e ajoelhado por terra, adorando e reverenciando a seu Creador. Vêde se dizia eu bem, que S. Antonio é o sal

e a luz da meza do Santissimo Sacramento; e sal para o sentido do gosto, e luz para o sentido da vista. O herege tentava aquelle animal pelo sentido da vista, e pelo sentido do gosto; pelo sentido da vista, pondo-lhe o comer diante dos olhos; e pelo sentido do gosto, quasi mettendo-lhe o comer na bocca. Mas aquelles dois sentidos posto que irracionaes, estavam tão suspensos e tão satisfeitos no manjar divino que tinham presente; o sentido do gosto com tal sabôr, e o sentido da vista com tal luz, que nem quiz vêr com os olhos, nem tocar com a bocca o comer, que o herege lhe offerecia. Confessando, porém, a mesma bocca e os mesmos olhos; confessando o mesmo sentido de gostar, e o mesmo sentido de vêr, a verdade e presença real de Christo no Sacramento. Julgae agora se é já o Sacramento mysterio dos sentidos. Atégora dizia a Igreja: *Prætest fides supplementum sensuum defectui:* Suppra a fé o que falta aos sentidos; mas á vista de S. Antonio mude o hymno e diga: *Præstet sensus supplementum fidei defectui:* Suppram os sentidos o que faltar á fé; porque a fé que faltou ao herege, a suppriram os sentidos do animal: o gosto saboreado naquelle sal: *Vos estis sal;* a vista allumiada por aquella luz: *Vos estis lux.*

Oh que grande passo este para parar aqui o sermão á vista deste bruto e deste herege! A' vista deste herege, que dirá quem tem nome de catholico? A' vista deste bruto, que dirá quem tem nome de homem? A reverencia do bruto, e a irreverencia do herege, tudo é confusão nossa! O bruto venera sem conhecer; o herege não venera, porque não conhece. Se o bruto venera o Santissimo Sacramento, sem conhecer; eu que sou homem racional, que conheço; porque tenho tão pouca reverencia? Se o herege não venéra porque não conhece, e porque não crê; eu que creio e que conheço, porque tenho tão pouca reverencia? Ah Portugal! Ah Hespanha que por este peccado te castiga Deus! Quem viu os templos dos hereges, e o silencio e respeito que nelles se guarda, póde chorar mais esta miseria. Nos templos dos hereges, ainda que exterior, ha reverencia, e falta o Sacramento; nos templos de muitos catholicos, ha o Sacramento, e falta a reverencia. Vêde qual é maior infelicidade! os dois sentidos que no bruto mostraram maior reverencia, são os que em nós mostram maior devas-

sidão. Os olhos, onde está o sentido do vêr; a lingua, onde está o sentido do gostar; que é que fazem na presença do Santissimo Sacramento? Que é o que fallam aquellas linguas sacrilegas, quando deveram venerar aquelle Sacramento com a oração e com o silencio? Que é o que olham, e para onde, aquelles olhos inquietos e loucos, quando deveram estar enlevados naquella Hostia de amor, ou pregados na terra, de modestia e de confusão? Que fazeis, ó divino sal, e divina luz do Sacramento? Saboreae como sal estas linguas; allumiae como luz estes depravados olhos. Sarae estas linguas como sal; posto que linguas tão sacrilegas, mais mereciam salmouradas; allumiae estes olhos como luz; posto que olhos tão descompostos, mais mereciam ser cegos.

III

Mas vamos vendo as maravilhas do Sacramento ao sabôr deste sal, e ao resplandor desta luz; e vercmos quão merecidamente démos a S. Antonio o titulo de sal, e luz desta meza: *Vos estis sal: vos estis lux.* A primeira maravilha do mysterio do Sacramento é, que estando Christo verdadeira e realmente no céu, esteja por milagre natural deste mysterio, tambem verdadeira e realmente, na terra e não só em um logar da terra, senão em muitos logares, sendo um só e o mesmo. Isto era o de que se assombrava antigamente o entendimento, e que era necessario á fé animar-se e esforçar-se muito para o crêr. Mas depois que S. Antonio veiu ao mundo, já o confessam e o sabem até os sentidos. Duas vezes estava S. Antonio prégando, quando lhe occorreu que tinha áquella hora obrigação de officio no côro da sua Religião, e inclinando-se sobre o pulpito, como quem dormia, no mesmo tempo foi visto e ouvido no côro cantar o que lhe tocava. Tambem estava outras duas vezes prégando em Italia (como quem o tinha por exercicio de cada dia), quando seu pae em Lisboa se viu em dois grandes trabalhos, um de fazenda, outro de vida. Torna-se a inclinar sobre o pulpito o milagroso prégador e piedoso filho, e no mesmo tempo apparece ao lado do

pae, defendendo sua innocencia, e livrando-o daquellas duas injustiças, que tão antigas são, não só naquelle reino. Pois é certo que por injustiças tira Deus os reinos a umas nações e os passa a outras: *Regnum à gente in gentem transfertur, propter injustitias.* [1] Mas deixemos de chorar as calamidades dos portuguezes, e tornemos ás glorias daquelle grande portuguez, cujas maravilhas chegam a fazer menos admiraveis as do mysterio mais admiravel, e a tirar o merecimento á fé, pela evidencia dos sentidos. Se os olhos vêem que Antonio está em Italia, e em Hespanha: em Padua e em Lisboa; no pulpito, e no côro; dentro da sua Religião, e fóra della; que muito é que crêa a fé que está o mesmo Christo em differentes provincias, em differentes cidades, em differentes igrejas, e ainda na mesma igreja em diferentes altares? Se estas maravilhas obrou a omnipotencia de Deus no servo, que muito que as obrasse no filho?

Mas satisfaçamos a uma duvida curiosa, que com razão póde vir a todos, neste modo de milagres de S. Antonio. Todas as vezes que S. Antonio esteve no mesmo tempo em differentes logares, porque razão se inclinava, como dormindo, sobre o pulpito? E' certo entre os philosophos, que supposto o primeiro milagre de estar um homem presente em dois logares, póde em ambos elles obrar differentes acções. E é philosophia esta provada com a experiencia em S. Francisco Xavier, o qual navegando nos mares da India, e desapparecendo o batel da nau com sete homens por espaço de tres dias, estava o santo na nau, e mais no batel, e em ambas as partes fallava e obrava tudo o que era necessario para o remedio dos perdidos. Pois se S. Antonio podia estar prégando no pulpito, e mais cantando no côro; se S. Antonio podia estar prégando em Italia, e mais advogando por seu pae em Portugal; porque razão quando estava fallando, e accordado, em uma parte, estava sempre callado, e como dormindo, na outra? Porque S. Antonio nestes milagres obrava ao modo de Christo no Sacramento; e Christo no Sacramento está dormindo. *Comedite, amici, et bibite, et inebriamini, charissimi: ego dormio, et cor meum vigilat:* [2] Comei, amigos;

---

[1] *Eccles.*, x, 8.
[2] *Cant.*, v, 1 e 2.

bebei carissimos, que eu durmo. Este Texto entende S. Bernardo e S. Gregorio Nisseno do Santissimo Sacramento, e bem o provam as palavras antecedentes: *Comedite et bibite.* Diz pois Christo, que comam e que bebam, e é de advertir, que aos que manda comer chama amigos: *Comedite, amici;* e aos que manda beber, chama carissimos: *Bibite, et inebriamini, charissimi;* porque neste Sacramento nem todos os que teem licença para comer e commungar a Hostia, teem tambem auctoridade para beber o calix. Os que teem licença para comer, são os leigos; e a estes chama-lhes amigos; porque todos os que hão de commungar, teem obrigação de ser amigos: e por isso antes do Sacramento da Communhão parece o da Penitencia, em que nos reconciliamos com Deus, e nos fazemos seus amigos. E os que teem auctoridade para tambem beber, são os sacerdotes, e a estes chama-lhes carissimos: porque para os sacerdotes tomarem o calix, não só é necessario que tenham com Deus qualquer amizade, senão uma amizade muito particular, muito familiar, e muito affectuosa. Mas não está aqui a duvida. O que faz a difficuldade, são as palavras que se seguem: *Ego dormio, e cor meum vigilat:* Bebei, amigos; e comei, carissimos: eu durmo, e o meu coração vigia. Que consequencia é dizer que comam sua carne e bebam seu sangue; e acrescentar logo que dorme: *Ego dormio?* Muito grande consequencia; porque Christo no Sacramento está dormindo. Ora vêde.

Um homem dormindo e accordado, distingue-se, em que o homem accordado tem uso de seus sentidos; e o que está dormindo, tem sentidos, mas não tem uso delles. Assim está Christo no céu e no Sacramento. No céu tem o uso dos sentidos; falla, vê, ouve com os sentidos corporaes. No Sacramento tem os sentidos tão perfeitos, como no céu; mas não tem o uso delles. E a razão é, como dizem os Theologos; porque como Christo está na Hostia pelo modo sacramental, a que chamam *ubi definitivo*, todo em todo, e todo em qualquer parte, não tem a organisação dos sentidos e extensão que hão mister, para obrar. E como Christo no Sacramento não tem uso dos sentidos, com toda a propriedade se diz, que está dormindo debaixo da cortina dos accidentes: *Ego dormio.* E acrescenta: *Et cor meum vigilat;* que ainda que dorme com os olhos, vigia com o coração; porque

ainda que Christo no Sacramento nos não vê com os olhos exteriores do corpo, está-nos vendo e vigiando sempre com os olhos interiores da alma e da divindade. Ah Christãos, que se daquella Hostia não só nos está Christo vendo, mas vigiando, vède lá como estaes nas Igrejas! E como S. Antonio era um santo eucharistico, um santo em que Deus depositou as maravilhas do Sacramento, por isso quando milagrosamente se punha em dois logares, em um tinha o uso dos sentidos, como Christo no céu: em outro estava dormindo, como Christo no Sacramento: *Ego dormio.* Estes foram os primeiros sabores que gostaram os sentidos daquelle sal: estes os primeiros resplandores, que receberam daquella luz: *Vos estis sal: vos estis lux:* mas não foram só estes.

IV

Outra grande maravilha do Santissimo Sacramento é, que no dia do Juizo todos havemos de resuscitar em virtude sua. No dia do Juizo hão de resuscitar todos os nossos corpos tão perfeitos e inteiros, como hoje vivem. E quem ha de dar esta virtude de resuscitar a tantos corpos depois de feitos ou desfeitos em cinza? O corpo de Christo sacramentado, que commungamos. Assim o disse e prometteu o mesmo Senhor: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam, et ego resuscitabo eum in novissimo die.* [1] Entenderam-no tanto assim os Christãos da primitiva Igreja, que costumavam enterrar os defuntos, uns com o Santissimo Sacramento no peito, outros na bocca, em fé, ou esperança de que por virtude daquelle divino Sacramento haviam de resuscitar todos. D'onde judiciosamente Tertulliano chamou ao Divino Sacramento, *Semen resurrectionis*, semente da resurreição; porque o mesmo é commungar, que semear cada um de nós dentro em si mesmo aquella virtude divina e omnipotente, que no dia do Juizo nos ha de tirar outra vez da terra, vivos, renascidos e resuscitados.

[1] *Joan.*, VI, 55.

Isto se viu claramente no sepulchro de Christo. Diz o Evangelista que se abriram então as sepulturas e que resuscitaram e foram vistos em Jérusalem muitos corpos de Santos: *Monumenta aperta sunt, et multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt: et venerunt in sanctam civitatem, et apparuerunt multis:* [1] Pois se resuscitaram, porque não resuscitaram no dia da Resurreição de Christo, senão no da sua sepultura? Porque no da sua sepultura foi seu corpo santissimo lançado á terra, e como semeado: e sendo, como diz Tertulliano, *Semen resurrectionis*, então naturalmente, como effeito ou fructo natural, sahiram logo muitos resuscitados, sem esperarem pelo dia da Resurreição: não resuscitando, porque Christo resuscitou, senão porque seu corpo santissimo (passemos de uma metaphora a outra) foi então comido e commungado. Eu, diz o mesmo Senhor, estarei tres dias no coração da terra, assim como esteve outros tantos Jonas no ventre da baleia: *Sicut fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, et tribus noctibus, sic erit Filius hominis in corde terræ.* [2] De maneira que no mesmo tempo esteve Christo sepultado e comido: sepultado no coração da terra tres dias, em respeito de sua Resurreição, que foi ao terceiro dia depois de resuscitado: e comido, como Jonas no ventre da baleia, em respeito da nossa resurreição futura, que ha de ser no dia do Juizo, depois de comido por nós, e commungado: *Qui manducat meam carnem, habet vitam æternam, et ego resuscitabo eum in novissimo die.* Assim o notaram, sobre o mesmo Texto, com breve e admiravel propriedade, S. Jeronymo dizendo: *Monumenta aperta sunt in signum futuræ resurrectionis:* e com maior largueza de todo o sentido universal, Santo Ambrosio: *Monumentorum reseratio quid aliud, nisi claustris mortis effractis resurrectionem significat mortuorum?* [3] O mesmo confirmam S. Hilario, Beda, Teofilato e Ruperto.

Com isto ser assim, e o prometter Christo tão claramente, houve muitos que negaram esta verdade ao Santissimo Sacramento, não só daquelles hereges, que

---

[1] *Math.*, XXVII, 52 e 53.
[2] *Ibid.*, XII, 40.
[3] *Amb. Lib.* X.

negam o Sacramento, nem só daquelles, que negam a resurreição; mas de outros, que, confessando a resurreição e o Sacramento, não querem entender que a resurreição haja de ser por virtude sua. Porém depois que S. Antonio sahiu ao mundo, e o allumiou com os raios de sua luz, não são necessarios argumentos para provar e facilitar esta verdade; bastam os sentidos, que o experimentaram, para o persuadir. Assim como no dia do Juizo hão de resuscitar os mortos de todas as quatros partes do mundo, e de todos os elementos, e de todos os generos de mortes: assim S. Antonio, como se a sua voz tivesse a virtude da trombeta do Anjo, que se ha ouvir no dia do Juizo, não ha parte do mundo, nem elemento, nem genero de morte, de que não tenha resuscitado muitos: uns afogados no mar, outros abrazados no fogo, outros despedaçados no ar, outros sepultados na terra: uns de mortes naturaes, outros de mortes violentas: uns de mortes dilatadas, outros de mortes repentinas. Emfim, não houve genero, nem invenção de morte, de que Santo Antonio não tenha resuscitado muitas vidas. Pois se a voz de Santo Antonio, se o toque de suas mãos, se a applicação de suas reliquias resuscita tantos mortos: que muito faz a fé em crêr que o corpo de Christo, ou Christo com todo o corpo, fará o mesmo? Basta o aceno de um dedo de Antonio para resuscitar mortos; e a virtude de todo o corpo de Christo não os resuscitará, tendo-o promettido?

Só dirá algum incredulo (que isto de resurreições teem muitos) dirá algum incredulo, que não se faz bom argumento das resurreições do tempo de S. Antonio para as resurreições do dia do Juizo; porque muito maior maravilha é resuscitar um homem depois de muitos centos de annos morto, do que resuscital-o quando acaba de morrer. Não arguis bem. Tanto obra é da Omnipotencia resuscitar um morto de um dia, como um morto de cem annos. E se de uma resurreição a outra ha alguma vantagem, maior maravilha é resuscitar um morto de um dia, que um morto de muitos annos. Christo resuscitou tres mortos: Lazaro, o filho da viuva de Naïn, e a filha do principe Jayro. A filha do principe Jayro era morta de poucas horas, porque ainda estava na cama: o filho da viuva era morto de mais tempo, porque já ia na tumba a enterrar: Lazaro era morto de mais tempo ainda, por-

que já estava sepultado, e penetrado da corrupção. E qual resurreição destas foi mais famosa e admirada? A do sepultado de muitos dias? A do que ia na tumba a enterrar? Ou a da que estava ainda na cama, onde tinha expirado? O mesmo Evangelista o notou, escrevendo só desta ultima resurreição: *Exiit fama hæc in universam terram illam.* [1] De sorte, que quando a morte era de menos tempo, tanto mais celebrada foi a resurreição. Tomae a razão por um exemplo. Se um rei tomou uma cidade a outro rei, qual é maior maravilha, tornar-lh'a a tomar d'ahi a dez ou vinte annos, ou tomar-lh'a outra vez no mesmo dia? Não ha duvida que esta. Assim o entendeu David, como grande capitão, da victoria e despojos de Siceleg, os quaes tornou a recuperar no mesmo dia em que lh'os tinham tomado os Amalecitas, dizendo e acclamando todos: Esta sim, que é victoria digna de David: *Dixeruntque, hæc est præda David.* [2] Tal foi tambem a de Abrahão, vencendo na mesma noite os quatro reis gentios vencedores, descaptivando a Lot, e tornando-lhes a tomar os despojos da victoria que tinham alcançado naquelle dia. [3] Emfim, que em serem os mortos resuscitados depois de mais ou menos tempo, se ha differença ou vantagem, a teem só aquellas resurreições, em que os mortos são tirados e como arrancados das mãos da mesma morte, quando ainda as tem ensanguentadas, e mal acaba de os despojar da vida. Assim que, por esta parte não tem que se negar ás resurreições de S. Antonio as consequencias que dellas tiram os sentidos, para as do Santissimo Sacramento no dia do Juizo.

A difficuldade que tem este ponto, é a que eu agora direi. No dia do Juizo é certo que hão de resuscitar todos; mas é tambem certo, que não commungaram todos; porque não commungaram os meninos, nem os hereges, nem os gentios, nem os que foram antes da vinda de Christo. Logo não havemos de resuscitar todos no dia do Juizo em virtude do Santissimo Sacramento, que commungamos. Nego a conse-

---

[1] *Math.*, IX, 26.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, XXX, 20.
[3] *Genes.*, XIV.

quencia; porque basta que o merecimento do beneficio esteja em alguns, para que Christo sacramentado o communique a muitos: assim disse aos Apostolos, que eram sómente alguns, que o mesmo calix que se dava a elles, se communicaria a muitos: *Qui pro vobis, et pro multis effundetur.* [1] Antes é tal a liberalidade de Christo no Sacramento, que basta que seja devido o beneficio a um, para que o estenda a todos. Por isso os Theologos, com S. João Chrysostomo, chamam ao mesmo Sacramento extensão da Encarnação; porque a divindade communicada na Encarnação a uma só humanidade, no Sacramento a estende Christo e communica a todos os homens: *In me manet et ego in illo;* e assim o fez S. Antonio no mesmo genero de resurreição. Andavam folgando em um rio de Italia dez meninos, arrebatou-os a corrente, e morreram todos. Um pae, porque tinha recebido o seu por orações de S. Antonio, veiu pedir ao santo, que lhe tornasse a dar o seu filho. Estava nesta oração, quando entram dançando pela Igreja, não só aquelle menino, senão os outros nove resuscitados. Pois se um só era o por quem se orou, como resuscita S. Antonio a todos? Porque basta que haja merecimento em algum, para que S. Antonio, ao modo do Santissimo Sacramento, estenda o beneficio a todos. Assim estendeu aqui a resurreição a todos os dez meninos mortos, sendo que a oração do pae para um só a pedia. E se isto viram os olhos em S. Antonio; porque o não crerá a fé no Santissimo Sacramento? Crêa-o a fé, e ajude-se, se lhe é necessario, dos sentidos, que saboreados e allumiados com estas maravilhas, publicam, que é S. Antonio o sal e a luz daquella meza: *Vos estis sal: vos estis lux.*

V

Outra maravilha se crê vulgarmente do Santissimo Sacramento, em que é mais necessario o sal e a luz, porque verdadeiramente é tal, que não só causa algum dissabor ao gosto, e grande horror á vista, se-

[1] *Math.*, XXVI, 28; *Luc.*, XXII, 20.

não ainda á imaginação. Não debalde era cerimonia da cêa do Cordeiro, figura deste divino Sacramento, que se comessem com elle algumas amarguras: *Cum lactucis agrestibus.* [1] E que amargura, que dissabor, que horror é este do Santissimo Sacramento? E' amargura misturada com doçura; mas amargura em fim, e grande amargura: *Mors est malis, vita bonis.* Com este manjar ser vida para uns, é morte para outros. Aquella hostia que recebemos, é um papel fechado, em que vem escripta a nossa sentença, ou de vida, ou de morte. Vêde se póde haver meza mais temerosa que esta. Na meza da Proposição havia uns pães, que estavam diante do Propiciatorio, os quaes no Texto hebreu se chamam, *Panes facierum*, pães de faces. Tal é o pão do Sacramento do altar, pão de duas faces: uma benigna, outra temerosa: uma amavel, outra terrivel: uma de misericordia, outra de justiça: uma de vida, outra de morte. E pão, que de uma face me convida com a vida, de outra me ameaça com a morte: pão, que sendo triaga, póde ser veneno, e não sei se me ha de dar saude, ou me ha de matar; vêde se póde parecer desabrido.

Mas sabeis porque attribuis áquella meza estes dissabores? E' porque comeis aquelle pão sem o seu sal, e porque vos chegaes áquella cêa sem a sua luz, que é S. Antonio. Tocae esse pão naquelle sal, e vêde-o áquella luz, e logo conhecereis que Christo no Sacramento sempre é pão de vida, e nunca de morte. Ia o pae de S. Antonio a justiçar com sentença definitiva de morte, por se lhe impultar que havia tirado a outro homem a vida: e quando ia passando junto á Sé de Lisboa, apparece no adro della S. Antonio, péde á justiça que pare, manda abrir a sepultura, onde estava sepultado o morto: diz-lhe o Santo que se levante e testemunhe diante de todos, se era aquelle homem o que o matára. Levantou-se o morto, com assombro de todos, e disse que não era aquelle homem o seu matador. Então replicaram as justiças a S. Antonio que lhe perguntassse quem era o matador; mas o Santo respondeu, que elle viera dar vida ao innocente, e não dar morte a culpados. Pois se S. Antonio, quando vem dar vida, tem por acção indigna de

[1] *Exod.*, XII, 8.

sua pessoa, dar tambem morte, ainda que a vida seja a bons, e a morte a maus; porque havemos nós de cuidar que Christo no Sacramento seja morte dos maus, quando é vida dos bons? Não ha tal coisa. Christo sempre é vida, e nunca morte. E' verdade que quando chegamos a commungar (e isto é só o que quer dizer S. Thomaz e a Igreja, que por isso eu dizia, que S. Antonio é exposição do Sacramento); é verdade que quando chegamos a commungar, os bons recebem vida, e os maus incorrem morte; mas dessa morte não é causa o Sacramento. Os bons recebem a vida, porque o Sacramento lh'a dá; os maus recebem a morte, porque elles mesmos se matam a si. De sorte, que da vida que recebem os bons, não são causa os bons, senão o Sacramento; e da morte que incorrem os maus, não é causa o Sacramento, senão os maus.

Amanhece a branca flôr, cheia do orvalho doce que distillou nella a aurora: chega a beber a abelha, e leva mel; chega a beber a aranha, e leva veneno. Mas d'onde nasce este veneno, e este mel? O mel não nasceu da abelha, senão da flôr; o veneno não nasceu da flôr, senão da aranha. Nem mais, nem menos: está aquelle Sacramento feito um favo de vida e de doçura. Chega o justo, e chega o peccador áquelle manjar divino: o justo leva vida: *Vita bonis;* o peccador leva a morte: *Mors est malis.* Mas d'onde nasceu esta morte, e esta vida? A vida não nasceu do justo, senão do Sacramento; e a morte não nasceu do Sacramento, senão do peccador. De sorte que o Santissimo Sacramento sempre para todos é vida, e nunca morte.

E senão, diga-o o mesmo Christo. Lêde o Capitulo sexto de S. João, que é onde falla do Sacramento, e achareis que nove vezes se chama pão de vida: *Panis enim Dei est, qui de cœlo descendit, et dat vitam mundo: ego sum panis vitæ: Ego sum panis vivus, qui de cœlo descendi: Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita: Si quis manducaverit ex hoc pane vivet in æternum: Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam: Qui manducat meam carnem, et bibet meum sanguinem, habet vitam æternam: sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem: Et qui manducat me, et ipse vivet propter me: Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* [1] Pois

[1] *Joan.*, VI, 33 e seg.

se Christo diz nove vezes, que é pão de vida, porque não diz uma vez que é pão de morte? Porque Christo é summa verdade, e não podia dizer o que não era. Disse tantas vezes que era pão de vida, porque dá vida: não disse que era pão de morte, porque não dá morte. O que sómente disse ácerca da morte foi que era pão de não morte: *Hic est panis, qui de cœlo descendit, ut si quis ex ipso manducat, non moriatur: Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna, et mortui sunt:* [1] Tão longe está aquelle divino mysterio de dar vida e morte, que antes o fim para o que foi instituido, é para dar vida, e para impedir a morte: *Ut si quis ex ipso manducet, non moriatur.* Bem assim como neste caso fez S. Antonio, o qual ao morto, que resuscitou, deu vida; e ao pae, que ia para morrer, impediu a morte. Podendo dizer com galharda applicação: *Ego vivo propter Patrem, et ipse vivat propter me.* Vêde agora se fica bem clara aquella mal entendida verdade, á vista daquella luz: *Vos estis lux.* Vêde se fica bem saboreado aquelle mal entendido dissabor, á vista d'aquelle sal: *Vos estis sal.*

VI

Finalmente, porque nos não detenhamos mais, grande maravilha é do Santissimo Sacramento, que sendo carne, seja meio para Deus communicar espirito: *Ego sum panis vivus: Verba quæ ego locutus sum vobis, spiritus, et vita sunt.* [2] Grande maravilha do Santissimo Sacramento, que sendo carne seja remedio contra as tentações da carne, e faça os homens castos e puros: *Frumentum electorum, et vinum germinans virgines.* [3] Grande maravilha é do Santissimo Sacramento, que sendo carne que tanto cega e precipita o entendimento, seja pão que dá juizo, que dá sizo e entendimento: *Cibabit illum pane vitæ, et intellectus.* [4] Mas que muito é que a fé creia todas estas maravilhas

[1] *Joan.*, VI, 50.
[2] *Ibid.*, 51 e 64.
[3] *Zachar.*, IX, 17.
[4] *Eccles.*, XV, 3.

de Christo sacramentado, se os sentidos as vêem em S. Antonio? Que muito que o Santissimo Sacramento faça estes milagres com a substancia, se S. Antonio os faz com os accidentes? Todas estas maravilhas que faz o Sacramento não as faz com os accidentes de pão, senão com a substancia do corpo de Christo. Mas estas mesmas maravilhas fel-as S. Antonio, não com a substancia, senão com os accidentes de seu corpo. Se a carne de Christo no Sacramento dá espirito. S. Antonio só com um assopro, por ser alento da sua carne, deu espirito. Estava um noviço tentado a deixar a Religião, assoprou-lhe S. Antonio no rosto, dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum;* e ficou confirmado na vocação. Se a carne de Christo no Sacramento é remedio contra as tentações e appetites da carne; a tunica de Santo Antonio, por ser tocada na sua, tirou as tentações da carne. Era um Religioso mui molestado a tentações deshonestas: deu-lhe S. Antonio a sua tunica, para que a vestisse, e no ponto que a vestiu, não sentiu mais tentação. Se a carne de Christo no Sacramento dá juizo e entendimento: o cordão de S. Antonio, por cingir com elle a sua carne, deu juizo e entendimento. Estando o Santo prégando, havia na Igreja um doudo, que inquietava o auditorio; lançou-lhe o santo o seu cordão ao pescoço, e no mesmo ponto recuperou o entendimento, e ficou sizudo. Quem não dirá, á vista desta similhança de maravilhas, que é S. Antonio um Santo sacramentado? Pois ainda falta a mais admiravel de todas.

A mais admiravel de todas as maravilhas do Santissimo Sacramento é, que dentro de uma quantidade tão pequena esteja toda a humanidade e divindade de Christo, e que estejam estas grandezas tão grandes, escondidas e tão encobertas, que de nenhum modo appareçam, nem se possam vêr, nem sentir: *In cruce latebat sola Deitas, at hic latet simul et humanitas*, diz S. Thomaz. Mais disfarçado, e mais encoberto está Deus no Sacramento, do que esteve na cruz; porque na cruz esteve escondida a divindade, mas a humanidade esteve patente: no Sacramento a humanidade e divindade, tudo está escondido. Em S. Antonio (não o quero dizer com nome tão grande), naquelle fradinho Menor que alli vêdes, havia grandes grandezas humanas, e grandes grandezas divinas. As grandezas divinas eram as suas virtudes; as grandezas huma-

nas eram as suas letiras, e a sua sciencia admiravel. E todas estas grandezas, não só estavam reunidas e resumidas a um sugeito tão pequeno; mas estavam tão encobertas, e tão sumidas dentro nelle, que (em quanto Deus as não descobriu) nenhum sentido humano as podia conhecer, nem descobrir, nem ainda conjecturar. Veiu S. Antonio ao Capitulo geral, que celebrava em Assis o Padre S. Francisco, e acabado o Capitulo repartiram-se os Prelados por todas as Provincias da christandade, pedindo cada um os Religiosos que lhe parecia os podiam ajudar. No cabo ficou só o Santo, engeitado e desestimado de todos, porque ninguem o quiz levar comsigo. Vêde quem é o mundo, ainda onde não ha, nem devia haver mundo, que é a Religião! Mas isto não é maravilha dos homens; em S. Antonio o foi, e a maior de todas. Se em S. Antonio se conheceram suas virtudes, é certo que todos o haviam de querer levar por santo: se em S. Antonio se conheceram as suas letiras, é certo que todos o haviam de querer levar por lettrado. Mas estavam estas maravilhas todas tão sumidas e escondidas em S. Antonio, que sendo tão lettrado, parecia idiota; sendo tão grande santo, não parecia virtuoso.

O que mais me admira neste caso é, que nem S. Francisco conhecesse o que nelle havia. Que os outros Religiosos o não conhecessem, ainda que muitos eram santos, passe; mas S. Francisco, aquelle Serafim, que não penetrasse o que estava escondido em S. Antonio! D'aqui infiro eu, que soube encobrir S. Antonio as suas maravilhas muito mais, do que Christo no Sacramento encobriu as suas. Provo: porque as maravilhas que estão encerradas no Sacramento, via-as muito bem S. Francisco: e quando S. Francisco, com os olhos de Serafim, pôde vêr e penetrar as maravilhas que estão escondidas no Sacramento, não pôde vêr nem penetrar as maravilhas que estavam escondidas em S. Antonio. E porque? Porque as de S. Antonio estão mais escondidas. Julgae agora se é S. Antonio sal e luz da meza do Santissimo Sacramento. Sal, pois provado em si, a nenhuma coisa sabe, senão a Sacramento: *Vos estis sal:* Luz, porque visto o Sacramento nelle, tudo o que ha no Sacramento fica allumiado e descoberto: *Vos estis lux.*

VII

Mais tinha que ir por diante; mas acabo com pedir a todos com todo o affecto que devemos a este nosso Santo, e que nós devemos a nós mesmos, que pois Deus o fez tão maravilhoso, que façamos tambem nossas as suas maravilhas. Aproveitemo-nos dellas, e não as desperdicemos. Muitos cuidam que se aproveitam das maravilhas de S. Antonio, empregando a valia deste Santo para o remedio das coisas temporaes, e isto é desperdiçal-as. Se vos adoece o filho, Santo Antonio; se vos foge o escravo, Santo Antonio; se mandaes a encommenda, Santo Antonio; se esperaes o retorno, Santo Antonio; se requereis o despacho, Santo Antonio; se aguardaes a sentença, Santo Antonio; se perdeis a menor miudeza de vossa casa, Santo Antonio; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo Antonio. Homem houve no Maranhão, menos ha de cinco annos, que tendo induzidas duas testemunhas para lhe jurarem falso em materia de liberdade, ou captiveiro, no dia em que houveram de jurar, mandou dizer uma Missa a S. Antonio, para que jurassem contra a verdade; e porque juraram como iam instruidos, veiu o pleiteante a esta mesma Igreja dar as graças ao Santissimo Sacramento, e a S. Antonio. Ha tal barbaria como esta? Ha tal maldade? Basta, monstro do inferno, indigno do caracter de christão, e do nome de homem, que não contente de roubar a liberdade a estas duas creaturas mais livres que tu, pois não naseceram, como tu, vassallos do teu rei, a primeira lição que lhes déste da doutrina christã, foi ensinar-lhes a dizer em juizo um falso testemunho contra si mesmos, sujeitando-se a si, e a toda a sua descendencia, e perpetuo captiveiro; e para fazeres a Deus cumplice nesta tua maldade, lhe offereceste o sacrificio do Corpo e Sangue de seu Filho, e tomaste por medianeiro desta perdição de tua alma o Santo a quem o mesmo Deus deu o officio de reparar todas as perdidas! Mas para que saiba o mundo, e tome exemplo neste tão escandaloso caso do rigor com que o castigou a Divina Justiça, andando o mesmo homem á caça do captiveiro de Indios no rio das Amazonas, elles lhe tiraram a vida ás frechadas, morrendo sem

sacerdote, nem Sacramentos, com tão pouca esperança de sua salvação, antes com manifesta e clara evidencia da condemnação eterna, aquelle que não só com tal cubiça, injustiça, e crueldade, mas com um sacrilegio tão estolido, inaudito. e barbaro, tinha abusado impiamente do Santo e do Santissimo.

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO*

Prégado na cidade de S. Luiz do Maranhão, no anno de 1654

Vos estis sal terræ. [1]

I

Vós, diz Christo Senhor nosso, fallando com os prégadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra, o que faz o sal. O effeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nella que têm officio de sal, qual será, ou qual póde ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os prégadores não prégam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira

---

* Commentando este Sermão, diz o padre Honorati o seguinte: "A principio tive este Sermão por extravagante e improprio do pulpito: mas finalmente cahi na conta e conheci que fallar aos peixes foi um estratagema que o orador julgou necessario, como confessa no exordio, para prender a attenção dos ouvintes, enfadados d'ouvir a sua voz porque lhes não fallava á vontade. A novidade d'um sermão feito aos peixes no modo mais eloquente, chistoso e elegante, lhes devia suspender o animo e dar azo ao nosso Chrysostomo de lhes prégar as verdades mais duras e necessarias e prégal-as com tal effeito que lhes ficassem indeleveis na memoria. Este sermão allegorico é extraordinariamente rico na linguagem„.

[1] *Math.*, v.

a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os prégadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que elles fazem, que fazer o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os prégadores se prégam a si, e não a Christo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Christo, servem a seus appetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

Supposto, pois, que, ou o sal não salgue, ou a terra se não deixe salgar; que se ha de fazer a este sal, e que se ha de fazer a esta terra? O que se ha de fazer ao sal, que não salga, Christo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus.* [1] S o sal perder a substancia e a virtude, e o prégador faltar á doutrina, e ao exemplo; o que se lhe ha de fazer, é lançal-o fóra como inutil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevêra a dizer tal coisa, se o mesmo Christo a não pronunciára? Assim como não ha quem seja mais digno de reverencia, e de ser posto sobre a cabeça, que o prégador, que ensina e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo, e de ser mettido debaixo dos pés, o que com a palavra, ou com a vida prega o contrario.

Isto é o que se deve fazer ao sal, que não salga. E á terra, que se não deixa salgar, que se lhe ha de fazer? Este ponto não resolveu Christo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre elle a resolução do nosso grande portuguez Santo Antonio, que hoje celebramos, e a mais galharda, e gloriosa resolução que nenhum santo tomou. Prégava Santo Antonio em Italia na cidade de Arimino, contra os hereges, que nella eram muitos; e como erros de entendimento são difficultosos de arrancar, não só não fazia fructo o Santo, mas chegou o povo a se levantar contra elle, e faltou pouco, para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o animo generoso do grande Antonio? Sacudiria o pó dos sapatos como Christo aconselha em outro logar? Mas Antonio com os pés descalços não podia fazer esta protestação; e uns pés, a que se não pegou nada da terra, não tinham que sacudir. Que

[1] *Math.*, v, 13.

faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria por ventura a prudencia, ou a covardia humana; mas o zelo da gloria divina, que ardia naquelle peito, não se rendeu a similhantes partidos. Pois que fez? Mudou sómente o pulpito e o auditorio, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vae-se ás praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh maravilhas do Altissimo.! Oh poderes do que creou o mar, e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fóra da agua, Antonio prégava, e elles ouviam.

Se a Igreja quer que préguemos de Santo Antonio sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terræ:* E' muito bom Texto para os outros Santos Doutores: mas para Santo Antonio vem-lhe muito curto. Os outros Santos Doutores da Igreja, foram sal da terra, Santo Antonio foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assumpto que eu tinha para tomar hoje. Mas ha muitos dias que tenho mettido no pensamento, que nas festas dos santos é melhor prégar com elles, que prégar delles. Quanto mais que o sal da minha doutrina, qualquer que elle seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida á de Santo Antonio em Arimino, que é força seguil-a em tudo. Muitas vezes vos tenho prégado nesta Igreja e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito solida, muito verdadeira, e a que mais necessaria e importante é a esta terra, para emenda e reforma dos vicios que a corrompem. O fructo que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado delle, vós o sabeis, e eu por vós o sinto.

Isto supposto, quero hoje, á imitação de Santo Antonio, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, prégar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para elles. Maria, quer dizer, *Domina maris:* Senhora do mar: e posto que o assumpto seja tão desusado, espero que me não falte a costumada graça. *Ave Maria.*

II

Emfim, que havemos de prégar hoje aos peixes? Nunca peor auditorio. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não fallam. Uma só coisa pudera desconsolar ao prégador, que é serem gente os peixes, que se não ha de converter. Mas esta dôr é tão ordinaria, que já pelo costume quasi se não sente. Por esta causa não fallarei hoje em céu nem inferno: e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre á lembrança destes dois fins.

Vos estis sal terræ. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quaes em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preserval-o para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as prégações do vosso prégador Santo Antonio, como tambem as devem ter as de todos os prégadores. Uma é louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem para o conservar, e reprehender o mal para preservar delle. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque tambem nos peixes tem seu logar. Assim o diz o grande Doutor da Igreja S. Bazilio: *Non carpere solum, reprehendereque possumus pisces, sed sunt in illis, et quæ prosequenda sunt imitatione.* Não só ha que notar, diz o Santo, e que reprehender nos peixes, senão tambem que imitar e louvar. Quando Christo comparou a sua Igreja á rede de pescar: *Sagenæ missæ in mare,* [1] diz que os pescadores recolheram os peixes bons, e lançaram fóra os maus: *Collegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt.* [2] E onde ha bons e maus, ha que louvar e que reprehender. Supposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-hei as vossas virtudes, no segundo reprehender-vos-hei os vossos vicios. E desta maneira satisfaremos ás obrigações do sal, que melhor vos está ouvil-as vivos, que experimental-as depois de mortos.

---

[1] *Math.*, XIII, 47.
[2] *Ibid.*, XIII, 48.

Começando, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer, que entre todas as creaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus creou. A vós creou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animaes da terra, e a vós primeiro que ao mesmo homem. Ao homem deu Deus a monarchia e dominio de todos os animaes dos tres elementos, e nas provisões, em que o honrou com estes poderes, os primeiros nomeados foram os peixes: *Ut præsit piscibus maris, et volatilibus cœli, et bestiis universæque terræ.* [1] Entre todos os animaes do mundo, os peixes são os mais, e os peixes os maiores. Que comparação tem em numero as especies das aves, e as dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elephante com a baleia? Por isso Moysés, chronista da Creação, calando os nomes de todos os animaes, só a ella nomeou pelo seu: *Creavit Deus cete grandia.* [2] E os tres musicos da fornalha de Babylonia o cantaram tambem como singular entre todos: *Benedicte, cete, et omnia quæ moventur in aquis, Domino.* [3] Estes e outros louvores, estas e outras excellencias de vossa geração e grandeza vos podera dizer, ó peixes; mas isto é lá para os homens, que se deixam levar destas vaidades, e é tambem para os logares em que tem logar a adulação, e não para o pulpito.

Vindo pois, irmãos, ás vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira, que se me offerece aos olhos hoje é aquella obediencia, com que chamados acudistes todos pela honra de vosso Creador e Senhor, e aquella ordem, quietação e attenção com que ouvistes a palavra de Deus da bocca de seu servo Antonio. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande affronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a Antonio, querendo-o lançar da terra, e ainda do mundo, se pudessem, porque lhes reprehendia seus vicios, porque lhes não queria fallar á vontade, e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em innu-

[1] *Genes.*, I, 26.
[2] *Ibid.*, I, 21.
[3] *Dan.*, III, 79.

meravel concurso acudindo á sua voz, attentos, e suspensos ás suas palavras, escutando com silencio, e com signaes de admiração e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados, e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionaes se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em féras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos prégadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, prégador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquella grande tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu, levou-o ás praias de Ninive, para que lá prégasse, e salvasse aquelles homens. E' possivel, que os peixes ajudam á salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação? Vêde, peixes, e não vos venha vangloria, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e ò peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo á terra.

Mas porque nestas duas acções teve maior parte a omnipotencia que a natureza, (como tambem em todas as milagrosas, que obram os homens) passo ás virtudes naturaes, e proprias vossas. Fallando dos peixes, Aristoteles diz, que só elles, entre todos os animaes, se não domam nem domesticam. Dos animaes terrestres o cão é tão domestico, o cavallo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo, ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e beneficios se amansam. Dos animaes do ar, afóra aquellas aves que se criam e vivem comnosco, o papagaio nos falla, o rouxinol nos canta, o açôr nos ajuda e nos recrea; e até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pégos, lá se escondem nas suas grutas, e não ha nenhum tão gran-

de, que se fie do homem, nem tão pequeno, que não fuja delle. Os Auctores communmente condemnam esta condição dos peixes, e a deitam á pouca docilidade, ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui differente opinião. Não condemno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fôra natureza, era grande prudencia. Peixes! Quanto mais longe dos homens tanto melhor: trato e familiaridade com elles, Deus vos livre. Se os animaes da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola: diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadêa: vá com elles á caça o açôr, mas nas suas piozes: faça-lhe bufonerias o bugio, mas no seu cepo: contente-se o cão de lhe roer um osso, mas levado onde não quer pela trella: preze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre o cerviz, puxando pelo arado e pelo carro: glorie-se o cavallo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne, que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens, e fóra dessas cortezanias, vivereis só comvosco, sim, mas como peixe na agua. De casa e das portas a dentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar porque ha philosophos que dizem que não tendes memoria.

No tempo de Noé succedeu o diluvio que cobriu e alagou o mundo, e de todos os animaes quaes se livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão e leôa, e assim dos outros animaes da terra: das aguias escaparam duas femea e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam, antes não só escaparam todos mas ficaram muito mais largos que d'antes, porque a terra e mar tudo era mar. Pois se morrêram naquelle universal castigo todos os animaes da terra e todas as aves, porque não morrêram tambem os peixes? Sabeis porque? Diz Santo Ambrosio, porque os outros animaes, como mais domesticos ou mais visinhos, tinham mais communicação com os homens; os peixes viviam longe e retirados delles. Facilmente pudéra Deus fazer que as aguas fossem venenosas e matassem todos os peixes, assim como afogaram todos os outros animaes. Bem o experi-

mentaes na força daquellas hervas com que infeccionados os poços e lagos a mesma agua vos mata; mas como o diluvio era um castigo universal que Deus dava aos homens por seus peccados, e ao mundo pelos peccados dos homens, foi altissima providencia da Divina Justiça que nelle houvesse esta diversidade ou distincção, para que o mesmo mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal; e que por isso os animaes que viviam mais perto delles, foram tambem castigados e os que andavam longe ficaram livres. Vêde, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntado um grande philosopho, qual era a melhor terra do mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos prégou tambem Santo Antonio, e foi este um dos beneficios de que vos exhortou a dar graças ao Creador, bem vos pudera allegar comsigo, que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus paes e se recolheu ou acolheu a uma Religião, onde professasse perpetua clausura. E porque nem aqui o deixavam os que elle tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir e se esconder dos homens, mudou o habito, mudou o nome, e até a si mesmo se mudou, occultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota, com que não fosse conhecido nem buscado, antes deixado de todos, como lhe succedeu com seus proprios irmãos no Capitulo geral de Assis. D'alli se retirou a fazer vida solitaria em um ermo, do qual nunca sahira se Deus como por força o não manifestára, e por fim acabou a vida em outro deserto tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens.

III

Este é, peixes, em commum o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabem, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita materia fôra se houvera de discorrer pelas virtudes de que o Auctor da natureza a dotou e fez admiravel em cada um de vós. De alguns sómente farei menção. E o que tem o primeiro logar entre todos como tão

celebrado na Escriptura, é aquelle santo peixe de Tobias, a quem o Texto sagrado não dá outro nome, que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Ia Tobias caminhando com o Anjo S. Raphael, que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a bocca aberta em acção de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o Anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fel-o assim Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquelle peixe que lhe mandára guardar, respondeu o Anjo que o fel era bom para sarar da cegueira, e o coração para lançar fóra os demonios: *Cordis ejus particulam, si super carbones ponas, fumus ejus extricat omne genus Dæmoniorum et fel valet ad ungendos oculos, in quibus fuerit albugo, et sanabuntur.* [1] Assim o disse o Anjo, e assim o mostrou logo a experiencia, porque sendo o pae de Tobias cego, applicando-lhe o filho aos olhos um pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista: e tendo um demonio, chamado Asmodeu, morto sete maridos a Sara, casou com ella o mesmo Tobias; e queimando na casa parte do coração, fugiu d'alli o demonio e nunca mais tornou. De sorte que o fel daquelle peixe tirou a cegueira a Tobias, o Velho, e lançou os demonios de casa a Tobias o Moço. Um peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel quem o não louvára muito? Certo que se a este peixe o vestiram de burel e o ataram com uma corda, parecia um retrato maritimo de Santo Antonio. Abria Santo Antonio a bocca contra os hereges, e enviava-se a elles levado do fervor e zelo da fé e gloria divina. E elles que faziam? Gritavam como Tobias, e assombravam-se com aquelle homem, e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que vos revelasse, qual é o coração desse homem, e esse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessario vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe visseis as entranhas; como é certo que havieis de achar e co-

[1] *Tob.*, VI, 8.

nhecer claramente nellas que só duas coisas pertende de vós, e comvosco: uma é allumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demonios fóra de casa. Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demonios perseguis vós? Só uma differença havia entre Santo Antonio e aquelle peixe: que o peixe abriu a bocca contra quem se lavava, e Santo Antonio abria a sua contra os que se não queriam lavar. Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudéra agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vêde, vêde este coração. Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prégo a vós, prégo aos peixes.

Passando dos da Escriptura aos da historia natural, quem haverá, que não louve e admire muito a virtude tão celebrada da remora? No dia de um Santo Menor, os peixes menores devem preferir a outros. Quem haverá, digo, que não admire a virtude daquelle peixesinho tão pequeno no corpo, e tão grande na força e no poder, que não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma náu da India, apesar das velas, e dos ventos, e de seu proprio peso e grandeza, a prende e amarra mais que as mesmas ancoras, sem se poder mover, nem ir por diante? Oh se houvera uma remora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigo haveria na vida, e que menos naufragios no mundo! Se alguma remora houve na terra, foi a lingua de Santo Antonio, na qual como na remora se verifica o verso de S. Gregorio Nazianzeno: *Lingua quidem parva est, sed viribus omnia vincit.* O Apostolo Santiago, naquella sua eloquentissima Epistola, compara a lingua ao leme da náu, e ao freio do cavallo. Uma e outra comparação juntas declaram maravilhosamente a virtude da remora, a qual, pegada ao leme da náu, é freio da náu e leme do leme. E tal foi a virtude e força da lingua de Santo Antonio. O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão: mas quão poucas vezes obedecem á razão os impetos precipitados do alvedrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a lingua de Antonio quanta força tinha, como remora, para domar e parar a furia das paixões humanas. Quantos correndo fortuna na náu Soberba, com as velas inchadas do vento, e da mesma soberba (que tambem é vento) se iam desfazer nos baixos, que já reben-

tavam por proa, se a lingua de Antonio, como remora, não tivesse mão no leme, até que as velas se amainassem, como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fóra e a de dentro? Quantos, embarcados na náu Vingança, com a artilheria abocada, e os botafogos accesos, corriam infunados a dar-se batalha, onde se queimariam, ou deitariam a pique, se a remora da lingua de Antonio lhes não detivesse a furia, até que composta a ira, e odio, com bandeiras de paz se salvassem amigavelmente? Quantos, navegando na náu Cubiça, sobrecarregada até ás gaveas, e aberta com o peso por todas as costuras, incapaz de fugir, nem se defender, dariam nas mãos dos corsarios com perda do que levavam, e do que iam buscar, se a lingua de Antonio os não fizesse parar, como remora, até que alliviados da carga injusta, escapassem do perigo, e tomassem porto? Quantos, na náu Sensualidade, que sempre navega com cerração, sem sol de dia, nem estrellas de noite, enganados do canto das sereias, e deixando-se levar da corrente, se iriam perder cégamente, ou em Scylla, ou em Carybides, onde não apparecesse navio nem navegante, se a remora da lingua de Antonio os não contivesse, até que esclarecesse a luz, e se puzessem em via? Esta é a lingua, peixes, do vosso grande prégador, que tambem foi remora vossa, em quanto o ouvistes; e porque agora está muda (posto que ainda se conserva inteira) se veem, e choram na terra tantos naufragios.

Mas para que da admiração de uma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor ou inveja de outra não menor, admiravel é egualmente a qualidade daquel'outro peixesinho, a que os Latinos chamaram torpedo. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista: mas isto têm as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a canna na mão, o anzol no fundo, e a boia sobre a agua, e em lhe picando na isca o torpedo, começa a lhe tremer o braço. Póde haver maior, mais breve e mais admiravel effeito? De maneira que num momento passa a virtude do peixesinho, da bocca ao anzol, do anzol á linha, da linha á canna, e da canna ao braço do pescador. Com muita razão disse, que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhes puzera esta qualidade tremente, em tudo

o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito: o que me espanta é que pesquem tanto, e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremer! Pudera-se fazer problema, onde ha mais pescadores e traças de pescar, se no mar, ou na terra? E é certo que na terra. Não quero discorrer por elles, ainda que fôra grande consolação para os peixes: baste fazer a comparação com a canna, pois é o instrumento do nosso caso. No mar pescam as cannas, na terra pescam as varas, (e tanta sorte de varas) pescam as ginetas, pescam as bengalas, pescam os bastões e até os sceptros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois é possivel, que pescando os homens coisas de tanto pezo, lhes não trema a mão e o braço? Se eu prégára aos homens e tivera a lingua de Santo Antonio, eu os fizera tremer. Vinte e dois pescadores destes se acharam acaso a um sermão de Santo Antonio, e as palavras do Santo os fizeram tremer a todos, de sorte que todos, tremendo, se lançaram a seus pés, todos, tremendo, confessaram seus furtos, todos, tremendo, restituiram o que podiam (que isto é o que faz tremer mais neste peccado que nos outros) todos emfim mudaram de vida e de officio, e se emendaram.

Quero acabar este discurso dos louvores e virtudes dos peixes com um, que não sei se foi ouvinte de Santo Antonio, e aprendeu delle a prégar. A verdade é, que me prégou a mim: e se eu fôra outro tambem me convertêra. Navegando d'aqui para o Pará (que é bem não fiquem de fóra os peixes da nossa costa) vi correr pela tona da agua de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos que não conhecia: e como me dissessem que os portuguezes lhes chamavam quatro olhos, quiz averiguar ocularmente a razão deste nome, e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabaes e perfeitos. Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberalidade de sua divina Providencia para comtigo; pois ás aguias, que são os linces do ar, deu sómente dois olhos, e aos linces, que são as aguias da terra, tambem dois; e a ti, peixesinho, quatro. Mais me admirei ainda considerando nesta maravilha a circumstancia do logar. Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar, nas praias daquellas mesmas terras vastissimas, onde permitte Deus, que estejam vivendo em cegueira tantos mi-

lhares de gentes ha tantos seculos? Oh quão altas e incomprehensiveis são as razões de Deus, e quão profundo o abysmo de seus juizos!

Philosophando, pois, sobre a causa natural desta Providencia, notei que aquelles quatro olhos estão lançados um pouco fóra do logar ordinario, e cada par delles unidos como dois vidros de um relogio de areia, em tal fórma que os da parte superior olham direitatamente para baixo. E a razão desta nova architectura, é porque estes peixesinhos que sempre andam na superficie da agua, não só são perseguidos dos outros peixes do mar, senão tambem de grande quantidade de aves maritimas, que vivem naquelles praias: e como têm inimigos no mar, e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinellas e deu-lhes dois olhos, que direitamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que direitamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes. Oh que bem informára estes quatro olhos uma alma racional, e que bem empregada fôra nelles, melhor que em muitos homens! Esta é a prégação que me fez aquelle peixesinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso de razão, só devo olhar direitamente para cima, e só direitamente para baixo: para cima considerando que ha céu, e para baixo considerando que ha inferno. Não me allegou para isso passo da Escriptura; mas então me ensinou o que quiz dizer David em um, que eu não entendia: *Averte oculos meos ne videant vanitatem.* [1] Voltae-me, Senhor, os olhos para que não vejam a vaidade. Pois David não podia voltar os seus olhos para onde quizesse? Do modo que elle queria, não. Elle queria voltados os seus olhos de modo que não vissem a vaidade, e isto o não podia fazer neste mundo, para qualquer parte que voltasse os olhos, porque neste mundo tudo é vaidade: *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.* [2] Logo, para não verem os olhos de David a vaidade, havia-lh'os de voltar Deus de modo que só vissem e olhassem para o outro mundo em ambos seus hemispherios; ou para o de cima, olhando direitamente só para o céu, ou para o debaixo, olhando direitamente só para o inferno.

---

[1] *Psalm.*, XI, 37.
[2] *Eccles.*, I, 2.

E esta é a mercê que pedia a Deus aquelle grande Propheta, e esta a doutrina que me prégou aquelle peixesinho tão pequeno.

Mas ainda que o céu e o inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muito que ajudaes a ir ao céu e não ao inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentaes as Cartuxas e os Bussacos, e todas as santas Familias, que professam mais rigorosa austeridade; vós os que a todos os verdadeiros christãos ajudaes a levar a penitencia das Quaresmas; vós aquelles com que o mesmo Christo festejou a sua Paschoa, as duas vezes que comeu com seus Discipulos depois de resuscitado. Prezem-se as aves e os animaes terrestres de fazer esplendidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriae-vos de ser companheiros do jejum e da abstinencia dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco, e sympathia com a virtude, que prohibindo Deus no jejum a peor e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só logar vos deram os astrologos entre os signos celestes, mas os que só de vós mantêm na terra, são os que têm mais seguros os logares do céu. Emfim sois creaturas daquelle elemento, cuja fecundidade entre todos é propria do Espirito Santo: *Spiritus Domini fecundabat aquas.* [1]

Deitou-vos Deus a benção, que crescesseis e multiplicasseis; e para que o Senhor vos confirme essa benção, lembrae-vos de não faltar aos pobres com o seu remedio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos augmentos. Tomae o exemplo nas irmãs sardinhas. Porque cuidaes que as multiplica o Creador em numero tão innumeravel? Porque são sustento de pobres. Os solhos e os salmões são muito contados, porque servem á meza dos reis e dos poderosos: mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Christo, o mesmo Christo o multiplica e augmenta. Aquelles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto, multiplicaram tanto, que deram de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos, que sus-

[1] *Genes.*, I, 5.

tentam a pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão os vivos! Crescei, peixes, e multiplicae, e Deus vos confirme a sua benção.

IV

Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi tambem agora as vossas reprehensões. Servir-vos-hão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escandalo é este, mas a circumstancia o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fôra pelo contrario era menos mal. Se os pequenos comêram os grandes, bastára um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhae como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, prævversisque cupiditatibus facti sunt veluti pisces se devorantes.* Os homens, com suas más e preversas cubiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos creados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma patria, e todos finalmente irmãos, vivaes de vos comer. Santo Agostinho, que prégava aos homens, para encarecer a fealdade deste escandalo, mostrou-lh'o nos peixes; e eu, que prégo aos peixes, para que vejaes quão feio e abominavel é, quero que o vejaes nos homens. Olhae, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós viraes os olhos para os mattos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidaes que só os tapuyas se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vêdes vós todo aquelle bulir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças e cruzar as ruas: vêdes aquelle subir e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sahir sem quietação nem socego? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Morreu algum delles, vereis logo tantos sobre o miseravel a despedaçal-o e comel-o. Comem-no os her-

deiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatarios, comem-no os acredores: comem-no os officiaes dos orphãos, e os dos defuntos e ausentes: come-o o medico, que o curou ou ajudou a morrer, come-o o sangrador que lhe tirou o sangue, come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levam a enterrar: emfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comêram sómente depois de mortos, parece que era menos horror e menos materia de sentimento. Mas para que conheçaes a que chega a vossa crueldade, considerae, peixes, que tambem os homens se comem vivos assim como vós. Vivo estava Job, quando dizia: *Quare persequimini me, et carnibus meis saturamini?* [1] Porque me perseguis tão deshumanamente, vós, que me estaes comendo vivo e fartando-vos da minha carne? Quereis vêr um Job destes? Vêde um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou accusados de crimes, e olhae quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o sollicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São peores os homens que os corvos. O triste que foi á forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juizo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

E para que vejaes como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos modos com que vós vos comeis no mar; ouvi a Deus queixando-se deste peccado: *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant plebem meam, ut cibum panis?* [2] Cuidaes, diz Deus, que não ha de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aquelles que commettem a maldade? E que maldade é esta, á qual Deus singularmente chama a maldade, como se não houvera outra no mundo? E quem são aquelles que a commettem? A maldade é comerem-se os homens

[1] *Job.*, XIX, 22.
[2] *Psal.*, XIII, 4.

uns aos outros, e os que a commettem são os maiores que comem os pequenos: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advirtaes muito outras tantas coisas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus, que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na republica, estes são os comidos. E não só diz, que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant.* Porque os grandes que têm o mando das cidades e das provincias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam.* E de que modo os devoram e comem? *Ut cibum panis:* não como os outros comeres, senão como pão. A differença que ha entre pão e os outros comeres, é que para a carne, ha dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as fructas, differentes mezes no anno; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuadamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes: e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseraveis pequenos, não tendo, nem fazendo officio em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estaes dizendo que não, e com olhardes uns para os outros, vos estaes admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos: e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuadamente sem differença de tempos, não só de dia, senão tambem de noite, ás claras e ás escuras, como tambem fazem os homens.

Se cuidaes, por ventura, que estas injustiças entre vós se toleram e passam sem castigo, enganaes-vos. Assim como Deus as castiga nos homens, assim tambem por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvis e estaes presentes, bem vistes neste Es-

tado, e quando menos ouvirieis murmurar aos passageiros nas canôas, e muito mais lamentar aos miseraveis remeiros dellas, que os maiores que cá foram mandados, em vez de governar e augmentar o mesmo Estado, o destruiram; porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos. Assim foi: mas se entre vós se acham acaso alguns dos que seguindo a esteira dos navios, vão com elles a Portugal e tornam para os mares patrios; bem ouviriam estes lá no Tejo, que esses mesmos maiores, que cá comiam os pequenos, quando lá chegam acham outros maiores que os comam tambem a elles. Este é o estylo da Divina Justiça, tão antigo e manifesto, que até os Gentios o conhecêram e celebraram.

Vos quibus rector maris, atque terræ
Jus dedit magnum necis, atque vitæ;
Ponite inflatos, tumidosque vultus;
Quidquid á vobis minor extimescit,
Major hoc vobis Dominus minatur.

Notae, peixes, aquella definição de Deus: *Rector maris, atque terræ.* Governador do mar e da terra: para que não duvideis que o mesmo estylo, que Deus guarda com os homens na terra, observa tambem comvosco no mar. Necessario é logo que olheis por vós e que não façaes pouco caso da doutrina que vos deu o grande doutor da Igreja Santo Ambrosio, quando, fallando comvosco, disse: *Cave nedum alium insequeris, incidas in validiorem.* Guarde-se o peixe que persegue o mais fraco para o comer, não se ache na bocca do mais forte, que o engula a elle? Nós o vemos aqui cada dia. Vae o xareo correndo atraz do bagre, como o cão após a lebre, e não vê o cego que lhe vem nas costas o tubarão com quatro ordens de dentes, que o ha de engulir de um bocado. E' o que com maior elegancia vos disse tambem Santo Agostinho: *Prædo minoris fit præda majoris.* Mas não bastam, peixes, estes exemplos para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade que usaes com os pequenos, tem já apparelhada o castigo na voracidade dos grandes.

Já que assim o experimentaes com tanto damno vosso, importa que daqui por diante sejaes mais republicos, e zelosos do bem commum, e que este pre-

valeça contra o appetite particular de cada um, para que não succeda, que assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuidos, vos venhaes a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fóra, e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos? Não vêdes que contra vós se emmalham e entralham as redes; contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzoes, contra vós as fisgas e os arpões? Não vêdes que contra vós até as cannas são lanças e as cortiças armas offensivas? Não vos basta pois, que tenhaes tantos e tão armados inimigos de fóra, senão tambem vós de vossas portas a dentro o haveis de ser mais crueis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil, e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discordia: e pois vos chamei e sois irmãos, lembrae-vos das obrigações deste nome. Não estaveis vós muito quietos, muito pacificos e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos prégava Santo Antonio? Pois continuae assim e sereis felizes.

Dir-me-heis (como tambem dizem os homens) que não tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentam entre vós muitos, que não comem os outros? O mar é muito largo, muito fertil, muito abundante, e só com o que bota ás praias póde sustentar grande parte dos que vivem dentro nelle. Comerem-se uns animaes aos outros é voracidade e sevicia, e não estatuto da natureza. Os da terra e do ar, que hoje se comem, no principio do mundo não se comiam, sendo assim conveniente e necessario para que as especies de todos se multiplicassem. O mesmo foi (ainda mais claramnte) depois do diluvio, porque tendo escapado sómente dois de cada especie, mal se podiam conservar, se se comessem. E finalmente no tempo do mesmo diluvio, em que todos viveram juntos dentro na Arca, o lobo estava vendo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gamo, e cada um aquelles em que se costuma cevar; e se acaso lá tiveram essa tentação, todos lhe resistiam e se acommodaram com a ração do paiol commum, que Noé lhes repartia. Pois se os animaes dos outros elementos mais calidos fo-

ram capazes desta temperança, porque o não serão os da agua? Emfim, se elles em tantas occasiões, pelo desejo natural da propria conservação e augmento, fizeram da necessidade virtude, fazei-o vós tambem: ou fazei a virtude sem necessidade e será maior virtude.

Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima, em muitos de vós, é aquella tão notavel ignorancia e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de panno cortado e aberto em duas ou tres pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na agua, e em o vendo o peixe, arremette cego a elle e fica preso, e boqueando até que assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Póde haver maior ignorancia e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de panno, perder a vida? Dir-me-heis que o mesmo fazem os homens. Não vol-o nego. Dá um exercito batalha contra outro exercito, mettem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas, e porque? Porque houve quem os engodou, e lhes fez isca com dois retalhos de panno. A vaidade entre os vicios é o pescador mais astuto, e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços, e dessas espadas dois retalhos de panno, ou branco, que se chama habito de Malta, ou verde, que se chama de Aviz, ou vermelho, que se chama de Christo e de Santiago; e os homens por chegarem a passar esse retalho de panno ao peito, não reparam em fragar e engulir o ferro. E depois disso que succede? O mesmo que a vós. O que enguliu o ferro, ou alli, ou n'outra occasião ficou morto: e os mesmos retalhos de panno tornaram outra vez ao anzol para pescar outros. Por este exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós, posto que me parece, que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa, porque cá no Maranhão ainda que se derrame tanto sangue, não ha exercitos, nem esta ambição de habitos.

Mas nem por isso vos negarei, que tambem cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignorantemente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com que? Um homem do mar com os retalhos de panno. Vem um

mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro pannos e quatro sedas, que já se lhes passou a era e não têm gasto: e que faz? Isca com aquelles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacadella e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sóbe mais o preço: e os bonitos, ou os que o querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e alli ficam engasgados e prezos, com dividas de um anno para outro anno, e de uma safra para outra safra, e lá vae a vida. Isto não é encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça, ou na canna, ou no engenho, ou no tabacal: e este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras, nem os cavallos, nem os escudeiros, nem os pagens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as baixellas, nem as joias; pois em que se vae e despende toda a vida? No triste farrapo com que sahem á rua, e para isso se matam todo o anno.

Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens com que vos escusaes? Claro está que sim: nem vós o podeis negar. Pois se é grande loucura esperdiçar a vida por dois retalhos de panno, quem tem obrigação de se vestir; vós a quem Deus vestiu do pé até á cabeça, ou de pelles de tão vistosas e apropriadas côres, ou de escamas prateadas e doiradas, vestidos que nunca se rompem, nem gastam com o tempo, nem se variam, ou podem variar com as modas; não é maior ignorancia e maior cegueira, deixares-vos enganar, ou deixares-vos tomar pelo beiço com duas tirinhas de panno? Vêde o vosso Santo Antonio, que pouco o pôde enganar o mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as galas de que aquella edade tanto se préza, trocou-as por uma loba de sarja e uma corrêa de Conego Regrante: e depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquella mortalha, trocou a sarja pelo burel e a corrêa pela corda. Com aquella corda e com aquelle panno, pescou elle muitos, e só estes se não enganaram e foram sisudos.

V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia em que cheguei a ella,

ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho, tanto me moveram a riso como a ira. E' possivel que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncas do mar? Se com uma linha de cozer e um alfinete torcido, vos póde pescar um aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncaes. Dizei-me: o espadarte porque não ronca? Porque, ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca lingua. Isto não é regra geral; mas é regra geral, que Deus não quer roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. S. Pedro, a quem muito bem conheceram vossos antepassados, tinha tão boa espada, que elle só avançou contra um exercito inteiro de soldados romanos; e se Christo lh'a não mandára metter na bainha, eu vos prometto que havia de cortar de mais orelhas que a de Malco. Comtudo, que lhe succedeu naquella mesma noite? Tinha roncado e barbateado Pedro, que se todos fraqueassem, só elle havia de ser constante até morrer, se fosse necessario: e foi tanto pelo contrario, que só elle fraqueou mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar. Antes disso tinha já fraqueado na mesma hora em que prometteu tanto de si. Disse-lhe Christo no Horto, que o vigiasse, e vindo d'ahi a pouco a vêr se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o accordou do somno, senão tambem do que tinha blazonado: *Sic non potuisti una hora vigilare mecum?* [1] Vós, Pedro, sois o valente que havieis de morrer por mim, e não podestes uma hora vigiar commigo? Pouco ha tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim succedeu. O muito roncar antes da occasião, é signal de dormir nella. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto succedeu ao maior pescador, que póde acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blazonar, nem roncar.

Se as baleias roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogancia na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas baleias não seria essa arrogancia segura. O que é a baleia entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o rio Jordão, e o mar de Tiberiades tem

[1] *Marc.*, XIV, 37.

communicação com o Oceano, como devem ter, pois delle manam todos; bem deveis de saber, que este gigante era a ronca dos Philisteus. Quarenta dias continuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiaes de Israël, sem haver quem se lhe atrevesse: e no cabo que fim teve toda aquella arrogancia? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com elle em terra. Os arrogantes, e soberbos tomam-se com Deus; e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar, e imitar a Santo Antonio. Duas coisas ha nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber, e o poder. Caiphaz roncava de saber: *Vos nescitis quidquam.* [1] Pilatos roncava de poder: *Nescis quia potestatem habeo?* [2] E ambos contra Christo. Mas o fiel servo de Christo, Antonio, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vós mesmos experimentastes, ninguem houve jámais que o ouvisse fallar em saber, ou poder, quanto mais blazonar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a Linha equinoccial, vi debaixo della o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha, e pegado tambem aos peixes. Pegadores se chamam estes de que agora fallo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores; mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jámais os desaferram. De alguns animaes de menos força e industria se conta, que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a elles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto, como aquelles ao longe; porque o peixe grande não póde dobrar a cabeça, nem voltar a bocca sobre os que traz ás costas, e assim lhes sustenta o peso, e mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou, e pegou de um elemento a outro, sem duvida, que o aprenderam os peixes do alto depois que os nossos portuguezes o navegaram; porque não parte Vice-Rei, ou Governador

[1] *Joan.*, XI, 49.
[2] *Ibid.*, XIX, 10.

para as Conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quaes se arrimam a elles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remedio. Os menos ignorantes, desenganados da experiencia, despegam-se, e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados á mercê e fortuna dos maiores, vêm-lhes a succeder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodêa a náu o tubarão nas calmarias da Linha com os seus pegadores ás costas, tão cirzidos com a pelle, que mais parecem remendos, ou manchas naturaes, que hospedes, ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadêa com a ração de quatro soldados, arremeça-se furiosamente á preza, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia companha a alal-o acima, bate fortemente o convés com os ultimos arrancos; em fim, morre o tubarão, e morrem com elle os pegadores. Parece-me que estou ouvindo a S. Matheus, sem ser Apostolo pescador, descrevendo isto mesmo na terra. Morto Herodes, diz o Evangelista, appareceu o Anjo a José no Egypto, e disse-lhe, que já se podia tornar para a patria, porque eram mortos todos aquelles que queriam tirar a vida ao Menino: *Defuncti sunt enim qui quærebant animam Pueri.* [1] Os que queriam tirar a vida a Christo Menino, eram Herodes, e todos os seus, toda a sua familia, todos os seus adherentes, todos os que seguiam, e pendiam da sua fortuna. Pois é possivel, que todos estes morressem juntamente com Herodes? Sim: porque em morrendo o tubarão, morrem tambem com elle os pegadores: *Defuncto Herode, defuncti sunt qui quærebant animam Pueri.* Eis aqui, peixinhos ignorantes, e miseraveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolhestes. Tomae exemplo nos homens, pois elles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo Antonio.

Deus tambem tem os seus pegadores. Um destes era David, que dizia: *Mihi autem adhærere Deo bonum est.* [2] Peguem-se outros aos grandes da terra, que eu só me quero pegar a Deus. Assim o fez tambem Santo Antonio, e senão, olhae para o mesmo Santo, e vêde como está pegado com Christo, e Christo

[1] *Math.*, II, 20.
[2] *Psalm.*, LXXII, 2.

com elle. Verdadeiramente se póde duvidar, qual dos dois é alli o pegador; e parece, que é Christo, porque o menor é sempre o que se pega ao maior, e o Senhor fez-se tão pequenino, para se pegar a Antonio. Mas Antonio tambem se fez Menor, para se pegar mais a Deus. D'aqui se segue, que todos os que se pegam a Deus, que é immortal, seguros estão de morrer como os outros pegadores. E tão seguros, que ainda no caso em que Deus se fez homem, e morreu, só morreu para que não morressem todos os que se pegassem a elle. Bem se viu nos que estavam já pegados, quando disse: *Si ergo me quæritis, sinite hos abire:* [1] Se me buscaes a mim, deixae ir a estes. E posto que deste modo só se podem pegar os homens, e vós, meus peixesinhos, não; ao menos devereis imitar aos outros animaes do ar e da terra, que quando se chegam aos grandes, e se amparam do seu poder, não se pegam de tal sorte, que morram juntamente com elles. Lá diz a Escriptura daquella famosa arvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do céu descançavam sobre seus ramos, e todos os animaes da terra se recolhiam á sua sombra, e uns e outros se sustentavam de seus fructos: mas tambem diz, que tanto que foi cortada esta arvore, as aves voaram, e os outros animaes fugiram. Chegae-vos embora aos grandes: mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por elles, nem morraes com elles.

Considerae, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram áquelle peixe grande, e porquè. O tubarão morreu porque comeu, e elles morreram pelo que não comeram. Póde haver maior ignorancia, que morrer pela fome e bocca alheia? Que morra o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se póde imaginar! Não cuidei que tambem nos peixes havia peccado original! Nós os homens, fomos tão desgraçados, que outrem comeu e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve principio na goludice de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavamo-nos desta desgraça com uma pouca

[1] *Joan.*, XVIII, 8.

de agua, e vós não vos podeis lavar da vossa ignorancia com quanta agua tem o mar.

Com os voadores tenho tambem uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes; pois porque vos metteis a ser aves? O mar fel-o Deus para vós, e o ar para ellas. Contentae-vos com o mar e com nadar, e não queiraes voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhae para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-heis, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros de vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mal porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quizestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga, a vós, sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presumpção e o vosso capricho. Vae o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vella ou na corda, e cae palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca, ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fôra mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das antenas e cahir morto. Grande ambição é, que sendo o mar tão immenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vêde, peixes, o castigo da ambição. O voador fel-o Deus peixe, e elle quiz ser ave, e permitte o mesmo Deus, que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as vellas para elle são redes, como peixe, e todas as cordas, laços como ave. Vê, voador, como correu pela posta o teu castigo. Pouco ha nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas azas. Não contente com ser peixe, quizestes ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a agua, tu não quizestes senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quizera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava elle do fogo, quando nadava na agua, mas porque quiz ser borboleta das ondas, vieram-lhe a queimar as azas.

A' vista deste exemplo, peixes, tomae todos na memoria esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem. Quem póde nadar, e quer voar, tempo virá em que não voe, nem nade. Ouvi o caso de um voador da terra. Simão Mago, a quem a arte magica, na qual era famosissimo, deu o sobrenome, fingindo-se que elle era o verdadeiro filho de Deus, signalou o dia em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao céu, e com effeito começou a voar mui alto; porém a oração de S. Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que elle, e cahindo lá de cima o Mago, não quiz Deus que morresse logo senão que nos olhos tambem de todos quebrasse, como quebrou os pés. Não quero que repareis no castigo, senão no genero delle. Que cáia Simão, está muito bem cahido: que morra, tambem estaria muito bem morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabolica o merecia. Mas que de uma quéda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça ou os braços, senão os pés? Sim, diz S. Maximo, porque quem tem pés para andar, e quer azas para voar, justo é, que perca as azas e mais os pés. Elegantemente o Santo Padre: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset: et qui pennas assumpserat, plantas amitteret.* E Simão tem pés e quer azas, póde andar e quer voar; pois quebrem-se-lhe as azas, para que não vôe, e tambem os pés para que não ande. Eis aqui, voadores do mar, o que succede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomára exemplo nos rios, depois que Icaro se afogou no Danubio, não haveria tantos Icaros no Oceano.

Oh alma de Antonio, que vós tivestes azas e voastes sem perigo, porque soubestes voar para baixo e não para cima! Já S. João viu no Apocalypse aquella mulher, cujo ornato gastou todas as suas luzes ao firmamento, e diz que lhe foràm dadas duas grandes azas de aguia: *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ:* [1] E para que? *Ut volaret in desertum.* Para voar ao deserto. Notavel coisa, que não debalde lhe chamou o mesmo Propheta, grande maravilha. Esta mulher estava no céu: *Signum magnum apparuit in cœlo, mulier amicta sole.* Pois se a mulher estava no céu e

[1] *Apoc.*, II, 14.

o deserto na terra, como lhe dão azas para voar ao deserto? Porque ha azas para subir e azas para descer. As azas para subir são muito perigosas, as azas para descer muito seguras: e taes foram as de Santo Antonio. Déram-se á alma de Santo Antonio duas azas de aguia, que foi aquella duplicada sabedoria natural, e sobrenatural tão sublime, como sabemos. E elle que fez? Não estendeu as azas para subir, encolheu-as para descer; e tão encolhidas, que sendo a Arca do Testamento, era reputado, como já vos disse, por leigo e sem sciencia. Voadores do mar (não fallo com os da terra) imitae o vosso Santo Prégador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de azas, não as estendaes para subir, porque vos não succeda encontrar com alguma vela ou algum costado: encolhei-as para descer, ide-vos metter no fundo em alguma cova: e se ahi estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saiamos dellas, temos lá o irmão polvo, contra o qual tem suas queixas, e grandes, não menos que S. Basilio e Santo Ambrosio. O polvo com aquelle seu capello, parece um monge; com aquelles seus raios estendidos, parece uma estrella; com aquelle não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão santa, testemunham contestamente os dois grandes Doutores da Igreja Latina, e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todos aquellas côres, a que está pegado. As côres, que no camaleão são gala, no polvo são malicia: as figuras, que em Protheu são fabula, no polvo são verdade, e artificio. Se está nos limos, faz-se verde: se está na area, faz-se branco: se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E d'aqui que succede? Succede, que o outro peixe innocente da traição, vae passando desacautelado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fal-o prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais; porque nem fez tanto. Judas abraçou a Christo, mas outros o prenderam: o polvo é o que abraça, e mais o que prende.

Judas com os braços faz o signal, e o polvo dos proprios braços faz as cordas. Judas é verdade, que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição, e roubo, que faz, é á luz, para que não distinga as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

Oh que excesso tão affrontoso, e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro, e tão crystallino como o da agua, espelho natural não só da terra, senão do mesmo céu. Lá disse o Propheta por encarecimento, que nas nuvens do ar até a agua é escura: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* [1] E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para attribuir a escuridade ao outro elemento, e não á agua; a qual em seu proprio elemento sempre é clara, diaphana, e transparente, em que nada se póde occultar, encobrir, nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve, e se exercite com tanto damno do bem publico um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso, e tão conhecidamente traidor! Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes nas terras em que batem os vossos mares, me estaes respondendo, e convindo, que tambem nellas ha falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sugeito que defendeis, tambem podereis applicar aos similhantes outra propriedade muito propria; mas pois vós a calaes, eu tambem a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em Antonio vosso prégador, e vereis nelle o mais puro exemplar da candura, da sinceridade, e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento, ou engano. E sabei tambem, que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser portuguez, não era necessario ser santo.

Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores, e reprehensões, e satisfeito, como vos prometti, ás duas obrigações de sal, posto que do mar, e não da

[1] *Psalm.*, XVII, 12.

terra: *Vos estis sal terræ*. Só resta fazer-vos uma advertencia muito necessaria, para os que viveis nestes mares. Como elles são tão esparcelados, e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão á costa muitos navios, com que se enriquece o mar, e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtaes, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excommungados e malditos. Esta pena de excommunhão, que é gravissima, não se poz a vós, senão aos homens, mas tem mostrado Deus por muitas vezes, que quando os animaes commettem materialmente o que é prohibido por esta lei, tambem elles incorrem, por seu modo, nas penas della, e no mesmo ponto começam a definhar, até que acabam miseravelmente. Mandou Christo a S. Pedro que fosse pescar, e que na bocca do primeiro peixe que tomasse, acharia uma moeda, com que pagar certo tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, supposto que elle era o primeiro, do preço delle, e dos outros podia fazer o dinheiro, com que pagar aquelle tributo, que era de uma só moeda de prata, e de pouco peso. Com que mysterio manda logo o Senhor que se tire da bocca deste peixe, e que seja elle o que morra primeiro que os demais? Ora estae attentos. Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem têm contractos com os homens, donde lhes possa vir dinheiro: logo a moeda que este peixe tinha engulido, era de algum navio que fizera naufragio naquelles mares. E quiz mostrar o Senhor que as penas que S. Pedro, ou seus successores fulminam contra os homens, que tomam os bens dos naufragantes, tambem os peixes por seu modo as incorrem, morrendo primeiro que os outros, e com o mesmo dinheiro que engulira atravessado na garganta. Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não prégara para o mar! Para os homens não ha mais miseravel morte, que morrer com o alheio atravessado na garganta; porque é peccado de que o mesmo S. Pedro, e o mesmo Summo Pontifice não póde absolver. E posto que os homens incorrem a morte eterna, de que não são capazes os peixes, elles comtudo apressam a sua temporal, como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se não abstêm dos bens dos naufragantes.

VI

Com esta ultima advertencia vos despido, ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos alliviar de uma desconsolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o Levitico. Na Lei ecclesiastica, ou ritual do Levitico, escolheu Deus certos animaes, que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos elles, ou animaes terrestres, ou aves, ficando os peixes totalmente excluidos dos sacrificios. E quem duvida, que esta exclusão tão universal era digna de grande desconsolação e sentimento para todos os habitadores de um elemento tão nobre, que mereceu dar a materia ao primeiro Sacramento? O motivo principal de serem excluidos os peixes, foi porque os outros podiam ir vivos ao sacrificio, e os peixes geralmente não, senão mortos; e coisa morta não quer Deus que se lhe offereça, nem chegue aos seus altares. Tambem este ponto era mui importante e necessario aos homens, se eu lhes prégara a elles. Oh quantas almas chegam áquelle altar mortas, porque chegam e não têm horror de chegar, estando em peccado mortal! Peixes, dae muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao sacrificio que chegar morto. Os outros animaes offereçam a Deus o ser sacrificados; vós offerecei-lhe o não chegar ao sacrificio: os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificae-lhe o respeito e a reverencia.

Ah peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fôra não tomar a Deus nas mãos, que tomal-o tão indignamente! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza é melhor que a minha razão, e o vosso instincto melhor que o meu alvedrio. Eu fallo, mas vós não offendeis a Deus com as palavras: eu lembro-me, mas vós não offendeis a Deus com a memoria: eu discorro, mas vós não offendeis a Deus com o entendimento: eu quero, mas vós não offendeis a Deus com a vontade. Vós fostes creados por Deus, para servir ao homem, e conseguis o fim para que fostes creados: a mim creou-me para o

servir a elle, e eu não comsigo o fim para que me creou. Vós não haveis de vêr a Deus, e podereis apparecer diante delle muito confiadamente, porque o não offendestes: eu espero que o hei de vêr; mas com que rosto hei de apparecer diante de seu divino acatamento, se não cesso de o offender? Ah que quasi estou por dizer, que me fôra melhor ser como vós, pois de um homem que tinha as minhas mesmas obrigações, disse a Summa Verdade, que melhor fôra não nascer homem: *Si natus non fuisset homo ille.* E pois os que nascemos homens, respondemos tão mal ás obrigações de nosso nascimento, contentae-vos, peixes, e dae muitas graças a Deus pelo vosso.

Benedicite, cete, et omnia quæ moventur in aquis, Domino. Louvae, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos, e repartidos em dois coros tão innumeraveis, louvae-o todos uniformemente. Louvae a Deus, porque vos creou em tanto numero. Louvae a Deus, que vos distinguiu em tantas especies: louvae a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura: louvae a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessarios para a vida: louvae a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro: louvae a Deus, que vindo a este mundo, viveu entre vós, e chamou para si aquelles que comvosco, e de vós viviam: louvae a Deus, que vos sustenta: louvae a Deus, que vos conserva: louvae a Deus, que vos multiplica: louvae a Deus, emfim, servindo, e sustentando ao homem, que é o fim para que vos creou; e assim como no principio vos deu sua benção, vol-a dê tambem agora. Amen. Como não sois capazes de gloria, nem graça, não acaba o vosso sermão em graça e gloria.

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO*

Prégado na Dominga infra octavam do mesmo Santo no Maranhão, no Anno de 1657

Quæ mulier habens drachmas decem, et si perdiderit drachmam unam, nonne accendit lucernam, et everrit domum, et quærit diligenter, donec inveniat? [1]

Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. [2]

I

Quando a Igreja nos propõe dois Evangelhos, mais é obrigação que demasia tomar dois themas. O primeiro é da Dominga, o segundo, da Festa, e ambos tão proprios do Santo que celebramos, que um parece o Texto, outro o commento.

No primeiro Evangelho diz Christo Senhor nosso assim: Se uma mulher tem dez drachmas (drachmas eram umas moedas de prata de pouco pezo, que corriam naquelle tempo entre os Hebreus) se uma mulher, diz o Senhor, tem dez moedas destas, e perdeu uma, que é o que faz? (Notae, os que notaes os prégadores, a lhaneza das comparações daquelle Prégador divino). Accende, diz, uma candeia, varre a casa, busca a sua drachma com toda a diligencia; e se acaso a achou, sáe á rua com grande alvoroço, chama as amigas e

---

[1] *Luc.*, XV.
[2] *Math.*, V.

as visinhas, diz-lhes que se alegrem com ella, e lhe deem o parabem da sua boa ventura, porque achou a drachma que tinha perdido. Vêdes esta festa? Vêdes esta alegria? Pois o mesmo passa no céu, diz o Senhor. Fazem-se lá grandes festas, alegram-se os Anjos, e dão-se os parabens os bemaventurados, todas as vezes que um peccador perdido se acha e se converte pela penitencia: *Ita gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore pœnitentiam agente.* [1] Esta é a substancia da parabola de Christo, a qual se resume toda em tres coisas particulares: a mulher, a moeda, e a candeia: a mulher que perdeu, achou, e festejou a moeda: a mesma moeda primeiro perdida, e depois achada: e a candeia que se accendeu para se buscar e achar. Destas tres coisas explicou o Senhor as duas, e deixou a terceira sem explicação. A mulher, diz que é a Igreja, a qual em quanto militante na terra, perde e acha os peccadores; e em quanto triumphante no céu, celebra e festeja suas conversões. A drachma perdida e achada, são as almas dos mesmos peccadores que se perdem pelo peccado, e se acham e recuperam pela penitencia. A candeia que se accendeu para buscar a drachma, supposto que o Senhor não declarou qual fosse, haverá quem nol-o diga? Se não fôra em tal dia, eu me não atrevêra a o dizer facilmente; mas hoje qualquer de vós o dirá. Dizei-me: qual é no mundo o santo que depara as coisas perdidas? Qual é no mundo a luz, com que as coisas perdidas se acham e se descobrem? Todos estaes dizendo que é Santo Antonio. Pois essa é a candeia, que no primeiro Evangelho se accendeu, e assim o diz o segundo: *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* [2] O primeiro Evangelho diz, que a candeia se accendeu para allumiar a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum.* [3] O segundo diz que a candeia que se accendeu para allumiar a casa, é o Santo que hoje celebramos: *Accendunt lucernam, ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* De sorte que um Evangelho em parabola, e o outro

[1] *Luc.*, xv, 10.
[2] *Math.*, v, 15.
[3] *Luc.*, xv, 8.

na significação della nos dizem e prégam hoje concordemente, que a luz com que se acham as drachmas ou almas perdidas, é o nosso glorioso Santo Antonio; mais glorioso por esta prerogativa, que por todas quantas delle se podem e costumam prégar. Supposta esta propriedade, e concordia de um e outro Texto, nem eu posso tomar outro assumpto mais evangelico, nem vós desejar outro mais util, nem o mesmo Santo querer de mim e de vós outro que mais lhe agrade. Será pois o argumento de todo o nosso discurso: Antonio deparador de almas perdidas. E para que as nossas se aproveitem desta luz, que a todas mais ou menos é necessaria, peçamos ao mesmo Santo, como tão devoto servo, e tão favorecido da Mãe da graça, interceda por nós, para que a alcancemos: *Ave Maria.*

II

Accendit lucernam, donec inveniat: accendunt lucernam, ut luceat omnibus.

Ser Santo Antonio entre todos os santos o deparador das coisas perdidas, é uma graça tão singular, e um privilegio tão soberano, que parece deu Deus a Santo Antonio melhor officio do que tomou para si. Deus como auctor de todos os bens é o que os dá: e quando esses bens se perdem, Santo Antonio, como deparador, é o que os recupera: e não ha duvida que todas as coisas são mais estimadas, e de maior gosto, quando se recuperam depois de perdidas, que quando se possuem sem se perderem. Diz o nosso Texto que a mulher que perdeu a drachma, tinha dez: *Mulier habens drachmas decem.* Pois se tinha dez drachmas, e não pediu que lhe dessem o parabem de as ter, ou de as adquirir, como agora quando achou uma só, convoca as amigas e visinhas, e as convida para que a ajudem a festejar a sua ventura, e faz tantos extremos de alegria por ella? Porque ainda que a drachma era uma só, era perdida. As outras eram adquiridas e possuidas, esta era recuperada depois de perdida, e por isso a estimou tanto. Quando a estrella appareceu aos Magos no Oriente, não fizeram festas ao seu apparecimento; mas quando depois de a per-

derem e lhes desapparecer em Jérusalem, a tornaram outra vez a vêr, não acham termos os Evangelistas com que bastantemente encarecer o excesso de gosto e alegria com que a festejaram: *Gavisi sunt gaudio magno valde.* [1] A estrella no Oriente, e em Jérusalem, não era a mesma? Sim, mas em Jérusalem era a mesma depois de perdida. Esta foi a razão das extraordinarias festas que o pae fez ao Filho Prodigo, tão invejadas do outro irmão. A mim, senhor, que jámais me apartei de vós, nunca me fizestes um regalo, e para este que vos deixou e se perdeu a si, e quanto lhe destes, tantas festas, tantos banquetes, tantas despezas? Sim, filho, respondeu o pae, e por isso mesmo. A ti que sempre estivestes commigo, nunca te perdi; este tinha-o perdido, e vejo-o recuperado: *Perierat, et inventus est.* [2] Tanto ganham de estimação as coisas quando se perdem, e tanto accrescentam de gosto quando se recobram. Para que entendaes que não deveis menos a Santo Antonio, quando vos depara o perdido, senão tanto, e mais ainda, que se de novo vos dera o mesmo que perdestes.

E se isto é verdade nestas coisas materiaes e exteriores, que tão pouco importam; que será nas da alma, e na perda das mesmas almas, de que tambem é deparador Santo Antonio, como hoje vos pertendo mostrar? Voltemos sobre os mesmos exemplos que acabo de referir, mais interiormente considerados. Que filho prodigo, que estrella, que drachma é aquella? A drachma, como já dissemos, é a alma: a estrella a graça; o prodigo cada um de nós. A graça perdida, a alma perdida, o homem perdido; e sendo estas as maiores perdas que se podem padecer nem imaginar, porque juntamente com ellas se perde a Deus, é pasmo do entendimento, e ainda da fé, vêr o pouco sentimento com que se passa por ellas, e o pouco caso que se faz de as reparar, fazendo-se tanto de outras que por sua vileza e baixeza, não merecem nome de perdas. Em se perdendo ou desapparecendo alguma coisa de gosto, ou de valor, e tambem as do uso domestico mais miudas; vêr como chamaes logo por Santo Antonio, e só com dizer Santo Antonio, sem outra

[1] *Math.*, II, 10.
[2] *Luc.*, XV, 32.

oração, já vos entendeis, e elle entende, que lhe pedis vos depare o que perdestes. Verdadeiramente, que em nenhum outro exemplo, sendo tantos e tão raros os seus, me admira mais a humildade e caridade deste Santo, que em se não dar por offendido de similhantes petições, e acudir, como está sempre acudindo, tão promptamente a ellas. Não digo que o não façaes, nem que é affrontar os poderes de tão grande Santo, occupal-o em coisas tão baixas e tão miudas; porque a Providencia e Omnipotencia Divina tanto mostra sua grandeza na formiga, como no elephante, e tanto em crear o hyssopo da parede, como o cedro do Libano. O que só vos digo, e peço em nome do mesmo Santo Antonio, e o intento de todo este sermão, em que o desejo agradar, é que occupeis sua valia, e empregueis seus poderes, em que vos recupere as verdadeiras perdas, e vos depare as almas, que tão perdidas andam. Agora vos peço attenção.

III

Como com todos os peccados se perde a Deus, em todos os vicios se perdem tambem as almas: e porque seria materia infinita discorrer por todos, para provar em cada um o meu assumpto; assim como a drachma se perdeu em um só logar da casa, podendo cahir em todos, assim eu me contentarei com mostrar a Santo Antonio deparador das almas perdidas, nos dois vicios universaes em que mais ordinariamente cáem os homens, e as almas se perdem. Quaes sejam estes dois vicios, bem creio que antes de eu os nomear o tendes já entendido; mas no Evangelho temos duas figuras, que sem mudar os trajos nem o appellido, por seu proprio nome nos dizem quaes são. Diz o Evangelho, que a mulher buscou a moeda: e estas são as duas coisas que perdem mais almas: a moeda e a mulher. Uns se perdem pelas drachmas, outros pelas damas. A cubiça cega a uns, a sensualidade cega a outros, e a cubiça e sensualidade juntamente, a quasi todos. E estes são os dois feitiços que levam apoz si o mundo, e o trazem perdido.

No Evangelho do Domingo passado introduziu Christo em parabola um banquete, que significava a gloria

e bemaventurança do céu. Foram chamados muitos convidados a este banquete, e escusaram-se delle com tres generos de escusas. O primeiro disse que tinha comprado uma quinta, e que a ia vêr: o segundo que tinha comprado uns bois, e que os ia provar: o terceiro que se tinha cazado naquelle dia, e que não podia ir. De maneira que os dois primeiros escusaram-se com a fazenda, e o ultimo escusou-se com a mulher; porque a mulher e fazenda são as duas coisas que mais apartam os homens do céu, e os dois laços do demonio em que mais almas se prendem e se perdem. E notae que os dois primeiros escusaram-se com fazenda; mas com fazenda que compraram: *Villam emi, juga boum emi quinque*. [1] O terceiro escusou-se com mulher; mas com mulher com quem se recebera: *Uxorem duxi*. Pois se a fazenda comprada vos impede que não vades ao céu, que fará a fazenda roubada? Se a mulher propria vos estorva que não vades ás bodas da Gloria, que será a mulher alheia? Alheio, e mulher? Deus vos livre: e isto é o que todos buscam.

Nenhum homem creou Deus neste mundo com maior segurança do paraiso que Adão, porque foi creado sem peccado, que é o que nos tira do paraiso, e creado no mesmo paraiso sem lhe ser necessario fazer diligencia para ir a elle. E que causas ou que coisas houve tão poderosas que poderam arrancar do paraiso a Adão? As duas que dizemos: a mulher e o alheio. A mulher, porque Eva foi a que o fez comer do pomo vedado: o alheio, porque sendo de Adão todas as coisas que havia no mundo, só o pomo vedado não era seu. Se o alheio botou a perder a Adão, quando todas as coisas eram suas: que será a quem tem pouco de seu? Se a mulher botou a perder a Adão, quando não havia no mundo outra mulher, que será quando ha tantas e taes! Este é o triste patrimonio que herdaram os homens do primeiro homem: perdel-os a mulher, e o alheio: perdel-os a sensualidade e a cubiça.

Agora entendereis a razão porque prohibindo Deus os outros vicios com um só preceito expresso, o da sensualidade, e o da cubiça os prohibe com dois: o da sensualidade com o sexto e com o nono: o da cu-

[1] *Luc.*, XIV, 18 e 19.

biça com o setimo e com o decimo. Muitos dos outros peccados, ou todos, são geralmente mais graves que estes dois, porque ou se oppoem á maior virtude, ou contecm maior injustiça. Pois porque ata e aperta Deus a cubiça com dois preceitos, e a sensualidade com outros dois, e aos outros vicios sendo mais graves com um só? Porque entre todos os vicios da natureza corrupta, estes dois são os mais rebeldes, e mais indomitos. Por isso os atou com duas cadêas. Os outros preceitos facilmente se guardam, e ráramente se quebram: nestes dois não só é muito rara e difficultosa a observancia, mas vaga e desenfreada a soltura. Tanto assim, que se bem repararmos nas quebras dos outros preceitos, acharemos que ou se quebram por sensualidade, ou por cubiça. Levantam-se os falsos testemunhos, mas ou é por cubiça, como o de Nabot, ou por sensualidade, como o de Susana. Matam-se homens: mas ou é por sensualidade, como David a Urias, ou por cubiça, como Abimelech a seus irmãos. E se a cegueira chega a tanto desatino, que até contra o primeiro preceito se commetta o enormissimo peccado da idolatria: ou é por cubiça, como a de Jeroboão, que levantou os idolos, ou por sensualidade, como a de Salomão, que os adorou. Finalmente, se quereis mais breve e mais prudente prova desta miseravel verdade, metta cada um a mão na propria consciencia, e achará, que se traz a alma perdida, ou é por algum destes dois vicios, ou por ambos juntos, que por isso tambem os ajuntou a Lei: *Non mœchaberis, non furtum facies.* [1]

Sendo pois estes vicios as raizes universaes donde nascem todos os outros, e os dois escandalos communs da fragilidade humana onde mais tropeçam, cáem, e se perdem as almas; assim como a mulher do primeiro Evangelho, para achar a drachma perdida, accendeu a candeia: assim nol-a mostra o segundo Evangelho acceza sobre aquelle altar: para que vejamos quão efficaz luz é Santo Antonio em allumiar as almas que se perdem nestes dois vicios, e quão certa para as deparar depois de perdidas: *Accendit lucernam, donec inveniat: accendunt lucernam, ut luceat omnibus.*

---

[1] *Exod*, **xx**, 14 e 15.

IV

Começando pelas almas perdidas no vicio da sensualidade (do qual, tambem do outro, não referirei mais que um exemplo, para o poder ponderar com largueza, e nelle a virtude admiravel do Santo deparador). Houve um monge mui combatido de tentações sensuaes, ao qual não tinham bastado, nem os desertos, nem os jejuns, nem as asperezas e penitencias, para que naquellas batalhas tanto mais crueis, quanto mais domesticas, ou não fraqueasse muitas vezes na resistencia, ou não ficasse conhecidamente vencido. Para que temam as outras arvores mais sujeitas a corrupção, quando aos cyprestes do paraiso não perdoa a deste vicio. Perdida em fim a graça de Deus, e perdida sem Deus, e sem graça esta pobre alma veiu-se ter por ultimo remedio com Santo Antonio. Confessou-se de todos seus peccados, manifestou-lhe toda sua consciencia, deu-lhe conta por uma parte de seus bons desejos, e por outra da rebeldia da sua carne, e da grande força ou fraqueza que experimentava nella. Não fez espantos Santo Antonio, como alguns confessores menos prudentes, porque sabia (como disse com grande juizo Tertulliano sobre as palavras: *Caro autem infirma)* [1] que aquella fraqueza é uma forte força. Ouviu ao monge, com grande benignidade: e com que vos parece que o curaria? Recolheu-se para dentro, despiu a tunica que trazia vestida, trouxe-a ao monge, que estava esperando de joelhos, disse-lhe que vestisse aquella tunica, que nunca mais seria tentado da sensualidade: e assim succedeu. Oh quem soubera ponderar dignamente este nunca visto e estupendo caso!

Quando os de Jérusalem apedrejaram a Santo Estevão, diz o Texto que puzeram as suas vestiduras aos pés de um mancebo chama Saulo, que foi o que depois, mudando vida e nome, se chamou Paulo. Tem para si S. Bernardo, que estas vestiduras que se puzeram aos pés de Saulo, não foram as dos apedrejadores, senão as do mesmo Santo Estevão. E se per-

---

[1] *Math.*, XXVI, 41.

guntarmos ao Santo a que fim? Diz que da parte dos homens a um, e da parte de Deus a outro: da parte dos homens a fim de que as guardasse: da parte de Deus a fim de que tocando aquellas vestiduras de Santo Estevão em Saulo, o convertessem: *Deposuerunt vestimenta sua, secus pedes adolescentis, qui ad tactum sanctarum vestium fuerat convertendus.* [1] Alto pensamento de S. Bernardo, e alto sentir e presumir da virtude dos vestidos de Santo Estevão, se o successo o approvára; mas não foi assim. Depois de Saulo ter a seus pés, e guardar aquellas vestiduras, tão longe esteve de ficar convertido, que antes podemos dizer que as pedras de Santo Estevão lhe pegaram a furia e a dureza, e não as suas vestiduras a fé, e a santidade; porque depois deste caso se foi Saulo a pedir poderes e provisões contra os Christãos de Damasco, para os prender, para os castigar, para os destruir, e para arrancar do mundo, se podesse, a fé de Christo: e assim ia como um leão, diz o Texto, espumando ira e ameaças contra os Discipulos do Senhor, quando descendo segunda vez do céu o mesmo Christo o derrubou e o converteu. Oh divino Antonio, quanto quiz Deus levantar vossas glorias, não só sobre os grandes Santos, senão sobre os maiores de toda a Igreja! Vós quizestes ser martyr, e não o alcançastes; mas que importa que vos não concedesse Deus, ou vos trocasse essa laureola, quando vos levantou e sublimou, não só sobre os outros Martyres, mas sobre o mesmo Protomartyr! As vestiduras de Estevão tocaram a Saulo, mas ficou como d'antes. Era herege da Lei nova, e ficou herege: era perseguidor da Igreja, e ficou perseguidor: era inimigo de Christo, e ficou inimigo: era Saulo, e ficou Saulo. Porém as vossas vestiduras tanto que tocaram o monge, tentado e cahido, no mesmo ponto ficou totalmente mudado e outro do que era. Era sensual e ficou casto: era fraco e ficou forte: era combatido e ficou em paz: era homem e muito homem, e ficou Anjo. Tanta é a efficacia, e tão singular a virtude do nosso deparador, para almas perdidas neste vicio.

E se algum douto escrupuloso me puzer duvida a este paralello, por serem aquellas vestiduras de Estevão só em opinião, posto que em opinião de tão gran-

---

[1] Bernard. in hunc locum; *Act.*, VII, 57.

de auctor, vistamos a comparação com outras em que não possa haver duvida; e sejam as daquelle famoso heroe, que entre todos os do Testamento Velho se levantou com o sobrenome de Casto. Levado José captivo ao Egypto, affeiçoou-se-lhe tão perdidamente a mulher de seu senhor Putifar, que não bastando menores demonstrações, chegou a querel-o render com violencias declaradas. Fugiu José largando-lhe a capa: ficou o monstro da sensualidade com aquelles despojos da castidade nas mãos. E que se seguiu d'aqui? Por ventura ficou mais casta? Ficou menos cega? Focou mais desenganada? Ficou mais conhecida do erro e da baixeza, a que seu vil appetite a sujeitára? Antes mais sujeita, antes mais escrava, antes mais enganada, antes mais cega, antes mais louca, antes mais furiosa que d'antes. Não nos diz a Escriptura de que panno fosse a capa de José, mas se ella fôra cortada do burel do manto de Santo Antonio, eu vos prometto que tanto que a má egyptana a teve nas mãos, a castidade lhe correria pela vista aos olhos, e a honra pelas veias ao coração. Esteve porém tão longe José de esperar ou presumir taes effeitos da sua capa, por sua, que só por ser tocada das mãos lascivas, a largou e fugiu della, tremendo, diz Santo Ambrosio, que pela mesma capa, como por roupa empestada, se lhe pegasse o contagio da sensualidade: *Contagium judicavit, si diutius moraretur, ne per manus adulteræ libidinis incendia transirent.* Ora notae quanto vae de José a Antonio: pela capa de José, uma vez que a teve a egypcia nas mãos, podera-se pegar a sensualidade a José; mas pela tunica de Antonio, uma vez que a vestiu o monge tentado, pegou-se a castidade ao monge. Serem contagiosos os vicios, é mal ordinario de todas as enfermidades, mas serem contagiosas as virtudes, só em Santo Antonio se viu. Vistes já muitos enfermos, que pegaram as suas enfermidades aos sãos? Sim, vistes. E vistes algum são, que pegasse a sua saude ao enfermo? Isto nunca se viu, senão em Santo Antonio. José, sendo são e santo, temeu que a egypcia lhe pegasse a enfermidade, e o monge, sendo enfermo, e tão enfermo, pegou-lhe Santo Antonio a saude. E tudo isto, para maior assombro, com o tacto só da sua tunica: *Ad tactum sanctarum vestium.*

Mas porque não cuidem os que me ouvem, que nestas duas comparações da tunica de Antonio com a

capa de José e vestiduras de Estevão tenho dito alguma coisa, passemos, ou voemos mais alto, e com a devida reverencia, peçamos licença áquelle benignissimo Senhor, que Santo Antonio tem nos braços, para que neste caso nos lembremos tambem dos seus vestidos, pois está sem elles. Pregado Christo na cruz, em cumprimento da prophecia, *diviserunt sibi vestimenta mea*, [1] tomaram os soldados, que tinham crucificado ao Senhor, suas sagradas vestiduras, para as repartirem entre si. Estas vestiduras, segundo o uso commum com que se vestiam os Hebreus, eram uma tunica comprida até os pés, e com mangas, e sobre esta um manto quadrado, com que se cobriam, como nós com a capa. Entenderam pois os soldados primeiramente com o manto do Senhor: partiram-no em quatro partes: recolheu cada um a sua. Tomando porém e tendo nas mãos as vestiduras sacratissimas do mesmo Filho de Deus humanado, e cingido por ventura cada um ao redor de si a parte que lhe coube (como aquella gente costuma) nem por isso se lhe abriram os olhos, como a Longuinhos, nem por isso bateram nos peitos, como o Centurião: nem por isso disseram: Senhor, lembrae-vos de nós, quando chegardes ao vosso Reino, como o Bom Ladrão. O que fizeram foi passarem da repartição do manto á tunica, em cumprimento da segunda parte da prophecia: *Et super vestem meam miserunt sortem.* [2]

Era a sagrada tunica inconsutil, ou tecida de uma só peça, e como não tinha costura, resolveram-se os soldados a não a partir entre os quatro, mas jogal-a a vêr quem a levava toda. Fez-se assim, veiu uma caixa, lançaram os dados, levou um aquelle preciosissimo thesoiro, mais precioso que quanto vale o mundo: e que tal vos parece que ficaria este homem com a tunica de Christo? Fôra ella tecida pelas purissimas mãos da Virgem Santissima, e era tão milagrosa, que ia crescendo juntamente com a sagrada Humanidade, e não se gastava com o tempo, nem com o uso, e, o que é mais, que havia trinta e tres annos que o Senhor a trazia vestida. Que tal pois vos parece que ficaria aquelle venturoso soldado, não digo depois de vestir a

---

[1] *Psal.*, XXI, 19.
[2] *Ibid.*

tunica do Filho de Deus, senão tanto que a tocou sómente? Cuidava eu que no mesmo ponto havia de ficar allumiado da fé, e cercado de resplandores: que no mesmo logar se havia de prostrar por terra, reconhecendo e adorando a Divindade de Christo: que havia logo de arremetter á cruz, para desencravar o Senhor, como o tinha pregado nella, ou, quando menos, que entrasse por Jérusalem publicando e confessando a gritos, que aquelle Homem crucificado era o verdadeiro Messias, e verdadeiro Filho de Deus e de Jacob; e com a mesma tunica ensanguentada nas mãos ou na ponta da lança, prégasse e perguntasse ao cego Israël: *Vide utrúm tunica Filii tui sit, an non?* [1] Isto é o que eu cuidava, mas nada disto fez o soldado: ficou tão soldado, tão gentio, tão infiel, tão cruel, tão tyranno, tão algoz como d'antes era. E nós com esta tunica, e a de Santo Antonio á vista, assombrados e attonitos, que diremos? Não ha senão dizer e exclamar com David: *Mirabilis Deus in sanctis suis!* [2] Admiravel é Deus em seus santos! Quando Deus não quiz obrar nenhuma destas maravilhas por meio daquella tunica tecida por sua Mãe, e vestida por seu Filho, deu tanta graça e tanta efficacia á tunica de Santo Antonio, que tanto que o monge a vestiu, como se naquelle habito estiveram os habitos de todas as virtudes, a sensualidade se converteu em pureza, a rebeldia em sujeição, a intemperança em modestia, a tentação em socego, a fraqueza em constancia, a carne em espirito, o fogo do inferno em açucenas do paraiso, e a natureza humana não em natureza (que fôra menos) mas em graça angelica, que maior maravilha é ser anjo em carne, que anjo sem ella.

V

Os Anjos de sua propria natureza, nem podem peccar neste vicio, nem ser tentados nelle, e este segundo foi o maior privilegio que a tunica de Santo Antonio communicou juntamente ao monge, o qual desde o

---

[1] *Genes.*, XXXVII, 32.
[2] *Psalm.*, LXVII, 36.

ponto em que a vestiu, como se o demonio a reverenciára ou fugira della, nunca mais foi tentado de sensualidade. Mas como poderei eu, Senhor, declarar a maravilha e grandeza desta graça com que sublimastes a vosso servo, senão entrando outra vez no *Sancta Sanctorum* de vossos divinos mysterios? O mysterio altissimo do Santissimo Sacramento do altar é a memoria das maravilhas de Deus: *Memoriam fecit mirabilium suorum.* [1] E uma das principaes maravilhas daquelle sagrado mysterio é fazer os homens castos: *Frumentum electorum, et vinum germinans virgines.* [2] E de que sorte nos faz castos o Santissimo Sacramento? Faz-nos castos de maneira, que resistamos ao vicio; mas não nos faz castos de tal modo, que nos isente das tentações. Depois de commungarem muitas vezes, os mais santos e os mais castos, ainda são tentados da sensualidade. E sendo isto assim verdade, que assombro de maravilha, ou que encanto de virtude é, que vista a tunica de Santo Antonio um homem peccador e tentado, e que fique de repente não só isento de um tal vicio, senão de toda a tentação delle! Não posso deixar de me lembrar neste passo de como em outro se portou aquelle mesmo Senhor, em respeito da sua propria tunica.

Vendo uma enferma os grandes milagres que Christo obrava, teve tanta fé que disse: *Si tetigero tantum vestimentum ejus, salva ero:* [3] Se esta multidão de gente me consentir que eu chegue só a tocar a ponta da sua tunica, eu ficarei sã. Assim lhe succedeu como tinha imaginado. Mas tanto que tocou a ponta da tunica, voltou o Senhor e disse: *Quis me tetigit?* Quem me tocou? *Nam ego novi virtutem de me exisse:* [4] Porque eu senti que sahiu de mim a virtude. Não sei se reparaes na excepção e resguardo destas palavras. A enferma prometteu-se que havia de receber a saude com o toque da tunica, e o Senhor acudiu a declarar que a virtude milagrosa que a sarou, não era da tunica, senão do seu Corpo: para que a seu Corpo se attribuisse, e não á tunica, posto que a tinha vestida.

---

[1] *Ibid.*, CX, 4.
[2] *Zachar.*, IX, 17.
[3] *Math.*, IX, 21.
[4] *Luc.*, VIII, 46.

Pois se os milagres de seu Corpo os não quer Christo repartir com a sua propria tunica, como permitte que obre a tunica de Santo Antonio um tão extraordinario milagre, que em seu proprio corpo não experimentamos? Basta, Senhor, que ha de obrar a tunica de Antonio vestida por fóra, o que não obra em nós vosso proprio e santissimo Corpo recebido por dentro? Eu bem sei que Santo Antonio é muito benemerito desse divinissimo Sacramento, e que pelejou grandes batalhas em defeza de sua fé contra os hereges, e que alcançou delles grandes victorias, e que lhe fez outros muitos serviços; mas não cuidei que merecia tanto. Emfim, aquelle Senhor que se fez tão pequenino, para que Antonio junto de sua Pessoa parecesse grande, lá tem com elle seus segredos: deixemos a ambos os porquês desta differença.

A que só podem dar os Philosophos e Theologos neste caso, é que a tunica de Santo Antonio tocou o corpo do monge que a vestiu, mas o Corpo de Christo no Sacramento não toca o dos homens que o recebem. E' verdade que real e verdadeiramente recebemos o Corpo de Christo: mas como o Corpo de Christo no Sacramento está por modo indivisivel, assim como o sentido da vista o não vê, assim o sentido do tacto o não toca, e assim como o que só vemos são as especies quanto á côr, assim o que só tocamos são as mesmas especies quanto á quantidade. Mas nessa mesma differença se confirma ainda com maior proporção a gloria de Santo Antonio. As Especies Sacramentaes são uma tunica branca, de que está vestido o Corpo de Christo no Sacramento; e a graça que Christo não quiz conceder aos vestidos de seu Corpo sacramentado, concedeu-a aos de Santo Antonio. Aquella tunica branca não tira as tentações da castidade, e a tunica parda de Santo Antonio tirou-as.

Parece que se não póde passar d'aqui, e que já o encarecimento vae por cima dos altares: mas ainda ha grandes passos que dar adiante. Quando Christo Redemptor nosso partiu deste mundo, encommendou a seus Discipulos que se não sahissem de Jérusalem, até que fossem vestidos da virtude do Alto: *Donec induamini virtute ex Alto.* [1] Desceu sobre elles o Espi-

[1] *Luc.*, XXIV, 49.

rito Santo, ficaram de repente vestidos daquella soberana virtude. Mas quaes foram os effeitos destes vestidos? Foram, em summa, que ficaram confirmados em graça, com privilegio de não haver de peccar gravemente. E assim como ficaram isentos dos peccados, ficaram tambem isentos das tentações? Isso não. Tanto assim, que nesta mesma materia de que fallamos, confessa São Paulo de si, que era grave e importunamente tentado: *Datus est mihi stimulus carnis meæ angelus Satanæ, qui me colaphizet.* [1] Pois se os Apostolos por meio dos vestidos que Christo lhes mandou do céu, e a mesma pessoa do Espirito Santo lhes vestiu na terra, não ficaram livres das tentações, e de tentações neste mesmo genero, como ficou livre dellas o monge por meio da tunica de Santo Antonio? Aqui não ha senão levantar as mãos ao céu, e glorificar outra vez e infinitas vezes ao Altissimo, que com tanto excesso de maravilhas quiz honrar, como elle prometteu, a quem tanto o honrava. Eu não faço comparação, nem é licito, entre os vestidos do Espirito Santo, e a tunica de Santo Antonio: mas comparados os effeitos em um e outro caso, só refiro o que se não póde negar. O vestido do Espirito Santo isentou os Apostolos de ser vencidos: mas de ser tentados não os isentou: a tunica de Santo Antonio não só isentou ao monge de ser vencido, mas tambem de ser tentado. São Paulo com o vestido do Espirito Santo estava livre do peccado da sensualidade, mas não se livrou dos estimulos da sensualidade: o monge com a tunica de Santo Antonio ficou livre do peccado da sensualidade, e tambem livre dos estimulos.

D'aqui tiro eu quão escusado foi aquelle grande empenho do Seraphico Patriarcha, um dia que se viu apertado de similhante tentação. Tentado um dia São Francisco do espirito da sensualidade, que imaginaes que faria, como tão valente e famoso soldado, e tão insigne da milicia de Christo? Parte de corrida a um lago congelado, e a puras ballas de neve apagou os incendios daquelle fogo, até afogar no mesmo lago a seu inimigo. Notavel tentação, notavel valor, mas escusado empenho! Notavel tentação, que a um homem como São Francisco, a um Serafim em carne, se atre-

[1] *2.ª Epist. ad Cor.*, XII, 7.

va a tentar a carne! Notavel valor, que não repare Francisco no rigor do regelo, e metta em tanto risco a vida, por não arriscar a pureza! Mas escusado empenho, glorioso santo meu. Se sem embargo de serdes Seraphim, pagaes essa pensão á humanidade: se o demonio tantas vezes de vós vencido se atreve a tentar vossa pureza quando tendes o remedio em casa e tão facil, para que é ir buscal-o fóra, e tão custoso? Pedi a Santo Antonio (ou mandae-lh'o, pois é vosso subdito) pedi a Santo Antonio, que vos empreste a sua tunica, vesti-a e ficareis livre da tentação. Oh que grande gloria de tal pae com tal filho! Trocassem as tunicas Santo Antonio e São Francisco, e vêr-se-iam duas grandes maravilhas. A tunica de Francisco não obraria nada em Antonio, porque já estava consummado na perfeição do seu Habito, e a tunica de Antonio ainda teria que obrar em Francisco, porque lhe seria defensivo contra as tentações. Mas assim repartiu Deus as graças entre o pae e o filho, para que o pae fosse o exemplo dos fortes, e o filho o remedio dos fracos.

VI

Concluindo pois com o nosso monge, d'antes tão fraco, e agora tão forte, d'antes tão perdido, e agora tão venturosamente achado, vêde se é tão certo deparador de almas perdidas Antonio, como eu vos prometti. E se alguma das que me ouvem está perto de se perder, ou já perdida nas ondas, nas cegueiras, nos labyrinthos de um vicio tão difficultoso de curar, e em que tanto periga a salvação, ponha diante dos olhos este exemplo de tão notavel mudança, e como o seguiu na perdição, imite-o tambem em lhe buscar o seguro e efficaz remedio. Recorra todo o cahido ou tentado ao Deparador das almas perdidas, pois é officio ou graça em que Deus o constituiu: encommende-lhe muito de coração a sua, e não cesse de pedir, instar e buscar, até que a ache, e tire do estado de perdição: *Donec inveniat eam.*

Só advirto por fim uma cautela muito necessaria, e sem a qual tudo o que se intentar será sem effeito. A mulher do Evangelho perdeu a drachma na casa, buscou-a na casa, e achou-a na casa. A alma perde-se

assim, mas não se acha assim. Todas as outras coisas se acham aonde se perdem, e ahi se hão de buscar. A alma não se ha de buscar onde se perdeu, sob pena de não se achar, ou se tornar a perder. Perdeu a sua alma São Pedro, negando tres vezes a Christo, e notae, que uma mulher foi a primeira occasião, e outra mulher a segunda. Poz-lhe seus divinos olhos o Senhor, para que não perseverasse naquelle estado, e o que logo fez São Pedro para achar a sua alma perdida, foi sahir-se do logar onde a perdera: *Egressus foras.* [1] Esta é e ha de ser a primeira diligencia de quem tem a alma perdida, se a quer achar. E' a alma como o sol, que se não póde achar no logar onde se perdeu, senão no opposto. Perde-se o sol no Occaso, e se o quizerdes buscar e achar, ha de ser no Oriente. Quando assim se acha a alma, então está segura de se tornar a perder, onde se perdia. David, que tambem perdeu a sua, e a soube achar, o disse: *Quantum distat ortus ab Occidente, longè fecit à nobis iniquitates nostras.* [2] Tão longe estou, por mercê de Deus, do peccado em que me perdi, quanto vae do Occidente ao Oriente. A' lettra se podia entender este verso de um sugeito bem qualificado, que eu conheci, o qual, só por se livrar de uma occasião, se embarcou para a India. Assim faz quem se quer salvar, não só fóra, como Pedro, mas longe e muito longe, como David. O piloto que fez naufragio em um baixo, o seu primeiro cuidado é fugir muito longe delle. Por falta desta cautela as almas perdidas, que alguma vez se acham, se tornam logo a perder. Se São Pedro perseverára no mesmo logar, assim como negou tres vezes, havia de negar trinta: as tres em cumprimento da prophecia, e as demais por força da occasião, por isso a primeira que fez foi sahir-se della: *Egressus foras.*

VII

Sobre esta advertencia, em que da nossa parte consiste o remedio do primeiro vicio, passemos á consideração do segundo, e vejamos como não é menos efficaz, nem menos certo deparador o nosso Santo

[1] *Luc.*, XXII, 62.
[2] *Psal.*, CII, 12.

para almas perdidas pelo peccado da cubiça, de que tambem, como dizia, ponderarei um só exemplo.

No tempo em que Santo Antonio prégava por Italia, assim como a fama dos milagres de Christo chegava aos carceres: *Cum audisset Joannes in vinculis opera Christi*: [1] assim a das maravilhas de Santo Antonio penetrava até as charnecas e covis dos ladrões. Andavam vinte e dois de companhia ou de alcatéa em uma matta, os quaes ouvindo que todo o homem que ouvia prégar a Santo Antonio se convertia, parecendo-lhes coisa mui difficultosa, e ainda impossivel, quizeram fazer a experiencia em si. Deixam os rebuços e os disfarces, vestem-se á cortezã, vão-se ao povoado, cada um por seu caminho, entram na Igreja onde o Santo prégava, e ainda o sermão não era acabado, quando já cada um não era o que alli entrára. Converteram-se todos, todos se confessaram com o Santo, e todos mudaram de officio e de vida. Um dos Santos prodigiosos de que se escrevem maiores milagres, é Santo Antonio, mas se entre todos os seus milagres quizeramos averiguar o maior, a minha opinião havia de estar por este. Vinte e dois ladrões convertidos em um dia e em um sermão? E' a maior coisa que se póde dizer, nem imaginar, porque não ha almas mais desalmadas, nem mais difficultosas de reduzir, que as dos ladrões.

Coisa é muito notada e muito notavel, que prégando Christo Senhor nosso contra todos os vicios, nunca prégasse contra os ladrões. Lêde todos os quatro Evangelistas, achareis que no sermão do Bom Pastor, na parabola do Samaritano, na dos Servos vigilantes, e em outros muitos logares falla o Senhor em ladrões: mas que lhes prégasse nunca. O que só lemos que fizesse em materia de ladrões, é que no dia que entrou por Jérusalem acclamado por rei, foi logo ao Templo, e fazendo um açoite das cordas com que vinham atadas as rezes para os sacrificios, com elle lançou fóra os que as vendiam, dizendo, que o seu Templo era casa de oração, e que elles tinham feito cova de ladrões: *Vos autem fecistis illam speluncam latronum*. [2] Que Christo como rei açoitasse os ladrões, foi

[1] *Math.*, XI, 2.
[2] *Math.*, XXI, 13.

acção mui propria do officio e obrigação de rei, mas Christo não só era rei, senão rei e prégador juntamente: *Ego autem constitutus sum rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus.* [1] Pois se Christo açoitou os ladrões como rei, porque lhes não prégou tambem, e mais estando no Templo como prégador? Porque os ladrões são casta de gente em que se emprega melhor o castigo do que se póde esperar a emenda. A prégação é para emenda e converter aquelles a quem se préga: e gente costumada ao vicio de furtar, é tão difficultosa e quasi incapaz de emenda, que nunca ou quasi nunca se converte. Cinco dias depois deste se viu por experiencia, e com taes circumstancias que excedem toda a admiração.

O maior dia que houve no mundo, foi aquelle em que o Filho de Deus deu a vida no Monte Calvario pela redempção do genero humano. Neste mesmo dia morreram tres ladrões, dois aos lados de Christo e um do seu lado, que era mais. Morreu o bom ladrão, morreu o máu ladrão, morreu Judas. E que successo e fim foi o destes tres ladrões? O bom ladrão converteu-se, o mau ladrão e Judas condemnaram-se. De maneira que no maior dia do mundo, em que o Redemptor delle estava com cinco fontes de graça e de misericordia abertas, de tres ladrões, condemnam-se dois, e converte-se um; e em um dia particular, em que Santo Antonio sobe ao pulpito, veem-no ouvir vinte e dois ladrões, e convertem-se todos os vinte e dois. Se Santo Antonio dos vinte e dois convertêra sete, fazia o que fez Christo, e era assás maravilha, de ladrões converter a terça parte; mas que sendo tantos e todos, torno a dizer, ladrões, se convertessem todos? E' caso tão admiravel e tão singular, que nem no dia da Redempção quiz Christo que tivesse exemplo.

Ponderae commigo por caridade a salvação ou condemnação de cada um destes tres ladrões do dia da Paixão, e vereis quão grande maravilha foi esta do nosso Santo. Ao máu ladrão, quem lhe prégou para o converter? Prégou-lhe para o converter a paciencia e innocencia de Christo; prégou-lhe o cumprimento, com a reprehensão que lhe deu, e muito mais com o

[1] *Psal.*, II, 6.

exemplo; prégou-lhe o sol escurecendo-se; prégaram-lhe as mesmas pedras partindo-se; prégou-lhe finalmente o maior prégador que ha no mundo, que é a morte, e não só lhe prégou uma morte, senão tres mortes: a de Christo, a morte do outro ladrão e a sua. E quando nem a innocencia e paciencia do Filho de Deus, nem a exhortação, conversão e exemplo do companheiro, nem o portento de se escurecer totalmente o sol por tantas horas, nem a novidade tremenda de se quebrarem as pedras, nem o horror da mesma morte, e de tres mortes á vista, bastaram para converter um ladrão, bastou um só sermão de Santo Antonio, para converter vinte e dois ladrões.

Vamos a Judas. Judas ouvia como os demais Apostolos todas as prégações de Christo, e ultimamente fez Christo ao mesmo Judas em particular sete prégações: a primeira um anno antes da Paixão, quando disse aos Apostolos, que elle tinha escolhido doze, e que um dos doze era o demonio: a segunda cinco dias antes, quando Judas murmurou do unguento da Magdalena com pretexto dos pobres, e o Senhor para o admoestar a elle com decoro, reprehendeu a todos: a terceira na meza do Cordeiro, quando protestou que o que mettia com elle a mão no prato o havia de entregar: a quarta no lavatorio dos pés, quando tendo dito a Pedro, que elle e os outros Discipulos estavam limpos, accrescentou, mas não todos: a quinta na consagração do pão, quando disse: Este é meu Corpo, o qual por vós será entregue: a sexta na pratica depois da meza, quando exclamou: Ai daquelle por quem será entregue o Filho de Homem, melhor lhe fôra a tal homem nunca ser nascido: a setima quando Judas sahiu do Cenaculo a executar a venda, e o Senhor lhe disse por ironia que só ambos entenderam: O que vaes fazer, faze-o depressa. Tudo isto eram settas que Christo uma sobre outra ia tirando ao coração de Judas, tanto mais fortes, quanto mais breves; tanto mais efficazes, quanto mais secretas; e tanto mais honestamente dirigidas a elle, quanto ditas universalmente a todos. Mas que aproveitou tanta e tão bem repartida rhetorica, em que o amoroso Mestre empregou toda a arte de sua sabedoria divina? Acabou Judas obstinado e com a morte e paga que merecia quem vendeu a Vida. E quando todas as prégações de Christo juntas, e sete prégações de Christo dirigidas em particular

a reduzir e converter um ladrão o não convertem nem reduzem, que uma só prégação de Santo Antonio, não em particular, senão em commum, não dirigida de proposito áquella especie de peccado, senão prégada e ouvida acaso, converta e reduza de uma vez a vinte e dois ladrões, vède se se póde imaginar maior maravilha! Pois ainda não está ponderada.

Ponderae e adverti o cabedal que metteu Christo para converter a Judas, e o que metteu Santo Antonio para converter os vinte e dois ladrões, e então acabareis de conhecer melhor a maravilha. Santo Antonio, para converter os ladrões que converteu, não fez mais que continuar a prégação que tinha começado: Christo, para converter a Judas, que não converteu, fez-lhe tantas admoestações em commum e em particular, como temos visto: prostrou-se de joelhos diante delle: lavou-lhe os pés com suas sagradas mãos: accrescentou á agua do lavatorio muita de seus olhos, com que tambem lh'os lavava: deu-se-lhe a commungar depois de sacramentado, assim na hostia como no calix: finalmente deu-lhe a face e admittiu a falsa paz com que o entregava, chamou-lhe amigo, e desejou de o ser muito de coração: e quando Christo (notae agora) e quando Christo com a bocca exhortando, com os joelhos prostrando-se, com as mãos lavando, com os olhos chorando, com a face soffrendo, com o coração perdoando, e com todo o seu Corpo e Sangue, e com toda sua Alma e Divindade mettendo-a dentro no peito de Judas, não pôde converter um ladrão. Santo Antonio só com a lingua converteu vinte e dois ladrões. Quiz Deus sem duvida nestes dois exemplos mostrar a quanto póde chegar a dureza do coração humano, e quanto póde obrar a efficacia da graça divina. Mas a maravilha é que repartindo-se estes dois effeitos, a dureza humana se provasse contra a prégação, e contra todos os empenhos de Christo, e que a efficacia divina se mostrasse só na prégação de Antonio, sem nenhum outro empenho.

VIII

Mas vamos ao Ladrão que se converteu, e veremos entre ladrão convertido e ladrões convertidos, quão grande differença houve. Converteu-se o Bom Ladrão

com todos aquelles actos heroicos, e concurso de excellentes virtudes, que os Santos celebram, e eu não comparo; mas nos ladrões que converteu Santo Antonio, além do excesso do numero, houve uma circumstancia ou supposição mui diversa, a qual assim como fazia a sua conversão muito mais difficultosa, assim a fez nesta parte muito mais admiravel. Não fallo nos privilegios daquelle grande dia, na presença e visinhança do mesmo Christo, visto e ouvido, na assistencia da Virgem Santissima, na sombra da cruz, na similhança do supplicio, nos prodigios do céu e da terra, e na mesma terra regada com o Sangue fresco e manante das veias divinas, que ainda naquelle páu secco (melhor que na vara de Arão) não podia deixar de produzir no mesmo tempo flôres e fructos. Toda esta constellação de influencias, proprias e unicas daquelle dia e daquella logar, concorreu e cooperou poderosissimamente para facilitar a fé e penitencia do Bom Ladrão; e não havendo, nem podendo haver nada disto na conversão dos ladrões de Santo Antonio, convertidos só pelas palavras do Santo, nuas e desacompanhadas de todo o outro influxo exterior que lhe podesse acrescentar a efficacia, bem se está vendo a differença tão venturosa da parte daquelle ladrão, como admiravel da parte destes. Mas não é esta, como dizia, a circumstancia e supposição muito diversa entre uns e outros, a qual só quero ponderar.

Abstrahindo pois de tudo o mais, e fazendo a comparação egual de homem a homens, e de ladrão a ladrões, digo que a conversão dos de Santo Antonio era muito mais difficultosa, e por isso foi muito mais admiravel. O Bom Ladrão era um homem prezo e cercado de guardas: estes andavam soltos e livres: estes não estavam em poder da justiça, aquelle estava não só condemnado, mas actualmente justiçado e posto no supplicio: aquelle tinha a morte atravessada na garganta, com que já não podia viver, e tinha as mãos pregadas na cruz, com que já não podia furtar: e estes podiam furtar como até então livremente, e viver do que furtassem. Donde se segue, que só os ladrões de Santo Antonio mudaram propriamente a vida, e deixaram o officio, o que não fez, nem podia fazer o do Calvario, porque antes a vida e o officio o deixou a elle. E converter-se um ladrão, por duro e obstinado que seja, com o desengano dos ul-

timos embargos, quanto mais ao pé da forca e já posto nella, é coisa muito facil: porém converter-se, e converterem-se tantos, e passarem-se de uma vida tão solta e larga á moderação e estreiteza da Lei da razão e de Christo, e resolver-se uma communidade inteira, sem discrepancia, a mudar de instituito, e a grangear d'alli por diante o sustento com o trabalho de suas mãos, aquelles que as tinham tão costumadas a se encherem dos trabalhos alheios, esta era a grande difficuldade, e esta foi a maravilha.

E' coisa tão difficultosa accommodar-se a trabalhar para viver, quem está costumado a outra vida, que esta mesma difficuldade é a que inventou a arte e artes de furtar. Aquelle feitor do Pae de familias, que refere o Evangelho, vendo-se privado da administração da fazenda de que comia, e não se accommodando a trabalhar para viver, que conselho tomou? Falsificou as escripturas, diz o Texto, e fez-se ladrão por tal arte, que o amo lhe perdoou o furto pela industria. Esta é a providencia do diabo, com que elle compete com Deus em sustentar o mundo. Para que não desconfieis da Providencia Divina, olhae, diz Christo, para as aves do céu: *Respicite volatilia cœli.* [1] As aves não aram a terra, nem semeam, nem colhem, e comtudo, sustentam-se: o mesmo fazem por providencia do diabo estas aves de rapina. Os outros cavam, ou outros trabalham, os outros suam, e o que estes recolheram na eira, ou venderam na praia, embolçam elles na estrada. O primeiro ladrão que houve no mundo foi o primeiro homem: (tão antigo costume é serem os primeiros homens os pimeiros ladrões). Condemnou Deus este primeiro ladrão a que comesse o seu pão com o suor do seu rosto: *In sudore vultus tui vesceris pane tuo.* [2] Mas os ladrões que vieram depois, souberam e poderam tanto, que trocaram a sentença; e em logar de comerem o seu pão com o suor do seu rosto, comem o pão não seu com o suor do rosto alheio. E homens costumados a esta vida, tão sem cuidado nem trabalho, que a trocassem de commum consentimento, e se deixassem prender e roubar das palavras de Santo Antonio! Tomára saber o motivo com que o

---

[1] *Math.*, VI, 26.
[2] *Genes.*, III, 19.

Santo os persuadiu, para vol-o prégar; mas supposto que a historia o não diz, devendo andar escripto em laminas de bronze, quero continuar a maravilha do caso com maior ponderação da difficuldade delle.

Pouco era se o comer do alheio tivera só o allivio do trabalho de o cavar, e suar, mas dizem que é tão gostoso e saboroso, que é nova e muito maior maravilha haver quem se abstivesse delle. Se o disseram os mesmos ladrões, eu os não crêra, como apaixonados do officio, e subornados da propria inclinação. Mas é dito e sentença do Espirito Santo: *Aquæ furtivæ dulciores sunt, et panis absconditus suavior.* [1] A agua furtada é mais doce, e pão que se come ás escondidas, mais suave. O que me admira nestas palavras, e deve admirar a todos é, que para declarar o grande sabôr do alheio e do furtado, se ponha a comparação em pão e agua. A agua não tem sabor, e se tem sabôr, não é boa agua: o sabôr do pão tambem é tão pouco, que, se não se acompanha ou engana com outro, só a muita fome o póde fazer toleravel: emfim, sustentar-se um homem com pão e agua, não é comer, é jejuar, e o mais estreito e rigoroso jejum. Como declara logo o Espirito Santo, não só o sabôr senão a doçura e suavidade do alheio com pão e agua: *Aquæ furtivæ dulciores, et panis absconditus suavior?* Não se podéra melhor declarar, nem ainda encarecer. Como se dissera o divino Oraculo: é tão grande o sabôr do alheio, é tal a doçura e suavidade do que se furta, que até pão e agua, se é furtado, é manjar muito saboroso. Viver do proprio a pão e agua, é a maior penitencia: viver do alheio, ainda que seja a pão e agua, é grande regalo. Tão saboroso boccado é o alheio!

Muito me peza ser de rei o exemplo com que hei de confirmar esta verdade. Mas não debalde disse Santo Agostinho: *Quid sunt magna regna, nisi magna latrocinia?* Que coisa são os grandes reinos, senão grandes latrocinios? Andava el-rei Achab desejoso de roubar a Naboth a sua vinha, e como achasse difficuldade na execução (que até os máus reis daquelle tempo achavam difficuldade em tomar os bens dos vassallos) tomou tanto sentimento de não conseguir tão

---

[1] *Prov.*, IX, 17.

depressa como queria este appetite, que chamado para a meza não quiz comer: *Noluit comedere panem suum;* [1] diz o Texto dos Setenta, e acrescenta S. Ambrosio: *Quia cupiebat alienum.* Não quiz comer o seu pão, porque appetecia o alheio. Ora grande sabôr é o do alheio, até para o gosto e paladar daquelles que o trazem costumado aos mais exquisitos manjares! De maneira, que posta de uma parte a meza real, e da outra o pão do pobre Naboth, porque Achab não póde comer o pão alheio, perdeu todo o appetite á meza real. Poz-se uma vez á meza el-rei D. João o III, e trazia grande fastio. Estava entre os fidalgos que o assistiam, um muito conhecido por discreto; disse-lhe el-rei: Que remedio me daes, D. Fulano, para comer, que de nenhuma coisa gosto? Coma vossa alteza do alheio, como eu faço, e verá como lhe sabe bem. Assim respondeu aquelle cortezão, e rindo disse a verdade. Quereis que vol-a acabe de encarecer? Ora ouvi quão saboroso é o alheio. O alheio é uma pirola do inferno: oiro por fóra, mas inferno por dentro, porque ninguem come o alheio, que não trague o inferno juntamente. E' manjar que levando de mistura todo o inferno, ainda se come com tanto gosto: vêde se é grande o seu sabôr. Sendo pois tal o appetite, o gosto e o feitiço do alheio, que a pessoas de tão differente supposição, e que têm e possuem muito de proprio, prende, captiva e cega com tanto extremo; que vinte e dois homens de officio e de costume ladrões, e que não tinham outro patrimonio ou remedio de vida mais que roubos continuos de que a sustentavam, sem reparar na differença daquella mudança, a fizessem todos resolutamente sobre a palavra de um homem vestido de burel, e atado com uma corda; não ha duvida que da sua parte foi a mais maravilhosa e prodigiosa conversão, e da parte de Santo Antonio a maior façanha, a maior victoria, e o maior triumpho que nenhum prégador alcançou.

IX

Eis aqui outra vez quão admiravel deparador de almas perdidas é o nosso Santo, tanto neste segundo vicio, como no primeiro. Se eu agora vos quizes-

[1] *3.º Livr. dos Reis,* XXI, 4. Sot.

se exhortar a que tambem vos aproveitasseis deste exemplo, ou destes vinte e dois exemplos, tel-o-hieis por affronta. Bem sei que nesta terra não ha ladrões por officio, mas ha officios em que se póde furtar, e tudo o que é tomar, ou reter, ou não pagar o alheio, por mais honrado nome que lhe deis, egualmente pertence ao setimo mandamento. E assim vos digo, que se debaixo de qualquer titulo trazeis a alma perdida, ou desejosa de se perder no vicio da cubiça, que recorraes ao patrocinio de Santo Antonio, para que vol-a depare a tempo. Pedi-lhe que vos oiça, e ouvi-o, pois tanta é a efficacia de suas palavras. Sobre tudo não vos enganeis com opiniões que alargam e perdem as consciencias: conhecei primeiro que tudo, que onde cuidaes, que ganhaes fazenda, perdeis a alma, e pois sem duvida a tendes perdida, não descanceis até a achar: *Donec inveniat eam.*

Por fim, assim como fiz uma advertencia necessaria, e sem a qual se não póde curar o vicio da sensualidade, assim quero que oiçaes outra egualmente, ou mais importante ainda, para o da cubiça, e para desembaraçar a alma dos laços do alheio. A mulher do Evangelho, diz o nosso Texto, que para achar a drachma perdida, varreu a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum.* [1] Todos para se salvar, ao menos na hora da morte, querem restituir, mas não querem varrer a casa. E' muito para vêr, ou para chorar, lá na nossa terra como morrem os poderosos: testam de quarenta, de sessenta, e de cem mil cruzados de divida: fazem seu testamento, em que encarregam a seus herdeiros que paguem: e deixando no mesmo tempo a casa cheia de baixellas, de joias, de tapeçarias, e de outras peças de muito valor, além das fazendas desobrigadas, com que logo poderão pagar o que devem: feita a diligencia do testamento, abraçam-se com um Christo, e ficam os parentes e amigos muito consolados, dizendo que morreu como um S. Paulo. Esta é a phrase com que se declaram e consolam, e por ventura com que se animam a morrer do mesmo modo. Senhores meus, ouvi-me, posto que de tão longe. S. Paulo não tomou, nem devia nada a ninguem, e disso fez um protesto ou manifesto publico.

---

[1] *Luc.*, xv, 8.

quando disse: *Argentum et aurum, aut vestem nullius concupivi, sicut ipsi scitis.* [1] E ainda que São Paulo devêra alguma coisa, ou muito, como não tinha nada de seu, a impossibilidade o desobrigava da restituição. Porém morrer sem restituir, deixando a casa cheia e salvar-se! Não ensina essa theologia a Lei de Christo. Ha-se de varrer a casa de todo esse cisco (que cisco é em comparação da alma) e depois da casa varrida, então se póde segurar ao dono a salvação.

Entrou Christo Senhor nosso em casa de Zacheu, e os signaes evidentes de que entrou naquella casa foram os effeitos: *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus: et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* [2] Senhor, diz Zacheu, a metade de todos os meus bens dou logo aos pobres, e com a outra a metade pago quatro vezes em dobro tudo o que devo, para satisfazer o principal, os redditos, e os damnos. Isto disse Zacheu: e que respondeu Christo? *Hodie salus huic domui facta est:* [3] Hoje entrou a salvação nesta casa. Notae aqui muitas coisas, e todas tão dignas de grande reparo, como de summa importancia. Primeiramente disse Christo, que a salvação entrára naquella casa: mas quando o disse? Não quando entrou o mesmo Senhor, senão quando Zacheu se resolveu a restituir logo. Não entrou a salvação na casa, quando entrou nella Christo, senão quando sahiu della o alheio. Zacheu varreu a casa de maneira que não ficou nella coisa alguma: a metade para os pobres, e a metade para os acredores; tudo fóra. E quando assim se varreu, e assim ficou varrida a casa, então se achou a drachma perdida, e entrou a salvação. Mais Zacheu fez duas disposições: a primeira da primeira a metade de seus bens, para esmolas: a segunda a metade, para satisfação das dividas: e Christo com ser tão amigo dos pobres, em quanto elle fallou só nas esmólas, não disse palavra; mas quando passou á satisfação das dividas, então disse e assegurou que entrára a salvação na casa. Pagae promptamente o que deveis, e não deixeis esmolas nem legados. Tantas mil Missas, tantos Officios, tantos funeraes,

---

[1] *Act.*, XX, 32.
[2] *Luc.*, XIX, 8.
[3] *Ibid.*, 9.

tantas pompas, tantos acompanhamentos: estes cantando, e os acredores chorando. Restitui, e se não tiverdes mais, não mandeis dizer uma Missa por vossa alma, porque a Missa sem restituição não vos ha de salvar, e a restituição sem Missa sim. Mas para o que é pompa e vaidade, fazem-se novos empenhos, e novas dividas, acrescentando nova circumstancia ao peccado irremissivel de não pagar as contrahidas.

Dizeis, e dizem por ventura os que vos aconselham, que com as confessar no vosso testamento, e com as mandar pagar, satisfazeis. Enganaes-vos, e enganam-vos: e se não, respondei-me. Quando herdastes a casa de vosso pae, deixou dividas? Muitas. E mandou-vos e encommendou-vos muito que as pagasseis? Sim. E pagastel-as vós? Não: antes acrescentastes outras maiores. Pois se vós não cumpristes o testamento de vosso pae, e sabeis com certeza moral, que vosso filho não ha de cumprir o vosso; como cuidaes que enganaes a Deus, e vos quereis enganar e condemnar a vós mesmo, deixando a casa cheia do que é alheio, e não vosso? Zacheu não encommendou a restituição a outro; elle mesmo a fez: não disse: *Reddam*, restituirei, senão: *Reddo*, restituo: não disse: depois, senão, logo: *Ecce;* e porque o não guardou para ámanhã, por isso Christo lhe disse: hoje: *Hodie salus huic domui facta est.*

X

Parece-me que vos tenho bastantemente mostrado, quão certo deparador de almas perdidas é o nosso Santo. E porque reduzi toda esta demonstração aos dois vicios capitaes em que mais geralmente se perdem as almas, perguntar-me-heis com christã curiosidade, em qual delles são mais difficultosas de recobrar as que se perdem? Por uma parte a sensualidade tem por objecto o deleitavel; a cubiça, o util: a sensualidade inclina á conservação da especie; a cubiça á do individuo: a sensualidade é inimigo natural, interior, e domestico; a cubiça exterior: e por todas estas razões parece mais difficultoso de arrancar e vencer o vicio da sensualidade. Por outra parte a cubiça cresce com a edáde; a sensualidade diminue: a materia da

cubiça permanece ainda depois da morte; a da sensualidade acaba antes da vida: para emenda da sensualidade basta arrepender; para a da cubiça é necessario arrepender e restituir: com que parece mais difficultoso o remedio deste vicio, e mais certa nelle a condemnação: por onde os gentios, que a cada vicio signalavam o seu Deus, ao Deus da cubiça puzeram-no no inferno. Assim que a verdadeira decisão desta proposta, e o conselho certo e seguro, é fugir, e guardar, e renegar ambos estes vicios. Comtudo, para responder com a distincção que entre um e outro póde haver, digo, que mais facilmente se deve esperar a conversão de uma alma perdida na sensualidade, que na cubiça: e que se na materia da cubiça e do alheio fôr ajustada com a Lei de Deus, posto que na da sensualidade tenha peccados, se póde ter por grande indicio de sua salvação.

Não houve homem mais perdido e desbaratado nas desordens da sensualidade, que o Filho Prodigo; comtudo tornou em si, arrependeu-se, confessou seus peccados, restituiu-se á graça de Deus, em fim achou-se depois de perdido, como vimos: *Perierat, et inventus est.* [1] E que indicio ou disposição houve neste homem, para uma tal mudança de vida? Lêde toda a que tinha feito antes de sua conversão, e achareis que sendo tão estragado no vicio da sensualidade, na materia do alheio era de tão ajustada consciencia, e tão escrupuloso como o pudéra ser um santo. Depois de consumir quanto tinha herdado de seu pae, *Vivendo luxuriose*, chegou a tal extremo de miseria, que se poz com amo, e lhe servia de pastor de um gado tão immundo e asqueroso como sua propria vida: *Ut pasceret porcos.* Notae agora o que diz o Texto: *Cupiebat ventrem implere de siliquis, quas porci manducabant, et nemo illi dabat.* [2] Desejava matar a fome que padecia, com as landes ou bolotas de que se sustentava o seu gado; mas nem essas lhe davam, e perecia. Pois se aquelle era o pasto do seu gado, que elle tinha em seu poder, porque o não tomava tambem para si, posto que lh'o não dessem? Porque era tão escrupuloso do alheio, sendo tão estragado do seu, que ainda

[1] *Luc.*, xv, 32.
[2] *Ibid.*, 16.

em tão grave necessidade se não atrevia a o tomar sem licença de seu dono. É homem tão escrupuloso em materia do alheio, que nem para o miseravel e preciso sustento da vida ousa lançar a mão a quatro bolotas agrestes que cahiam do montado: ainda que na materia da sensualidade seja tão perdido, grandes indicios tem de que se ha de converter e salvar. Deus livre a toda a alma de uma e outra perdição; mas desta segunda ainda mais, como tanto mais perigosa.

E supposto que no nosso Santo deparador, temos tão prompto e tão certo o remedio de ambas, e de todas as almas perdidas, ou nestes ou em qualquer outro vicio, o que resta é que todas as que se acham em similhante estado ou perigo, recorram a seu poderosissimo patrocinio com segura confiança de que serão ouvidas, e sem duvida remediadas. E para que vos confirmeis mais na certeza desta confiança, ouvi o modo com que haveis de recorrer a Santo Antonio. Não haveis de pedir a este Santo como aos outros, nem como quem pede graça e favor, senão como quem pede justiça. Quem pede justiça a quem tem por officio fazel-a, pede requerendo; e quem pede a divida a quem está obrigado a pagal-a, pede demandando: e assim haveis de pedir a Santo Antonio: não só pedindo e rogando, mas requerendo e demandando: requerendo, como a quem tem por officio deparar tudo o perdido; e demandando, como a quem deve, e está obrigado a o deparar. E senão dizei-me: porque ataes e prendeis este Santo, quando parece que tarda em vos deparar o que lhe pedis? Porque o deparar o perdido em Santo Antonio, não só é graça, mas divida: e assim como prendeis a quem vos não paga o que vos deve assim o prendeis a elle. Eu não me atrevo nem a approvar esta violencia, nem a condemnal-a de todo, pelo que tem de piedade. Mas dar-vos-hei outro modo com que ateis a Santo Antonio muito mais apertada e fortemente.

O Menino Jesus, como aquelle a quem tanto custaram as almas, tambem atou a Santo Antonio, para que lhe deparasse as suas almas perdidas. Primeiro atou-o com a correia de Santo Agostinho, depois com o cordão de S. Francisco, e ultimamente com os braços, como o vêdes: *Ligat amplexu*, disse S. Pedro Chrysologo: e este é o mais decente, o mais nobre, o mais devoto, o mais pio e o mais apertado modo de o atar.

Lançae-vos áquelles pés descalços de Santo Antonio, abraçae-vos com elles apertadissimamente, e dizei-lhe como Jacob; *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi.* [1] Aqui estou a vossos pés, gloriosissimo Santo, e não vos hei de largar, nem apartar-me delles, até que me communiqueis a benção de que Deus vos dotou entre todos os Santos para remedio de tantas almas. A minha ha tantos tempos que anda perdida, sem eu saber della, nem de mim. Assim como deparastes as de tantos outros peccadores, cuja perdição eu segui, mereça eu tambem alcançar daquelle ardentissimo zelo que está hoje egualmente vivo em vós, a piedade que elles alcançaram. Alluminae-me, guiae-me, encaminhae-me, e ensinae-me a buscar e achar esta perdida alma, e não me desampare vossa luz, vosso patrocinio, e vossa poderosa efficacia e intercessão, até que a ache: *Donec inveniat eam.*

[1] *Genes.*, XXXII, 26.

SERMÃO

DE

S. JOÃO BAPTISTA *

Prégado no mosteiro de Nossa Senhora da Quietação, das Flamengas, em Alcantara, no Anno de 1644

Na profissão da senhora Madre Soror Maria da Cruz, filha do ex.mo duque de Medina Sydonia, Religiosa de S. Francisco

Esteve o Santissimo Sacramento exposto

. Elisabeth impletum est tempus pariendi, et peperit filium. Et audierunt vicini, et cognati ejus, quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa, et congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere puerum, et vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et respondens mater ejus, dixit: Nequaquam, sed vocabitur Joannes. [1]

I

Senhor. No dia em que nasce a voz de Deus, justamente emmudecem as vozes dos homens. Admirações emmudecidas são a rhetorica deste dia: *Mirati sunt universi:* pasmos e assombros são as eloquencias desta acção: *Factus est timor super omnes vicinos eorum.* E' dia hoje de fallarem os corações e de callarem as linguas: por isso a lingua de Zacharias emmudeceu, por isso os corações dos montanhezes fallavam: *Posuerunt in corde suo dicentes.* E se em qual-

---

* Faltava, diz o padre Honorati, um modelo de homilia oratoria para profissão religiosa, e cá o temos verdadeiramente digno do engenho e eloquencia de Vieira. E' um dos melhores.

[1] *Luc.*, 1.

quer dia do grande Baptista é perigoso o fallar, e os discursos mais discretos são os que se remettem ao silencio; que será hoje no concurso de tantas obrigações, em que as causas do temor e os motivos da admiração se vêm tão crescidos? Se toda a razão dos assombros no nascimento do Baptista era verem que dava Deus a uma alma a mão de amigo: *Etenim manus Domini erat cum illo;* quanto mais deve assombrar hoje nossa admiração, vêr que dá Deus a outra alma a mão de esposo: *Etenim manus Domini erat cum illa?* Bem sei que disse Origenes, que dar Deus a mão ao Baptista foi desposar-se com sua alma: mas muito vae de desposorio a desposorio, porque vae muito de logar a logar. Desposar-se Deus nos desertos, é coisa ordinaria; mas desposar-se Deus nos palacios: Deus desposado no paço! Maravilha grande. E' caso este, em que acho contra mim todas as Escripturas.

Se lermos o Propheta Oseas, acharemos que querendo Deus desposar-se com uma alma, disse que a levaria primeiro a um deserto: *Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus.* [1] Se lermos o Propheta Jeremias, acharemos, que lembrando Deus a Jérusalem o tempo que com ella se desposára, advertiu que fôra n'outro deserto: *Charitatem desponsationis tuæ, quando secuta es me in deserto.* [2] Se lermos os Cantares de Salomão, acharemos que os desposorios daquella alma, sobre todas querida de Deus, n'um deserto se trataram, n'outro deserto se conseguiram: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum*, diz no Cap. 3.º *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto innixa super dilectum suum*, diz no Cap. 8.º Mas para que é multiplicar Escripturas, se o mesmo Esposo, que está presente, nos póde escusar a prova? O mysterio em que Deus mais propriamente se desposa com as almas é o Sacramento soberano da Eucharistia, porque nelle (como gravemente notou S. Agostinho) por meio da união do corpo de Christo se verifica entre Deus e o homem: *Erunt duo in carne una.* [3] E se buscarmos os logares em que Deus figurativamente celebrou estes desposorios, acharemos, que os principaes, assim

[1] *Oseas* II.
[2] *Jer.*, II.
[3] *Gen.*, II, 24.

no Velho como no Novo Testamento, foram desertos. A principal figura do Sacramento no Testamento Velho foi o Mannâ; durou quarenta annos, e todos foram de deserto: *Patres nostri manducaverunt mannâ in deserto.* [1] A principal figura do Sacramento no Testamento Novo, foi o milagre dos cinco pães, e o milagre dos sete, e ambos succederam no deserto: *Desertus locus est, et non habent quod manducent. Unde eos quis potest hic saturare panibus in solitudine?* [2] Pois qual é a razão (para que mais fundamente nos admiremos) qual é a razão porque se desposa Deus nos desertos sempre? Não é o Monarcha universal do mundo, não é o Principe eterno da gloria? Pois já que ha de desposar-se desegualmente na terra, porque não busca esposa com menos desegualdade nas côrtes e nos paços dos reis, senão nos desertos e nas soledades?

A razão é, porque esposa com as qualidades de que Deus se agrada, não se acha nos palacios, acha-se nos desertos. O Sacramento nos fundou a duvida: S. João nos fundará a resposta. Fez Christo um panegyrico do Baptistá (que de tão grande sugeito só Deus póde ser bastante orador), as palavras foram poucas, a substancia muita, e começou o Senhor assim: *Quid existis in desertum videre? Hominem mollibus vestitum? Ecce qui mollibus vestiuntur, in domibus regum sunt.* [3] Sabeis quem é João, esse a quem todos sahis a vêr? (diz Christo). E' um homem que vive no deserto; não é dos homens que vivem no paço. Notavel dizer! Pois, Senhor, este é o thema que vós tomaes para prégar do Baptista? Quando quereis concluir que é o maior dos nascidos, fundaes o sermão em que vive no deserto e não vive no paço? Sim. Toda a perfeição resumida consiste, como dizem os Theologos, *in prosecutione, et fuga*, em seguir, e em fugir: em seguir a virtude, e em fugir ao vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos e divinos, uns são positivos, outros negativos: os positivos, que nos mandam seguir o bem; os negativos, que nos mandam fugir ao mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeição do Baptista, que fez? Disse que era um

[1] *Joan.*, VI.
[2] *Marc.*, VIII e VI.
[3] *Luc.*, I.

homem que seguia todo o bem, disse que vivia no deserto; para dizer que fugia de todo o mal, disse que não vivia no paço. Explicou-lhe Christo a vida pelo logar, e para dizer quem era, disse onde morava. Ainda não digo bem. Para dizer quem era, disse onde morava e onde não morava. Para dizer que era homem do céu, disse que morava no deserto; para dizer que não era homem da terra, disse que não morava no paço. E que estando os paços dos reis da terra tão mal reputados com Deus, que aquelle Senhor, que só se desposava nos desertos, hoje o vejamos desposado em palacio! Maravilha grande!

Mas qual será a razão desta maravilha? Qual será a razão porque Deus, que só se desposava nos desertos, hoje se desposa no paço? A razão é porque o paço das rainhas de Portugal, é paço com propriedades de deserto. Deus commummente desposa-se no deserto, porque não acha no deserto as condições do paço: hoje desposa-se no paço, porque achou no paço as condições do deserto. Quando a Job no meio de seus trabalhos lhe parecia melhor a morte que a vida, entre as queixas que fazia della, disse desta maneira: *Et nunc requiescerem cum regibus, et consulibus, qui ædificant sibi solitudines.* [1] Se eu fôra morto, estivera agora descançado entre os outros reis e principes que edificam desertos. Notavel modo de fallar! *Cum regibus, qui ædificant solitudines:* Reis que edificam desertos! Se dissera reis que edificam palacios, bem estava; mas reis que edificam desertos! Os desertos edificam-se? Antes desfazendo edificios é que se fazem desertos. Pois que reis são estes, que trocam os termos á architectura? Que reis são estes que edificam desertos? São aquelles reis (diz S. Gregorio Papa) em cujos paços reaes de tal maneira se contemporisa com a vaidade da terra, que se trata principalmente da verdade do céu: e paços onde se serve a Deus como nos ermos, não são paços, são desertos: *Qui ædificant sibi solitudines.* Bem dito, que edificam: porque ha duas maneiras de edificar; edificar por edificio e edificar por edificação. O edificio faz dos desertos palacios; a edificação faz dos palacios desertos. Um paço onde se serve a Deus, é um deserto edificado. Paço onde só Deus se serve e o mundo só se

[1] *Job.*, III.

contemporisa: onde a clausura compete com a das Religiões; onde as galas são dissimulação do cilicio; onde a licença do galanteio, a liberdade dos saráos, e outras mal entendidas grandezas são exercicios de espirito: onde sahir do paço para o noviciado, mais é mudar de casa, que de vida: este ermo cortezão não lhe chamem paço, chamem-lhe deserto: *Qui ædificant sibi solitudines.* Lá disse Socrates do imperador Theodosio II, que fôra tão religioso principe, e tão reformador da casa real, que convertera o paço em mosteiro: *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à monasterio.* Esta conto eu entre as grandes felicidades do nosso principe, que Deus guarde, e a tenho ainda por maior que a do outro Theodosio. O outro Theodosio fel-a, o nosso achou-a: o outro creou esta reformação, o nosso criase nella. O' que grandes fundamentos para tão grandes esperanças! E como no paço de Portugal tem o céu tantas prerogativas de deserto, que muito que Deus, costumado a se desposar nos desertos, o vejamos hoje desposado no paço! Cessem pois as admirações com as dos montanhezes, rompa-se o silencio com o de Zacharias, e comecemos a fallar nesta acção, pois nos dá licença o pasmo: *Et apertum est illicò os ejus.*

II

Verdadeiramente, que me vi embaraçado no concurso das obrigações de hoje, porque são todas tão grandes, que cada uma pedia o sermão todo. Para não errar, aconselhei-me com o mesmo S. João Baptista, e seguirei sua doutrina: *Qui habet sponsam, sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet.* [1] Eu sou amigo de Christo (diz S. João) a esposa é do esposo, a festa é do amigo. Assim seja. A festa será de S. João, o dia será da esposa, e o Evangelho se accommodará tanto a um e a outro, que pareça que é de ambos. Vamos com elle, sem nos apartar um ponto.

Elisabeth impletum est tempus pariendi, et peperit filium. Isabel, depois de cumprido o tempo dos nove mezes, foi mãe de um filho. Aquella palavra, *impletum est tempus* — depois de cumprido o tempo — pareceu

[1] *Joan.*, III.

superflua a alguns Doutores antigos. Não estava claro que S. João havia de nascer como os outros homens, passado o tempo que a natureza limitou para o nascimento? Pois porque diz uma coisa superflua o Evangelista, que nasceu S. João depois de cumprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus?* O Cardeal Toledo, e todos os Litteraes, dizem que não foi superflua esta advertencia, senão mui necessaria, supposto que em S. João se anticiparam tanto as leis da natureza, que aos seis mezes de concebido já tinha uso de razão. E quem anticipou o uso da razão tantos annos, podia-se cuidar que tambem anticiparia o nascimento alguns mezes. Pois para que se soubesse, que não foi assim, diga o Evangelista, que nasceu S. João depois de cheio e cumprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus.* Esta é a verdadeira intelligencia deste Texto; mas quanto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duvida. Que se diga que S. João nasceu cumprido o tempo, porque não anticipou o nascimento, bem dito está: mas porque o não anticipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, assim como anticipou o tempo do uso da razão? O uso da razão, segundo as leis da natureza, havia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos nove mezes da conceição. Pois se anticipou o uso da razão tantos annos, porque não anticipou o nascimento alguns mezes? Porque o nascimento pertence á vida da natureza, o uso da razão pertence á vida da graça: e nas materias temporaes, o que costuma fazer o tempo, bem é que o faça o tempo: nas materias espirituaes, o que costuma fazer o tempo, melhor é que o faça a razão. Para nascer ao mundo, faça o tempo o que ha de fazer o tempo: para nascer a Deus, o que póde fazer o tempo, faça-o a razão. Caminhava Christo de Bethania para Jérusalem, viu no campo uma figueira muito copada, chegou e como não achasse mais que folhas amaldiçoou-a. E nota o Evangelista S. Marcos (coisa muito digna de se notar) que não era tempo daquella arvore ter fructo: *Non erat tempus ficorum.* [1] Pois, valha-me Deus (pasmam aqui todos os Doutores), se não era tempo de fructo, para que o foi Christo buscar? E se o não achou, quando o não havia, porque

[1] *Marc.*, XXIII.

castigou Christo a arvore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fructo, e se não era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz S. Chrysostomo) porque ainda que por ser primavera não devia fructos ao tempo, por Deus se querer servir della, devia-os á razão. E as dividas da razão não hão de esperar pelos vagares do tempo. Para dar fructos ao mundo, faça o tempo o que ha de fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus:* mas para dar fructos a Deus, o que ha de fazer o tempo faça-o a razão: *Exultavit infans in utero.* Esta é uma das excellencias que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser um homem em quem fez a razão, o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela razão, isso acontece a todos, mas adiantar-se a razão aos annos, fazer a razão o que havia de fazer o tempo, isso só se acha no Baptista, se bem gloriosamente imitado hoje.

O' que gloriosamente equivocado temos hoje o anno: o abril mudado em setembro, e os fructos que havia de amadurecer o tempo, sazonados na razão! Quem podia fazer outono dos fructos a primavera das flôres, senão a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit?* [1] Assim obedecem os tempos, onde assim domina a razão. Que já o mundo e a vida não saibam enganar! Que vejamos tantos desenganos da vida em tão poucos annos de vida! Que é isto? E' que fez a razão, o que havia de fazer o tempo. Seguirem-se aos annos os desenganos, é fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparem-se os desenganos aos annos, é fazer a razão o que o tempo havia de fazer. Queixava-se Marco Tullio, que sendo os homens racionaes, pudesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razão. Mas hoje vemos o discurso da razão mais poderoso que o discurso do tempo. Que não bastassem noventa annos para dar sizo a Heli, e que bastem dezoito annos para fazer sizudo a Samuel? [2] O' que grande victoria da razão, contra a sem-razão do tempo! Uma velhice enganada é a maior sem-razão do tempo: uma mocidade desenganada, é a maior victoria da razão.

---

[1] *Cant.*, II.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, III.

Que não corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos: e que os cabellos de Absalão, na edade de oiro, sintam os rigores do fogo! [1] Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pés de Christo com os cabellos, mas que os não corte; e que haja outra Maria que ponha aos pés de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos! [2] Que Jacob, na primavera dos annos, enterre a sua Rachel, é inconstancia da vida: [3] mas que Rachel, na primavera da vida, se sepulte a si mesma! Grande valor da razão. Dar a vida a Deus quando elle a tira, é dissimular a violencia: entregar-lh'a quando elle a dá, é sacrificar a vontade. Quem dedica a Deus os ultimos annos, faz christão o temor da morte; quem lhe consagra os primeiros, faz religioso o amôr da vida.

As batalhas da razão com os annos, é uma guerra em que resistem mais os poucos que os muitos. Deixarem-se vencer da razão os muitos annos, não é muito; mas deixarem-se vencer e convencer os poucos, grande poder da razão! E mais se considerarmos a resistencia favorecida do sitio. Poucos annos e nas montanhas (como eram os do Baptista) não é tanto que se não defendam á força da razão: [4] mas poucos annos e em palacio, convencidos e desenganados! Grão victoria! Offereceu el-rei David a Bercellai um grande logar no paço, e elle, que era já de oitenta annos, que responderia? *Octogenarius sum hodie: non indigeo hac vicissitudine:* [5] Respondeu, que assaz tinha aprendido em tantos annos a desenganar-se das côrtes, que o deixasse o rei viver retirado comsigo, e tratar da sepultura; porém que acceitava o logar para um seu filho que tinha de pouca edade: *Est servus tuus Chamaan, ipse vadat tecum.* Parece que se implica nesta acção o amor de pae, mas explica-se bem o engano do mundo. Desenganaram a Bercellai os muitos annos proprios, para não querer o paço para si, e enganaram-no os poucos annos alheios, para querer o paço para o filho. Não sei que tem o paço e os poucos

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XIV.
[2] *Luc.*, VII.
[3] *Gen.*, XLVIII.
[4] *Luc.*, I.
[5] *2.º Livr. dos Reis*, XIX.

annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atrevem a o deixar os poucos. Teve conhecimento para o deixar um velho, não teve animo para o aconselhar a um moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas não se atreveu a dar o conselho. Antes parece que se substituiu o pae nos annos do filho, para lograr na mocidade alheia o que na propria velhice não podia. E que não havendo valor na velhice para deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles a quem o mundo deixa, que haja resolução na mocidade para metter o mundo debaixo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! O' que bem se desaffronta hoje a natureza humana! Lá dizia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo:* [1] O mundo está crucificado em mim, e eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que dê eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas, não é muito: mas que quando o mundo me mostra bom rosto, dê eu de rosto ao mundo; esta é a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vós, vós choreis por elle, ó fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vós, vós vos riaes delle, ó valentia!

E' tão grande valentia esta, que sendo propria das forças da razão, não fiou S. Paulo credito della, senão dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moysés, e diz assim: *Moysés grandis factus negavit se esse filium filiæ Pharaonis, magis eligens affligi cum populo Dei*, etc. [2] Moysés depois que foi de maior edade, deixou o paço d'el-rei Pharaõ, deixou a princeza, deixou quanto alli possuia e esperava, escolhendo o viver pobre, e sem liberdade, com o povo de Deus no captiveiro do Egypto. O em que reparo aqui é no *grandis factus:* que fez isto Moysés depois de ser de maior edade. E a que vem agora aqui a edade? S. Paulo tratava da resolução e não dos annos de Moysés. Pois se a resolução estava no animo e não nos annos, porque diz que era de maior edade Moysés quando deixou o paço e se captivou por Deus? Direi: Moysés creara-se no paço d'el-rei Pha-

---

[1] *Ad Gal.*
[2] *Ad Heb.*, XI.

raõ desde menino, era todo o mimo e favor da princeza do Egypto, que o adoptara por filho, e como tal era servido, e venerado com auctoridade e magnificencia real. E deixar Moysés a grandeza e regalo do paço, deixar o amor de uma princeza, deixar a cercania de uma corôa, pareceu-lhe a S. Paulo, que não era façanha crivel em poucos annos; por isso ajuntou a resolução com a edade, para que a edade désse credito á resolução: *Moysés grandis factus.* Como se dissera: Ninguem duvide esta galharda acção de Moysés, porque quando a fez, era já de maior edade, bem cabia nos seus annos. Ora seja embora a resolução de Moysés victoria do tempo, que a grande acção que nós celebramos hoje, com ser tão parecida em tudo o mais, não se póde gloriar della o tempo, senão a razão. Obrou aqui a força da razão o que lá fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

III

Et audierunt vicini, et cognati ejus, quia magnificavit Deus misericordiam suam cum illa. Tanto que nasceu S. João (diz o Evangelista) soou logo pelo logar, que engrandecera Deus sua misericordia com Santa Isabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.* Notavel dizer! Parece que não está boa a consequencia do Texto. O que soou pelo logar, havia de ser o que succedeu em casa de Zacharias. Succeder uma coisa e soar outra, isso acontece nas côrtes lisongeiras e maliciosas, e não nas montanhas simples. O nosso Evangelho o diz: *Divulgabantur omnia verba hæc:* que o que se divulgava era o mesmo que succedia. Pois se o que succedeu foi nascer o Baptista: *Elisabeth peperit filium:* como diz o Evangelista que o que soou, foi que engrandecera Deus sua misericordia: *Et audierunt, quia magnificavit Deus misericordiam suam?* Grande louvor do Baptista! Quando as vozes diziam em casa de Zacharias, que nascera João, repetiam os echos nas montanhas, que Deus engrandecera sua misericordia: porque quando João sáe ao mundo, augmentam-se attributos a Deus; quando João nasce, Deus cresce. Não é arrojamento, senão verdade muito chã. Disse-o o mesmo S. João, e mais

fallava em seus louvores com grande modestia: *Illum oportet crescere, me autem minui:* [1] Importa que elle cresça e que eu diminua. Aquelle *elle* não se refere menos que ao Verbo humanado. Pois como assim? Deus ainda em quanto humano não póde crescer; como logo diz S. João: *Illum oportet crescere:* Importa que elle cresça? E dado que podesse crescer, que dependencia tinham os crescimentos de Deus, das diminuições do Baptista? Deus é grande sem depender de ninguem. Como diz logo: *Illum oportet crescere, me autem minui:* Importa crescer elle e diminuir eu? E' possivel crescer Deus? E é possivel que o seu crescer dependa do Baptista? Sim; porque ainda que Deus, por ser infinito, não póde crescer em si mesmo, por ser limitado o conhecimento humano, póde crescer na nossa estimação. E na estimação dos homens, nem Deus podia crescer sem diminuir o Baptista, nem o Baptista podia diminuir sem Deus crescer. Ora vêde como. O conceito que os homens antigamente faziam de Deus, era tal, que quando o Baptista appareceu no mundo, assentavam que elle era Deus. Conforme esta resolução, lhe foram offerecer adorações ao deserto, onde o mesmo S. João os desenganou. [2] E como o Baptista e Deus, na opinião dos homens, eram eguaes, tanto que por seu testemunho se desfez esta opinião, necessariamente cresceu Deus, e o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista, porque ficou menor que Deus: cresceu Deus, porque ficou maior que o Baptista. De sorte que depois que o Baptista veiu ao mundo, ficou Deus para com os homens, maior do que d'antes era; porque d'antes era como o Baptista, depois começou a ser maior que elle. D'onde se infere em grande louvor deste grande santo, que a medida do Baptista é ser menor que Deus, e a medida de Deus é ser maior que o Baptista. Não tenho menos abonado fiador, que S. Agostinho: *Quisquis Joanne plus est, non tantum homo, sed Deus est.* Sabeis quem é João? E' menor que Deus. Sabeis quem é Deus? E' maior que João. Com esta differença, porém: que em quanto S. João o não disse, eram eguaes: depois que o testemunhou, começou Deus a

[1] *Joan.*, III.
[2] *Math.*, XI.

ser maior. Que muito logo que cresça Deus nos seus attributos, quando S. João nasce no mundo! *Et audierunt, quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

Desta maneira cresceu Deus naquelle tempo, e tambem eu hoje, se a consideração me não engana, o vejo muito crescido. Então cresceu nas minguantes de João, hoje cresce nas minguantes do mundo. Appareceu-lhe a Nabucodonosor aquella tão repetida e tão prodigiosa estatua; e viu o rei, que tocando-lhe uma pedra nos pés de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, e a pedra cresceu a grandeza de um monte: *Factus est mons magnus, et replevit terram.* [1] Para entender esta figura, que é enigmatica, saibamos quem era a pedra, e quem a estatua. Em sentido de S. Ambrosio e S. Agostinho, a estatua era o mundo, a pedra era Deus. Pois se a pedra é Deus, como cresce a pedra? Deus póde crescer? E se a estatua é o mundo, como diminue a estatua? O mundo diminue-se? Tudo são effeitos da estimação dos homens. Segundo a estimação que fazemos de Deus e do mundo, ou cresce a estatua e diminue a pedra, ou cresce a pedra e diminue a estatua. Se pomos a Deus aos pés do mundo, cresce o mundo e diminue Deus; se pomos o mundo aos pés de Deus, cresce Deus e diminue o mundo. Deixar a Deus por amor dos nadas do mundo, é fazer a Deus menor que nada: mas deixar o tudo do mundo por amor de Deus, é fazer a Deus maior que tudo: *Accedet homo ad cor altum, et exaltabitur Deus.* [2] Bemdito seja elle, que de quantas vezes vemos a Deus tão pequeno e tão apoucado nas côrtes dos reis, o vemos hoje tão grande e tão crescido! Tão crescido e tão accrescentado está hoje Deus em sua grandeza, quantas são as grandezas do mundo que vemos a seus pés arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatua representava grandezas, na materia riquezas, na significação estados; e tudo isto abrazado em fogo do coração se rende hoje em cinzas aos pés de Christo. Ninguem melhor sacrifica a Deus o mundo, que quem lh'o offerece em estatua. Porque o mundo em estatua é muito maior que si mesmo. Para derrubar com uma pedra ao Golias, bastou a funda de David; para

[1] *Dan.*, II.
[2] *Psalm.*, VI, 6.

derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco, foram necessarios impulsos (posto que invisiveis) do braço de Deus. [1] O Golias tinha de altura seis covados, a estatua tinha sessenta; que nas grandezas mais pomposas do mundo, sempre são maiores os gigantes, que as estatuas. Nunca as machinas vivas egualam a medida das sonhadas. Sonha a phantasia, promette a esperança, prophetisa o desejo, representa a imaginação: e ainda que a soltura destes sonhos, o cumprimento destas promessas, o praso destas prophecias, a verdade destas representações nunca chegam: mais triumpha o amor divino, quando piza o phantastico, que o verdadeiro; o esperado que o possuido. Deixar antes de possuir, é usura de merecer; porque quem mais dá, mais merece, e quem dá os bens na esperança, dá-os onde são maiores. A melhor parte dos bens desta vida é o esperar por elles: logo mais faz quem se inhabilita para os esperar, que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os principes dos Apostolos, quando lançavam as redes, e não quando as recolhiam: *Mittentes rete in mare.* [2] Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançam, levam em cada malha uma esperança; os lanços quando se recolhem, trazem muita rede vazia.

Oh quantas e quão bem fundadas as esperanças, oh quantas e quão bem entendidas grandezas honram hoje em piedoso sacrificio os altares de Christo! Dizia S. Paulo aos Romanos, que ninguem póde dar a Deus senão o que Deus lhe der primeiro. [3] Mas eu vejo hoje um espirito tão engenhosamente liberal, que havendo recebido de Deus tanto, ainda lhe offerece mais do que Deus lhe deu. Não ha duvida, que dos bens temporaes mais liberal é o mundo em suas promessas, que Deus em suas liberalidades. Não costuma Deus dar tanto, quanto o mundo costuma prometter. Bem se segue logo, que mais dá a Deus quem lhe dá as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadivas suas. Se daes a Deus o que Deus vos dá, dareis muito; mas se daes a Deus o que o mundo vos promette,

---

[1] *Dan.*, III.
[2] *Math.*, IV.
[3] *Ad Rom.*, I.

daes muito mais. O' quão liberal está com Deus quem, dando-lhe as maiores grandezas, ainda busca artificios de lh'as dar accrescentadas! E que artificio póde haver para accrescentar os bens e grandezas do mundo? Eu o direi, que nos exemplos desta acção não se póde deixar de aprender muito. Os bens e grandezas do mundo falsamente se chamam bens, porque são males, e sem razão se chamam grandezas, porque são pouquidade. [1] Pois que remedio para fazer das pouquidades grandezas, e dos males bens? O remedio é deixal-os, e deixal-os em esperanças; porque esses que o mundo chama grandes bens, só são bens quando se deixam, só são grandes quando se esperam. A esperança lhes dá a grandeza, o desprezo lhes dá a bondade: desprezados são bens, esperados são grandes. E assim, mais dá quem despreza o que espera, que quem dá o que possue. De umas e outras; de possuidas e de esperadas grandezas, são despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos impulsos daquella pedra divina. O' como desapparece a estatua! O' como cresce o monte! De nossas diminuições augmenta Deus suas grandezas; de nossos desprezos sua magestade.

Lá viu S. João no Apocalypse aquelles vinte e quatro anciãos, que tirando as corôas das cabeças, as lançavam aos pés do throno de Deus: *Mittentes coronas suas ante thronum.* [1] Tornou a olhar o Evangelista, e viu que Deus tinha muitas corôas na cabeça: *Et in capite ejus diademata multa.* [2] Pois se as corôas se lançavam aos pés de Deus, como tinha Deus as corôas sobre a cabeça? Porque tanto cresce Deus em sua grandeza, quanto desprezam os homens por seu amôr. As corôas na cabeça de Deus eram augmentos de sua grandeza; as corôas aos pés de Deus eram desprezos do amôr dos homens: e com as mesmas corôas que arrojava o desprezo humano, se auctorisava a Magestade divina, porque tanto cresce Deus nos augmentos de sua grandeza, quantas são as grandezas que põe aos pés de Deus nosso amôr. Diga-se logo, que cresceu e se engrandeceu Deus hoje duplicadamente; uma vez medido com S. João, outra vez medido com

[1] *Apoc.*, IV.
[2] *Ibid.*, IX.

o mundo. Ser anteposto ao mundo, e ser preferido a João, é crescer muito Deus em sua estimação e engrandecer-se muito em seus attributos: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

IV

Et venerunt circumcidere puerum. Vieram circumcidar o menino. Supposto que o menino era S. João, parece que o não haviam de circumcidar. A circumcisão daquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o baptismo. Pois se S. João estava já livre do peccado original, se estava em graça de Deus, e santificado nas entranhas de sua mãe, porque se sujeita ao rigor da circumcisão ? Porque ainda que a circumcisão não lhe tirava o peccado original, de que estava livre, accrescentava-lhe a graça da justificação em que nascera santificado. E esta é nos servos de Deus a maior fineza da virtude, sujeitarem-se a domar para augmento da graça os rigores que Deus deixou para remedio da culpa. A circumcisão nos outros homens era remedio da culpa; em S. João era só augmento da graça; e sujeitar-se S. João para maior graça, nas isenções de innocente aos remedios de culpado! Grande acção: grande sacrificio! Falla Zacharias á lettra do maior sacrificio da Lei da graça, o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e diz assim: *Quod bonum ejus, et quod pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, et vinum germinans Virgines?* [1] Que coisa fez Deus boa, que coisa fez Deus formosa neste mundo, senão o pão dos escolhidos e o vinho dos castos? Que seja bom e bonissimo o sacrificio do corpo e sangue de Christo sacramentado, não haverá quem o negue; mas que diga o Propheta, que não ha outro tão bom como elle: *Quod bonum ejus, et quod pulchrum ejus?* Não sei como o havemos nós de conceder. E para que não vamos mais longe: o sacrificio do corpo e sangue de Christo na cruz não é tão bom como o sacrificio do corpo e sangue de Christo no Sacramento? E' o mesmo substancialmente. Pois porque diz Zacharias,

[1] *Zach.*, IX.

que o sacrificio do corpo e sangue de Christo no Sacramento é melhor que todos? A razão da vantagem eu a darei. O sacrificio do corpo e sangue de Christo na cruz, foi sacrificio para remedio de peccado: o sacrificio do corpo e sangue de Christo no Sacramento, é sacrificio para augmento da graça. Ainda que em Christo não havia peccados proprios, nem merecia graça para si, tinha comtudo tomado por sua conta a satisfação de nossos peccados e os meios de nossa justificação. E que sacrifique tanto Christo na Eucharistia para augmento da graça, quanto sacrificou na cruz para remedio da culpa! Que empenhe corpo e sangue para augmentar merecimentos á innocencia, como empenhou corpo e sangue para alcançar perdão ao peccado! E' circumstancia de sacrificio tão relevante esta, que da mesma identidade tira differenças, e da mesma egualdade vantagens: *Quod bonum ejus, et quod pulchrum ejus?* Tal foi o acto da circumcisão do Baptista, comparada com a dos outros filhos de Adão. O corpo e sangue que os outros deram ao golpe da circumcisão para remedio da culpa, deu-o S. João (que a não tinha) só para augmento da graça: e que se sacrifique um innocente, para crescer na graça, ao que está sujeito o peccador para remediar a culpa! Grande acção do Baptista. Mas não foi sua só esta vez, nem sua sómente.

Duas innocencias temos hoje sujeitas aos remedios da culpa: ambas condemnadas ao rigor, e ambas ao habito da penitencia; que taes injustiças como estas sabe fazer o amor divino. Condemna innocencias como culpas, castiga merecimentos como delictos. Que façam grande penitencia os grandes peccadores, é muito justo: que a penitencia é remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condemne ao cilicio, se castigue com o jejum! Menino, em que peccou vossa innocencia? Um corpo delicado condemnado a tanta aspereza! Uma alma innocente castigada com tanto rigor! Se o Baptista fôra o maior peccador, que havia de fazer senão isto? Mas isto fez, porque havia de ser o maior santo. Não póde chegar a mais o mais fervoroso desejo da santidade, que sujeitar-se aos remedios do peccado, quem gosa os privilegios da innocencia. Encarece S. Paulo o amôr de Christo para com os homens, e diz desta maneira aos Corinthios: *Qui*

peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit. [1] Amou o Filho de Deus tanto aos homens, que não tendo conhecimento de peccado, se fez peccador por amôr delles. Estranha sentença! Christo não era innocentissimo, antes a mesma innocencia? Por razão da união ao Verbo sua alma não era impeccavel? As mesmas palavras o dizem: *Qui peccatum non noverat.* Pois como póde caber delicto na innocencia: como póde ser que o impeccavel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit?* Respondo. O impeccavel não se póde fazer peccador de culpas, mas póde-se fazer peccador de penas. Não póde commetter peccado quanto á culpa, mas póde-se sujeitar á pena do peccado, como se o commettera. Isto é o que fez Christo por amôr de nós, e isto é o que muito encarece S. Paulo em seu amôr: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit.* Não póde o amôr chegar a maior extremo, não se póde adelgaçar a maior fineza, que a fazer-se peccador nas penas, quem é innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, busca na penitencia o remedio de seu peccado: mas fazer-se peccador de penas o innocente de culpas, é buscar na penitencia o desafogo de seu amôr. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle pelo que offendeu, neste pelo que ama: vêde quaes agradarão mais a Deus, se as satisfações de offendido, se as obrigações de amado?

O' egualmente amado, que amante Senhor! Consenti os termos da egualdade, quanto entre divino e humano se permitte, pois vemos hoje as finezas de vosso amôr compelidas, como as dividas de nossa obrigação desempenhadas! Uma alma innocente de culpas, mas peccadora de penas: uma innocencia em habito penitente vos offerece hoje a terra. Esposo do céu, que estas são as côres de vosso pensamento, estas as galas de vosso amôr, estas as purpuras do vosso reino. *Filiæ Babylonis induuntur purpura, et bysso* (dizia S. Bernardo em similhante acção á Virgem Sophia) *et subinde conscientia pannosa jacet: fulgent monilibus, moribus sordent. E contra tu, foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed divinis aspectibus non humanis: intus est*

---

[1] 2.ª *Ad Corint.*

quod delectat, quia intus est quem delectat. Nem a romancear me atrevo estas palavras, porque em tanta differença de eleições, ou se ha de topar com o aggravo, ou com a lisonja. *E contra tu* (só isto quero repetir) *foris pannosa, intus speciosa resplendes.* Pelo contrario vós, ó Esposa de Christo (diz S. Bernardo), como dentro tendes a quem quereis agradar, por dentro trazeis as galas; por fóra vestida de saial, por dentro de resplandores: *Foris pannosa, intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente, que quando reparo nestas palavras, me parece que vejo já signaes do dia do Juizo. Um dos signaes do dia do Juizo será (como diz S. João no Apocalypse) vestir-se o sol de cilicio: *Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus.* [1] E se já vemos vestido de cilicio o sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores, debaixo da aspereza de tão grosseiros eclipses, que havemos de dizer? Que se acaba o mundo? Que é chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade se póde dizer assim; porque melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais, que tambem se acaba o mundo para quem acaba com elle. Como cada um de nós tem o seu mundo, o universal acaba com todos, o particular acaba com cada um. E que muito que se vejam signaes do dia do Juizo em uma alma para quem hoje se acaba o mundo! Mas perguntára eu ao sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o fez innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo por luto, para os olhos de Deus por gala. Veste-se de penitencia o sol, sendo innocente, porque não ha sacrificio mais formoso aos olhos de Deus, que uma innocencia illustre em habito de penitencia.

Aquellas pelles de que Deus vestiu aos primeiros senhores do mundo, estavam-lhe muito mal a Adão, mas estavam-lhe muito bem a Abel. A Adão estavam-lhe muito mal, porque eram habito de peccado com penitencia, a Abel estavam-lhe muito bem, porque eram habito de penitencia sem peccado: [2] em Adão eram habito de penitenciado, em Abel eram habito de

---

[1] *Apoc.*, VI.
[2] *Gen.*, III.

penitente. Esta grande differença ha entre a penitencia dos peccadores e a penitencia dos innocentes; que a penitencia dos peccadores é remedio, a penitencia dos innocentes é virtude. Não quero dizer que os actos de penitencia no peccador e no innocente não sejam virtuosos sempre. Só digo que os peccadores tomam a virtude da penitencia pelo que tem de remedio, os innocentes tomam o remedio da penitencia pelo que tem de virtude. D'onde se segue, que a penitencia honra os peccadores, os innocentes honram a penitencia. A penitencia honra os peccadores, porque lhes tira a affronta do peccado, os innocentes honram a penitencia, porque lhe tiram a mistura de remedio. O' ditoso Baptista, ó ditosa alma imitadora vossa: ambos em habito de penitentes; e ambos honradores da penitencia. Ditosos vós, que fazeis tropheus de victoria os instrumentos do desaggravo, e gozaes a prerogativa de penitentes, sem o desar de arrependidos. Em vós é virtude o que nos outros é remedio; em vós eleição o que nos outros necessidade. Só em vós não é remedio do peccado a penitencia, sendo que só a vossa penitencia poderá ser remedio do peccado. Porque offensas não merecidas, quaes são as de Deus, só se pagam com castigos não merecidos, quaes são os dos innocentes. O merecimento offendido só o póde satisfazer a innocencia castigada. O' que grande sacrificio para Deus! O' que grande lisonja para o céu! Lá disse Christo, que fez maior festa o céu ao peccador penitente, que ao justo sem penitencia. [1] Pois se a innocencia do justo agrada muito, e a penitencia do peccador agrada mais; quanto agradará aquelle excellente estado, que abraça a perfeição de ambos, e ajunta a penitencia de peccador com a innocencia de justo? Isto é o que fez o Baptista hoje na circumcisão, sujeitando isenções de innocencia a remedios de peccado: *Et venerunt circumcidere puerum.*

V

Et vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Feito o acto da circumcisão, tratou-se de dar o nome ao menino, e queriam os circumstantes, que se lhe

[1] *Luc.*, XV.

puzesse o nome de seu pae, e que se chamasse Zacharias. Ouviu isto S. Izabel, e disse: *Nequaquam.* Por nenhum caso: não se ha de chamar assim. E porque razão? Porque não se ha de chamar Zacharias o filho de Zacharias? Não era nome santo? Não era nome illustre? Não era nome auctorisado? Não era nome glorioso? Sim era, mas era nome de pae: *Vocabant eum nomine patris sui.* E o nome dos paes, quanto mais illustre, quanto mais glorioso, tanto menos o ha de tomar quem professa servir a Deus, como professava o Baptista. No nome perpetua-se a memoria dos paes: na Religião professa-se o esquecimento delles: *Obliviscere populum tuum, et domum patris tui.* [1] E como o Baptista havia de ser (como foi) primeiro fundador e exemplar de Religiosos: não quiz prudente S. Isabel, que tomasse o nome de Zacharias; porque não era justo que conservasse a memoria dos paes no nome, quem professava o esquecimento dos paes na vida. Quereis que se chame Zacharias, porque é nome de seu pae? Allegaes contra vós. Antes porque é nome de seu pae, se não ha de chamar assim: *Vocabant eum nomine patris sui Zachariam, et ait mater ejus: Nequaquam.* Que grandemente imitado, se bem em parte excedido, vemos hoje este exemplo do grande Baptista. S. Lucas, porque escrevia para a memoria dos futuros, deteve-se neste logar em contar a genealogia dos paes de S. João; eu que fallo aos olhos dos presentes, não me é necessario deter-me em tão sabido, como tambem me não fôra possivel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deixou o nome de Zacharias, auctorisado alfim com uma tiara; mas muito mais faz quem deixa o gloriosissimo nome de Gusmão (glorioso no céu e na terra) cujo real e esclarecido sangue se teceu sempre nas purpuras de toda Europa; e hoje com mais gloria que em nenhum outro reino (posto que com egual magestade em tantos) o vemos felizmente coroado e veremos em immortal descendencia, no nosso de Portugal. Este é o famosissimo em todas as edades, o eminentissimo em todas as pessoas, o assignaladissimo em todas as emprezas, o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmão; e este é o que hoje vemos deixado pelo humilde da cruz. Não sei se admire nesta eleição o

[1] *Psalm.*, XLIV.

virtuoso, se o discreto. Emfim, a virtude e o entendimento tudo me parece angelico.

Quando os Anjos no sepulchro de Christo perguntaram ás Marias o que buscavam, usaram de differentes termos (segundo diversos Evangelistas). O Anjo de S. Matheus perguntou, se buscavam a Jesus crucificado: *Jesum, qui crucifixus est, quæritis.* [1] O Anjo de S. Marcos perguntou, se buscavam a Jesus Nazareno crucificado: *Jesum quæritis Nazarenum crucifixum.* [2] Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Jesus Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheus lhe chamou Jesus crucificado sómente, e não fallou no Nazareno? O melhor commentador dos Evangelistas, o doutissimo Maldonado, notou advertidamente, que o Anjo de S. Matheus appareceu como Anjo, e o Anjo de S. Marcos appareceu como homem: *Matthæus Angelum, Marcus hominem appellat.* E' do Texto. Porque S. Matheus diz assim: *Angelus Domini descendit de Cœlo, qui dixit mulieribus:* Um Anjo do Senhor desceu do céu, que fallou ás mulheres. E S. Marcos diz assim: *Intrantes monumentum, viderunt juvenem sedentem:* entrando no sepulchro, viram um mancebo assentado. E como o que fallou ás Marias em S. Marcos, era homem, e em S. Matheus era Anjo, por isso o de S. Marcos chamou a Christo Jesus Nazareno crucificado e o de S. Matheus chamou-lhe Jesus crucificado sómente, e não fallou no Nazareno. Ora notae. Entre o Nazareno e o crucificado havia esta differença em Christo: que o Nazareno era nome dos paes, o crucificado era nome da cruz: e antepôr o nome de Nazareno ao de crucificado, antepôr o nome dos paes ao nome da cruz, isso fazem os Anjos, que são como homens; mas tomar o nome de crucificado e callar o de Nazareno; tomar o nome da cruz e deixar o nome dos paes, isso fazem os anjos, que são como anjos. O anjo de S. Marcos, que fallou como homem da terra: *Viderunt juvenem sedentem:* antepoz o nome dos paes ao nome da cruz: *Jesum quæritis Nazarænum crucifixum.* O Anjo de S. Matheus, que fallou como Anjo do céu: *Angelus Domini descendit de Cœlo:* tomou o nome da cruz, e deixou

[1] *Math.*, XXVIII.
[2] *Marc.*, XVI.

o nome dos paes: *Jesum, qui crucifixus est, quæritis.* O' discrição mais que humana! O' eleição verdadeiramente angelica! Sei eu que as Marias ouviram os anjos, mas nenhuma dellas aprendeu a mudar o nome. Maria Magdalena não se chamou da cruz, senão Magdalena: Maria Cleofé não se chamou da cruz, senão Cleofé. Não souberam deixar o nome dos paes, e tomar o da cruz aquellas Marias, porque estava este religioso primor guardado para outra, que na devoção havia de vencer as Marias, e na discrição egualar os Anjos.

Mas assim como em casa de Zacharias se levantou questão sobre o nome do Baptista, assim é bem que a tenhamos hoje aqui sobre este nome da cruz. Quem lá contradisse o nome de João foram as pessoas mais auctorisadas que assistiam á celebridade da festa: *Qui venerant celebritatis gratia:* commenta o Cardeal Toledo. Quem aqui impugnará o nome de cruz, será tambem a pessoa mais auctorisada que assiste á celebridade da festa, que é, quem? Christo Sacramentado. E assim como lá diziam, que não se havia de chamar João, senão Zacharias, assim cá diz Christo, que não se havia de chamar da cruz, senão do Sacramento. Não é imaginação sem fundamento minha, é accommodação verdadeira, tirada, com toda a propriedade, do Texto. O nome que lá queriam dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer dizer? Quer dizer: *Memoria Domini:* A memoria do Senhor. Isso mesmo é o Santissimo Sacramento da Eucharistia. E' a memoria do Senhor, que elle nos deixou por prendas em sua ausencia: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.* Está fundado. Agora pergunto eu: E que razão tem Christo Sacramentado para dizer que não quer que o nome seja da cruz, senão do Sacramento? A razão é muito forçosa. Porque professar Religião, mais é sacramentar-se que crucificar-se. Todos os Santos commummente chamam cruz ao estado Religioso; mas com licença sua, eu digo que o estado Religioso tem mais do Sacramento que da cruz. A razão em que me fundo, é esta. Porque na cruz morreu Christo uma só vez: no Sacramento morre todos os dias. O sacrificio da cruz foi cruento, mas foi unico; o sacrificio do altar é incruento, mas é quotidiano.

A maior fineza do amôr é morrer: *Majorem chari-*

tatem nemo habet; [1] mas tem um grande dezar esta fineza, que quem a faz, não póde fazer outra. E' a maior fineza, mas é a ultima. E como Christo amava tão extremamente aos homens, e via que morrendo na cruz se acabava a materia a suas finezas; que fez? Inventou milagrosamente no Sacramento um modo de morrer sem acabar, para morrendo, poder dar a vida, e não acabando, poder repetir a morte. Esta é a vantagem, que leva em Christo o amôr que nos mostrou no Sacramento, ao amôr que nos mostrou na cruz. Na cruz morreu uma vez; no Sacramento morre cada dia: na cruz deu a vida; no Sacramento perpetuou a morte. A Esposa, como quem melhor as sabe avaliar, nos dirá a verdade desta fineza: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio.* [1] O amôr se é grande (que isso quer dizer *dilectio)* é como a morte: e se é maior (que isso quer dizer *æmulatio)* é como o inferno. Notavel dizer! Porque razão compara Salomão o amôr grande á morte, e o amôr maior ao inferno? Eu o direi. Entre a morte e o inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o inferno perpetua a morte. Por isso o amôr grande se compara á morte, e o maior ao inferno; porque mais é perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida, é morrer uma vez; prepetuar a morte, é estar morrendo sempre. Eis aqui a desegualdade do amôr de Christo na cruz e no Sacramento. Competiu o amôr de Christo no Sacramento, e o amôr de Christo na cruz; o da cruz foi como o da morte, porque chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio;* o do Sacramento foi como o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut infernus æmulatio.* E muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida, é morrer n'um instante, perpetuar a morte, é morrer toda a vida.

Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, que com a cruz. Na cruz morre-se uma só vez; no Sacramento morre-se cada dia. Sei que disse S. Agostinho, que só os Martyres pagam a Christo a fineza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrem por quem morre

[1] *Cant.*, VIII.

por elles: *Qui accedis ad mensam Principis debes similia præparare, hoc beati Martyres fecerunt.* Mas esta razão de S. Agostinho (dê-nos licença o Lume da Igreja) impugna-se facilmente. Porque muitas mortes não se pagam com uma só morte: Christo no Sacramento morre todos os dias: os martyres morrem uma só vez: logo não pagam os martyres a Christo no Sacramento. Pois que diremos a isto? Digo que os martyres pagam a Christo na cruz; os Religiosos pagam a Christo no Sacramento. Os martyres pagam a Christo na cruz, porque morrem uma vez, por quem uma vez morreu por elles; os Religiosos pagam a Christo no Sacramento, porque morrem cada dia, por quem morre por elles todos os dias. Ha quem o diga? Não é menos Religioso, que o exemplar de todos, S. Paulo: *Quotidie morior:* Cada dia morro. De maneira, que assim como Christo no Sacramento inventou um modo de morrer sem acabar para, morrendo, poder dar a vida, e não acabando poder repetir a morte; assim os Patriarchas das Religiões (e melhor que todos o Seraphico em seu divino Instituto) parecendo-lhe pouco amôr não morrer, e pouca morte morrer uma só vez: acharam este modo milagrosamente natural de viver morrendo, para na morte multiplicarem as entregas da vida, e na vida perpetuarem os sacrificios da morte.

Grande logar do Protopatriarcha das Religiões, S. Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religiões mais estreitas, e diz que a cella de uma alma Religiosa é emula, é competidora da sepultura de Christo: *O' cella Dominicæ sepulturæ æmula!* Pois saibamos que qualidades tem uma cella para tão nobre competencia? Em que presumpções se funda esta emulação? Que se compare a cella a qualquer sepultura, justa similhança, porque onde o habito é uma mortalha, o leito um ataude, as paredes tão estreitas, e com tão pouca luz, como estas que vemos, muito ha de sepultura. Sepultura sim; mas sepultura não outra, senão a de Christo: porque razão? Porque nas outras sepulturas mora só a morte: na sepultura de Christo morou a morte e mais a vida juntas. Na sepultura de Christo esteve a vida morta e a morte resuscitada: e taes são as vossas cellas, ó Religiosos espiritos: *O' cella Dominicæ sepulturæ æmula, quæ mortuos suscipis, et reviviscere facis.* O' cella verda-

deiramente imitadora da sepultura de Christo, pois está em ti a vida morta e a morte resuscitada: a vida morta, porque não tem usos a vida; a morte resuscitada porque tem alentos a morte. És uma suspensão gloriosa de morte e vida (se bem gloriosa com pena) onde posta a alma nas raias do viver e morrer, participa indecisamente o mais rigoroso de ambas; insensivel, como morta para o gostoso da vida: sensitiva, como viva, para o penoso da morte. Em ti se vê multiplicado o milagre natural da phenix, sendo patria e sepulchro quotidiano, onde se morre á vida e se nasce á morte, faltando cinzas, mas não faltando incendios. Em ti (e com maior propriedade hoje) se vê verdadeira a metaphora dos horizontes, sendo oriente e occaso juntamente, onde o sol no mesmo instante morto e nascido resuscita a um hemispherio, quando se sepulta a outro. Em ti, finalmente (com seres a melhor parte do Paraiso), se vê sem fingimento a fabula do inferno, sendo cada Religioso espirito um Ticio em bemaventurança de penas, que não podendo morrer para morrer mais vezes, tem morta a vida, e immortal a morte: *Semperque renascens non perit, ut possit sæpe perire.* Não é muito que ache eu comparações no inferno ao maior sacrificio, quando no inferno as buscou a Alma Santa ao maior Sacramento. De um e outro se póde dizer com grande similhança: *Dura sicut infernus æmulatio.* E como o sacrificio da Religião, por ser morte perpetuada, se parece mais com o Sacramento, que com a cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essencia das coisas; parece que quem professa Religião, não se deve chamar da cruz, senão do Sacramento: *Et vocabant eum nomine patris sui Zachariam, hoc est, memoriam Domini.*

VI

Comtudo responde S. Isabel: *Nequaquam:* Por nenhum caso. E com muita razão. Porque? Pela mesma que o persuade. Porque se o nome do Sacramento diz tudo o que ha no estado Religioso, e o nome da cruz diz menos, pelo mesmo caso se deve tomar o nome da cruz e não o do Sacramento. Na eleição dos nomes ha uma grande differença tomada dos fins porque se elegem; os nomes que se tomam por verdade

dizem tudo, os que se tomam por vaidade dizem mais, os que se tomam por humildade dizem menos. E como a mesma humildade que desprezou a grandeza dos nomes paternos, foi a que fez a eleição do nome Religioso, por isso, com discreta impropriedade, escolheu o nome diminutivo da cruz, em que é mais o que se calla, que o que se diz. Como respondo a Christo Sacramentado, com o mesmo nome do Sacramento, quero confirmar a resposta. O Sacramento do altar chama-se corpo e sangue de Christo. Esse nome lhe deu o mesmo Senhor: *Hoc est corpus meum: Hic est calix sanguinis mei.* Pergunto: E ha no Sacramento mais alguma coisa? Ha alma e ha divindade. Pois se no Sacramento não só está corpo e sangue, senão tambem alma e divindade, porque se não chama corpo e alma, sangue e divindade de Christo, senão corpo e sangue sómente? Porque este nome deu-o Christo ao Sacramento na hora em que se quiz mostrar mais humilde. A hora em que Christo se mostrou mais humilde, foi a mesma em que instituiu o Sacramento de seu corpo e sangue, dispondo aos Apostolos com a pureza do lavatorio, e a si com a humildade de lhes lavar os pés. E como Christo poz o nome a este mysterio com advertencia de humilde, por isso declarou sómente o menos que nelle havia: que os nomes que compoem a humildade, sempre callam mais do que dizem. O que diz é corpo e sangue: o que calla é alma e divindade. O mesmo passa no nosso caso: que ainda que se não tomou o nome ao Sacramento, seguiu-se lhe o exemplo. Deixa-se o nome do Sacramento, porque diz mais, toma-se o nome da cruz, porque diz menos: que se preza o verdadeiro amôr, do que é, e não do que significa. Baste-lhe á Religião ser cruz *ex vi verborum*, ainda que seja muito mais *per concomitantiam*. Tão justo foi logo deixar-se o nome de Zacharias quanto á significação, como quanto á realidade: *Et ait mater ejus:* Vequaquam.

VII

Acabou-se-nos o thema: e se me não engano tenho ponderado todas as clausulas delle, com alguma similhança ás obrigações deste dia. Mas tambem vejo que repararíam os mais curiosos, em que passei em silen-

cio aquellas palavras: *Audierunt vicini, et cognati, et congratulabantur ei.* Confesso que não fallei nestas palavras; e tambem confesso que as deixei, porque não achei nellas similhança, senão muita differença do nosso intento: *Cognati, et vicini congratulabantur ei.* Lá no nascimento do Baptista diz o Evangelho, que os parentes e os visinhos estavam muito contentes e agradecidos; porém cá não é assim. Tão fóra estão de poderem estar contentes os visinhos e os parentes, que antes o parentesco e a visinhança teem razão de estar queixosos. Tem razão o parentesco de estar queixoso, porque se vê a si deixado: tem razão a visinhança de estar queixosa, porque vê os estranhos preferidos. Quando o sangue se vê deixado, porque não ha de estar queixoso o parentesco? E quando as estrangeiras se vêem preferidas ás naturaes, porque não ha de estar queixosa a visinhança? Não se diga logo aqui: *Cognati, et vicini congratulabantur ei.* Acudo a estas duas queixas, e acabo.

Primeiramente digo, que não tem razão o parentesco de estar queixoso; porque quando as obrigações do sangue se deixam por amòr de Deus, não é fazer offensa, é fazer lisonja ao parentesco. Da parte de quem é deixado é sacrificio, mas da parte de quem deixa é lisonja. Tudo provo. Hospedou Martha a Christo em sua casa, e tinha esta senhora uma irmã, a quem o Texto chama soror Maria: *Et huic erat soror nomine Maria:* [1] a qual se retirou com Christo; e assentada humilde a seus pés, o estava ouvindo e contemplando. Chegou Martha ao Senhor, e disse-lhe: *Domine, non est tibi curæ, quod soror mea reliquit me solam ministrare?* E bem, Senhor, tanto vos descuidaes de mim, que não vèdes que minha irmã me deixou só? Esta foi a historia; duas são as minhas ponderações. Digo que Martha na queixa que fez de Maria, offereceu um grande sacrificio a Christo, e Maria na occasião que deu á queixa, deu uma grande satisfação a Martha.

Difficulto assim. Christo não foi o que chamou a Maria: Maria foi a que se assentou a seus pés sagrados. Pois se a occasião justa ou injusta da queixa a deu Maria, e não Christo; porque propõe Martha a

[1] *Luc.*, XII.

sua queixa a Christo, e não a Maria? Porque Martha nesta acção não pretendeu tanto dar queixas de Maria, quanto offerecer sacrificios a Christo. Como se dissera Martha: Não cuideis, Senhor, que só Maria é a que faz finezas, que eu tambem vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua devoção, eu sacrifico minha soledade: *Reliquit me solam ministrare.* Ella offerece-vos o estar comvosco, eu offereço-vos o estar sem ella. De sorte que em uma acção havia alli dois sacrificios: um de Maria, porque se fôra para Christo, outro de Martha, porque a deixára Maria. Mas destes dois sacrificios qual é maior: o de Maria, ou o de Martha? Eu não me atrevo a dar sentença nesta causa. Só digo que se neste logar prégara S. Pedro Chrysologo, havia de dizer que o sacrificio de Martha era maior que o de Maria. Pergunta S. Pedro Chrysologo, quem fez mais, se Abrahão em sacrificar a Isaac, se Isaac em se offerecer ao sacrificio? [1] Resolve que Abrahão: e verdadeiramente tem a Escriptura por sua parte. Pois se Isaac era a victima que havia de ficar morto: se Abrahão era o sacerdote que havia de ficar vivo; como era, ou como podia ser, que o sacrificio fosse maior em Abrahão, que em Isaac? A razão é esta. Porque Isaac sacrificava a sua pessoa, Abrahão sacrificava a sua soledade: Isaac offerecia-se a ficar sem vida, Abrahão offerecia-se a ficar sem Isaac. E segundo o muito que Abrahão amava aquelle filho, maior sacrificio fazia em o dar a elle, que elle em se dar a si. Bem digo eu logo, que foi grande sacrificio o que Martha offereceu a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não menos que a soledade de Maria: *Reliquit me solam ministrare.*

E que Maria, na mesma occasião que deu á queixa, deu uma grande satisfação a Martha, não ha duvida. Porque? Porque deixar Maria a Martha, não por amôr de outrem, senão por estar com Christo, foi dizer-lhe claramente, que fazia tão grande estimação de sua companhia, que só por Deus a pudéra deixar, e só com Deus a podia supprir. Vendo os filhos de Israël que havia quarenta dias que faltava Moysés, por estar fechado com Deus, determinaram abalar do pé do monte, e ir se. Foram-se ter com Arão, e disseram

[1] *Gen.*, XXXII.

assim: *Fac nobis Deos, qui nos præcedant. Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit:* Arão, fazei-nos um Deus que nos acompanhe, porque não sabemos que feito é deste homem Moysés. Linda consequencia por certo! Dae cá um Deus, porque falta Moysés. Moysés não era homem? Elles mesmos o diziam: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moysés era homem, porque pediam um Deus em falta de Moysés? Porque ha presenças que só por Deus se podem deixar; e ha ausencias que só com Deus se podem supprir. Como os Hebreus amavam tanto ao seu Moysés, e se viam forçados a o deixar, faziam este discurso. Já que se ha de deixar Moysés, só por um Deus se ha de deixar: e já que se ha de supprir com outrem o seu logar, só com um Deus se ha de supprir. Por isso pediam a Arão um Deus, e não outro substituto daquella ausencia: *Fac nobis Deos, qui nos præcedant.* Esta satisfação deram os Israelitas a Moysés quando o queriam deixar; e esta foi a satisfação que deu Maria a sua irmã quando a deixou. Deixou de estar com ella, mas por estar com Deus: *Quæ etiam sedens secus pedes Domini.* Não tem logo razão o parentesco hoje de se mostrar sentido ou queixoso, senão contente e agradecido: *Cognati congratulabantur ei.*

Et audierunt vicini. Tambem se não deve queixar a visinhança de vêr as estrangeiras preferidas ás naturaes. E porque? Porque uma alma que por mais servir a Deus quiz ajuntar a clausura com a peregrinação, necessariamente houve de deixar os naturaes, e buscar os estrangeiros. Uma das coisas que muito agradou sempre a Deus em seus servos, foi a peregrinação. Por isso mandou a Abrahão que sahisse peregrino de sua patria: por isso quiz que peregrinasse Jacob em Mesopotamia, José no Egypto: [1] e ao mesmo povo querido de Israël, porque o escolheu para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, e por tantos annos. E como Deus se agrada tanto dos peregrinos (que tambem o quiz ser neste mundo) que faria uma alma desejosa de agradar muito a Deus, vendo-se obrigada á clausura pelo seu estado, e inclinada á peregrinação pelo gosto divino? Peregrinação e clausura não podem estar juntas: pois que remedio? O remedio

[1] *Gen.*, 12, 29 e 39.

foi, entrando em Religião, escolher um mosteiro de estrangeiras; para que viesse desta maneira a achar juntas a clausura e a peregrinação: a clausura no logar, a peregrinação na companhia. Quem cuidaria que era possivel estar juntamente em Portugal, e peregrinar em Flandres? Pois isto é o que vemos hoje com nossos olhos.

Falla David da peregrinação dos filhos de Israël para Palestina, e diz assim: *Cum exiret de terra Ægypti, linguam quam non noverat audivit:* [1] Quando o povo sahiu do Egypto, ouviu a lingua que não entendia. Particular modo de reparar! Se David ponderava a peregrinação dos Israelitas, parece que havia de dizer, que passaram climas incognitos, que caminharam terras desconhecidas. Pois porque não repara nas terras, senão nas linguas? Porque não diz que andaram por terras estranhas, senão que ouviram linguas estrangeiras? Porque julgou discretamente o Propheta, que a formalidade da peregrinação não consistia tanto na mudança dos logares, quanto na differença das linguas. Não está o ser peregrino na estranheza das terras que se caminham, senão na estranheza da gente com que se trata: *Cum exiret de terra Ægypti, linguam quam non noverat audivit.* Sahir do Egypto para onde se ouve outra lingua, isso é peregrinar. E se é verdadeiro peregrinar o viver entre gente de lingua estranha, bem digo eu que se viram aqui juntas milagrosamente a clausura e a peregrinação: a clausura no logar, a peregrinação na companhia. Não deve logo de estar queixosa a visinhança, posto que a queixa parecia justificada; antes tem obrigação as Religiosas portuguezas de se edificarem e alegrarem muito de verem (sobre um tão grande exemplo) um tão novo e particular espirito na profissão de seu estado; trocando as apparencias do sentimento em motivos de parabens: *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o sermão, e com elle as victorias do impossivel, que assim se chama. Dou-lhe este nome, não só por ser sermão do nascimento do Baptista, com o qual provou o Anjo, que nada era impossivel a Deus: *Quia non erit impossibile apud Deum*

[1] *Psalm.*, LXXX.

omne verbum; [1] senão por ser sermão desta profissão solemnissima, que celebramos, na qual sem haver reparado, deixo provados seis impossiveis. No nascimento do Baptista venceu-se um impossivel, que foi ajuntar-se esterilidade com parto: *Elisabeth peperit filium.* No acto desta profissão venceram-se seis impossiveis, que foram os que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro, ajuntar-se a côrte com o deserto. No segundo a mocidade com o desengano. No terceiro a grandeza com o desprezo. No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida com a morte. No sexto a clausura com a peregrinação. E seis impossiveis vencidos na terra, que devem esperar, senão seis corôas ganhadas no céu? Dar-vos-ha no céu, esposa serenissima de Christo, a côrte com o deserto uma corôa de solitaria entre o côro dos Eremitas. A mocidade com o desengano uma corôa de prudente entre o côro dos Doutores. A grandeza com o desprezo uma corôa de humildade entre o côro dos Apostolos. A innocencia com o castigo uma corôa de penitencia entre o côro dos Confessores. A vida com a morte uma corôa de mortificada entre o côro dos Martyres. A clausura com a peregrinação uma corôa de peregrina entre o côro das Virgens. Assim triumpha, quem assim vence: assim alcança, quem assim merece: assim gosa, quem assim trabalha: assim reina, quem assim serve: nesta vida a Deus por graça; na outra vida com Deus por gloria: *Quam mihi, et vobis, etc.*

---

[1] *Luc.*, I.

SERMÃO DE S. PEDRO *

Vos autem quem me esse dicitis? [1]

I

Mui seguro está de seu valor quem tira a sua opinião ao campo. E se é temeridade tomar-se com muitos, com todo o mundo se tomou quem desafiou sua fama. Na occasião de que falla S. Matheus (cujo é o Evangelho que hoje nos propõe a Igreja) diz que perguntou Christo Senhor nosso, que diziam delle os homens: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?*

Perguntou o Senhor, para que os senhores que mandam o mundo, se não desprezem de perguntar. Se pergunta a Sabedoria Divina, porque não perguntará a ignorancia humana? Mas esse é o maior argumento de ser ignorancia. Quem não pergunta, não quer saber: quem não quer saber, quer errar. Ha porém ignorantes tão altivos, que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque se não presuma que lhes falta alguma coi-

---

* Foi este Sermão prégado em Lisboa, em S. Julião, no anno de 1644, á Veneravel Congregação dos Sacerdotes. A sua disposição é muito original. São tres especies de homilias, formando um corpo muito bem proporcionado. Na primeira commenta o orador todo o Evangelho do dia, com ponderações muito apropriadas ao auditorio; na segunda falla das prerogativas de S. Pedro com elevado criterio theologico; na terceira, porque lhe falta o triste jus das cãs, falla modestamente, fazendo reverberar sobre aquella Veneravel Congregação a luz das prerogativas do grande Apostolo para lembrar-lhes as suas obrigações.

[1] *Math.*, 16.

sa por saber. Deus guie a nau onde estes forem os pilotos.

Não perguntou o Senhor o que era, senão o que se dizia: *Quem dicunt?* Antes de se fazerem as coisas, ha se de temer o que dirão; depois de feitas, ha se de examinar o que dizem. Uma coisa é o acerto, outra o applauso. A boa opinião de que tanto depende o bom governo, não se fórma do que é, senão do que se cuida: e tanto se devem observar as obras proprias, como respeitar os pensamentos e linguas alheias. A providencia com que Deus permitte a murmuração, é porque talvez de tão má raiz se colhe o fructo da emenda. E se eu de murmurado me posso fazer applaudido, porque me não informarei do que se diz?

Respondendo os Discipulos á questão, referiram os pareceres ou ditos do povo a respeito da pessoa de Christo. Eram do povo, claro está que haviam de ser errados: *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii verò Jeremiam, aut unum ex prophetis:* [1] Uns diziam que era o Baptista, outros que era Elias, outros que era Jeremias, ou algum dos Prophetas antigos. Antigos não disse São Matheus, mas advertiu-o S. Lucas: *Unus Propheta de prioribus surrexit.* [2] Grande é o odio que os homens teem á edade em que nasceram. Não diziam que era um Propheta como os antigos, senão um delles: *Unus de prioribus.* Pois assim como antigamente houve tambem Prophetas, não poderia tambem agora haver um? Cuidam que não. Por menor milagre tinham resuscitar um dos Prophetas passados, que nascer em seu tempo outro como elles. Tudo o moderno desprezam, só o antigo veneram e acreditam. E porque a Christo lhe não podiam negar a sabedoria, fingiam-lhe a antiguidade. Ora desenganem-se os idolatras do tempo passado, que tambem no presente póde haver homens tão grandes como os que já foram, e ainda maiores: Christo passava pouco de trinta annos, e tudo o que souberam os antigos e antiquissimos, era aprendido delle.

E vós, Discipulos meus (continua o Senhor), vós que não sois povo, e estudaes na minha escóla, quem dizeis que sou eu: *Vos autem quem me esse dicitis?*

[1] *Math.*, XVI.
[2] *Luc.*, IX.

Estas são as palavras que tomei por thema, e ficam para o discurso. Respondeu a ellas, por todos, S. Pedro: *Tu es Christus, Filius Dei vivi:* [1] Vós, Senhor, sois Christo Filho de Deus vivo. Alludiu primeiramente aos deuses dos gentios, que eram estatuas mortas. Queira Deus que entre os christãos não haja tambem estes idolos. Não sendo mais que umas estatuas, querem que os adoremos como deuses. Mas além desta illusão, ainda subiu mais alto o pensamento de S. Pedro. Christo é Filho de Deus, e nós tambem somos filhos de Deus: *Dedit eis potestatem Filios Dei fieri.* [2] Em que se distingue logo Christo de nós? Em que Christo é Filho de Deus vivo, nós somos filhos de Deus morto. Christo Filho de Deus vivo, porque Deus, que é immortal, o gerou *ab æterno:* nós filhos de Deus morto, porque o mesmo Christo, morto nos braços da cruz, foi o que nos gerou de novo e nos deu este segundo e mais sublime nascimento.

Não tinha S. Pedro bem acabado a confissão da sua fé, quando o Senhor lh'a premiou com a certa esperança da maior dignidade. Elle disse a Christo o que era; e Christo disse-lhe a elle o que havia de ser: *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam:* [3] E eu te digo, Pedro, que tu és Pedro, e sobre esta pedra hei de fundar a minha Igreja. De tal maneira obra Deus com a sua e summa sabedoria, que parece se emenda com a experiencia. Arruinou-se-lhe o primeiro edificio, porque o fundou em um homem de barro; para que se lhe não arruine o segundo, funda-o em um homem de pedra. Retrata-se do que tem feito Deus, que não póde errar, e os homens estão tão namorados de seus erros, que antes os vereis obstinados, que arrependidos. Dirão que é timbre este de entendimentos angelicos, porque nenhum Anjo errou que se retratasse. Eu digo que não é senão contumacia de entendimentos diabolicos, porque nenhum Anjo errou, que não fosse demonio.

Todos os demonios do inferno, diz Christo que

---

[1] *Math.*, XVI, 16.
[2] *Joan.*, I, 12.
[3] *Math.*, XVI, 18.

não prevalecerão contra sua Igreja: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* [1] E porque não basta estarem as portas inimigas defendidas, se as proprias não estiverem seguras; á fidelidade de Pedro commetteu o Senhor as chaves do seu reino: *Tibi dabo claves regni Cœlorum.* [2] Primeiro lhe chamou homem de pedra, e depois lhe entregou as chaves, porque as chaves do Reino só em homens de pedra estão seguras. Os homens de barro quebram, os de páu corrompem-se, os de vidro estallam, os de cera derretem-se: tão duro e tão constante ha de ser como uma pedra, quem houver de ter as mãos nas chaves do Reino: *Tu es Petrus, tibi dabo claves.*

E qual ha de ser o officio ou o exercicio destas chaves? Fechar e abrir? Não diz isso o Senhor. As chaves que abrem e fecham, podem abrir para dentro, e fechar para fóra. Por isso vemos os thesouros tão estreitos, e tão fechados para os outros, e tão largos e tão abertos para os que teem as chaves. Que havia logo de fazer com ellas S. Pedro? Atar e desatar, diz Christo: *Quodcumque ligaveris, erit ligatum: quodcumque solveris, erit solutum.* A peste do governo é a irresolução. Está parado o que havia de correr, está suspenso o que havia de voar; porque não atamos, nem desatamos. Não debalde escolhe Christo para o governo da sua casa um homem tão resoluto como Pedro. Se Christo lhe não mandára embainhar a espada, bem necessarias lhe eram as ataduras para as feridas. Assim ha de ser quem ha de obrar, e não homens que nem atam, nem desatam. Aqui pára a historia do Evangelho; para passarmos ao discurso, peçamos a graça: *Ave Maria.*

II

Vos autem quem me esse dicitis?

Supposto andarem tão validas no pulpito, e tão bem recebidas do auditorio as metaphoras, mais por satisfazer ao uso e gosto alheio, que por seguir o ge-

[1] *Math.*, XVI.
[2] *Ibid.*, 19.

nio e dictame proprio, determinei, na parte que me toca desta solemnidade, servir ao Principe dos Apostolos tambem com uma metaphora. Busquei-a primeiramente entre as pedras, por ser Pedro pedra, e occorreu-me o diamante: busquei-a entre as arvores, e offereceu-se-me o cedro: busquei-a entre as aves, e levou-me os olhos a aguia: busquei-a entre os animaes terrestres, e poz-se-me diante o leão: busquei-a entre os planetas, e todos me apontaram para o sol: busquei-a entre os homens, e convidou-me Abrahão: busquei-a entre os Anjos, e parei em Miguel. No diamante agradou-me o forte, no cedro o incorruptivel, na aguia o sublime, no leão o generoso, no sol o excesso da luz, em Abrahão o patrimonio da fé, em Miguel o zelo da honra de Deus. E posto que em cada um destes individuos, que são os mais nobres do céu e da terra, e em cada uma de suas prerogativas achei alguma parte de S. Pedro, todo S. Pedro em nenhuma dellas o pude descobrir. Desenganado pois de não achar em todos os thesouros da natureza alguma tão perfeita, de cujas propriedades podesse formar as partes do meu panegyrico, (que esta é a obrigação da metaphora) despedindo-me della, e deste pensamento, recorri ao Evangelho para mudar de assumpto: e que me succedeu? Como se o mesmo Evangelho me reprehendera de buscar fóra delle o que só nelle se podia achar, as mesmas palavras do thema me descobriram e ensinaram a mais propria, a mais alta, a mais elegante, e a mais nova metaphora, que eu nem podia imaginar de S. Pedro. E qual é? Quasi tenho medo de o dizer. Não é coisa alguma creada, senão o mesmo Auctor e Creador de todas. Ou as grandezas de S. Pedro se não podem declarar por metaphora, como eu cuidava, ou se ha, ou póde haver alguma metaphora de S. Pedro, é só Deus. Isto é o que hei de prégar, e esta a nova e altissima metaphora que hei de proseguir. Vamos ao Evangelho.

Vos autem quem me esse dicitis? E vós quem dizeis que sou eu? Aquelle *vos autem* refere esta segunda pergunta á primeira. Na primeira tinha dito o Senhor, *quem dizem os homens*, nesta segunda diz: e vós *quem dizeis?* De sorte que a pergunta e a questão era a mesma, e só as pessoas differentes. Mas tambem esta differença parece difficultosa de entender. Os Apostolos não eram homens? Sim. Pois se

Christo na primeira pergunta tinha dito *quem dizem os homens*, parece que já ficavam incluidos nella os mesmos Apostolos: porque os distingue logo o Senhor dos outros homens com uma exclusiva tão manifesta como a daquelle *vos autem?* O reparo não é menos que de S. Jeronymo, a quem a mesma Cadeira de S. Pedro tem canonisado não só pelo maior Doutor, senão o Maximo na exposição das Escripturas Sagradas. E que responde S. Jeronymo? Diz que distinguiu Christo aos Apostolos dos outros homens, porque os Apostolos não são homens. E se não são homens, que são? São Anjos? São Archanjos? São Cherubins? São Serafins? Muito mais: são Deuses. Palavras expressas do Doutor Maximo: *Prudens lector, attende quod ex consequentibus, textuque sermonis Domini Apostoli nequaquam homines, sed Dii appellantur.* Advirta o prudente leitor, que, segundo este Texto, e a consequencia destas palavras de Christo, os Apostolos não são homens, nem se chamam homens, senão Deuses: *Nequaquam homines, sed Dii.*

Grande dizer, e tão grande, que não só diz tudo o que eu queria, e o meu assumpto ha mister, senão muito mais. Diz tudo, porque affirma expressamente a metaphora e similhança de Deus, quanto ao nome, quanto á dignidade, e quanto á differença e soberania desta divindade superior absolutamente a todo o ser humano: *Nequaquam homines.* Mas diz muito mais do que o meu assumpto prometteu, e ha mister: porque elle suppõe a excellencia desta prerogativa como propria de S. Pedro, e singularmente sua, e de nenhum outro: e S. Jeronymo parece que a estende a todos os Apostolos: *Apostoli nequaquam homines, sed Dii appellantur.* D'onde se segue que esta extensão, posto que em pessoas de tão alta dignidade, desfaz muito a singularidade de S. Pedro, da minha metaphora, e do meu intento: porque fica sendo uma prerogativa, senão de todos, ao menos de muitos.

III

Vamos devagar, que o ponto o pede. Primeiramente não nego, nem se póde negar que o Texto parece que falla com todos os Discipulos e Apostolos, a

quem o Divino Mestre fazia a pergunta. Mas eu pergunto tambem quem foi o que unica e singularmente respondeu a ella? Claro está que foi S. Pedro: *Respondit Petrus.* E porque respondeu só elle, e nenhum outro? Excellentemente S. Ambrosio: *Cum interrogasset Dominus quid homines de Filio hominis æstimarent, Petrus tacebat: ideo (inquit) non respondeo, quia non interrogor: interrogor, et ipse quid sentiam tum demum respondebo, quod meum est.* Em quanto Christo perguntou o que diziam os homens, Pedro esteve calado sem dizer palavra, *tacebat:* e porque esteve calado Pedro, e não respondeu palavra? Porque aquella pergunta, diz elle, não falla commigo: *Ideo non respondeo, quia non interrogor:* porém quando eu fôr perguntado, então responderei e direi o que sinto, porque a mim me pertence: *Cum interrogabor, et ipse quid sentiam respondebo, quod meum est.* Note-se muito esta ultima palavra, *quod meum est;* na qual exclue o mesmo S. Pedro a todos os outros Apostolos, e confiadamente diz que a resposta daquella altissima pergunta só era sua, e só a elle pertencia. E' verdade que a palavra da pergunta, *vos autem,* parece que comprehendia a todos; mas a resposta excluiu aos demais, como encaminhada a elle por quem sabia o que só Pedro sabia, e os demais ignoravam.

Em um famoso milagre do mesmo S. Pedro temos um extremado exemplo, com que a extensão do *vos autem* se limita só a elle. Entrando S. Pedro com S. João por uma das portas do Templo de Jérusalem a orar, estava alli um pobre tolhido dos pés, desde seu nascimento, o qual lhes pediu uma esmola; disse-lhe S. Pedro: *Respice in nos:* [1] Olha para nós, e respondendo ao que pedia o pobre: Eu (diz) não tenho oiro, nem prata, mas o que tenho isso te dou; e tomando-o pela mão o poz em pé inteiramente são: *Et protinus consolidatæ sunt bases ejus.* [2] Pois se S. Pedro só havia de fazer, como fez, o milagre sem ter parte nelle o companheiro, porque não disse tambem, olha para *mim,* senão, *olha para nós: Respice in nos?* A razão fique para outro dia: o exemplo nos serve agora, e é quanto se póde desejar adequado. De sorte que o

---

[1] *Act.*, III, 4.
[2] *Ibid.*, 7.

respice in nos referiu-se a Pedro, e mais a João; mas o milagre não o obraram Pedro e João, senão só Pedro. Pois assim como então o *respice in nos* se referiu a ambos, e o obrador do milagre foi um só, assim no caso presente o *vos autem* referia-se a todos: *Respiciebat omnes*, e a milagrosa confissão foi só de Pedro. Só de Pedro, sem que o numero ou multidão a que foi dirigida a pergunta, impedisse a gloria unica e singular de quem deu a resposta: e senão combinemos o *vos* com o *tu*, e o *tibi*. O *vos autem* foi de todos, e o *tu* só de Pedro: *Tu es Petrus:* o *vos autem* de todos, e o *dico* só de Pedro: *dico tibi:* o *vos autem* de todos, e o *revelavit* só de Pedro: *revelavit tibi:* o *vos autem* de todos, e o *dabo* só de Pedro: *Tibi dabo.*

IV

Assentada esta singularidade de S. Pedro dentro na mesma differença que distinguia a todos os Apostolos dos outros homens; segue-se que vejamos tambem singular nelle a divindade, com que a mesma differença lhe dava por consequencia o nome de Deuses: *Nequaquam homines, sed Dii appellantur.* Em confirmação de sua consequencia, excita questão S. Jeronymo, porque os outros homens, por mais que quizeram encarecer as grandezas de Christo comparando-o ás maiores personagens do mundo, sempre comtudo o fizeram homem: pelo contrario, um só dos Apostolos, que respondeu á pergunta sem comparações nem rodeios, disse direitamente que era Filho de Deus. E a razão de tão notavel differença (sendo o soberano Sugeito o mesmo) diz o mesmo S. Jeronymo que foi porque cada um falla como entende, e entende como quem é. Os homens porque fallavam e entendiam como homens, chamaram a Christo homem: S. Pedro porque fallava e entendia como Deus, chamou-lhe Filho de Deus: *Qui de Filio hominis loquuntur, homines sunt; qui verò divinitatem ejus intelligunt, non homines, sed Dii.* Note-se muito a palavra *intelligunt.* Euthimio diz o mesmo: *Solus Petrus verè Christum, et natura, et propriè Filium Dei esse intellexit.* S. Paschasio o mesmo: *Beatus Petrus plusquam homo erat, quia ultra hominem sapiebat: cumque Dei Filium in*

homine videret, ultra humanos oculos vidit, et intellexit. E outra vez aqui se deve notar esta ultima palavra.

Em summa, que toda a divindade de S. Pedro se attribue ao entendimento com que penetrou e conheceu a do Verbo occulta debaixo da humanidade de Christo. E porque mais ao entendimento que a outra qualidade ou excellencia de quantas resplandeciam em um sugeito tão sublime? Porque assim havia de ser para se poder chamar Deus com toda a propriedade. E' grave questão entre os Theologos, qual seja em Deus o ultimo e formal constitutivo da essencia divina? E a sentença hoje mais recebida nas Escólas, e mais commum, é que a essencia divina se constitue, e consiste no intellectivo radical, e na mesma intellecção, por ser este, como elles chamam, o primeiro predicado de Deus. E como o intellectivo radical, e intellecção divina, é a que ultima e formalmente constitue a divindade e essencia de Deus, para que nem esta propriedade e correspondencia faltasse á divindade de Pedro, e a metaphora com que é chamado Deus se ornasse tambem com os esmaltes de tão similhante origem, foi conveniente á gloria de tão soberana participação e similhança, que a deidade do mesmo Pedro se fundasse nas raizes do seu intellectivo, e que a intellecção com que entendeu e conheceu a divindade de Christo, fosse pelo mesmo modo o constitutivo da sua. Já não havemos mister as auctoridades dos Santos Padres, porque temos a do Eterno Padre, e a do mesmo Christo: *Quia caro, et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cœlis est.* [1] A intellecção de Pedro não teve nada de humano, o qual se compõe de carne e sangue; mas elevado o seu intellectivo e o seu entendimento pela revelação do Padre a uma altissima participação e similhança do divino, alli se constituiu a ultima formalidade da sua essencia, e se conseguiu, do modo que era possivel, o nome e dignidade de Deus: *Qui divinitatem ejus intelligunt, non homines, sed Dii.*

---

[1] *Math.*, XVI, 17.

V

Elevado S. Pedro á divindade pela revelação do Padre, vejamol-o segunda vez elevado ou confirmado nella pela eleição do Filho: *Et ego dico tibi quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* O imperador Nerva, como refere Plinio, elegeu por seu successor a Trajano, e Trajano em agradecimento collocou a Nerva entre os deuses, e pagoulhe a successão com a divindade. Muito melhor Pedro que Trajano, e muito melhor Christo que Nerva. Pedro disse a Christo: *Tu es Christus Filius Dei vivi:* e Christo disse a Pedro: *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* Pedro na sua confissão deu a divindade a Christo, e Christo na sua sucessão não só deu a Pedro a successão, senão tambem a divindade. Assim foi, e assim ha de ser; porque nem Pedro seria digno successor de Christo, nem seria digna de Christo a Providencia de sua Igreja, se Pedro fôra sómente homem, e não fôra juntamente Deus.

Notificou Moysés ao povo de Israël como tinha Deus resoluto que d'alli por diante o governasse um Anjo: e diz o Texto sagrado, que ouvida esta nova, todo o povo se poz a chorar em pranto desfeito, e todos se cobriram de luto: *Luxit populus, et nullus indutus, est cultu suo.* [1] Quem imaginára de tal noticia tão encontrados effeitos? Antes parece que todos se haviam de vestir de gala, e dar muitas graças a Deus por tal governador. Que melhor governador se podia desejar que um Anjo? Um Anjo que não come, nem veste, nem grangeia: um Anjo que não tem parentes, nem criados, nem appetites: um Anjo tão sabio, e tão verdadeiro, que nem póde enganar, nem ser enganado: benevolo, affavel, e sempre de bom rosto: em fim, um Anjo? Pois se todas as outras nações se contentam, ou soffrem ser governadas por homens, e os trazem sobre a cabeça: *Imposuisti homines super capita nostra;* [2] que razão teve o povo de Israël para re-

[1] *Exod.*, XXXIII, 4.
[2] *Psal.*, LXV, 12.

ceber com lagrimas e lutos a nova de o haver de governar um Anjo? Muito grande razão. Porque até alli quem governava aquelle povo era Deus por si mesmo: e succeder a Deus um Anjo, não era favor, senão rigor: não era beneficio, senão castigo: eram signaes da Magestade Divina offendida e irada, e demonstrações de que antes queria desamparar e destruir aquelle povo, que conserval-o. Esta foi a justa razão daquellas lagrimas: e já temos concluido que ainda que S. Pedro fôra um Anjo, não seria digno successor de Christo, nem elle deixaria dignamente provida a sua Igreja, e ella por aquella eleição e successão, não se devia vestir de festa, como hoje a vemos, senão chorar, e cobrir-se de lutos.

Vamos agora buscar a segunda consequencia, e no mesmo povo a acharemos. Vendo o povo de Israël que Moysés, depois de subir ao monte, havia quarenta dias que tardava, e não apparecia, cançados de esperar os que agora cançam, vão-se ter com Arão, pedindo-lhe que lhes faça um deus: *Fac nobis Deos, qui nos præcedant: Moysi enim huic viro, qui nos eduxit de terra Ægypti, ignoramus quid acciderit;* [1] porque não sabemos (dizem) o que é feito deste homem que nos tirou do Egypto. *Deste homem* disseram, palavra em que manifestamente se implicavam e desfaziam a sua mesma petição. Pois se Moysés é homem, *huic viro*, porque não pedem outro homem, mas dizem que lhes faça um Deus em seu logar: *Fac nobis Deos?* A petição foi impia: o intento não só barbaro, mas sacrilego e blasphemo: porém a consequencia não se póde negar que foi muito bem entendida, muito bem deduzida, e muito bem fundada. Moysés ainda que era homem, era juntamente Deus: *Constitui te Deum Pharaonis:* [2] e para succeder dignamente a um homem Deus, é necessaria consequencia, que o successor seja tambem Deus. Parece-me que sem mais explicação estou declarado.

Christo Senhor nosso era verdadeiro homem e verdadeiro Deus, como acabava de confessar S. Pedro: e se Pedro fosse sómente homem, e não fosse tambem Deus, nem elle seria digno successor de Christo, nem

---

[1] *Exod.*, XXXII, 1.
[2] *Ibid.*, VII, 1.

Christo corresponderia áquella altissima confissão com premio e recompensa egual. Esta é a força daquelle *et ego dico tibi:* Tu dizes que eu sou Deus; pois eu te digo que tu tambem o serás, succedendo em meu logar, e tendo as minhas vezes. S. Ambrosio: *Quia tu mihi dixisti, tu es Christus Filius Dei vivi: ego dico tibi non sermone casso, et nullum effectum habente (quia meum dixisse fecisse est) quia tu es Petrus et super hanc Petram ædificabo Ecclesiam meam, et tibi dabo claves Regni Cœlorum.* Assim pagou Christo a Pedro uma divindade com outra, dando-lhe o poder de Deus no céu, porque elle o tinha confessado por Filho de Deus na terra.

D'aqui se entenderá a solução de um grande reparo de S. Agostinho duas vezes repetido por elle; e é que a mesma confissão que fez S. Pedro, fez tambem o demonio: *Ecce modo audistis in Evangelio quod ait Petrus, tu es Christus Filius Dei vivi: legite, invenietis dixisse dæmones, scimus quia sis Filius Dei.* O demonio era o mais jurado inimigo de Christo que havia, houve, nem haverá. Pois porque confessa a Christo, e pelas mesmas palavras com que S. Pedro o confessou por Filho de Deus? Porque viu quanto lhe montou a Pedro esta confissão, diz agudamente S. Chrysostomo. O intento do demonio foi sempre ser como Deus: *Similis ero Altissimo:* Pedro conseguiu ser como Deus pela confissão da divindade de Christo; pois eu tambem o quero confessar, para conseguir o que elle conseguiu. Enganou-se como cego da ambição, mas inferia bem, se não fosse quem era; e com o seu testemunho, posto que do inferno, confirmou o mesmo que temos dito. De sorte que aquelle soberbissimo espirito tão ambicioso da divindade, de tal maneira reconheceu a de Pedro, que porque antigamente não póde ser como Deus no céu, agora se contenta e procura ser como Pedro na terra.

VI

Estabelecida tão amplamente a divindade de S. Pedro, vejamos com egual admiração quão divina e endeusadamente a pratica e usa della. Quantos grandes ha neste mundo, que não sabem ser o que são?

Depois de lhe dar o que deu, parece que se arrependeu a fortuna do que lhe tinha dado. O rico é avarento, e não sabe usar da riqueza: o sabio é imprudente, e não sabe usar da sabedoria: o valente é temerario, e não sabe usar do valor; e até os que teem as corôas na cabeça, e os sceptros na mão, não teem cabeça nem mãos para saber reinar. Não assim Pedro em tudo egual a si mesmo.

Pondera S. Pedro Damião alta e profundamente, quanto póde admirar e apenas comprehender o juizo humano, aquella immensa e inaudita commissão de Christo a S. Pedro: *Quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in Cœlis; et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in Cœlis.* E diz assim elegantemente: *Adest Petrus, et ad ejus arbitrium orbis universus solvitur et ligatur. Et præcedit Petri sententia sententiam Redemptoris, quia non quod Christus, hoc ligat Petrus, sed quod Petrus, hoc ligat Christus. Quid est quod Angelorum, et hominum agminibus exclusis, solus Petrus in consortium divinæ majestatis, et cum Domino residet præsidente? Consilium speciale Petri, et Dei, ubi mortalem hominem Deo copulat, et coúnit.* Atéqui o eloquentissimo Cardeal depois de renunciar a purpura. Eu o explico e commento. Apparece Pedro, e ao arbitrio do seu imperio todo o mundo é ou não é o que elle quer que seja ou não seja: se liberta, todo livre, se ata, todo atado e prezo. Deus está no céu e na terra, quando manda o céu e a terra: Pedro estando na terra, manda a terra e mais o céu. Se da terra chovesse para cima, como descreve Lactancio dos Antipodas, não seria grande maravilha? Pois isto é o que passa no governo de Pedro: não descem os decretos do céu para a terra, mas sobem da terra para o céu: Pedro é o que manda, e Deus o que se conforma. Conforma-se com o entendimento, conforma-se com o poder. O que entende, o que quer, o que ordena e manda Pedro, isso entende Deus, isso quer Deus, isso ordena e manda Deus. E porque razão quando Deus despacha no seu tribunal supremo, todos os espiritos angelicos assistem em pé, e só Pedro preside assentado? Porque o Tribunal de Deus e o Tribunal de Pedro não são dois, senão um só e o mesmo.

O primeiro acto judicial que exercitou S. Pedro, foi no caso de Ananias. Eram naquelle tempo da pri-

mitiva Igreja as fazendas e bens temporaes dos christãos communs a todos: e contra esta lei ou voto, vendeu Ananias uma herdade, e occultou parte do preço: manda-o chamar á sua presença S. Pedro; e que é o que fez, e o que disse? O que só podia dizer e fazer Deus. O que disse foi: *Non es mentitus hominibus, sed Deo:* [1] Sabe, Ananias, que no que encobriste não mentiste aos homens, senão a Deus. Vêde se se tratava como Deus quem assim fallava. O que fez, foi ainda mais divino, mais admiravel, e de maior terror. Ouvindo aquellas palavras, cahiu morto Ananias aos pés de Pedro: *Audiens autem hæc Ananias, expiravit.* [2] Descrevendo Isaias a justiça de Christo, diz que só com o espirito de sua bocca matará o impio: *Et spiritu labiorum interficiet impium.* [3] E nisto mostrou o Propheta, que o mesmo que havia de ser o Redemptor, era o Deus que tinha sido o Creador. O modo com que Deus, quando creou o primeiro homem, lhe deu vida, foi inspirar-lhe no rosto com o espirito de sua bocca: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ, et factus est homo in animam viventem.* [4] Pois assim como só com o espirito de sua bocca deu a primeira vida, assim com o mesmo espirito, sem outro instrumento, diz Isaias que Christo dará a morte ao impio: Isto é, nem mais nem menos, o que fez S. Pedro. Nem mandou matar a Ananias, nem lhe disse que morresse, e só com lhe tocar nos ouvidos o espirito de sua bocca, cahiu morto. Mas tal execução como esta, posto que de poder tão divino, nunca a fez Christo: como diz logo o Propheta, que com o espirito de sua bocca havia de matar o impio? E' prophecia que ainda está por cumprir, e diz S. Paulo que se cumprirá quando Christo no fim do mundo com o espirito só de sua bocca matará o Anti-Christo: *Tunc revelabitur ille iniquus, quem Dominus Jesus interficiet spiritu oris sui, et destruet illustratione adventus sui.* [5] Esta será a ultima execução de justiça de Christo, e tal foi a primeira de Pedro.

---

[1] *Act.*, v. 4.
[2] *Ibid.*, 5.
[3] *Isai.*, xi, 4.
[4] *Gen.*, ii, 7.
[5] *2.ª Epist. ad Thesal.*, ii, 8.

Mas assim como Deus é muito mais largo nas mercês sem comparação que nos rigores, assim mostrou tambem S. Pedro esta divina condição no poder da sua divindade. Por uma vida que tirou, deu infinitas vidas: e, para maior maravilha, com muito menor instrumento. Concorriam os enfermos de toda a parte, punham-se em compridissimas fileiras nas ruas por onde Pedro havia de passar, e todos a quem tocava a sua sombra se levantavam subitamente sãos. Não é muito menor instrumento a sombra, que o espirito da bocca? Pois esta só bastava para dar vida, e tantas vidas. Assim parece que se competiram estes dois instrumentos em Pedro, como já se tinham competido em Deus, ficando a sombra com infinita gloria vencedora. Que fez Deus com o espirito de sua bocca? Deu o ser e a vida ao primeiro Adão: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ:* e que fez o mesmo Deus com a virtude da sua sombra? Deu o ser e a vida ao segundo Adão, que é Christo: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi, ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei.* [1] O' Deus, ó Pedro! Em tudo quiz Deus que a divindade de Pedro fosse similhante á sua.

VII

Só parece que lhe falta ainda uma similhança divina, que é a pessoal. Em Deus e na divina essencia ha tres pessoas. E foi S. Pedro tambem similhante a alguma dellas? Tambem, mas não a alguma sómente, senão a todas tres: similhante a Deus Padre, similhante a Deus Filho, similhante a Deus Espirito Santo.

Quanto á similhança de Deus Padre, não póde ser maior. Quando Christo Senhor nosso se fez baptisar no Jordão, abriram-se os céus, e de lá se ouvia a voz do Eterno Padre, que disse: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui.* [2] Este é o meu Filho muito amado, no qual muito me agradei. No monte da Transfiguração appareceu sobre elle uma nuvem res-

[1] *Luc.*, I. 35.
[2] *Math.*, III, 17.

plandecente, de dentro da qual se ouviu segunda vez a voz do mesmo Padre, tornando a declarar por Filho seu a Christo, não com outras, senão com as mesmas palavras. Isto fez e disse o Eterno Padre: e não é isto o mesmo que fez S. Pedro, quando disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi?* O mesmo. De sorte que este pregão, e esta declaração da divindade de seu Filho, quiz o Eterno Padre que sahisse da sua bocca, e da bocca de Pedro. Por isso o mesmo Padre foi o que lhes revelou o mysterio a todos os outros Apostolos escondido. E em que consistiu aqui o fino e o sublime deste tão singular favor? Consistiu em que assim como o Padre tinha dado a seu Filho a divindade por geração, assim tomasse por companheiro a Pedro para ambos lh'a darem por manifestação. No Apocalypse viu S. João a Christo em figura de cordeiro, e logo ouviu que toda a côrte do céu o acclamava a uma voz por digno de receber a divindade: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, et divinitatem.* [1] Pois o mesmo cordeiro Christo não tinha recebido de seu Pae a divindade, e o ser divino desde o principio sem principio da eternidade? Sim, tinha-a recebido por geração: mas agora tornava-a a receber por manifestação. Por geração foi concebido o Verbo no entendimento e conceito do Padre; por manifestação era de novo concebido no entendimento e conceito de todo o mundo: *Non in se, sed in mente, et ore hominum,* [2] dizem com S. Thomaz todos os Interpretes. E neste segundo modo de conceição e de geração, quiz o Eterno Padre que fosse seu Filho tão Filho de Pedro, como era seu: *Hic est Filius meus dilectus: Tu es Christus Filius Dei vivi.*

A similhança da Pessoa de Deus Filho tambem o mesmo Filho lh'a deu. E quando? Quando lhe deu o nome de Pedra. Christo teve o nome de Pedra desde o tempo em que os filhos de Israël bebiam daquella Pedra que os seguia, como declarou S. Paulo: *Bibebant de consequente eos petra, petra autem erat Christus.* [3] E como Christo era pedra, e deu o nome de pedra a Pedro, com a similhança e dignidade do seu

[1] *Apoc.*, v, 12.
[2] *Vid. Cornel.*
[3] *1.ª ad Cor.*, x, 4.

nome o admittiu em quanto segunda Pessoa da Santissima Trindade ao consorcio e companhia, isto é, a lhe ser companheiro nella. S. Leão Papa: *In consortium individuæ Trinitatis assumptum id quod ipse erat, nominari voluit.* E S. Maximo acrescenta, que não foi só favor e graça, senão merecimento: *Rectè consortium meretur nominis, qui consortium meretur et operis.* Disse *operis*, e podéra, com a mesma e maior propriedade, dizer *oneris;* porque quando Christo o fez pedra fundamental da sua Igreja, todo o pezo della lhe carregou sobre os hombros. Isto é o que peza aquelle *super hanc petram.* Outro pezo foi o que o mesmo Christo tomou sobre si quando se sujeitou a pagar o tributo de Cesar: mas tambem neste egualou a Pedro comsigo, e quiz que fossem companheiros e meeiros na paga do mesmo tributo: *Da eis pro me, et te.* [1]

Nota aqui Abulense, e os outros Expositores litteraes, que S. Pedro não tinha obrigação de pagar aquelle tributo, porque não era cabeça da familia. E porque outros sentem o contrario, eu o tiro com evidencia do Texto; porque os cobradores do mesmo tributo só disseram a S. Pedro: *Magister vester non solvit didrachma.* [2] Pois se S. Pedro não tinha obrigação de pagar o tributo, nem a elle lh'o pediam, porque lhe manda o Senhor que pague? Porque elle o pagava; e quiz honrar a Pedro com o egualar com sua propria Pessoa. *O' honoris excellentia!* exclama S. Chrysostomo. Desta mesma egualdade tão familiar e repetida se póde tambem admittir sem escrupulo um pensamento com que Lyrano interpreta o de S. Pedro, quando disse no Thabôr: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum. Moysi unum, et Eliæ unum.* [3] E porque não tratou tambem Pedro de tabernaculo para si, e para os dois companheiros? Porque suppoz que os dois morariam com Moysés, e Elias e elle com Christo. *Non loquitur de tabernaculo faciendo pro se, et sociis suis, quia volebat cum Christo esse in suo tabernaculo, et socii sui cum aliis duobus.* [4] Vêde se se póde imaginar maior

---

[1] *Math.*, XVII, 26.
[2] *Ibid.*, 23.
[3] *Math.*, VII, 4.
[4] *Lyr. ibi.*

e mais familiar egualdade entre Pedro e a segunda Pessoa da Trindade: se se hão de nomear ambos com o mesmo nome; se hão de pagar ambos o mesmo tributo: se hão de morar ambos no mesmo tabernaculo?

Com o Espirito Santo, que é a terceira Pessoa, não temos menos sublimada, ou endeusada a divindade de S. Pedro. Tão eguaes são, ou tão parecidas, a processão do Espirito Santo e a promoção de Pedro; a personalidade de um e a dignidade ou magestade do outro, que ambas manam das mesmas fontes, e ambas trazem o ser, em Pedro das mesmas causas, e no Espirito Santo, que não póde ter causa, dos mesmos principios. Como procede o Espirito Santo? A Fé o diz, e a Igreja o canta: *Qui ex Patre, Filioque procedit.* Procede o Espirito Santo do Padre e procede do Filho. O Padre é um principio parcial; o Filho outro principio tambem parcial; e destes dois principios parciaes se compõe o principio total, do qual, produzido ou espirado, procede o Espirito Santo. E a promoção de S. Pedro á dignidade, ou divindade, que temos visto, como procedeu? Com a mesma verdade podemos, havemos de dizer, e com nenhuma se póde negar, que procedeu do mesmo Padre e do mesmo Filho: do Padre revelando, *Quia Pater, revelavit tibi;* e do Filho dizendo: *Et ego dico tibi:* do Padre, que foi o primeiro que o elevou; do Filho, que foi o segundo que o declarou; e de cada um como principio ou causa parcial; e de ambos como causa total que o constituiu ou constituiram na dignidade. Não pára aqui a similhança. Em Pedro concorreram para a mesma dignidade dois actos, um do entendimento, outro da vontade e do amôr: o do entendimneto quando perguntados todos, elle só disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi;* o da vontade e do amôr, quando perguntado só, *Diligis me plus his,* elle respondeu: *Tu scis Domine quia amo te.* [1] Vêde agora como estes dois actos foram uma admiravel representação do acto de entendimento, que precede no Padre quando gera o Filho, e do acto de vontade e amôr entre o Padre e o Filho, pelo qual procede o Espirito Santo.

E' grave questão entre os Theologos se no acto do

[1] *Joan.*, XXI, 15.

entendimento, com que o Padre gera o Filho, se conhece e comprehende tambem o Espirito Santo? E se resolve communmente que sim. Mas esta resolução tem uma grande replica, porque naquella prioridade, que não é de tempo, nem de natureza, senão de origem, ainda não ha, nem se póde considerar a vontade, e por consequencia, nem Espirito Santo, que procede por acto da mesma vontade. Como se póde logo comprehender o Espirito Santo no acto precedente no entendimento, que é antes delle ser? Os que respondem mais facil e intelligivelmente dizem, como refere Soares, *Patrem in eo signo non agnoscere Spiritum Sanctum ut productum, sed ut producendum, nec ut existentem, sed ut futurum.* [1] Que o Eterno Padre, quando gera o Filho, não conhece o Espirito Santo como Pessoa já produzida, senão que se ha de produzir, nem como já existente, senão futura. De sorte que a personalidade do Espirito no acto do entendimento do Padre é ainda futura, e não existente. E essa existencia quando a ha de ter? Quando ao acto do entendimento se seguir a vontade, e pela mesma vontade o acto do amôr. Comparae-me agora a dignidade de Pedro com a personalidade do Espirito Santo. O acto do entendimento em Pedro foi quando disse, *Tu es Christus Filius Dei vivi:* e assim como a personalidade do Espirito Santo no acto do entendimento só era futura e não existente, assim tambem a dignidade de Pedro, não existente, senão futura: *Super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni Cœlorum:* não diz *ædifico*, senão *ædificabo*, nem diz *do*, senão *dabo*, tudo de futuro. E a existencia deste futuro quando ha de ser? Como a do Espirito Santo: depois do acto da vontade e do amôr reciproco: *Diligis me plus his? Tu scis Domine quia amo te.* Depois deste acto de amôr reciproco, e não uma, senão tres vezes repetido, então lhe deu e conferiu o Senhor a investidura da dignidade que lhe tinha promettido: *Pasce oves meas, pasce agnos meos.* [2]

Provido assim o governo da Igreja, se partiu Christo para o céu, donde prometteu mais que viria o Es-

[1] Suar. lib. 9. c. 5. n. 9.
[2] *Joan.*, XXI, 16 e 17.

pirito Santo mandado pelo Padre em seu nome, não do Padre, senão do mesmo Christo: *Paraclitus autem quem mitte Pater in nomine meo* [1] Que quer dizer, em meu logar, e com as minhas vezes. Euthimio: *In nomine meo, idest, ut hic me referat, et meis fungatur vicibus.* Eusebio Emissemo: *Mea vice, et meo nomine magnus consolator, et Doctor sapientissimus dabitur vobis.* Aqui tornou Christo a egualar a Pedro com o Espirito Santo, como o tinha egualado comsigo, dando as suas vezes, e fazendo seu vigario a terceira Pessoa da Trindade, e juntamente a Pedro. Pedro vigario de Christo deixado na terra; o Espirito Santo vigario de Christo mandado do céu: Pedro vigario visivel, o Espirito Santo vigario invisivel: o Espirito Santo verdadeiro vigario e verdadeiro Deus: Pedro verdadeiro vigario e verdadeiramente como Deus. Admire-se a egualdade deste poder e a magestade soberana de Pedro no primeiro seu decreto, e pasmem os que ouvirem o proemio do primeiro Concilio: *Visum est Spiritui Sancto, et nobis.* [2] Pedro foi o que congregou o Concilio: Pedro o que fallou em primeiro logar, callando todos, como diz S. Lucas: Pedro a quem depois de fallar seguiram os demais Apostolos: e Pedro que em nome do Espirito Santo e seu assignou e mandou publicar o decreto. Quando S. João, no principio do seu Apocalypse, escreveu ás Igrejas da Asia, as Epistolas eram de João: *Joannes septem Ecclesiis, quæ sunt in Asia:* [3] mas quem no fim as assignava cada uma de por si, era o Espirito Santo: *Qui habet aurem, audiat quid Spiritus dicat Ecclesiis.* [4] Porém quando Pedro decreta, não só assigna os decretos o Espirito Santo, senão tambem Pedro: *Visum est Spiritui Sancto, et nobis.*

VIII

Já parece que deve estar satisfeita a nossa metaphora e a divindade de S. Pedro com ser similhante a Deus Pedro, similhante a Deus Filho, similhante a

[1] *Joan.*, XIV, 26.
[2] *Act.*, XV, 28.
[3] *Apoc.*, I, 4.
[4] *Ibid.*, II, 7.

Deus Espirito Santo, e por consequencia a toda a Santissima Trindade, que foi a soberania universal da assumpção de S. Pedro, como acima disse S. Leão Papa, e eu deixei passar sem ponderação, porque este era o seu proprio logar, e a chave mais que doirada, com que se havia de fechar este discurso: *In consortium individuæ Trinitatis assumptum.* Agora pergunto se tem mais para onde subir a nossa metaphora, e a similhança da divindade de S. Pedro com Deus? Respondo que a similhança não, mas a divindade sim. Porque subiu a divindade de Pedro (não digo a tal alteza, porque a não póde haver mais alta que Deus) mas a tal singularidade de divina, que em Deus a não ha, nem póde haver similhante. Em Deus, e na Santissima Trindade não póde haver quarta Pessoa, e S. Pedro foi a quarta pessoa da Santissima Trindade. Vêde como, e não tenhaes medo de alguma heresia.

Quando S. Pedro acabou de fazer a sua confissão, disse-lhe o mesmo Christo assim exaltado: *Beatus es Simon Barjona:* Bemaventurado és, Simão Barjona. Era este o appellido humilde de Pedro, e que cheirava ainda ao breu da barca: e teem para si alguns Expositores, quiz o Senhor lembrar-lhe nesta occasião a baixeza do seu nascimento, para que a dignidade, a que logo o havia de levantar, o não desvanecesse. Mas eu me não posso persuadir que quando S. Pedro acabava de honrar a Christo por seu Pae, com o nome de Filho de Deus vivo, o Senhor lhe respondesse com o que tanto lhe tocava no vivo, como ouvir em publico a indignidade do seu. E o que em tal caso não faria nenhum homem de bem, não havemos de crêr que o fizesse o bem dos homens. Qual foi logo a razão daquelle nome ou sobrenome, e em resposta do que Pedro tinha dito? Barjona, na lingua hebrea ou syriaca, que naquelle tempo era a vulgar, significa *filius columbæ*, filho da pomba: e dizem commummente os Santos Padres, que alludiu o Senhor á pomba em cuja figura desceu o Espirito Santo no baptismo sobre o mesmo Christo: como se dissera o divino Mestre com resposta muito digna da sua grandeza: Tu, Pedro, dizes que eu sou Filho do Eterno Padre? Pois eu te digo, que tu és filho do Espirito Santo. Assim o diz S. Jeronymo, S. Hilario, Eusebio Emisseno, a Glossa, e com palavras mais expressas

que todos o veneravel Beda: *Justa laude confessorem suum Dominus remunerat, cùm eum Sancti Spiritus filium esse attestatur, à quo ipse filius Dei asseveratur.*

Supposto, pois, que S. Pedro é filho do Espirito Santo, já parece que não está muito longe de ser a quarta Pessoa da Santissima Trindade. Porque se o Verbo por ser Filho do Padre é a segunda Pessoa, Pedro por ser filho do Espirito Santo, porque não será a quarta? Bem se segue a consequencia, e assim havia de ser, se fosse possivel. Mas porque era impossivel na realidade, foi filho do Espirito Santo, e quarta pessoa da Trindade por similhança, e não na realidade, que esse é o meu assumpto e a propriedade da minha metaphora. As Pessoas divinas só se podem multiplicar ou por entendimento, ou por vontade: por entendimento, já estava infinitamente multiplicada a segunda Pessoa no Filho; por vontade, já estava infinitamente multiplicada a terceira Pessoa no Espirito Santo: donde se segue que só as Pessoas do Padre e do Filho são fecundas, e a do Espirito Santo não. Mas não se segue d'aqui que seja menor a perfeição do Espirito Santo que a do Padre e do Filho, porque tanta perfeição é não poder o impossivel, como poder o possivel. Para que entendam os todo-poderosos do mundo, que se devem contentar com poder o que podem, e não querer mais. E porque a Pessoa do Espirito Santo não era fecunda *ab æterno*, por isso se lhe suppriu a fecundidade em tempo na pessoa de Pedro, não quanto á realidade, senão quanto á similhança: *Barjona filius columbæ, Barjona filius Spiritus Sancti.*

Vamos ao principio do mundo, e acharemos esta fecundidade do Espirito Santo admiravelmente retratada. Onde a Vulgata diz, *Spiritus Domini ferebatur super aquas*, [1] lê o Original Hebreu: *Spiritus Domini fœcundabat aquas;* que o Espirito Santo fecundava as aguas. E porque razão communicava o Espirito Santo a sua fecundidade mais ao elemento da agua, que a nenhum dos outros? Não desceu do céu no dia de Pentecostes em fórma de ar: *Tanquam advenientis Spiritus vehementis?* [2] Não appareceu sobre os Apos-

[1] *Gen.*, I, 2.
[2] *Act.*, II, 2.

tolos em fórma de fogo: *Dispertitæ linguæ tanquam ignis?* E depois de descer e apparecer, não encheu a terra toda: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum?* Porque razão pois as influencias da sua fecundidade as communica só ao elemento da agua, que naquella mesma occasião se chamou mar: *Congregationes aquarum appellavit maria?* [1] Porque do mar lhe havia de nascer ao Espirito Santo aquelle filho, que já de então estava prevendo que com o nome Simão Barjona andava navegando, e remando no mar de Tiberiades. Mal cuidei eu que achasse Auctor ao pensamento: mas assim o tinha escripto ha muitos seculos entre os Santos Padres um de tanta auctoridade, como sabedoria: *Congregentur aquæ*, diz Anastacio Sinaita. *Petrus enim jam crucem tanquam remum intingit in mari mundano.* Fecundou o Espirito Santo as aguas do mar, porque no mar havia Pedro de metter primeiro o remo como pescador, e depois, trocado o remo com o lenho da Cruz, havia de navegar e sujeitar com ella, como successor de Christo, o Occano do mundo. Assim imitou o Espirito Santo a fecundidade da primeira e segunda Pessoa, assim foi filho da mesma fecundidade S. Pedro, *Filius Spiritus Sancti*, e assim, do modo que era possivel, accresceu á Santissima Trindade uma quarta Pessoa por similhança, e não na realidade.

E porque não faltasse a esta quarta Pessoa a similhança divina das outras tres, assim como o Padre e o Filho e o Espirito Santo entendem com um só entendimento, e querem com uma só vontade, e obram com um só poder, tambem á Pessoa de Pedro, como se fosse a quarta, lhe não faltou esta divina propriedade, por isso chamada individua. Assim concedem S. Leão, e S. Maximo á dignidade, ou divindade de Pedro a prerogativa, que elles chamam *consortium Trinitatis;* e assim o declara, commentando todos os mesmos Santos, o doutissimo Daza, da nossa Companhia, sugeito em quem a anticipada morte roubou á Theologia e á Escriptura um dos mais solidos e excellentes Interpretes. As suas palavras são estas: *Nempe suas (Pedro) impertiendo vices, et quæ Dei sunt communicando: ut eadem sit ipsi cum Trinitate*

[1] *Gen.*, I, 10.

mens ad ea quæ difinit, eadem voluntas ad illa, quæ jubet, eadem potentia ad ea quæ facit. [1] Forte e elegantemente. De maneira que em quanto Pedro tem as vezes de Christo, no Padre, no Filho, no Espirito Santo; e em Pedro ha um só e o mesmo entendimento, uma só e a mesma vontade, uma só e a mesma potencia. Um só e o mesmo entendimento, porque o que entende Deus, entende Pedro nas materias que define: uma só e a mesma vontade, porque o que quer Deus, quer Pedro nos Canones que estabelece: uma só, e a mesma potencia, porque o que póde Deus póde Pedro nas maravilhas que obra. Tudo isto quer dizer em Pedro e só em Pedro aquelle *vos autem: Vos non homines, sed Dii.*

IX

Tão alta (muito reverendos Senhores) tão alta, tão sublime, e tão verdadeiramente divina é a suprema dignidade, debaixo de cujo nome e protecção se uniu, se conserva e floresce esta tão veneravel, como religiosa Congregação dos Clerigos de S. Pedro. E quando considero a todos os congregados della segregados, como diz S. Paulo, e distinctos dos outros homens pela impressão do caracter sacerdotal, não sei o que mais devo venerar nelles, se o que Christo disse a S. Pedro, se o que Pedro disse a Christo.

E senão perguntemos de cada um dos sacerdotes da Lei da graça, o que o mesmo Senhor perguntou de si: *Quem dicunt homines?* Quem dizem os homens? Por ventura dizem *Alli Joannem Baptistam?* Pouco sabem se isso dizem. O grande Serafim da terra, S. Francisco, dizia, como refere S. Boaventura, que, se encontrasse em uma rua a S. João Baptista, e a um pobre sacerdote o menos auctorisado e respeitado nos olhos do mundo, primeiro havia de fazer reverencia ao sacerdote, que ao mesmo Baptista. S. Martinho (aquelle que sendo ainda cathecumeno e soldado, com a metade da capa vestiu a Christo) estando á meza com o imperador Maximo, quando o copeiro-

[1] Dazá in epist. Jacob. c. 1. v. 1. n. 3.

mór lhe levou a taça, disse o imperador, que a désse a Martinho, esperando recebel-a da sua mão: e que fez o animoso e justo Prelado, que bem conhecia a sua dignidade? Sem cumprimento algum ao imperador, bebeu elle, e logo deu a taça a um presbytero que o acompanhava, para que bebesse: antepondo a corôa aberta de um simples sacerdote á cerrada do mesmo imperador. [1] Isto é o que respondem sem injuria do céu nem da terra, aquelles dois oraculos da Lei da graça, Francisco e Martinho.

Pássemos aos da Lei da natureza, e da Lei escripta. *Quem dicunt homines?* Os da Lei da natureza o mais que podem dizer, é ser o sacerdote christão como Melchisedech: *Sacerdos Dei Altissimi*, [2] o qual offerecia a Deus pão e vinho: *Panem et vinum offerens.* Mas isto é comparar a sombra com a luz, e a similhança com a verdade. O pão que offerecia Melchisedech, era assim como o que se colhe na eira, e o vinho assim como o que se espreme no lagar; porém o pão e vinho que os nossos sacerdotes offerecem, posto que debaixo dos mesmos accidentes, é pão transubstanciado no corpo de Christo, e vinho transubstanciado no seu proprio sangue: fructos que não conheceu a natureza, e palavra que foi necessario á Theologia invental-a de novo. Os da Lei escripta dirão que o nosso sacerdocio é como o de Arão, e cuidarão que o louvam muito: mas eu quando menos quizera que olhassem para a pureza e limpeza dos nossos altares, dos quaes já disse o mesmo Deus a um dos Prophetas daquelle tempo, dando-lhe em rosto com a perfeição e aceio dos nossos sacrificios: *In omni loco offertur nomini meo oblatio munda.* [3] Os sacerdotes da Lei velha, com as mãos tintas em sangue bruto, quando as victimas eram as mais mimosas, sacrificavam bezerros, e cordeiros: e os nossos com as mãos puras, como diz S. Paulo, sacrificam a Deus o divinissimo holocausto de seu proprio Filho, tão infinito, tão immenso, tão omnipotente, e tão Deus como elle.

Isto é o que *dicunt homines*. O *vos autem* seja dos Anjos, e respondam elles. Que dirão os Anjos? Di-

---

[1] Sever. Bituricens. in vita Martini.
[2] *Gen.*, XIV, 18.
[3] *Malach.*, I, 11.

rão que os mais altos Cherubins e Serafins do Empyreo, se foram capazes de inveja, nenhuma dignidade invejariam senão a do homenm sacerdote. No sacrosanto sacrificio da Missa, o sacerdote é o sacrificante, e os Anjos os ministros que o assistem, e talvez o servem, como os que nós chamamos ajudantes, e quando estes se divertem, supprem os seus descuidos. Assim succedeu a S. Gregorio Papa, celebrando na Igreja de Santa Maria Maior em dia de Paschoa. [1] Quando disse: *Pax Domini sit semper vobiscum*, descuidou-se o ajudante de responder, e responderam os Anjos que assistiam: *Et cum spiritu tuo.* D'aqui teve origem um uso ou rito notavel da Igreja Romana, e é que quando o Summo Pontifice na Missa de dia de Paschoa diz as mesmas palavras: *Pax Domini sit semper vobiscum*, o côro se cala, e não responde, conservando-se neste silencio a memoria do que suppriram as vozes dos Anjos em dia similhante.

Mas nesta mesma vigilancia tão reverente, tão devota, e tão obsequiosa, com que os espiritos angelicos assistem ao sacerdote celebrante, haverá algum da suprema Jerarchia que se atreva a tocar a Hostia, que elle consagra nas suas mãos, e tantas vezes torna a tomar nellas no mesmo sacrificio? Por nenhum modo. Não se estendem a tanto os privilegios dos Anjos. Quando Deus mandou de comer a Daniel no lago dos leões, o Propheta levava o pão, e o Anjo levava o Propheta pelos cabellos. Pois não seria mais facil que o pão o levasse o Anjo? Mais facil sim, mas não lhe era licito. O pão em prophecia era figura do que se havia de consagrar nos nossos altares. O Propheta, como diz S. Jeronymo, era da tribu sacerdotal de Levi: e tocar aquelle sagrado pão só é licito aos sacerdotes, e de nenhum modo aos Anjos. Mas vejo que os mesmos sacerdotes me estão arguindo com um Texto em contrario, e do mais sagrado Canon de todos os da Igreja. [1] Depois da consagração do corpo e sangue santissimo, todos fazemos a Deus esta oração: *Jube hæc perferri per manus sancti Angeli tui in sublime altare tuum:* logo se o nosso sacrificio se ha de levar ao céu *per manus sancti Angeli tui*, bem podem as mãos dos Anjos fazer o que fazem as

[1] Guillielm. Durand. lib. 6, cap. 88.

nossas. *Absit* (responde Theophilo, o mais diligente escrutador das realidades deste mysterio) *Absit, ut precatio illa intelligatur de victimæ nostræ reali apportatione, sed intelligenda est metaphoricè, ad eum modum quo Angelus ait se obtulisse orationem Tobiæ Deo.* [1] De sorte que aquella oração não se ha de nem póde entender, de que os Anjos realmente levem o nosso sacrificio ao céu, senão metaphoricamente, assim como o Anjo de Tobias diz que offereceu a Deus as suas orações. [2] E a razão é manifesta; porque se o Anjo levasse a nossa hostia ao céu, ficaria imperfeito o sacrificio, que não só consiste na consagração e oblação, senão tambem na consumpção: e então perfeitamente se consumma, quando a victima consagrada morre, ou deixa de existir, que é quando pela indisposição das especies deixa o corpo de Christo de estar debaixo dellas. Assim que isto é o que diz, e só póde dizer a confissão dos Anjos.

X

Ouvidos pois os homens e os Anjos, quem resta para ouvir, senão unicamente o mesmo Deus? Oiçamos, pois, muito reverendos Padres, a Deus, e veremos como diz desta veneravel Congregação, o que S. Jeronymo disse aos Apostolos, que já então eram a Congregação de S. Pedro: *Vos autem non homines, sed Dii.* Deuses lhes chamou S. Jeronymo, e por mais authentica bocca, que é a de David, lhes dá Deus o mesmo nome. E o mesmo Deus, cujo dizer é fazer, affirma que elle é o que o disse: *Ego dixi, Dii estis, et filii excelsi omnes.* [3] Deuses chama, e filhos de Deus aos sacerdotes, e não em sentido allegorico, senão litteral, porque litteralmente falla o Prophela dos ministros da Igreja, segundo a phrase daquelle tempo: *Deus stetit in synagoga Deorum:* [4] e Christo, melhor Interprete, litteralmente o allega no Capitulo

[1] Theophil. in Christ. Achat. C. 3.
[2] *Tobias*, XII, 5 e 8.
[3] *Psal.*, LXXXI, 6.
[4] *Ibid.*, 1.

decimo de S. João, que todo é dos pastores e suas ovelhas, que são os ecclesiasticos, com o poder e poderes do sacerdocio. Supposto pois que Deus lhes chama Deuses, e filhos de Deus, *Dii estis, et filii excelsi*, com razão perguntará alguma curiosidade douta, em qual das duas partes desta proposição disse Deus mais: se quando chama aos sacerdotes Deuses, ou quando lhes chama filhos de Deus? Eu digo que quando lhes chama filhos de Deus; porque na primeira parte allude ao poder da jurisdição e na segunda ao poder da ordem. Quando Christo Senhor nosso disse ao paralytico: *Remittuntur tibi peccata tua:* [1] murmuraram todos da proposição, dizendo: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* Negavam mal este poder a Christo, mas suppunham bem em dizer que só Deus póde perdoar peccados. E este é o poder dos sacerdotes em quanto Deuses: *Quorum remiseritis peccata, remittuntur eis.* [2] E digo em quanto Deuses, porque o poder de perdoar peccados não só é proprio e unicamente de Deus, senão o maior e o maximo, em que elle manifesta e ostenta toda a grandeza do seu poder: *Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maximè, et miserando manifestas.*

Mas com este poder de Deus merecer o nome e significação de maximo, o de Filho de Deus ainda significa mais. E porque? Porque mais é no Filho de Deus o poder de consagrar seu corpo, que em Deus o de perdoar peccados. Ouvi a razão. O perdoar peccados consiste formalmente em Deus ceder do jus e direito que sua justiça tem para os castigar, que é acto superior da sua misericordia, *parcendo maximè, et miserando*: e como neste acto vence a misericordia divina a justiça divina, tambem Deus se vence a si mesmo, que é a maior victoria, e a maior façanha do seu poder: *Omnipotentiam tuam maximè manifestas.* Porém a do Filho de Deus em se consagrar ainda é maior, porque mais é poder-se fazer a si mesmo, que poder-se vencer: e isto é o que póde, e o que fez o Filho de Deus, Summo e Eterno Sacerdote, quando se consagrou no Sacramento, porque realmente se tornou a fazer e reproduzir a si mesmo.

---

[1] *Luc.*, v, 20 e 23.
[2] *Joan.*, xx, 23.

Mas não parou aqui sua omnipotencia e liberalidade, senão que este mesmo poder de o reproduzirem e fazerem a elle, communicou aos sacerdotes, quando lhes disse: *Hoc facite in meam commemorationem:* [1] Isto mesmo que eu fiz, fazei vós. Expressamente S. Germano, venerado e allegado neste mesmo ponto pelos Padres Gregos: *Ipse dixit, hoc est corpus meum, hic est sanguis meus, ipse et Apostolis jussit, et per illos universæ Ecclesiæ hoc facere: hoc enim (ait) facite in meam commemorationem. Non sanè id facere jussisset, nisi vim, hoc est, potestatem inducturus fuisset ut id facere liceret.* [2] O' poder quasi incomprehensivel, e que só se póde admirar com o nome de estupendissimo! Nos seis dias da creação creou Deus com seis palavras todo este mundo, e o sacerdote com quatro palavras faz mais todos os dias, que se creara mil mundos.

Declaremos bem este poder mal entendido, para que todos o entendam, e pasmem. O Lume da Igreja, S. Agostinho, exclama assim: *O' veneranda sacerdotum dignitas! in quorum manibus Dei Filius velut in utero Virginis incarnatur:* O' dignidade veneranda dos sacerdotes, em cujas mãos o Filho de Deus, como no ventre sacratissimo da Virgem Maria, torna outra vez a encarnar! Em que consistiu a Encarnação do Verbo Eterno? Consistiu na producção do corpo e alma de Christo, e na producção da união hypostatica, com que a sagrada humanidade se uniu á subsistencia do Verbo. E tudo isto faz o sacerdote com as palavras da consagração, produzindo outra vez, ou reproduzindo todo o mesmo Christo. Na mesma conformidade fallam S. João Chrysostomo, S. Gregorio Papa, S. Pedro Damião, e o antiquissimo Theodoro Ancirano, famoso no Concilio Ephesino. Mas porque cuidam alguns que similhantes questões são mais debatidas e examinadas pelos Theologos modernos, quero tambem allegar as palavras de dois bem conhecidos na nossa edade. O padre Theofilo Raynaudo, tão perseguidor de opiniões, ou devoções pouco solidas, como se vê nos seus eruditissimos livros contra *Anomala pietatis*, diz o que se segue: *Sacerdos*

---

[1] *1.ª ad Cor.*, XI, 24.

[2] S. Germanus sub finem Theoriæ allegatus á Casibila.

Christum sub accidentibus ponit, esse sacramentale illi conferendo per veram Christi productionem substantialem. [1] E mais abaixo: *Christus non producitur absque unione ad Verbum, quia non est purus homo, sed suppositum ejus est Persona Filii: itaque in sacrificio Deus in manibus sacerdotum incarnatur.* [1] E n'outro logar: *Quin etiam sacerdotis potestas extenditur ad efficiendam unionem hypostaticam, et transubstantiationem panis, et vini.* [2] Não romanceio as palavras, porque são expressamente tudo o que tenho dito. E o padre Eusebio Nerienberg, varão de tanto espirito, erudição e lettras, cujos livros todos trazem nas mãos, fazendo a mesma comparação, que eu já toquei, entre a creação do mundo e consagração do corpo de Christo, discorre e infere desta maneira: *Mundum, et ea quæ in mundo sunt, produxit potentia Patris: sacerdotis verò potentia producit Filium Dei in Sacramentum, et sacrificium, quo admirabilior potestas est sacerdotis transubstantiatione Filium Dei, quàm creatione res perituras Dei Patris producentis.* [3] Quer dizer: A potencia do Eterno Padre produziu o mundo, e tudo o que ha no mundo; a potencia do sacerdote produz o Filho de Deus em Sacramento e sacrificio: donde se segue que o poder do sacerdote na transubstanciação do Filho de Deus é muito mais admiravel que a potencia do Eterno Padre na creação de todas as coisas do mundo, que hão de acabar com elle.

XI

Esta é, muito reverendos Padres, a dignidade, ou divindade do *vos autem*, participada de seu divino protector S. Pedro a esta sua Congregação, tão digna de ser sua. E que se segue daqui, ou qual é a obrigação dos Congregados? Se eu tivera as cãs que me faltam, alguma palavra lhes podera dizer tão importante á veneração alheia, como á decencia propria. Mas porque eu, posto que tão indignamente, tenho o

[1] Theophil Rayn. in Sacro Christ. Achat. C. 3.
[2] Idem de Prima. Missa sect. 3. C. 1.
[3] Nieremb. Ascetic. lib. 2. doctrin. 4. C. 34.

mesmo caracter do sacerdocio, a mim, e a todos os sacerdotes só apontarei uma advertencia da Escriptura Sagrada, que todos devemos ouvir temendo e tremendo. A advertencia é, que correspondamos de tal maneira ás obrigações desta altissima dignidade, que se não arrependa Deus de nol-a ter dado. Fallando David do sacerdocio de Christo, diz: *Juravit Dominus, et non pœnitebit eum, tu es sacerdos in æternum:* [1] Jurou Deus, e não se arrependerá de dar o eterno sacerdocio a seu Filho. Reparemos muito naquelle *et non pœnitebit eum*. Pois de dar o sacerdocio a seu Filho por natureza impeccavel, e tão santo e tão Deus como elle, se podia Deus arrepender? Sim. Porque esse sacerdocio não só o havia Christo de conservar em si, mas tambem o havia de communicar, como communicou, aos homens: e aqui estava o perigo. Por isso o jurou, para que se não arrependesse: *Juravit Dominus, et non pœnetebit eum.* O' que desgraça tão horrenda e tremenda, se Deus se arrependesse! E maior desgraça ainda, se eu, e algum outro tão indigno como eu, désse motivos bastantes a este arrependimento! Neste caso (que Deus não permitta) aquelle caracter que é tão immortal como a mesma alma, se iria perpetuar com ella em outra eternidade, que não é a do céu e da gloria. ***Quam mihi, etc.***

[1] *Psalm.*, CIX, 4.

SERMÃO

DA

RAINHA SANTA ISABEL *

Simile est Regnum Cœlorum homini negotiatori quærenti bonas margaritas: inventa autem una pretiosa, abiit, et vendidit omnia, quæ habuit, et emit eam. [1]

I

A uma rainha duas vezes coròada, coròada na terra, e coròada no céu; coròada com uma das corôas, que dá a fortuna, e coròada com aquella corôa, que é sobre todas as fortunas, se dedica a solemnidade deste dia. O mundo a conhece com o nome de Isabel: a nossa patria, que lhe não sabe outro nome, a venera com a antonomasia de Rainha Santa. Com este titulo que excede todos os titulos a canonizou em vida o pregão de suas obras: a este pregão se seguiram as vozes de seus vassallos; a estas vozes a adoração, os altares, os applausos do mundo. Rainha e Santa. Este será o argumento, e estes os dois polos do meu discurso.

No Texto do Evangelho, que propuz, temos a parabola de um negociante, em quem concorreram todas aquellas tres qualidades, ou boas partes, que poucas

---

* Foi este sermão prégado em Roma, na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, no anno de 1674. E' um grandioso e elegante panegyrico este, commenta o padre Honorati.

[1] *Math.*, XIII.

vezes se concordam: cabedal, diligencia, e ventura. Cabedal: *Omnia quæ habuit;* diligencia: *Quærenti bonas margaritas;* ventura: *Inventa una pretiosa.* Rico, diligente, venturoso. E que negociante é este? E' todo aquelle, que com os bens da terra sabe negociar o reino do céu: *Simile est Regnum Cœlorum homini negotiatori.*

Este mundo, Senhores, composto de tanta variedade de estados, officios, e exercicios publicos, e particulares; politicos e economicos; sagrados e profanos; nenhuma outra coisa é senão uma praça, ou feira universal, instituida e franqueada por Deus a todos os homens, para negociarmos nella o reino do céu. Assim o ensinou Christo na parabola daquelle rei, que repartiu differentes talentos ou cabedaes a seus criados para que negociassem com elles até sua vinda: *Negotiamini dum venio.* [1] Para as negociações da terra a muitos falta o cabedal; outros tem cabedal e falta-lhes a diligencia; outros tem cabedal e diligencia, mas falta-lhes a ventura. Na negociação do céu não é assim. A todos dá Deus o cabedal, a todos offerece a ventura, e a todos pede a diligencia. O cabedal são talentos da natureza; a ventura são os auxilios da graça; a diligencia é a cooperação das obras. Quando o rei disse: *Negotiamini dum venio,* os criados, a quem entregou a sua fazenda, para que negociassem com ella, eram tres: todos tres tiveram cabedal: dois tiveram diligencia, um não teve ventura. E porque não teve ventura este ultimo? Porque não teve diligencia: enterrou o talento. Bem o conhecia o rei, pois fiou delle o menos. E que succedeu aos outros dois? O que tinha cinco talentos, negociou e grangeou outros cinco. O que tinha dois talentos, negociou e grangeou outros dois. Ambos tiveram egual ventura, porque fizeram egual diligencia; mas o que entrou com maior cabedal, sahia tambem com maior ganancia.

Ninguem entrou na praça deste mundo com maior cabedal que a nossa Rainha Santa: uma corôa e outra corôa — a de Aragão e a de Portugal. — O mercante do Evangelho tratava em perolas: santa Isabel em corôas. Grande cabedal! De uma grande rainha

[1] *Luc*, XIX, 13.

de Lacedemonia disse Plinio no livro *De Summa felicitate* este elogio: *Una fœminarum in omni ævo Lacedemonia reperitur, quæ Regis filia, regis uxor, regis mater fuit.* [1] Isabel não só foi filha de rei, mulher de rei e mãe de rei; mas que filha? que mulher? que mãe? filha de um rei, em quem estavam unidos os brazões de todos os reis da Europa, Pedro II de Aragão; mulher de um rei, que foi arbitro dos reis em todos os pleitos, que tiveram em seu tempo as corôas de Hespanha, Dionizio de Portugal; mãe de um rei, Affonso IV, de quem descendem todos os monarchas e principes da christandade, não vivendo hoje nenhum que o melhor sangue que tem nas veias, não seja de Isabel. Grande fortuna de mulher, grande cabedal. Mas parece que não havia de ser mulher, porque o negociar é officio de homem: *Homini negotiatori.* O reparo é do Evangelho, a solução será da Epistola.

Mulierem fortem quis inveniet? [2] Quem achará no mundo uma mulher forte, uma mulher varonil, uma mulher como homem? Tudo isso quer dizer o Texto: *Fortem, virilem, viraginem.* Quando eu li as bravezas desta proposta, e pergunta de Salomão, estava esperando, ou por uma Judith com a espada na mão direita, e a cabeça de Holofernes na esquerda; ou por uma Jael com o cravo e com o martello atravessando as fontes a Sisara, ou por uma Debora prantada na testa de um exercito, capitaneando esquadrões, e vencendo batalhas. Mas não é isto o que responde Salomão: diz que a mulher forte, a mulher varonil, a mulher mais que mulher, era uma mulher negociante. *Agrum emit: syndonem vendidit: et vidit, quia bona est negotiatio ejus.* E como negociava esta mulher? Como o homem do Evangelho: com cabedal, com diligencia, com ventura: com cabedal: *Dedit prædam domesticis suis;* com diligencia: *Non extinguetur in nocte lucerna ejus;* com ventura, e ventura sobre todas: *Multæ filiæ congregaverunt divitias, tu supergressa es universas.* Já temos uma mulher negociante, como homem. Só nos faltava para S. Isabel, que nos dissesse Salomão o nascimento,

[1] *Plin.*, Livr. de *Sum. fel.*
[2] *Prov.*, XXXI, 10, 11, 15 e 18, etc.

a patria e o estado desta notavel mulher. Tambem isso disse. Disse, que era rainha, e hespanhola, e aragoneza. Rainha: *Purpura, et byssus indumentum ejus:* porque naquelle tempo só ás pessoas reaes era licito vestir purpura. Hespanhola: *Procul, et de ultimis finibus pretium ejus:* porque na antiga cosmographia, e na phrase da Escriptura o fim da terra é Hespanha. Finalmente, aragoneza, e tal aragoneza, que é mais: *Et spoliis non indigebit;* porque os aragonezes entre todas as nações de Hespanha foram os primeiros que ennobrecêram, e enriqueceram com despojos a sua corôa, conquistando novas terras, novos mares, e novas gentes. E Santa Isabel, em particular, foi nascida e creada nos braços d'el-rei D. Jayme de Aragão, por sobrenome o Conquistador, o qual e seu filho el-rei D. Pedro, pae de Isabel, foram os que conquistaram, em Hespanha o reino de Valença, em Italia o reino de Cicilia, no Mediterraneo as ilhas de Eviça e Malhorca. E não pararam aqui os despojos. A estes se seguiram successivamente, primeiro os reinos de Corsica e Sardenha, depois o florentissimo e belicosissimo reino de Napoles, e ultimamente que? A mesma Jérusalem, onde Salomão escrevia, e onde estava vendo a mulher forte, de quem fallava, entre despojos nascida, entre despojos creada, e de tão gloriosos despojos herdeira: *Et spoliis non indigebit.*

Isto supposto, e supposto que eu não sei dizer senão o que me diz o Evangelho, o thema será o sermão, e o assumpto delle, a melhor negociante do reino do céu: *Simile est regnum Cœlorum homini negotiatori.* Negociou Isabel de um reino para outro reino, e de uma corôa para outra corôa; não do reino e corôa de Aragão, para o reino e corôa de Portugal, senão do reino e corôa da terra, para o reino e corôa do céu; que vem a ser em menos palavras Rainha e Santa. Estes dois nomes sómente havemos de complicar um com o outro; e veremos a nossa rainha, tão industriosa negociante no manejo destas duas corôas, que com a corôa de rainha negociou ser maior santa, e com a corôa de santa negociou ser maior rainha. Maior rainha, porque santa; e maior santa porque rainha. A rainha de todos os santos nos alcançará a graça. *Ave Maria.*

II

Simile est regnum Cœlorum homini negotiatori. Rainha e Santa: e porque santa, maior rainha. Esta é a primeira parte do nosso discurso, e este foi o primeiro lanço da melhor negociante do reino do céu.

O maior cabedal que póde dar o mundo é uma corôa. Mas ainda que as corôas são as que dão as leis, não são mercadoria de lei. Ao menos eu não havia de assegurar esta mercadoria, de fogo, mar e corsario: porque as mesmas corôas muitas vezes ellas são o roubo, ellas o incendio, ellas o naufragio. Para conquistar reinos da terra, o melhor cabedal é uma corôa; mas para negociar o reino do céu, é genero que quasi não tem valor. Ponde uma corôa na cabeça de Cyro, conquistará os reinos de Balthasar: ponde uma corôa na cabeça de Alexandre, conquistará os reinos de Dario: ponde uma corôa não na cabeça, senão no pensamento de Cesar, e opprimirá a liberdade da patria: e da mais florente republica fará o mais soberbo e violento imperio. Mas para negociar o reino do céu, nem a Balthasar, nem a Dario, nem a Alexandre, nem a Cesar, nem ao mesmo Cyro, a quem Deus chamava o seu rei, e o seu ungido: *Christo meo Cyro*, [1] valeram nada as corôas.

Ora eu andei buscando no nosso Evangelho alguma corôa, e ainda que Christo nunca multiplicou tantas similhanças, e tantos modos de adquirir o reino do céu em diversos estados e officios, o de rei não se acha alli. Achareis um lavrador, um mercante, um pescador, um lettrado: mas rei não. E porque? Não são personagens os reis que pudessem entrar tambem em uma parabola, e auctorisar muito a scena com a pompa e magestade da purpura? Claro está que sim. E assim o fez Christo muitas vezes. Mas vêde o que dizem as parabolas dos reis: *Regi, qui fecit nuptias filio suo:* [2] *Intravit rex, ut videret discumbentes,* [3] *quis rex iturus committere bellum adversus*

---

[1] *Isai.*, XLV, 1.
[2] *Math.*, XXII, 2.
[3] *Ibid.*, 11.

alium regem: [1] *abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum.* [2] Reis que fazem bodas, que fazem banquetes, que fazem guerras, que mandam exercitos, que conquistam reinos da terra, isso achareis no Evangelho; mas reis que se empreguem em adquirir o reino do céu, parece que não é occupação de personagens tão grandes. Ao menos Christo disse, que o reino do céu era para os pequenos: *Sinite parvulos ad me venire, talium est enim regnum Cœlorum.* [3] Taes são o lavrador no campo, o mercador na praça, o pescador no mar, o lettrado na banca, e sobre o livro. Mas nas côrtes, nos palacios, nos thronos, e debaixo dos doceis, que achareis? Bodas, banquetes, festas, comedias; e por cubiça, ou ambição, exercitos, guerras, conquistas. Eis aqui porque as corôas não são boa mercadoria, ao menos muito arriscada para negociar o reino do céu. Reis e bellicosos, reis e politicos, reis e deliciosos, quantos quizerdes; mas reis e santos, muito poucos. Vêde-o nas lettras divinas, onde só se póde vêr com certeza. De tantos reis que quantos houve no povo de Deus, só tres achareis santos: David, Ezechias, Jozias. Houve naquelle tempo grande quantidade de santos, grande successão de reis; mas reis e santos, santidade e corôa? tres.

E se coisa é tão difficultosa ser rei e santo, muito mais difficultoso é ser rainha e santa. No mesmo exemplo o temos. De todos os reis de Israël e Judá, tres santos; de todas as rainhas, nenhuma. Ainda não está ponderado. O numero das rainhas naquelle tempo era muito maior sem comparação, que o dos reis, porque era permittida e usada a poligamia; e assim como hoje é grandeza e magestade terem os reis muitos criados, e muitos ministros, assim então era parte da mesma magestade, e da mesma grandeza terem muitas rainhas. Das rainhas que teve David, além de outras muitas, sabemos o nome a sete: Joroboão teve dezoito, e só Salomão setecentas: *Fueruntque ei uxores quasi reginæ septingentæ.* [4] E sendo tão in-

[1] *Luc.*, XIV, 31.
[2] *Ibid.*, XIX, 12.
[3] *Marc.*, X, 14.
[4] *3.º Livr. dos Reis*, XI, 3.

numeravel o numero de rainhas, santa, nenhuma. Finalmente, desde o principio do mundo até Christo, em que passaram quando menos quatro mil annos, em todos os reinos, e todas as nações não achareis rainha santa mais que unicamente Esther.

E qual é a razão disto? Porque é mais difficultoso ser rainha santa que rei santo? Porque ainda que no rei e na rainha é egual a fortuna, na mulher é maior a vaidade. Os fumos da corôa não sobem para o céu, descem para a cabeça. Ponde a mesma corôa na cabeça de David, e na cabeça de Michol: na de Michol tantas fumaradas, na de David nenhum fumo. E se me disserdes que David era humilde e santo, tomemos outras parelhas. O mais vão rei que houve no mundo, foi el-rei Assuero; mas a rainha Vasthi muito mais fumosa que Assuero. O mais soberbo rei que houve em Israël, foi el-rei Acab; mas a rainha Jesabel muito mais fumosa que Acab. Lembrae-vos de Athalia, que foi a segunda Medéa ou a segunda Similamis do povo hebreu. Era mãe e avó, (que é mais) e por muito vã e muito fumosa não duvidou tirar a vida a todos os filhos de seu filho el-rei Ochosias. De nenhum homem se lê similhante resolução. E buscando a causa os Padres e Expositores, não acham outra, nem dão outra, senão o ser mulher: *Quia fœmina erat*, diz com todos, Abulense. Mulher Athalia, mulher Jesabel, mulher Vasthi, mulher Michol, mulher Bersabé, mulher, finalmente, Eva. E em todas estas sempre póde mais a vaidade que a virtude.

III

Perdoae-me, Rainha Santa, este discurso; mas não m'o perdocis, porque todo elle foi ordenado a avaliar o preço, a encarecer a singularidade, e a sublimar a grandeza de vossas glorias. Menos santa fôra Isabel, se a sua santidade não assentára sobre mulher e corôa. Destes dois metaes, um tão fragil, outro tão precioso; deste vidro e deste oiro, se formou e fabricou a peanha que levantou a estatua de Isabel até ás estrellas. Mas antes que mais nos empenhemos na ponderação desta verdade, acudamos ás vozes do Evangelho, que parece estão bradando contra ella. O modo

de negociar o reino do céu, e a fórma ou contracto desta negociação, diz Christo, que ha de ser, dando, deixando, e renunciando o negociante tudo quanto tiver: *Dedit omnia sua, et emit eam.* Se Isabel renunciára a corôa, e deixára de ser rainha, então disseramos justamente, que com a corôa da terra, comprou e negociou a corôa do céu: mas ella viveu rainha, e morreu rainha, e não renunciou a corôa. Eu bem sei que renunciar uma corôa, assim como é a maior coisa do mundo, assim é tambem a mais difficultosa, mas não por isso impossivel. Exemplo temos no nosso seculo, posto que o não vissem os passados. Roma o viu, e Roma o vê. Uma das maiores corôas da Europa, renunciada com tanto valor, e deixada com tanta gloria, só por seguir a fé do Evangelho, e segurar debaixo das chaves de Pedro aquelle reino que só ellas podem abrir. Pois porque não deixou Isabel este tudo, que verdadeiramente é o tudo do mundo: *Omnia quæ habuit?* Porque não renunciou e demittiu de si a corôa, para se conformar com o Evangelho?

Primeiramente digo, que sim deixou Isabel a corôa, mas deixou-a sem a deixar, demittiu-a sem a demittir, e renunciou-a sem a renunciar. Era Isabel rainha, mas que rainha? Uma rainha que debaixo da purpura trazia perpetuamente o cilicio: uma rainha, que assentada á meza real, jejuava quasi todo o anno a pão e agua: uma rainha, que quando se representavam as comedias, os saraus, os festins, ella estava arrebatada no céu, orando e contemplando: uma rainha, que por dentro da sua corôa lhe estavam atravessando a cabeça e o coração, os espinhos da corôa de Christo: uma rainha, que adorada e servida dos grandes de seu reino, ella servia de joelhos aos pobres, e lhes lavava os pés com suas mãos, e lhes curava e beijava as chagas. Desta maneira usava Isabel da corôa, ajuntando e unindo na pessoa da rainha, dois extremos tão distantes, e dois exercicios tão contrarios: e isto digo que foi deixar a corôa sem a deixar. Tenho para prova um Texto de S. Paulo, muito vulgar e sabido, mas de tão difficultosa intelligencia, que tendo-se empregado variamente nelle todos os Expositores sagrados, ainda se lhe deseja mais propria e adequada exposição.

Qui cum in forma Dei esset, exinanivit semeti-

psum, formam servi accipiens. [1] Quer dizer: Sendo o Verbo Eterno por essencia e egualdade ao Padre, Deus, quando tomou e uniu a si a natureza humana, despiu-se e despojou-se de tudo quanto era, e quanto tinha. Ainda o diz com maior energia o Apostolo: *Exinanivit semetipsum:* assim como um vaso quando se emborca, e se exgotta, lança de si quanto tem, e fica vasio, assim o fez e ficou Deus, fazendo-se homem. Já estaes vendo a difficuldade, não só os Theologos, mas todos. Deus, fazendo-se homem, não perdeu nada do que tinha, nem deixou nada do que era. Era Deus, e ficou Deus: era infinito, e ficou infinito: era eterno e immenso, e ficou eterno e immenso: era impassivel e immortal, e ficou immortal e impassivel. Pois se Deus não deixou, nem renunciou, nem demittiu de si nada do que era, nem do que tinha; como diz S. Paulo que se despojou, e se exgottou a si mesmo e de si mesmo: *Exinanivit semetipsum?* Assim o disse profundamente o Apostolo, e tambem diz o como isto podia ser, e como foi: *Formam servi accipiens, cum in forma Dei esset.* E' verdade que Deus, fazendo-se homem, não perdeu nada do que era, nem deixou nada do que tinha; porém tomou, e uniu ao que era tudo o contrario do que era: tomou, e uniu ao que tinha, tudo o contrario do que tinha; e tomar, e unir na mesma pessoa extremos tão contrarios, e tão distantes, foi despojar-se de tudo o que era sem se despojar. Era Deus, e fez-se homem: era eterno, e nasceu em tempo: era immenso, e determinou-se a logar: era impassivel, e padecia: era immortal, e morreu: era supremo Senhor, e fez-se servo; e servir o Senhor, morrer o immortal, padecer o impassivel, limitar-se o immenso, e humanar-se o divino, não só foi tomar o que não era, senão deixar o que era. Não deixar, deixando, que isso não podia ser; mas deixar retendo, deixar conservando, deixar sem deixar: *Exinanivit semetipsum formam servi accipiens, cum in forma Dei esset.* Isto é o que fez o Verbo; e isto é o que fez Isabel, conformando-se altissimamente com o Evangelho ao modo do mesmo auctor do Evangelho. Rainha com magestade e corôa; mas que corôa, que magestade, que rainha? Corôa sim, mas corôa sem

[1] *Philip.*, II, 7.

a deixar deixada; porque deixou toda a pompa e esplendor do mundo, com que se engrandecem as corôas. Magestade sim; mas magestade sem a renunciar, renunciada, porque renunciou toda a ostentação, toda a altiveza e toda a idolatria, com que se adoram as magestades. Rainha sim; mas rainha não rainha, porque, tirada a soberania do titulo, nenhuma outra coisa se via em Isabel das que se admiram nas rainhas, sendo por isso mesmo a mais admiravel de todas.

Desta maneira deixou a nossa rainha a corôa, e o tudo que pedia o Evangelho: *Omnia quæ habuit*. Mas assim como a deixou sem a deixar, porque a não deixou, deixando-a? Porque não abdicou a magestade, porque não deixou de ser rainha, ou não aceitando a corôa, quando se lhe offereceu, ou renunciando-a depois de aceitada? Respondo, que esta foi a maior industria de sua negociação: conservar o cabedal de rainha para grangear ser maior santa. O maior bem, ou o unico bem, que tem as supremas dignidades do mundo, é serem um degráu sobre o qual se levanta mais a virtude: é serem um cunho real com que sobe a maior valor a santidade. Santo foi David, e Santo Abrahão, e primeiro Abrahão que David. Comtudo S. Matheus, referindo a genealogia de Christo, antepõe David a Abrahão: *Filii David, filii Abraham*. [1] Pois se Abrahão tambem era santo, e santo da primeira classe como David, e precedia na antiguidade, porque se lhe antepõe David? Dá a razão Santo Thomaz angelicamente. [2] Porque ainda que Abrahão era santo, e tão santo como David, David era santo e rei juntamente, o que não concorria em Abrahão. A santidade de Abrahão, posto que grande, era santidade sem corôa: a santidade de David, era santidade corôada; e santidade assentada sobre corôa, ainda em gráu egual, é maior santidade.

E porque? Porque na magestade, na grandeza, no poder, na adoração, e em todas as outras circumstancias que acompanham as corôas, concorrem todos os contrarios que póde ter a virtude; e a santidade e a virtude conservada entre os seus contrarios, é do-

[1] *Math.*, I, 1.
[2] *D. Thom.*

brada virtude. Ouvi uma das mais notaveis sentenças de Santo Agostinho: *Audiat omnis ætas, quod nunquam audivit.* [1] Ouçam todas as edades o que nunca ouviram, diz Agostinho. E que hão de ouvir? Falla do parto virginal, e diz assim: *Virgo partu suo crevit, virginitatem, dum pareret, duplicavit.* Nestas ultimas palavras reparo. Diz Santo Agostinho, que Maria Santissima, concebendo, parindo e ficando virgem, não só conservou, mas dobrou a virgindade: *Virginitatem, dum pareret, duplicavit.* Se fallára de outra virtude, não tinha difficuldade esta doutrina. Mas da virgindade, parece que não póde ser, porque a virgindade consiste em ser indivisivel. E' uma inteireza perfeita, incorrupta, intemerata, que não póde crescer nem minguar, nem admitte mais ou menos. Pois se esta virtude soberana e angelica não admitte diminuição nem augmento, se quando é, sempre é egual, e sempre a mesma; como diz S. Agostinho, que cresceu, que se augmentou e que se dobrou, e foi dobrada no parto da Virgem? Porque foi virtude que se conservou inteira entre os seus contrarios. A conceição, o parto, o ter filho, o ser mãe, são os contrarios da virgindade: e conservar-se Maria Virgem sendo juntamente mãe, foi ser dobrada virgem: *Virginitatem, dum pareret, duplicavit.* Taes foram as virtudes de Isabel. O maior contrario e o maior inimigo da virtude é uma grande fortuna, e quanto maior fortuna, tanto maior inimigo. A humildade, o desprezo do mundo, a moderação, a abstinencia, a pobreza voluntaria na outra gente, são simples virtudes: mas estas mesmas com uma corôa na cabeça, com um sceptro na mão debaixo de um docel, e assentadas em um throno, são dobradas virtudes, porque são virtudes juntas com os seus contrarios. A humildade junta com a magestade, é dobrada humildade: a moderação junta com o supremo poder, é dobrada moderação: o desprezo do mundo junto com o mesmo mundo aos pés, é dobrado desprezo do mundo: a pobreza com a riqueza, a abstinencia com a abundancia, a mortificação com o regalo, a modestia com a lisonja, é dobrada pobreza, é dobrada abstinencia, é dobrada mortificação, é dobrada modestia;

[1] *Aug.*

porque é cada uma dellas não uma rosa entre os espinhos, mas uma sarça verde entre as chammas. E porque a nossa negociante do céu sabia que debaixo do risco está a ganancia, por isso teve por maior conveniencia não deixar, senão ajuntar a corôa com a virtude; não deixar, senão ajuntar a magestade com a santidade, para que sendo rainha, e juntamente santa, fosse tambem maior santa, porque rainha.

E se quereis vêr tudo isto com os olhos em uma admiravel figura, ponde-os commigo, ou com S. João, no céu. No Capitulo doze do Apocalypse, diz S. João, que appareceu no céu um grande prodigio: *Signum magnum apparuit in Cœlo*, [1] e declarando logo qual fosse este prodigio, e sua grandeza, diz que era uma mulher que tinha os pés no primeiro céu, que é o céu da lua: *Luna sub pedibus ejus;* o corpo no quarto céu, que é o céu do sol: *Amicta sole;* e a cabeça no oitavo céu, que é o céu das estrellas: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim.* Grande mulher, grande prodigio, e grande retrato de Isabel! Mulher, que vivendo na terra já seus merecimentos a tinham canonizado e collocado no céu: *Signum magnum apparuit in Cœlo:* mulher tão desprezadora das grandezas do mundo, que todas as coisas sublunares as pizou, e metteu debaixo dos pés: *Luna sub pedibus ejus;* mulher tão allumiada e illustrada das luzes da graça, que aos olhos de Deus e dos homens resplandecia como um sol: *amicta sole;* mulher tão adornada de todas as perfeições e dotes sobrenaturaes que todo o côro das virtudes, como outras tantas estrellas, lhe teciam e esmaltavam a corôa: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim.* Atéqui Isabel santa. E sendo esta prodigiosa mulher tão grande, poderá ser maior? Estando tão alta, poderá subir mais? Estando no céu, poderá ser mais celeste? Sim: e como? Se ao celeste se ajuntar o real, e ás supposições de santa, as circumstancias de rainha. Assim foi, e assim o viu o mesmo Propheta,

Et datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, ut volaret; e a esta mulher, diz S. João, foram-lhe dadas duas azas da aguia grande, para que voasse com ellas. A aguia é a rainha das aves; e mulher com azas de

[1] *Apoc.*, XII, 1.

aguia, é mulher com prerogativas reaes, é mulher com circumtancias de rainha. Mas notae que não só diz que se deram á mulher duas azas de aguia, senão duas azas de aguia grande: *Datæ sunt mulieri duæ alæ aquilæ magnæ.* [1] Agora pergunto: qual é neste mundo a aguia grande, e quaes são as duas azas desta aguia? A aguia grande não ha duvida que é Hespanha, a mais dilatada monarchia de todo o universo: aguia real corôada de tantas corôas. As duas azas desta aguia tambem não ha duvida que são o reino de Aragão de uma parte, o reino de Portugal da outra. Não é divisão, ou distincção minha, senão de todos os cosmographos, os quaes dividem a Hespanha em tres partes, ou tres Hespanhas: *Hispania Betica, Hispania Tarraconensis, Hispania Lusitanica.* O corpo e a cabeça desta grande aguia é a Hespanha Betica, que comprehende as duas Castellas. Uma das azas é a Hespanha Tarraconense, isto é, Aragão, que de Tarragona se disse Aragona: a outra aza é a Hespanha Lusitanica, isto é, Portugal, que de Luso se disse Lusitania. Ao ponto agora. Tendo o céu engrandecido tanto a Isabel, tendo-a sublimado a um logar tão alto de perfeição, tendo depositado nella todo o precioso e lustroso de seus thesouros e graças; que fez Deus? *Datæ sunt mulieri duæ alæ aquilæ magnæ*, ajuntou e accrescentou a esta prodigiosa mulher as duas azas reaes da grande aguia de Hespanha, por nascimento a de Aragão, e por casamento a de Portugal. E para que? *Ut volaret;* para que levantada sobre estas duas azas a santidade de Isabel, o grande della crescesse á maior grandeza, o alto subisse á maior altura, o luminoso á maior luz, o celeste á mais celeste, e á mesma santidade a mais santa. Santa Isabel, porque santa e maior santa, porque rainha. Santa, porque santa: por isso collocada no céu: *Signum magnum apparuit in Cœlo;* e maior santa, porque rainha: por isso, depois de collocada no céu, accrescentada com azas de aguia, e com circumstancias reaes: *Datæ sunt mulieri duæ alæ aquilæ magnæ.*

E senão, voemos nós tambem com as mesmas azas, e subamos do céu estrellado, onde a viu S. João, ao céu Empirio, onde a viu David: *Astitit regina a dex-*

[1] *Apoc.*, XII, 14

tris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate. [1] Vi, diz David, uma rainha collocada á dextra de Deus, a qual estava vestida com duas galas differentes; por dentro com uma roupa bordada de oiro: *In vestitu deaurato;* por fóra com outra roupa de côr varia: *circumamicta varietate.* Eis aqui como está a nossa Rainha Santa no céu, vestida e adornada com duas galas, uma por baixo e por dentro, que é o vestido de rainha que vestiu primeiro, e por isso bordado de oiro: *In vestitu deaurato;* outra por cima, e por fóra, que é o habito de Santa Clara, que vestiu depois, e por isso de côr varia (pardo e branco) *circumamicta varietate.* E qual destas duas galas a faz mais magestosa, e mais gloriosa no céu: a de dentro, ou a de fóra; a de brocado, ou a de burel: a de rainha, ou a de Religiosa? Digo que ambas, mas porque uma assentou sobre a outra. Porque o habito de Religiosa assentou sobre o de rainha; porque o burel assentou sobre o brocado; porque o vestido de fóra assentou sobre o de dentro: d'ahi é que lhe vem toda a graça, e toda a formosura. O mesmo David o disse: *Omnis gloria ejus ab intus in fimbriis aureis circumamicta varietate;* [2] a graça e a formosura do vestido de fóra, toda lhe vem do vestido de dentro. O habito de S. Francisco e de Santa Clara, é uma das mais vistosas e mais bizarras galas, que se trajam no céu. Mas esta mesma gala em Isabel, assentada sobre vestiduras reaes, é muito mais vistosa, muito mais bizarra, e muito mais formosa: porque toda a graça e formosura lhe vem das guarnições e bordaduras de oiro, que por debaixo da orla estão reluzindo: *Omnis gloria ejus ab intus, in fimbriis aureis.*

E se perguntarmos mais curiosamente a David qual era o lavor dessas guarnições, e dessa bordadura da orla, tambem o disse milagrosamente: *In fimbriis aureis;* lê o hebreu: *In scutulatis.* A guarnição e bordadura, que apparecia na orla do vestido real por baixo de burel, de que a rainha estava revestida, era um lavor e recamo de oiro, formado e enlaçado de escudos: *In scutulatis.* E que escudos são estes? São aquelles dois escudos que vêdes pintados ao lado

[1] *Psalm.*, XLIV, 10.
[2] *Ibid.*, 14.

de Isabel: o escudo das armas de Aragão, e o escudo das armas de Portugal. De maneira que a bordadura da orla, que faz sahir e sobresahir a gala com que Isabel se ostenta gloriosa á dextra de Deus, é composta admiravelmente, e tecida destes dois escudos, travados e alternados um com o outro — as barras entre as quinas, e as quinas entre as barras: *In scutulatis.* E nestes escudos reaes, cobertos e sobrevestidos de burel aspero e grosseiro, diz David, que consiste todo o realce da gala, e toda a formosura e gloria da filha do Rei: *Omnis gloria ejus filiæ Regis ab intus*, porque se Isabel é gloriosa e exaltada no céu por santa; muito mais exaltada é por santa sobre rainha: *Astitit regina a dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate.*

IV

Temos visto a Isabel maior santa, porque rainha; segue-se que vejamos agora maior rainha porque santa. Este foi o segundo lanço da melhor negociante do reino do céu, e nisso mesmo parecida ao negociante do Evangelho. A fortuna nunca eguala os desejos dos homens; mas se houvesse uma fortuna tão grande, que não só egualasse, mas vencesse, e excedesse os desejos, esta seria a maior fortuna que se póde imaginar. Tal foi a fortuna do negociante do Evangelho. Elle desejava e procurava perolas boas: *Quærenti bonas margaritas;* e quando só desejava perolas boas, e de preço e estimação ordinaria, foi tal a sua fortuna, que achou uma perola tão preciosa, que excedia o valor de quanto buscava, e de quanto tinha. *Inventa una pretiosa margarita, dedit omnia sua, et comparavit eam.* Ainda foi maior fortuna a de Isabel. Isabel não buscava corôas, antes as corôas a buscavam a ella; e porque buscada das corôas, ella buscou a santidade, por isso essa mesma santidade lhe accrescentou a corôa, e a fez muito maior rainha. A dignidade de rainha é tão alta e tão soberana, que parece não admitte maioria. Mas Isabel pelos privilegios de santa, foi rainha maior que rainha, porque foi rainha com maior poder, rainha com maior jurisdição, rainha com maior imperio.

Uma das accusações que se deram contra Christo, e a que venceu a causa, foi dizerem que se fazia rei, e que tomava a jurisdição de Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris: omnis enim qui se regem facit, contradicit Cæsari.* [1] Todos os Padres e Expositores sagrados impugnam esta calumnia, e a provam com cinco mil testemunhas contestes. Estes foram aquelles cinco mil homens, que depois de Christo lhes matar a fome no milagroso banquete do deserto, o reconheceram pelo verdadeiro Messias, e o quizeram acclamar por rei, quando o Senhor, para mostrar que não era rei dos que fazem, ou podem fazer os homens, os deixou, e se retirou para o monte. Grande prova de Christo se não fazer rei, como era accusado. Mas S. Leão Papa, com mais alto pensamento, apresenta-se entre os mesmos accusadores diante de Pilatos, e argumenta assim por parte delles: *Ne in totum videatur inanis Judæorum objectio, discute diligenter Præses.* Examine Pilatos diligentemente a causa, e achará que não é totalmente falsa a accusação. Em dizerem os Judeus que Christo se fez rei, fallam verdade: em dizerem que se fez rei como Cesar, aqui é que mentiram. Haviam de dizer, que se fez rei maior que Cesar, e maior que todos os reis. E porque? Ouvi a razão do eloquentissimo Pontifice, que é divina: *Cæcis visum, surdis auditum, claudis gressum, multis donavit eloquium: Febres abegit, dolores resolvit, mortuos suscitavit: magnum prorsus regem ista demonstrant.* Este homem accusado de se fazer rei, deu olhos a cegos, ouvidos a surdos, pés a mancos, falla a mudos; sarou febres, resolveu dôres, resuscitou mortos; e em todas estas coisas, ainda que não provou que era rei como Cesar, e como os outros reis, que não tem tal poder, mostrou porém, e demonstrou que era maior rei que todos elles.

O mesmo digo de Isabel. Entrava Isabel nos hospitaes, que ella e seus antecessores tinham edificado, concorriam a Isabel os enfermos de todas as enfermidades; e que succedia? Ia Isabel fazendo o signal da cruz, sobre elles, os cegos viam, os mudos fallavam, os surdos ouviam, os mancos e aleijados saltavam, os mortos, ou que estavam para morrer, resus-

[1] *Joan.*, XIX, 12.

citavam. *Magnam prorsus reginam ista demonstrant.* Dizei ás outras rainhas e aos outros reis, que façam isto com todo seu poder. Fazer mancos, fazer aleijados, fazer cegos, fazer estropeados, isso fazem os reis, e isso podem. E senão ide a essas campanhas, a esses exercitos, e a essas côrtes; uns em muletas, outros arrastando, uns sem pernas, outros sem braços, outros sem orelhas, outros pedindo esmola com os dedos, porque não têm lingua, outros sem casco na cabeça, meio attontados, outros sem queixadas no rosto, horriveis e disformes. Homens miseraveis, homens que não sois homens, senão parte de homens, quem vos poz nesse estado? Padre, o serviço d'el-rei. Fomos á guerra, e della escapamos desta maneira. Isto é o que podem fazer os reis, e tanto mais, quanto mais poderosos. Não assim Isabel: era rainha, que restituia braços, e pés, e olhos, e ouvidos. Vêr a magestade e pompa, com que se diz dos reis, que são senhores da vida! Senhores da vida? Lêam á margem destes titulos a glossa de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus.* [1] São senhores da vida para a tirar, para a dar não. Se sois delinquente, podem-vos matar por justiça; se sois innocente, podem-vos matar por tyrannia; se tendes pouco juizo, e pouco coração, podem-vos matar com uma carranca, ou com um voltar de olhos; mas dar vida ou saude, não é da jurisdição dos reis. Assim o confessou um rei mais verdadeiro que todos: *Nolite confidere in principibus, in quibus non est salus.* Isabel sim, que era senhora da saude, e da vida; por isso maior rainha que todas as rainhas: *Magnum prorsus reginam ista demonstrant.*

V

Outra demonstração em maiores corpos. Chega S. Isabel a Santarem, para atravessar o Tejo: estava prevenida uma galé real para a pessoa; gondolas e bergantins toldados para a côrte: mas em apparecendo Isabel na praia, abre-se o rio de repente, levantam-se dois muros de crystal de uma e outra parte: os pei-

[1] *Math.*, x, 28.

xes como ás janellas, em cardumes, e attonitos, pasmando da maravilha; e Isabel caminhando sobre o seu bordão por aquella rua nova, juncada de limos verdes, mas sobre areias de oiro. Não é affectação minha, que já disse o Espirito Santo em caso similhante: *Campus germinans de profundo nimio.* [1] Passemos agora de Portugal á Palestina, e do Tejo ao Jordão. Pára o rio Jordão á vista da Arca do Testamento, (cabeça tambem coròada: *Faciesque supra coronam auream per circuitum)* [2] pinta o caso David, e exclama: *Quid est tibi mare quod fugisti, et tu Jordanis quia conversus es retrorsum?* [3] Rio que páras, mar que foges, que é o que viste? Bizarra e elegante prosopopèa de David, mas em pequeno theatro; maior é o nosso. Que rio, e que mar eram aquelles, com quem fallava David? O mar, era o Mar Morto, chamado por outro nome, *Vallis Salivarum*, porque era uma saliva do Oceano. Cuspiu o Oceano, e fez aquelle mar. O rio, era o Jordão, composto de dois regatos, um o *Jor*, outro o *Dan*, que para terem cabedal com que ir morrer no Mar Morto, se ajuntaram, e fizeram companhia um com o outro. Esta era a grandeza do rio, a quem aquelle pequeno lago engolia de um boccado, como diz o Propheta: *Et fiduciam habet quod influat Jordanis in os ejus.* [4]

Comparae-me agora, rio com rio, e mar com mar. Assim como a Arca do Testamento passou por aquella parte, onde as aguas do Jordão se misturam com as do Mar Morto, assim passou Isabel por aquella parte, onde as aguas do Tejo se confundem com as do Oceano. O Oceano é aquelle pégo vastissimo e immenso, que elle só é todo o elemento da agua; e estendendo infinitos braços, está recebendo como nas pontas dos dedos, o tributo de todos os rios do universo. Este foi o mar que se retirou, e fez pé atraz á vista de Isabel: e o rio qual era? Aquelle soberbissimo Tejo, primeiro domador do mesmo Oceano, a quem pagaram parias em perolas, o Indo e o Ganges, não coròados de juncos e espadanas, como o Padre

---

[1] *Sap.*, XIX, 7.
[2] *Exod.*, XXV, 11.
[3] *Psalm.*, CXIII, 5.
[4] *Job.*, XL, 18.

Tibre, mas com grinaldas de rubins, e capellas de diamantes. Este soberbo mar, este soberbo rio, são os que fizeram praça a Isabel, e lhe descobriram nova terra, para que a pizasse. David, respondendo á sua pergunta, disse: *A facie Domini mota est terra, a facie Dei Jacob.* [1] E aqui está o maior excesso da maravilha. Lá o Jordão parado, cá o Tejo parado; lá a Arca corôada, cá Isabel corôada; lá a Arca caminhando a pé enxuto, cá Isabel a pé enxuto; mas lá porque o rio viu a face de Deus, cá porque viu a face de Isabel: lá porque viu a face do Senhor de Israël, cá porque viu a face da rainha de Portugal. *A facie Domini, a facie Dei Jacob.* Que Deus visto refreie a corrente dos rios, isso é ser Deus; mas que á presença de Isabel lhe façam os rios a mesma reverencia, vêde se é ser rainha mais que rainha? E senão perguntae ao mesmo Tejo, quantas vezes passaram por elle as outras rainhas, quaes eram as suas cortezias? Passavam as Therezas, passavam as Dulces, passavam as Mafaldas, passavam a Urracas, as Leonoras, as Luizas, as Catharinas; e o Tejo, que fazia? Corria como d'antes. Porém a Isabel (fallemos em phrase de Roma) a Isabel firmava-se o Tejo, ás outras não se firmava, porque as outras eram rainhas; Isabel era rainha e santa, e por isso maior rainha.

VI

Eu já quizera acabar, mas está-me chamando a nova Primavera, que vemos, a que repare naquellas rosas. Levava Isabel na aba do vestido grande copia de moedas de ouro e prata, para repartir aos pobres, e era inverno. Perguntou-lhe El-rei, que levava: e respondeu, que rosas. Rosas neste tempo, como póde ser? diz El-rei. Abriu a Santa, e eram rosas. Ha rainha, ha rei no mundo, que tenha taes poderes? Gastar muito dinheiro, grandes thesouros em flôres, em jardins, e ainda em sombras, que é menos, isto podem fazer, e fazem os reis; mas fazer de um dobrão uma rosa, converter uma substancia em outra,

[1] *Psalm.*, CXIII, 7.

ainda que seja um grão de ouro em um grão de areia; nem todos os reis do mundo juntos o podem fazer, é outra jurisdição mais alta. Manda Deus a Moysés sobre o Egypto; e o titulo que lhe deu, foi de Deus de Faraö: *Const.tui te Deum Pharaonis.* [1] Parece demasiado titulo, e não necessario. Faraö era rei de Egypto, seja Moysés rei de Faraö, e basta. Pois porque lhe não dá Deus titulo de rei, senão de Deus? Porque era razão, que o titulo se conformasse com os poderes. Moysés havia de converter a vara em serpente, o Nilo em sangue, a agua em rans, o pó em mosquitos; e converter umas substancias em outras, é poder e jurisdição mais alta que a dos reis. Chame-se logo Moysés, não rei de Faraö, senão Deus. Esta foi a descripção do demonio no formulario das suas tentações. Quando disse a Christo, que convertesse as pedras em pão, accrescentou: *Si Filius Dei es.* [2] Quando lhe offereceu todos os reinos do mundo, não fallou em ser filho de Deus. Pois se lhe chama filho de Deus, quando lhe diz, que converta as pedras em pão; porque lhe não chama tambem filho de Deus, quando lhe offerece os reinos de todo o mundo? Porque o dominio de um reino, e de muitos reinos, e de todos os reinos cabe na jurisdição de um homem rei: mas converter uma substancia em outra, é poder mais que humano, é poder mais que real, é poder divino. Taes foram neste caso os poderes daquella rainha sobre todos os reis, e rainhas do mundo. Mas ainda não está ponderado o fino da maravilha.

Não esteve a maravilha em converter as moedas em rosas, senão em que? Em dizer, são rosas, e serem rosas. Serem rosas, só porque Isabel lhe chamou rosas, é maravilha só da bocca de Deus. Ponderação admiravel de S. Paulo: *Qui vocat ea, quæ non sunt, tanquam ea quæ sunt.* [3] Deus chama com tanta verdade as coisas que não são, como aquellas que são. E esta é a maior gloria do seu poder, e o maior poder da sua palavra; porque basta que elle mude os nomes ás coisas, para que ellas mudem a natureza, e o que era, deixe de ser, e o que não era, seja.

[1] *Exod.*, VII, 1.
[2] *Math.*, IV, 3.
[3] *Roman.*, IV, 17.

Mas quantas vezes fez Deus esta maravilha? Uma só vez, e no maior milagre dos seus milagres, e na maior obra de sua omnipotencia. Na instituição do Divinissimo Sacramento quiz Christo, que o pão se convertesse e transubstanciasse em seu Corpo, e que fez para isso? Disse, que o pão, que tinha nas mãos, era seu Corpo: *Hoc est Corpus meum;* [1] e bastou que chamasse seu Corpo ao pão, para que o que era pão, deixasse de ser pão, e o que não era seu Corpo, fosse seu Corpo. Na creação do mundo não fez Deus similhante maravilha; mandou que se fizessem as coisas, e fizeram-se: *Ipse dixit, et facta sunt;* [2] porém no Divinissimo Sacramento, para o qual tinha reservado os maiores poderes do seu poder, fez que fosse seu Corpo o que era pão, só com lhe chamar seu Corpo: *Vocat ea, quæ non sunt, tanquam ea quæ sunt.* O mesmo fez Isabel. Não levantou as mãos, não orou, nem pediu, não mandou: só disse que eram rosas as moedas, e foram rosas. O chamar foi produzir; e o dizer que eram, foi fazer que fossem o que não eram: *Vocat ea, quæ non sunt, tanquam ea quæ sunt.* Em Christo foi poder ordinario, em Isabel poder delegado: mas infinitamente maior que todos os poderes reaes.

Os reis tambem arremedam, ou querem arremedar a Deus na soberania deste poder. Cubri-vos, marquez, assentae-vos, duque. Só com o rei vos chamar marquez, sois marquez, só com vos chamar duque, sois duque: mas tudo isso que vem a ser? Um nome, no demais sois o mesmo que d'antes ereis. Pódem os reis dar nomes, sim, mas dar ser, ou tirar ser, ou mudar ser, não chega lá a sua jurisdição, por mais poderosos que sejam. Depois que Deus creou o mundo e o povoou, e fez a Adão rei e senhor de todo elle, mandou que todos os animaes viessem á presença do mesmo Adão, para que elle lhes puzesse os nomes: *Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea.* [3] E porque não poz Deus os nomes aos animaes, e quiz que lh'os puzesse Adão? Judiciosamente S. Bazilio de Seleucia: *Partiamur hujus fictricis*

[1] *Luc.*, XXII, 10.
[2] *Psalm.*, XXXII, 9.
[3] *Gen.*, II, 19.

solertiæ gratiam: me cognoscent artificem naturæ lege; te Dominum intelligant appellatione nominis. Quiz Deus que Adão puzesse os nomes aos animaes, para partir com elle o imperio, e mostrar a differença que havia de um a outro. Eu Deus, e tu rei do universo: eu Deus, porque dei o ser aos animaes; tu rei, porque lhe puzeste os nomes. De maneira, que o mais a que póde chegar um rei, ainda que seja rei de todo o mundo, é pôr nomes, e dar nomes; é fazer que vos chameis dalli por diante o que elle vos chamou: *Omne quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus.* Porém fazer com esse nome, que o que não era seja, e que esse mesmo chamar seja dar ser, é jurisdição incomparavelmente mais soberana: por natureza só de Deus, por delegação só de Isabel. Em quanto rainha, podia dar nomes, mas nomes que não eram mais que nomes; em quanto santa, deu nomes que davam ser, e mudavam ser, e por isso maior rainha que todas as rainhas.

Por fim dos poderes de Isabel, quero acabar com aquelle poder que tudo acaba, e que póde mais que os que tudo podem, a morte. A morte póde mais que todas as rainhas e todos os reis: mas tambem este poder todo poderoso foi sujeito á nossa rainha. A morte matou a Isabel, mas Isabel pôde mais, porque matou a morte. E como a matou? Não podendo a morte desfazer o corpo em que vivia aquella alma, o qual ha trezentos annos se conserva incorrupto. Ameaçava Christo pelo Propheta Oseas a morte, e dizia-lhe assim: *Ero mors tua, ó mors:* [1] Deixa-te estar morte, que eu te matarei, eu serei a tua morte. Esta era a prophecia; mas o successo parece que foi o contrario, porque a morte matou a Christo. Pois se Christo morreu, e a morte o matou: como diz o mesmo Christo, que havia de ser morte da morte? Assim foi em dois sentidos. Foi a morte da morte em nós, porque matou a morte da alma, que é o peccado; e foi morte da morte, em si, porque matou a morte do corpo, não podendo a morte corromper, nem desfazer o corpo morto de Christo. *Quoniam non dabis sanctum tuum videre corruptionem.* [2] Quando a morte

[1] *Osee.*, XIII, 14.
[2] *Psalm.*, XV, 14.

mata, e fica viva depois de matar o homem, desfaz-lhe o corpo; porém quando a morte morre matando, quando a morte mata e fica morta, não póde desfazer o corpo do mesmo a quem matou, e assim não pôde desfazer o de Christo, mais poderoso que ella. *Tam potentem adversarium nostrum, dum occideres, occidisti.* [1] disse S. Jeronymo com elegancia de palavras, que não cabe nas nossas. E isto que se viu no corpo de Christo em tres dias, é o mesmo que está vendo o mundo no corpo de Isabel ha trezentos annos. Mas donde lhe veiu a Isabel a soberania deste privilegio? Não da corôa, senão da santidade: não por rainha, senão por santa: *Non dabis sanctum tuum vidére corruptionem.*

VII

Esta imagem, Senhores, de Isabel morta, mas com dotes de immortalidade, é a que eu desejo levemos todos retratada na alma. E para que fique nella mais altamente impressa, ponhamos á vista deste retrato o retrato de outra Isabel, tambem de Portugal, tambem corôada, e tambem morta. Quando S. Francisco de Borja abriu a arca, em que ia a depositar o corpo da nossa imperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos V, vendo a corrupção daquelle cadaver e daquelle rosto, que pouco antes era um milagre de natureza, ficou tão penetrado e tão attonito daquella vista, que ella bastou para o fazer santo. Se um só destes retratos obrou taes effeitos em um juizo racional e christão; que farão ambos os retratos juntos, e um defronte do outro? Acolá Isabel, aqui Isabel; acolá uma corôa, aqui outra corôa; acolá um corpo morto e todo corrupção, aqui outro corpo morto, mas incorruptivel e como immortal. Oh que mudança! Oh que differença! Oh que desengano! Assim se morre, Senhores, e assim se póde morrer.

Com razão escreveu Roma sobre aquella imagem e retrato de Isabel: *Et nunc Reges intelligite, erudimini qui judicatis terram.* [2] Até gora parece que tinham alguma desculpa os monarchas da terra em não

---

[1] *Hieronym.*
[2] *Psalm.*, II, 19.

entender a differença que ha do apparente ao verdadeiro, do real, ou imperial, ao santo; de uma corôa a outra corôa; e de reinar a reinar. Porém agora, *et nunc*, á vista de um prodigio e testemunho do céu tão manifesto, e tão constante, á vista do respeito que guardou a morte, ou do poder que não teve sobre os despojos mortaes, e já mortos de Isabel; e muito mais se a esta vista ajuntarmos o parallelo tão notavel de uma e outra magestade, ambas do mesmo nome, ambas do mesmo sangue, e ambas da mesma dignidade soberana e suprema; que rei haverá, que não acabe de entender, o que tão mal se entende; que principe que não queira aprender o que tão pouco se estuda? *Intelligite et erudimini.* Não digo (pois nem Deus o manda) que as cabeças ou testas corôadas façam o que fez Carlos, convencido de uma só parte deste exemplo, nem que renunciem e se despojem, como elle se despojou, das corôas: o que só digo, e diz Deus a todos os reis, é que aprendam a não as perder, e se perder, mas a negociar com ellas; e que com o exemplo canonizado de Isabel, Rainha e Santa, entendam, que tambem podem ser santos, sem deixar de ser reis, e que então serão maiores reis, quando forem santos. Não consiste a negociação do reinar em accrescentar o circulo ás corôas da terra, que, maiores ou menores, todas acabam; mas em grangear, e assegurar, e amplificar com ellas a que ha de durar para sempre. Assim negociou com as suas duas corôas a nossa negociante do reino do céu, agora maior, mais poderosa e mais verdadeira rainha: assim está reinando e reinará para sempre: assim gosa e gosará sem fim os lucros incomparaveis da sua prudente e venturosa negociação: na terra, em quanto durar o mundo, sobre os altares, e no céu, por toda a eternidade em sublime throno de gloria.

SERMÃO

DE

SANTO IGNACIO.*

Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum. [1]

I

Admiravel é Deus em seus santos; mas no santo que hoje celebra a Igreja singularmente admiravel. A todos os santos manda Christo neste Evangelho, que sejam similhantes a homens: *Et vos similes hominibus:* [2] mas assim como ha grande differença de homens a homens, assim vae muito de similhanças a similhanças. Aos outros santos manda Christo que sejam similhantes aos homens, que servem aos senhores da terra: *Hominibus expectantibus Dominum suum:* a S. Ignacio manda-lhe Christo, que seja similhante aos homens que serviram ao Senhor do céu. Quanto vae do céu á terra, tanto vae de similhança a similhança. Aos outros santos metteu-lhes Christo na mão este Evangelho, e disse-lhes: servi-me assim como os homens servem aos homens: a S. Ignacio mette-lhe na mão um livro das vidas de todos os santos, e diz-lhe: serve-me assim como estes homens me serviram a mim. Foi o caso. Jazia S. Ignacio (não digo bem.) Jazia S. Ignacio de Loyola mal ferido de

---

* Foi prégado este Sermão em Lisboa, no Real Collegio de Santo Antão, em 1669. Tem este Sermão rasgos sublimes d'eloquencia e é um dos mais celebres prégados por Vieira.

[1] *Luc.*, XII.

[2] *Ibid*, XII, 36.

uma bala franceza no sitio de Pamplona; e picado como valente de ter perdido um castello, fabricava no pensamento outros castellos maiores, pelas medidas de seus espiritos. Já lhe parecia pouca defeza Navarra, pouca muralha os Pyrineos, e pouca conquista França. Considerava-se capitão, e hespanhol, e rendido; e a dôr lhe trazia á memoria, como Roma em Scipião, e Carthago em Annibal, foram despojos de Hespanha: os Cids, os Pelayos, os Viriatos, os Lusos, os Geryões, os Hercules, eram os homens com cujas similhanças heroicas o animava e inquietava a fama, mais ferido da reputação da patria, que das suas proprias feridas. Cançado de luctar com pensamentos tão vastos, pediu um livro de cavallerias para passar o tempo; mas, oh Providencia Divina! Um livro que só se achou, era das vidas dos Santos. Bem pagou depois S. Ignacio em livros o que deveu a este. Mas vêde quanto importa a lição de bons livros. Se o livro fôra de cavallerias, sahiria Ignacio um grande cavalleiro: foi um livro de vidas de Santos, sahiu um grande santo. Se lêra cavallerias, sahiria Ignacio um cavalleiro da ardente espada: leu vidas de Santos, sahiu um Santo da ardente tocha: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.* Toma Ignacio o livro nas mãos, lê-o, ao principio com dissabor, pouco depois sem fastio, ultimamente com gosto, e d'alli por diante com fome, com ancia, com cuidado, com desengano, com devoção, com lagrimas.

Estava attonito Ignacio do que lia, e de vêr que havia no mundo outra milicia para elle tão nova e tão ignorada, porque os que seguem as leis do appetite, como se rendem sem batalha, não teem conhecimento da guerra. Já lhe pareciam maiores aquelles combates, mais fortes aquellas resistencias, mais illustres aquellas façanhas, mais gloriosas aquellas victorias, e mais para appetecer aquelles triumphos. Resolve-se a trocar as armas e alistar-se debaixo das bandeiras de Christo; e a espada de que tanto se presava foi o primeiro despojo que offereceu a Deus e a sua Mãe nos altares de Monserrate. Acceitae, Senhora, essa espada, que, como se hão de rebellar contra vós tantos inimigos, tempo virá em que seja bem necessaria para defeza de vossos attributos. Lia Ignacio as vidas dos Confessores, e começando como elles, pelo desprezo da vaidade, tira o collete, despe as ga-

las, e assim como se ia despindo o corpo, se ia armando o espirito. Lia as vidas dos Anacoretas, e já suspirava pelos desertos, e por se vêr mettido em uma cova de Manreza, onde sepultado acabasse de morrer ao mundo, e começasse a viver, ou a resuscitar a si mesmo. Lia as vidas dos Doutores e Pontifices e (ainda que o não affeiçoaram as mitras, nem as tiaras) delibera-se a aprender para ensinar, e a começar os rudimentos da grammatica entre os meninos, conhecendo que em trinta e tres annos de côrte e guerra, ainda não começára a ser homem. Lia as vidas, ou as mortes valorosas dos Martyres, e com sede de derramar o sangue proprio, quem tinha derramado tanto alheio, sacrifica-se a ir buscar o martyrio a Jérusalem, offerecendo as mãos desarmadas ás algemas, os pés aos grilhões, o corpo ás masmorras, e o pescoço aos alfanges turquescos. Lia finalmente as vidas e as perseguições dos Apostolos, e soando-lhe melhor que tudo aos ouvidos as trombetas do Evangelho, toma por empreza a conquista de todo o mundo, para dilatar a fé, para o sujeitar á Igreja, e para levantar novo edificio sobre os alicerces e ruinas do que elles tinham fundado. Isto era o que Ignacio ia lendo; e isto o que juntamente ia trasladando em si e imprimindo dentro na alma. Mas quem lhe dissera então ao novo soldado de Christo, que notasse naquelle livro o dia de trinta e um de Julho; que advertisse bem, que aquelle logar estava vago, e que soubesse que a vida de santo, que alli faltava havia de ser a sua, e que este dia feriado e sem nome havia de ser o dia de S. Ignacio de Loyola, fundador e patriarcha da Companhia de Jesus! Taes são os segredos da Providencia, tão grandes os poderes da graça, e tanta a capacidade da nossa natureza!

Para satisfazer ás obrigações de tamanho dia, nem quero mais materia, que o caso que propuz, nem mais livros, que o mesmo Livro, nem mais Texto, que as mesmas palavras: *Et vos similes hominibus.* Veremos em dois discursos: Ignacio similhante a homens, e Ignacio homem sem similhante. Mais breve ainda: o similhante sem similhante. Este será o assumpto. Peçamos a graça. *Ave Maria.*

II

Temos a Santo Ignacio com o seu livro nas mãos, com os exemplares de todos os Santos, diante dos olhos, e Deus dizendo-lhe ao ouvido: *Et vos similes hominibus*. Tantos instrumentos juntos? Grande obra intenta Deus. Quando Deus quer converter homens e fazer santos, lavra um diamante com outro diamante, e faz um santo com outro. Santo foi David; converteu-o Deus com outro santo, o Propheta Nathan: santo foi Cornelio Centurião; converteu-o Deus com outro santo, S. Pedro: santo foi Dionizio Areopagita: converteu-o Deus com outro santo, S. Paulo: santo foi S. Agostinho: converteu-o Deus com outro santo, S. Ambrosio: santo foi S. Francisco Xavier; converteu-o Deus com outro santo, o mesmo S. Ignacio. Pois se para fazer um santo basta outro santo, porque ajunta Deus santos de todas as edades do mundo, porque ajunta os santos de todos os estados da Igreja, porque ajunta as vidas, as acções, as virtudes, os exemplos de todos os santos, para fazer a S. Ignacio? Porque tanto era necessario para fazer um tão grande santo. Para fazer outros santos, basta um só santo: para fazer um S. Ignacio são necessarios todos. Para ser santo Enós, basta que seja similhante a Seth: para ser santo José, basta que seja similhante a Jacob: para ser santo Josuë, basta que seja similhante a Moysés: para ser santo Tobias, basta que seja similhante a Job: para ser santo Eliseu, basta que seja similhante a Elias: para ser santo Timotheo, basta que seja similhante a Paulo: mas para Ignacio ser santo tão grande e tão singular, como Deus o queria fazer, não basta ser similhante a um santo, não basta ser similhante a muitos santos, é necessario ser similhante a todos. Por isso lhe mette Christo nas mãos em um livro as vidas e acções heroicas de todos os santos, para que os imite, e se forme á similhança de todos: *Et vos similes hominibus*.

Fallando Deus de seu Unigenito Filho por bocca de David, diz que o gerou nos resplandores de todos os Santos: *In splendoribus Sanctorum genui te.* [1] Es-

[1] *Psalm.*, CIX, 3.

tas palavras, ou se podem entender da geração eterna do Verbo antes da Encarnação, ou da geração temporal do mesmo Verbo, em quanto encarnado. E neste segundo sentido as entendem S. Agostinho, Tertulliano, Hesychio, S. Justino, S. Prospero, S. Isidoro e muitos outros. Diz pois o Eterno Padre, que quando mandou seu Filho ao mundo, o gerou nos resplandores de todos os Santos, porque Christo (como ensina a Theologia) não só foi a causa meritoria de toda a graça e santidade, mas tambem a causa exemplar, e prototypo de todos os santos, em quanto todos foram santos á similhança de Christo, imitando nelle e delle todas as virtudes e graças, com que resplandeceram, e isto quer dizer: *In splendoribus Sanctorum*. Assim como todos os astros recebem a luz do sol, e cada um delles é juntamente um espelho e retrato resplandecente do mesmo rei dos planetas, assim todos os santos recebem de Christo a graça, e do mesmo Christo retratam em si todos os dotes e resplandores da santidade, com que se illustram. Por isso o Anjo, quando annunciou a Encarnação, não disse: *Qui nascetur ex te sanctus*, senão: *Quod nascetur ex te sanctum:* [1] porque Christo não só foi santo, mas o Santo dos Santos. O Santo dos Santos, como fonte de toda a santidade por origem, e o Santo dos Santos, como exemplar de toda a santidade para a imitação.

Este é o modo universal com que Christo faz a todos os Santos. Mas a S. Ignacio, a quem quiz fazer tão singular santo, fel-o tambem por modo singular, podendo dizer delle em tão excellente sentido, como verdadeiro: *In splendoribus Sanctorum genui te.* Christo foi gerado nos resplandores de todos os Santos, porque é o exemplar de todos os Santos; e S. Ignacio foi gerado nos resplandores de todos os Santos, porque todos os Santos foram o exemplar de S. Ignacio. Christo não só santo, mas Santo dos Santos, porque de sua imitação receberam todos os Santos a santidade, e Ignacio não só santo, mas Santo dos Santos, porque todos os Santos concorreram a formar a santidade de S. Ignacio. Bem sei que é melhor exemplar Christo só, que todos os Santos juntos,

[1] *Luc.*, I, 35.

mas tambem sei que para ser santo basta imitar um só santo que imitou a Christo. Assim dizia S. Paulo a todos os que vieram depois dos Apostolos: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi.* [1] Mas Christo, para formar a S. Ignacio, ajuntou as imitações de todos os Santos, para que o imitasse elle só como todos.

Houve-se Deus na formação de S. Ignacio como Zeuxis na pintura de Juno, deuza das deuzas. Fez vir diante de si aquelle famoso pintor todas as formosuras que então havia mais celebradas em Agrigentina, e imitando de cada uma a parte mais excellente de que as dotára a natureza, venceu a mesma natureza com a arte, porque ajuntando o melhor de cada uma, sahiu com uma imagem mais perfeita que todas. [2] Se assim succedeu, foi caso e fortuna, mas não sciencia; porque como a formosura consiste na proporção, ainda que cada uma das partes em si fosse de estremada belleza, todas juntas podiam compôr um todo que não fosse formoso. Na formosura das virtudes é o contrario. Como todas as virtudes entre si são concordes, e não podem deixar de fazer harmonia; de qualquer parte que sejam imitadas, sempre ha de resultar dellas um composto excellente e admiravel, qual foi o que Deus quiz formar em S. Ignacio. E aqui entra com toda a sua propriedade a versão do mesmo Texto: *In pulchritudinibus Sanctorum genui te.* Poz diante dos olhos a Ignacio estampados naquelle livro os mais famosos e os mais formosos originaes da santidade, não de um reino ou de uma edade, senão de todas as edades e de toda a Igreja; e copiando Ignacio em si mesmo, de um a humildade, de outro a penitencia; de um a temperança, de outro a fortaleza; de um a paciencia, de outro a caridade; e de todos e cada um aquella virtude e graça em que foram mais eminentes, sahiu Ignacio, com que? Com um S. Ignacio: com uma imagem da mais heroica virtude: com uma imagem da mais consummada perfeição: com uma imagem da mais prodigiosa santidade: em fim, com um santo, não similhante e

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, XI, 1.
[2] *Plinius*, Liv. 35, Cap. 9.

parecido a um só Santo, senão similhante e parecido a todos: *Et vos similes hominibus.*

Perguntou Christo uma hora a seus Discipulos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis:* [1] Quem dizem os homens que sou eu? E responderam os Discipulos: *Alii Joannem Baptistam; alii verò Eliam; alii verò Jeremiam; aut unum ex prophetis:* Senhor, uns dizem que sois o Baptista, outros que sois Elias, outros que sois Jeremias, ou algum dos outros Prophetas e Santos antigos. Notaveis pareceres dos homens, e mais notavel o parecer de Christo! Se Christo se parecia com o Baptista, como se parecia com Elias? Se se parecia com Elias, como se parecia com Jeremias? Se se parecia com Jeremias, como se parecia com o Baptista? Nos outros Santos e Prophetas antigos: *Aut unum ex Prophetis*, ainda é maior a admiração, porque era maior o numero e a differença. Pois se Christo era um homem só; como se parecia com tantos homens? Porque não só no natural, senão tambem no moral (como logo veremos) era feito á similhança de muitos: *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo.* [2] Onde nota S. Bernardo que disse o Apostolo: *Hominum, non hominis.* E se era feito á similhança de muitos; que muito se parecesse com elles? Quem via a Christo instituir o Baptismo, dizia: este é o Baptista: *Alii Joannem Baptistam.* Quem via a Christo jejuar quarenta dias em um deserto, dizia: este é Elias: *Alii verò Eliam.* Quem via a Christo chorar sobre Jérusalem dizia: este é Jeremias: *Alii verò Jeremiam.* Do mesmo modo philosophavam os que diziam, que era algum dos outros Santos, ou Prophetas antigos: *Aut unum ex Prophetis.* Quem via a sabedoria admiravel de Christo, não estudada, senão infusa, dizia: este é Salomão. Quem o via publicar lei nova em um monte, dizia: este é Moysés. Quem o via converter os homens com parabolas, dizia: este é Nathan. Quem o via admittir os obsequios de uma mulher peccadora, dizia: este é Oseas. Quem o via passar as noites em oração, dizia: este é David. Quem o via applaudido do povo e perseguido dos grandes, dizia: este é Da-

---

[1] *Math.*, XVI, 13.
[2] *Ad Philip.*, II, 7.

niel. Quem o via soffrer as affrontas com tanta humildade, dizia: este é Micheas. Quem o via sarar os enfermos, e resuscitar os mortos, dizia: este é Eliseu. De maneira que a multidão e maravilha das obras causava a diversidade das opiniões: e sendo Christo na realidade um só homem, na opinião era muitos homens. Mas era muitos homens na opinião, sendo um só na realidade, porque verdadeiramente, ainda que era um, era feito á similhança de muitos: *In similitudinem hominum factus.*

Ah glorioso Patriarcha meu! Se a vida de S. Ignacio se escrevêra sem nome, e se delle se excitára a questão: *Quem dicunt homines?* não ha duvida que o mundo se houvera de dividir em opiniões, e que ninguem havia de atinar facilmente, que santo era aquelle! Eram tão continuas as lagrimas que S. Ignacio chorava pelos peccados da vida passada, que de puro chorar chegou a perder a vista; e havia de dizer o mundo: este é S. Pedro. Oito dias inteiros esteve S. Ignacio arrebatado em um extasi em que Deus lhe revelou o instituto da Religião que havia de fundar; e havia de dizer o mundo: este é S. Paulo. Nenhum santo teve maiores inimigos, nem mais pertinazes. Mas como a vingança que S. Ignacio tomava de seus inimigos, e a que deixou por instituto a seus filhos, era rogar por elles a Deus, havia de dizer o mundo: este é S. Estevão. Era tal o magisterio espiritual de S. Ignacio, e as regras de perfeição que ensinou tão fundadas e solidas, que todos os Santos, quantos depois canonisou a Igreja, ou foram discipulos do seu espirito, ou se conformaram com elle; e havia de dizer o mundo: este é S. Basilio. [1] Era tal o dominio que S. Ignacio tinha sobre o inferno, que em ouvindo o seu nome os demonios, uns se prostravam de joelhos, outros começavam a tremer, outros cahiam amortecidos, e todos sahiam dos corpos; e havia de dizer o mundo: este é S. Antonio o Grande. Quando os peccadores tinham repugnancia de confessar seus peccados, contava-lhes S. Ignacio os peccados da sua vida passada, confessando-se primeiro o confessor ao penitente, para que o penitente se confessasse ao confessor: e á vista des-

[1] Euseb. in ejus vita.

tas confissões havia de dizer o mundo: este é S. Agostinho. Não houve genero de necessidade ou de miseria, que a caridade de S. Ignacio não remediasse: os pobres, os enfermos, os orphãos, as viuvas, as mulheres perdidas, e as que estavam a risco de se perder; e havia de dizer o mundo: este é S. Nicoláu. Aquelle grande varão, doutissimo e religiosissimo, o padre Luiz de Granada, dizia: que uma das maiores maravilhas que Deus fez no mundo, foi S. Ignacio, e o seu Instituto. E como a esta Religião, por tantos titulos grande, deu S. Ignacio o nome não de sua, mas de Minima, havia de dizer o mundo: este é S. Francisco de Paula.

Mas antes que vá por diante, se a alguem parecerem muitos estes pareceres do mundo, e grande o encontro e variedade de opiniões, para se ajuntarem todas em um homem, lembre-se da multidão dos exemplares, a que Deus o mandou ser similhante, quando com aquelle livro nas mãos lhe disse: *Et vos similes hominibus.* Em cada pagina daquelle livro se podia lêr indecisamente uma nova opinião deste glorioso e numeroso problema. Não uma vez, senão muitas, viu S. Ignacio (quanto se póde vêr nesta vida) a essencia, os attributos, as pessoas, e processões divinas. E quem não cuidaria e diria: este é S. Bento? Foi tal a comprehensão que das Escripturas Sagradas teve S. Ignacio, ainda antes de estudar, que se as Escripturas (como no tempo de Esdras) se perdessem, se achariam na sua memoria. E quem não cuidaria e diria: este é S. Bernardo? Obedeciam ao imperio de S. Ignacio os incendios, as tempestades, a terra, o mar, o fogo, os ventos. E quem não cuidaria e diria: este é S. Gregorio Thaumaturgo? No mesmo tempo esteve S. Ignacio em Roma e em Colonia, só para satisfazer á devoção de um seu filho, que muito o desejava vêr. E quem não cuidaria e diria: este é S. Antonio de Padua? Resuscitou S. Ignacio não menos que nove mortos. E quem não cuidaria e diria: este é S. Patricio? Elle foi o Marte da Igreja, e o Martello das herezias: e diriam com razão: este é S. Athanasio. Elle foi o diamante da constancia contra o poder dos vicios, e contra a resistencia dos poderosos: e diriam: este é S. Chrysostomo. Elle foi o reformador do culto divino, e da frequencia dos Sacramentos: e diriam: este é S. Silvestre. Elle foi o que ins-

tituiu seminarios da fé em Roma, e em toda a christandade: e diriam: este é S. Gregorio. Elle foi o que abraçou a conquista de todas as gentilidades em ambos os mundos: e diriam e perguntariam de novo ambos os mundos: que Santo é este, ou que Santos em um santo? Emfim, que se o mundo não soubera que este santo era Ignacio, não havia de haver santo insigne na Igreja, que não tivesse opinião por si, de que era elle. Mas eram todos parecidos a Ignacio; porque era Ignacio similhante a todos: *Et vos similes hominibus.*

III

Mal pudéra eu provar de uma vez tão grande discurso, se o céu (cujo é o assumpto) não tomára por sua conta a prova. Vêde se o provou evidente, elegante, e engenhosamente. Enfermo Ignacio, e já nos ultimos dias de vida, veiu visital-o o seu grande devoto o eminentissimo Cardeal Pacheco; e trouxe comsigo um pintor insigne, o qual de parte d'onde visse o santo, e não fosse visto delle, a furto de sua humildade o retratasse. Põe-se encoberto o pintor; olha para S. Ignacio; fórma ideia; applica os pinceis ao quadro, e começa a delinear-lhe as feições do rosto. Torna a olhar (coisa maravilhosa!) o que agora viu já não era o mesmo homem; já não era o mesmo rosto, já não era a mesma figura, senão outra muito differente da primeira. Admirado o pintor, deixa o desenho que tinha começado; lança segundas linhas, começa segundo retrato, e segundo rosto; olha terceira vez (nova maravilha!) o segundo original já tinha desapparecido, e Ignacio estava outra vez transformado com novo aspecto, com novas feições, com nova côr, com nova proporção, com nova figura. Já o pintor se pudéra desenganar e cançar: mas a mesma maravilha o instigava a insistir. Insta repetidamente; olha, e torna a olhar; desenha, e torna a desenhar; mas sendo o objecto o mesmo, nunca pôde tornar a vêr o mesmo que tinha visto; porque quantas vezes applicava e divertia os olhos, tantos eram

os rostos diversos, e tantas as figuras novas em que o santo se lhe representava. Pasmou o pintor, e desistiu do retrato: pasmaram todos, vendo a variedade dos desenhos que tinha começado: e eu tambem quero pasmar um pouco á vista deste prodigio.

S. Ignacio nunca teve dois rostos, quanto mais tantos. Foi cortezão, foi soldado, e nunca mudou de côres, nem de semblante. Serviu em palacio a el-rei Dom Fernando, o Catholico, e a sua maior gala era trajar sempre da mesma côr, e trazer o coração no rosto. Os amigos viam-lhe no rosto o amôr; os inimigos a desaffeição; o principe a verdade; e ninguem lisonja. Quando soldado, nunca entre as balas mudou as côres: na comedia e na batalha estava com o mesmo desenfado. Teve uma pendencia com certo poderoso, e diz a historia, que contra uma rua de espadas, sem fazer um pé atraz se sustentou só com a sua: o braço mudava os talhos e os revezes; mas o rosto não mudou as côres. Depois de Religioso, ficou fóra da jurisdição da fortuna; mas nem por isso fóra das variedades do mundo. Era porém tão egual a constancia e serenidade de seu animo, que ninguem lhe divisou jámais perturbação, nem mudança no semblante: o mesmo nos successos prosperos, o mesmo nos adversos: nos prosperos, sem signal de alegria: no adversos, sem sombra de tristeza. Pois se Ignacio teve sempre o mesmo rosto, cortezão, soldado, Religioso: se teve sempre, e conservou o mesmo semblante; como agora se transfigura em tantas fórmas? Como se transforma em tantas figuras, quando querem copiar o seu retrato? Por isso mesmo. Era Ignacio um, mas similhante a muitos: e quem era similhante a muitos, só se podia retratar em muitas figuras.

Antes de Christo vir, e apparecer no mundo, mandou diante o seu retrato, para que o conhecessem e amassem os homens. E qual foi o retrato de Christo? Admiravel caso ao nosso intento! O retrato de Christo (como ensinam todos os Padres) foi um retrato composto de muitas figuras. Uma figura de Christo foi Abel, outra figura de Christo foi Noé: uma figura foi Abrahão, outra figura foi Isaac: uma figura José, outra figura Moysés; outra Samsão, outra Job, outra Samuel, outra David, outra Salomão, e outros. Pois se o retratado era um só, e o retrato tambem um:

como se retratou em tantas e tão diversas figuras? Porque as perfeições de Christo, ainda em gráu muito inferior, não se achavam, nem se podiam achar juntas em um só homem: e como estavam divididas por muitos homens, por isso se retratou em muitas figuras. Era Christo a mesma innocencia; por isso se retratou em Abel. Era Christo a mesma pureza; por isso se retratou em José. Era a mesma mansidão; por isso se retratou em Moysés. Era a mesma fortaleza; por isso se retratou em Samsão. Era a mesma caridade, a mesma obediencia, a mesma paciencia, a mesma constancia, a mesma justiça, a mesma piedade, a mesma sabedoria; por isso se retratou em Abrahão, em Isaac, em Noé, em Job, em Samuel, em David, em Salomão. De sorte que sendo o retrato um só, estava dividido em muitas figuras; porque só em muitas figuras podiam caber as perfeições do retrato. Tal o retrato de S. Ignacio, como feito á similhança de muitos: *Et vos similes hominibus.* Mas não me detenho na accommodação, porque estou vendo, que aconteceu a Ezequiel com o retrato de S. Ignacio, o mesmo que ao pintor de Roma.

Viu Ezequiel um carro mysterioso, que se movia sobre quatro rodas vivas, e tinha por nome o carro da Gloria de Deus. Tiravam por este carro quatro animaes enygmaticos, cada um com quatro rostos: de homem, de aguia, de leão, de boi, com que olhavam para as quatro partes do mundo. Em cima sobre throno de safiras, apparecia um homem todo abrazado em fogo, ou vestido de lavaredas: *A lumbis desuper, et à lumbis deorsum, quasi species ignis splendentis.* [1] Que representasse este carro a Religião da Companhia de Jesus, muitos Auctores o disseram. Chamava-se carro da Gloria de Deus; porque essa foi a empreza de S. Ignacio: *Ad majorem Dei gloriam.* Assentava sobre quatro rodas; porque essa é a differença da Companhia. As outras Religiões geralmente estribam em tres rodas, isto é, em tres votos essenciaes; mas a Companhia em quatro. Em voto de pobreza: em voto de castidade: em voto de obediencia, como as demais: e em quarto voto de obediencia particular ao Summo Pontifice. Olhavam os animaes

[1] *Ezech.*, I, 27.

juntamente para as quatro partes do mundo; porque este é o fim e Instituto da Companhia. Ir viver ou morrer em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus, e proveito das almas. Tinham rosto de homem, de aguia, de leão, de boi: de homem, pelo tracto familiar com os proximos: de aguia, pela sciencia com que ensinam e escrevem: de leão, pela fortaleza com que resistem aos inimigos da fé: de boi, pelo trabalho com que cultivam a seara de Christo: passando tantas vezes do arado ao sacrificio. No povoado, homens: no campo, bois: no bosque, leões: nas nuvens, aguias. E para que a explicação não fique á cortezia dos ouvintes; onde a Escriptura fallando destes animaes, diz: *Animalia tua*, [1] leu Arias Montano: *Viri Societatis tuæ*. Os varões da vossa Companhia, Senhor. O homem abrazado em fogo, que se via no alto do carro, não tem necessidade de declaração: isso quer dizer Ignacio, o fogoso, o abrazado, o ardente. Isto supposto.

Viu Ezequiel este homem de fogo, que ia triumphante no carro, e querendo descrever a similhança que tinha: *Et de medio ignis quasi species:* escreveu estas sete lettras: C. H. A. S. M. A. L. Assim estão no original hebreu, em cujo Texto fallo. E posto que estas lettras juntas fazem *Chasmal*, palavra de duvidosa significação, e que só esta vez se acha nas Escripturas: os cabalystas, como refere Cornelio, querem que sejam lettras symbolicas, de que se acham muitos exemplos e mysterios no Texto sagrado. Nas lettras que viu Barthazar, e interpretou Daniel, tres palavras significavam tres sentenças; e não estava escripto mais que o principio de cada uma. Nas quatro lettras do nome Adão (como notou S. Justino, e depois delle em diversos logares S. Agostinho) significou Moysés as quatro partes do mundo: porque as quatro lettras do nome Adão, conforme o Texto grego, são as quatro primeiras com que se escreve oriente, poente, septentrião, e meio-dia. Do mesmo modo lêmos no Terceiro Livro dos Reis, que Semei amaldiçoou a David: *Maledictione pessima:* [2] e no hebreu, como declara S. Jeronymo, contém esta palavra cinco

[1] *Psalm.*, LXVII, 11.
[2] *3.º Livr. dos Reis*, II, 8.

lettras, cada uma das quaes significa dicção inteira: e cada uma, uma maldição particular, que começa pela mesma lettra. Finalmente, (se havemos de dar fé a Corasio) [1] este foi o mysterio com que as Sybillas escreveram aquellas quatro lettras S. P. Q. R, as quaes os Romanos applicaram ás suas bandeiras, entendendo por ellas: *Senatus Populusque Romanus:* sendo que a verdadeira significação era: *Salva populum quem redemisti.* Ao nosso ponto agora, e ás nossas lettras. Seja o sentido allegorico, ou accommodaticio, como mais quizerem os Doutos. Viu Ezequiel o homem de fogo que ia no alto do carro: quiz escrever a similhança que tinha: *Et medio ignis quasi species:* [2] e o que fez foi deixar sómente apontado naquellas lettras mysteriosas, não a similhança que tinha, senão os principios das similhanças com que se lhe representára; como se succedera a Ezequiel com Ignacio o mesmo que ao pintor de Roma. Ide commigo.

Poz os olhos Ezequiel no homem de fogo, poz os olhos em Ignacio, e viu-o primeiro que tudo cercado de perseguições: perseguido dos naturaes, e perseguido dos estranhos: perseguido dos hereges, e perseguido dos catholicos: perseguido dos viciosos, e perseguido dos espirituaes: perseguido em si, e perseguido em seus filhos: perseguido na vida, e perseguido depois da morte: perseguido na terra, e até no céu perseguido. E como os olhos propheticos penetram todos os tempos, pareceu-lhe que aquelle santo tão perseguido era S. Clemente: e escreveu um C. Torna a olhar, para se firmar mais no que via; e já a representação era outra. Viu a Ignacio em uma cova, com uma cruz e uma caveira diante, lançado em terra, cingido de cilicios, chorando infinitas lagrimas, jejuando, vigiando, chorando, disciplinando-se com cadeias de ferro, luctando fortemente contra as tentações, e ferindo os peitos nús com uma pedra dura: persuadiu-se Ezequiel que era S. Hieronymo, e já tinha escripto um H, quando Ignacio de repente transfigurado se lhe mostrou em nova apparencia. Era o santo naquelle tempo tão leigo, que não sabia mais

[1] Apud Theoph. in Cabala.
[2] *Ezech.*, I, 4.

que as lettras do A B C, mas alluminado com um raio do céu, estava escrevendo um livro do mysterio altissimo da Santissima Trindade, com a definição da essencia, com o numero e unidade dos attributos, com a egualdade das pessoas, com a distincção das relações, com a propriedade das noções, com a ordem das emanações e processões divinas; e tudo com umas intelligencias tão claras e tão profundas, que se resolveu o Propheta, que devia ser Santo Athanasio, que estava compondo o Symbolo. Poz um A; mas apenas tinha formado a lettra, quando já Ignacio estava outra vez transformado. Representava-se vestido em ornamentos sacerdotaes, e com um Menino Jesus vivo nas mãos (caso que lhe succedeu muitas vezes). Naquelle passo da Missa, em que com maiores affectos de devoção havia de consumir a sagrada Hostia, corria o Senhor a cortina dos accidentes, e para se mostrar mais amoroso a seu servo, era em fórma de Menino. Como Ezequiel o viu revestido de sacerdote, com o Menino Jesus nas mãos, entendeu que era o santo Simeão, e escreveu um S. Porém logo o desenganou o prodigioso original, porque já se tinha mudado em outra figura. Mostrava-se em habito de soldado bizarro, Ignacio, trajado de galas e plumas: tinha junto a si um pobre mendigo: tirava o chapéu, tirava a capa, e despojando-se das proprias roupas, cobria com ellas o pobre. Soldado, e despindo-se para cobrir o pobre: Este é S. Martinho, diz o Propheta. Formou um M, se bem já com receio de alguma nova transformação, e de que se lhe variasse outra vez o objecto; e assim foi. Estava Ignacio arrebatado no ar com os braços cahidos, com o rosto inflammado, com os olhos pregados no céu, accusando com suspiros a brevidade da noite, e dando queixas ao sol, de que havendo tão poucos momentos que lhe amanhecêra no occaso, já lhe anoitecia no oriente. Persuadido o Propheta, que o grande Ignacio, era o grande Antonio, escreveu o segundo A. Mas o divino Protheu não se descuidava. Viu subitamente um incendio, que chegava da terra ao céu, e no meio delle a Ignacio abrazado em vivas chammas de fogo e zelo de amôr de Deus; de fogo e zelo de amôr do proximo. E ainda que Ezequiel, parecendo-lhe que seria S. Lourenço, formou um L, foram tantas as transfigurações, e tão diversas as figuras em que

Ignacio variou o rosto, o gesto, e as acções, que acabaram de se desenganar os olhos do Propheta, como se tinham desenganado os do pintor. Assim ficaram ambos os retratos suspensos e imperfeitos; e acabou de conhecer o céu e a terra, que o retrato de Ignacio se não podia reduzir a uma só figura; e que não podia ser copiado em uma só imagem, como os outros santos, quem era feito á similhança de todos: *Et vos similes hominibus.*

IV

Temos visto a Ignacio similhante a homens; resta vêr a Ignacio homem sem similhante. Mas do mesmo que temos dito, nasce a difficuldade, e a duvida do que temos para dizer. Se Ignacio foi similhante a tantos homens; como póde ser que Ignacio fosse homem sem similhante? Se era tão similhante, e a tantos; como não tinha, nem teve similhante? S. Thomaz dando a razão porque a Igreja applica a muitos Santos aquellas mesmas palavras, que o Ecclesiastico disse de Abrahão: *Non est inventus similis illi, qui conservavit legem excelsi:* [1] diz que se verificam daquella graça, ou prerogativa particular, em que Deus costuma singularisar a cada um dos Santos, e fazel-o respectivamente mais excellente que os outros. Mas esta razão não tem logar em S. Ignacio: porque já vimos que lhe deu Deus por exemplar a todos os Santos, e que elle foi similhante, não a um, senão a todos, imitando a cada um naquella graça e perfeição em que foi mais excellente. Hugo Cardeal, diz que se hão de entender as palavras: *Non est inventus similis illi*, daquella edade em que cada um dos Santos floresceu: e assim vêmos que tendo-se dado este elogio a Abrahão, se deu tambem a Job: *Quòd non sit similis illi in terra:* [2] porque cada um na sua edade foi singular, e não teve similhante. Mas tambem esta razão não convém a S. Ignacio: porque os Santos que Deus lhe propoz naquella Chronica universal, em

[1] *Eccles.*, XLIV, 20.
[2] *Job.*, I, 8.

cujo espelho elle compoz e retratou a sua vida, não foram os Santos particulares de uma só edade, senão os de todas as edades, e de todos os seculos. Pois se S. Ignacio foi similhante a tantos; como póde ser que não tivesse similhante? Digo que muito facilmente, se distinguirmos as partes, e o todo. Tomado S. Ignacio por partes, não tinha similhante. Vêde se o provo.

Creado o céu e os elementos, no céu creou Deus os Anjos, no ar as aves, no mar os peixes, na terra as plantas, os animaes, e ultimamente o homem. Estando porém desta maneira o universo cheio, povoado, e ornado de tanta immensidade e variedade de creaturas, diz o Texto Sagrado, que em todas ellas não se achava uma que fosse similhante ao homem: *Adæ verò non inveniebatur adjutor similis ejus.* [1] A mim parecia-me que antes se havia de dizer o contrario. Porque demonstrativamente se convence, que não se acha creatura alguma em todo o mundo, que não tenha similhança com o homem. Todas as creaturas deste mundo (não fallando no homem) ou são viventes, ou não viventes. Se não são viventes, são os céus, os elementos, as pedras. Se são viventes, ou vivem vida vegetativa, e são as plantas; ou vivem vida sensitiva, e são os animaes; ou vivem vida racional; e são os Anjos: e tudo isto se acha no homem. Porque o homem, dos elementos tem o corporeo; das plantas tem o vegetativo; dos animaes tem o sensitivo; dos Anjos tem o racional. Essa foi a razão e o sentido (como notou S. Agostinho) com que Christo chamou ao homem toda creatura, quando disse aos Apostolos: *Prædicate omni creaturæ:* [2] porque o homem é um compendio universal de todas as creaturas; e todas as creaturas, cada uma, segundo sua propria natureza, estão recopiladas e retrafadas no homem. Pois se todas as creaturas quantas Deus creou neste mundo, teem tanta similhança com o homem, e o homem por sua propria natureza é similhante, não a uma, ou a algumas, senão a todas as creaturas; como diz o Texto sagrado, que entre todas as creaturas não se achava similhante ao homem: *Non inveniebatur similis ejus?* Porque ainda que o homem, considerado por partes,

---

[1] *Gen.*, II, 20.
[2] *Marc.*, XVI, 15.

era similhante a todas as creaturas; considerando todo o homem, ou o homem todo, nenhuma outra creatura era similhante a elle. As partes eram similhantes; o todo não tinha similhante. De maneira que a mesma similhança que as creaturas tinham com Adão, dividida e por partes, era similhança; unida e por junto, era differença. Assim tambem S. Ignacio em respeito dos outros Santos, a quem eu sempre respeito. S. Ignacio, parte por parte, era similhante: todo S. Ignacio não tinha similhante. Adão similhante sem similhante entre todas as creaturas: Ignacio similhante sem similhante entre todos os Santos.

No mesmo Texto do Ecclesiastico, que se nos oppunha, temos uma confirmação admiravel desta dessimilhança, composta e fundada em muitas similhanças. Diz o Texto que Abrahão não teve similhante: *Non est inventus similis illi:* [1] e em prova deste elogio, e desta proposição tão singular, vae logo o mesmo Texto contando as excellencias e prerogativas de Abrahão. Mas é muito digno de notar, que em todas as coisas que alli se dizem deste grande Patriarcha, houve outros Patriarchas que foram similhantes a elle. Diz o Texto que recebeu Abrahão, e observou o pacto da Circumcisão: *In carne ejus stare fecit testamentum:* [2] e isso mesmo fez Moysés. Diz que foi fiel em sacrificar a seu filho: *Fidelis in tentatione inventus est:* e isso mesmo fez Jephté. Diz que o fez crescer no mundo: *Crescere illum dedit quasi terræ cumulum:* [3] e isso mesmo teve José. Diz que lhe deu Deus por herança de mar a mar, e do rio até os fins da terra: *Hæreditare à mari usque ad mare, et à flumine usque ad terminos terræ:* e isso mesmo se lê expressamente de Salomão. Diz que lhe deu Deus a benção de todas as gentes: *Benedictionem omnium gentium dedit illi:* e essa mesma benção pelas mesmas palavras deu o mesmo Deus a Isaac. Pois se Moysés, Jephté, José, Salomão, Isaac foram similhantes a Abrahão nas mes-

[1] *Eccles.*, XLIV, 20.
[2] *Ibid.*, 21.
[3] *Eccles.*, XLIV, 22. *Judic.*, XI, 34. *Eccles.*, XLIV, 22. *Gen.*, XLIX, 22. *Eccles.* XLIV, 23. *Psalm.*, LXXI, 8. *Eccles.*, XLIV, 25. *Gen.*, XXVI, 4.

mas graças, nas mesmas excellencias, nas mesmas prerogativas, como diz o Oraculo Divino: *Non est inventus similis illi:* que nenhum se achou que fosse similhante a Abrahão? Porque vae muito de se acharem as prerogativas divididas em muitos, ou estarem juntas em um só: *Et quæ divisa beatos efficiunt, collecta tenes.* [1] Abrahão dividido e por partes, teve muitos similhantes, todo Abrahão e por junto, ninguem lhe foi similhante. As similhanças de Abrahão divididas faziam a cada um similhante a Abrahão: as similhanças de Abrahão unidas faziam a Abrahão dessimilhante a todos: *Non est inventus similis illi.* O' Abrahão, ó Ignacio! Abrahão similhante a todos os Patriarchas, mas entre todos os Patriarchas sem similhante. Ignacio similhante a todos os Santos; mas entre todos os Santos sem similhante. E senão vejamol-o nos effeitos.

Para prova effectiva desta differença tenho um testemunho muito legal e muito apaixonado, por ser testemunho do maior inimigo. Em Germania, tendo-se o demonio apoderado de um homem, estava tão forte e tão rebelde, que a tudo resistia: applicaram-se-lhe todos os remedios naturaes e divinos; repetiram-se por muitas vezes os exorcismos; mas o demonio sem se render a nada. Resolveu-se o exorcista a invocar todo o exercito do céu contra aquellle soberbo espirito, e começou assim pela ordem das Ladainhas: *Sancte Michael. Sancte Gabriel. Omnes sancti Angeli et Archangeli.* O demonio zombando. *Sante Joannes Baptista. Omnes sancti Patriarchæ et Prophetæ.* O demonio sem fazer caso. *S. Petre. S. Paule. Omnes sancti Apostoli et Evangelistæ.* Nenhum effeito. *S. Stephane. S. Laurenti. Omnes sancti Martyres.* Cada vez mais rebelde. *S. Gregori. S. Ambrosi. Omnes sancti Pontifices et Confessores. Omnes sancti Doctores.* Mais afferrado, mais pertinaz, mais furioso. *S. Antoni.* Nada. *S. Benedicte.* Como dantes. *S. Bernarde.* Nenhum aballo. *S. Dominice.* A ter mão fortemente. *S. Francisce.* A mesma pertinacia. *S. Ignati.* Em soando o nome de S. Ignacio, desampara o demonio, deixa o homem, desapparece, e nunca mais tornou. Torna cá, demonio, espera. Ainda que maligno e soberbo, tu não és racional? Não és entendido?

---

[1] *Claudian.*

Sim. Pois se resistes aos Anjos, que te lançaram do céu, se resistes aos Apostolos, a quem Christo deu dominio sobre ti, se resistes aos Patriarchas e Prophetas, aos Confessores, aos Pontifices, aos Doutores, aos Martyres, como te rendes só ao nome de Ignacio? Se cuidas que hei de cuidar por isso, que S. Ignacio é maior que os outros Santos, enganas-te; nem eu cuido tal coisa, nem seria filho de Ignacio se o cuidara. Ser sem similhante (que é o que eu digo) não significa maioria, significa sómente differença. E esta é a differença que o demonio, muito a seu pezar, confessou com o effeito, não obedecendo á invocação dos outros Santos, e rendendo-se só ao nome de Ignacio; para que conhecesse o mundo por este testemunho publico do inferno (ou verdadeiramente da Providencia e Omnipotencia divina) que ainda no concurso de todos os Santos é Ignacio sem similhante.

Aquella espada com que David matou ao Gigante Golias, disse o mesmo David, que não havia outra similhante a ella: *Non est alter huic similis.* [1] E que fez aquella espada, para que se diga della que não tinha similhante? Fez no desafio de David, o que neste caso fez S. Ignacio (que tambem em algum tempo foi espada do mesmo a quem depois cortou a cabeça.) Plantou-se armado no campo o soberbissimo Gigante, desafiou a todo o exercito de Saül, a todas as doze tribus de Israël, e em todas não houve uma espada, que se atrevesse contra tão poderoso, deliberado e bellicoso inimigo. Entre os demonios tambem ha gigantes, e tão bellicosos, que contra o poder dos maiores Santos se mostram invenciveis. Assim o experimentaram os Apostolos naquelle terrivel demonio, de quem disseram a Christo, que o não puderam arrancar do posto: *Non potuimus ejicere eum.* [2] O Golias destes gigantes do inferno era este soberbissimo espirito a quem rendeu S. Ignacio. Provocou o exorcista contra elle a todo o exercito dos bemaventurados e a todas as doze Tribus do céu. Contae se foram doze. Provocou os Anjos e os Archanjos, os Patriarchas e os Prophetas, os Apostolos e os Evangelistas, os Confessores e os Pontifices, os Doutores e os Mar-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXI, 9.
[2] *Marc.*, IX, 27.

tyres, os Sacerdotes e os Levitas. E houve algum neste caso, que o rendesse, que o sujeitasse, que o vencesse? Nenhum. Só Ignacio, sendo tão rebelde, o rendeu. Só Ignacio, sendo tão obstinado, o sujeitou. Só Ignacio, sendo tão invencivel, o venceu. Confesse logo o demonio, confesse o inferno, e tambem o céu que Ignacio, entre todos os Santos, é espada de David, e que a elle (como a ella) se deve o elogio e gloria de não ter similhante: *Non est alter huic similis.*

V

E para que esta differença e dessimilhança se conheça com toda a evidencia, e se veja com os olhos, olhemos para o verdadeiro retrato de S. Ignacio. Ninguem pôde retratar a S. Ignacio, como vimos, mas só S. Ignacio se retratou a si mesmo. E qual é o verdadeiro retrato? Qual é a Vera effigies de S. Ignacio? A Vera effigies de S. Ignacio é aquelle livro de seu Instituto, que tem nas mãos. O melhor retrato de cada um é aquillo que escreve. O corpo retrata-se com o pincel, a alma com a penna. Quando Ovidio estava desterrado no Ponto, um seu amigo trazia-o retratado na pedra do annel, mas elle mandou-lhe os seus versos, dizendo que aquelle era o seu verdadeiro retrato: *Grata tua est pietas, sed carmina maior imago, sunt mea, quæ mando.* [1] Seneca, quando lia as cartas de Lucilio, diz que o via: *Video te mi Lucili, cùm maximè audio.* [2] E melhor auctor que estes, S. Agostinho, disse altamente, que em quanto não vemos a Deus em sua propria face, o podemos vêr como em imagem nas suas Escripturas: *Pro facie pone interim Scripturam Dei.* [3] A primeira imagem de Deus é o Verbo gerado; a segunda o Verbo escripto. O Verbo gerado é retrato de Deus *ad intra:* o Verbo escripto é retrato de Deus *ad extra.* E assim como Deus

---

[1] *Ovid. de Ponto.*
[2] *Seneca.*, Ep. 55.
[3] *Aug.*, Serm. 109. de Temp.

se retratou no Livro das suas Escripturas, assim Ignacio se retratou no Livro das suas. Retratou-se Ignacio por um livro em outro livro. O livro das vidas dos Santos foi o original de que S. Ignacio é a copia: o livro do Instituto da Companhia é a copia de que S. Ignacio é o original. Mas com isso ser assim, é certo que o Instituto de S. Ignacio é muito differente e muito dessimilhante dos outros Institutos. Pois se o Patriarcha foi feito á similhança dos outros Patriarchas, e o Instituto á similhança dos outros Institutos; como sahiu o Patriarcha tão differente, e o Instituto tão dessimilhante? Porque S. Ignacio, no que imitou dos outros Patriarchas, e no que imitou dos outros Institutos, ainda que tomou os generos, não tomou as differenças: os generos eram alheios; as differenças foram suas.

Fez-se Deus homem pelo mysterio altissimo da Encarnação, e notou profundamente S. Thomaz (como já o tinha notado S. João Damasceno) que fazendo-se Deus homem, não só tomou e uniu a si a natureza humana, senão tambem todas as outras naturezas que tinha creado. [1] Pela creação sahiram de Deus todas as naturezas: pela Encarnação tornaram todas as naturezas a unir-se a Deus. Mas como se fez esta universal união? Como uniu Deus a si todas as naturezas? S. Thomaz: *Communicavit se Christo homini, et per consequens omnibus generibus singulorum.* Tomou Deus no homem (diz S. Thomaz) não só a natureza humana, senão tambem todas as naturezas; mas não tomou as differenças dellas, senão os generos. Tomou o genero dos elementos no corporeo: e ainda que pudéra ser um elemento, como o fogo da Sarça, não tomou a differença de elemento. Tomou o genero das plantas no vegetativo: e ainda que pudéra ser uma planta, como a Arvore da Vida, não tomou a differença de planta. Tomou o genero dos animaes no sensitivo: e ainda que pudéra ser um animal, como a Pomba do Jordão, não tomou differença de animal. Tomou o genero dos Anjos no racional: e ainda que pudéra ser um Anjo, como Gabriel, não tomou a differença de Anjo. De maneira que tomou Deus no homem todas as outras naturezas

[1] D. Th. Opusc. 60 et 3. p. q. 1. Art. 1. Dam. Serm. 1 de Nativit. Virg.

quanto aos generos, mas não quanto ás differenças; porque os generos eram das creaturas: as differenças eram de Christo. Assim o fez o grande imitador de Christo, Ignacio. Uniu em si todos os Patriarchas, uniu no seu Instituto todos os Institutos; mas o que tomou, foram os generos, o que accrescentou, foram as differenças; o que tomou, foram os generos, e por isso é similhante: o que accrescentou, foram as differenças, e por isso não tem similhante.

Para gloria universal de todos os Patriarchas, e para gloria singular do nosso Patriarcha (pois o dia é seu) vejamos, em uma palavra, estes generos e estas differenças. Fallarei só dos Patriarchas que teem Religião em Portugal, e seguirei a ordem da antiguidade.

Do grande Patriarcha, e pae de todos os Patriarchas, Elias, tomou S. Ignacio o zelo da honra de Deus. Ambos tinham espada de fogo: mas o fogo de Elias queimava: o fogo de Ignacio accendia: o fogo de Elias abrazava; o fogo de Ignacio derretia. Ambos, como dois raios artificiaes, subiam direitos ao céu: mas o de Elias acabava em estrondo; o de Ignacio em lagrimas. De S. Paulo, primeiro pae dos Eremitas, tomou S. Ignacio a contemplação: mas Paulo no deserto para si; Ignacio no povoado para todos. Ambos elegeram o meio mais alto, e mais divino; mas com differentes fins: Paulo para evitar a perseguição de Decio; Ignacio para resistir aos Decios, e ás perseguições. Paulo recolheu-se ao sagrado da contemplação, para escapar da tyrannia; Ignacio armou-se do peito forte da contemplação, para debellar os tyrannos. Do Patriarcha e Doutor Maximo, S. Jeronymo, tomou S. Ignacio a assistencia inseparavel da Sede Apostolica no serviço universal da Igreja. S. Jeronymo era a mão direita da Igreja, com que os Pontifices escreviam: S. Ignacio é o braço direito da Igreja, com que os Pontifices se defendem. Assim o disse o Papa Clemente VIII á Companhia: *Vos estis brachium dextrum Ecclesiæ Dei.* Vós sois o braço direito da Igreja de Deus. Do unico sol da Igreja, S. Agostinho (porque os raios do entendimento não eram imitaveis) tomou Ignacio as lavaredas do coração. O amôr de Agostinho chegou a dizer, que se elle fôra Deus, deixára de o ser, para que Deus o fosse: Ignacio, com supposição menos impossivel dizia, que en-

tre a certeza e a duvida de vêr a Deus, escolheria a duvida de o vêr pela certeza de o servir. Do Patriarcha, Pae de tantos Patriarchas, S. Bento, estendendo o Monte Cassino por todo o mundo, tomou S. Ignacio as escólas, e a creação dos moços. Para que? Para que na prensa das lettras se lhes imprimam os bons costumes, e estudando as humanas aprendam a ser homens. O senhor Arcebispo ultimo de Lisboa, tão grande portuguez como prelado, e tão grande prelado como douto, dizia que todos os homens grandes que teve Portugal no seculo passado sahiram do Pateo de S. Antão. Agora não o frequentam tanto seus netos: depois veremos se são tão grandes como seus avós. Do Patriarcha S. Bruno, aquelle horror sagrado da natureza, que tomaria S. Ignacio? Tomou o perpetuo cilicio. Não o cuida assim o mundo: mas sabem-no as enfermarias e as sepulturas. O cilicio que anda entre o corpo e o linho, não é o que mais pica: o que cega o entendimento, e nega a vontade, este é o que afoga a alma e tira a vida. Os outros cilicios mortificam; este mata. Do Patriarcha S. Bernardo, Anjo em carne, e por isso Irmão de leite de Christo, tomou S. Ignacio a angelica pureza. Em ambos foi favor especial da Mãe de Deus: mas em S. Ignacio tão singular, que desde o dia de sua conversão, nunca mais, nem no corpo, nem na sua alma sentiu pensamento contrario. E sendo os maiores inimigos da castidade os olhos, naquelles em quem punha os olhos S. Ignacio, infundia castidade. Dos gloriosos Patriarchas S. João e S. Felix (a cuja Religião deu o seu nome a mesma Trindade) tomou S. Ignacio o officio de Redemptor. E porque a esta Trindade humana faltava a terceira Pessoa, quiz elle ser a terceira. Desta maneira, (permitti-me que o explique assim) o Redemptor do genero humano, que tinha só uma subsistencia divina, ficou como subsistindo em tres subsistencias humanas: Redemptor em João, Redemptor em Felix, e Redemptor em Ignacio: mas naquelles immediatamente Redemptor dos corpos; neste immediatamente Redemptor das almas. Do illustrissimo Patriarcha S. Domingos (a quem com razão podemos chamar o grande Pae das luzes) tomou S. Ignacio a devoção da Rainha dos Anjos, e a doutrina do Doutor Angelico. A primeira devoção que fazia S. Ignacio todos os dias, era rezar o Rosario; e o farol que quiz

seguissem na Theologia as bandeiras da sua Companhia, foi a doutrina de S. Thomaz. Mas concordou S. Ignacio essa mesma doutrina, e essa mesma devoção, com tal preferencia, que no caso em que uma se encontrasse com a outra, a devoção da Senhora prevalecesse á doutrina, e não a doutrina á devoção. Assim se começou a praticar nas primeiras conclusões publicas que em Roma defendeu a Companhia, e depois sustentou com tantos livros. Do Serafim dos Patriarchas, S. Francisco, tomou S. Ignacio por dentro as chagas, por fóra a pobreza. E estimou tanto Ignacio a estreiteza da probreza serafica, que atou a pobreza com um voto, e a estreiteza com outro. Fazemos um voto de guardar a pobreza, e outro voto de a estreitar. Aos professos mandou S. Ignacio que pedissem esmola; aos não professos que lhes désse a esmola a Religião, para que a não fossem buscar fóra della. Por isso teem rendas os Collegios, e não as Casas. Do Patriarcha S. Caetano, illustre gloria do estado clerical, e quasi contemporaneo de S. Ignacio (ainda que em algumas partes da Europa quizeram honrar com o mesmo nome a seus filhos) não tomou S. Ignacio o nome; porque o tinha dado a Jesus. O que tomou deste apostolico Instituto, foi a Divina Providencia. E porque não fosse menos Providencia, nem menos Divina, não só a tomou entre a caridade dos fieis, senão entre a barbaria dos gentios. Finalmente, do nosso insigne portuguez, S. João de Deus, tomou S. Ignacio a caridade publica dos proximos. Ambos se uniram na caridade, e a caridade se dividiu em ambos. Tomaram ambos por empreza o remedio do genero humano enfermo: João de uma parte curando o corpo; Ignacio de outra parte curando a alma; João com o nome de Deus, que formou o barro: Ignacio com o nome de Jesus, que reformou o espirito. Não fallo naquelle grande prodigio da nossa edade, a Santa Madre Thereza de Jesus, porque veiu ao mundo depois de Ignacio. Mas assim como Deus para dar similhante a Adão, do lado do mesmo Adão formou a Eva; assim para dar similhante a S. Ignacio, do lado do mesmo S. Ignacio formou a Santa Thereza. O Texto desta gloriosa verdade é a mesma Santa. Assim o deixou escripto de sua propria mão, affirmando que do espirito de S. Ignacio, formou parte do seu espirito, e

do Instituto de S. Ignacio parte do seu Instituto. [1] E este foi o modo maravilhoso com que o Patriarcha S. Ignacio veiu a sahir similhante sem similhante: similhante, porque tomou os generos; sem similhante, porque accrescentou as differenças. Similhante, porque imitou a similhança de cada um: sem similhante, porque uniu em si as similhanças de todos: *Et vós similes hominibus.*

VI

Tenho acabado as duas partes do meu discurso. Mas temo que não falte quem me argua, de que nesta ultima excedi os limites delle; porque as differenças que accrescentei ás similhanças, parece que desfazem as mesmas similhanças. Comparei S. Ignacio com os Patriarchas santissimos das outras Religiões sagradas; e na mesma comparação parece que introduzi ou distingui alguma vantagem; mas isso é o que eu nego. Ainda que faço de meu santo Patriarcha a estimação que devo, e sua santidade merece; e ainda que sei as licenças que concede o dia proprio ao encarecimento dos louvores dos Santos, conheço, porém, e reconheço, que nem eu lhe podia pretender tal vantagem, nem desejar-lhe maior grandeza que a similhança de tão esclarecidos exemplares; e isto é o que só fiz. Digo, pois, e protesto, que as differenças que ponderei, posto que pareçam vantagens, não são mais que similhanças; antes accrescento, que nenhuma dellas fóra similhança, se não tivera alguma coisa de vantagem; porque essa é a prerogativa dos que vieram primeiro. S. Ignacio veiu depois, e muito depois daquelles gloriosissimos Patriarchas; e quem vem depois, se não excede, não eguala; se não é mais que similhante, não é similhante.

No Capitulo 44 e 45 do Ecclesiastico, faz o Texto sagrado um elogio geral de todos os Patriarchas antigos, começando desde Enoch. E chegando a Moysés, diz assim: *Similem illum fecit in gloria Sancto-*

[1] S. Thereza in epistol. propria manu scripta apud Eusebium in vita S. Ignat. c. 40, et sæpe se vocat filiam Societatis. A Puente in vita P. Balthazaris Alvares et alii.

rum. [1] Fel-o Deus similhante aos outros Santos, na gloria de suas obras. Este é o elogio de Moysés, que não só parece moderado e curto, senão muito inferior, e quasi indigno da fama e das acções de um heroe tão singularmente grande. Se lermos as historias dos antigos Patriarchas, acharemos que as acções e as maravilhas de Moysés, excederam quasi incomparavelmente ás de todos os passados. Não me detenho em o demonstrar, porque fôra materia muito dilatada, e me mortifico assaz em não fazer um largo parallelo de Moysés com S. Ignacio. Um, que fallava com Deus: *Facie ad faciem:* [2] outro, que a viu tantas vezes. Um, legislador famoso; outro, singularissimo legislador. Um, conquistador da Terra da Promissão: outro conquistador de novos mundos. Um domador do Mar Vermelho; outro do Oceano, e de tantos mares. Um, que cedeu a gloria de seus trabalhos a Josuë: outro a Jesus. Um, que tirou do captiveiro seiscentas mil familias; outro, familias, cidades e reinos sem conto. Um, que pelo zelo das almas não duvidou em ser riscado dos livros de Deus; outro que não ficou atraz em similhante excesso. Pois se Moysés excedeu tanto as glorias dos outros Patriarchas; como não diz a Escriptura, que lhes foi avantajado, senão sómente similhante: *Similem illum fecit in gloria Sanctorum?* Tudo isto não avançou mais que a fazer uma similhança? Não. Porque os outros Patriarchas foram primeiro; Moysés veiu depois: e ainda que excedesse muito aos primeiros, não chegou mais que a ser similhante. Se não excedêra, fôra menor, porque excedeu, foi egual. O excesso fez a similhança; a maioria a egualdade. De todos os Patriarchas das sagradas Religiões, só um temos na Escriptura, que é Elias. S. João Baptista foi o maior dos nascidos, e essa maioria, comparada com Elias, onde o chegou? Não a ser maior que Elias, senão a ser como elle: *Venit Joannes Baptista in spiritu, et virtute Eliæ.* [3] Os que veem depois, comparados com os que vieram antes, não se medem tanto por tanto, senão tanto por

[1] *Eccles.*, XLV, 2.
[2] *Gen.*, XXXII, 30.
[3] *Luc.*, I, 17.

mais. Se fizestes mais, sois egual, se fizestes tanto, sois menos.

E qual é a razão deste modo de medir, que verdadeiramente parece desegual? O egual ficar menor, e o maior ficar egual, não é desegualdade? Não, quando a comparação se faz com os que foram primeiro, porque essa é a prerogativa da prioridade. Os primeiros sempre teem a vantagem de ser primeiros, e esta primacia, ou prioridade tem de si mesma tal excellencia, que comparada entre egual e egual, sempre fica superior, e é necessario que a mesma egualdade se suppra com algum excesso, para não ser ou parecer menos que egualdade. Não ha, nem se póde conceber maior egualdade, que a das Pessoas divinas. Vêde agora o que fez a segunda Pessoa, não para ser, mas para provar que é egual á primeira: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo; sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* [1] Sendo o Verbo eterno (diz S. Paulo) imagem substancial do Padre, e egual a elle em tudo, para mostrar que esta egualdade era sua e não alheia: propria e não roubada; natural, verdadeira e não fingida, tomou a fórma de servo: fez-se homem, padeceu, e remiu o mundo. Esta consequencia de S. Paulo tem dado muito que entender a todos os Padres e Expositores. Porque para o Verbo mostrar a egualdade que tem com o Pae, parece que se havia de deixar estar á sua dextra no mesmo throno; e para mostrar que era imagem e vera effigie sua (como leu Tertulliano) parece que como espelho do mesmo Padre havia de retratar em si mesmo todas as suas acções sómente, e nenhuma outra. Se o Padre creou o mundo, crie-o tambem (omo creou) o Filho: se o governa, governe: se decreta, decrete: se manda, mande. E se o Padre se não fez homem, nem remiu o mundo, não seja elle tambem homem, nem Redemptor, porque tomar o Filho outra fórma (isto é a fórma humana) que o Padre não tomou; e fazer o que elle não fez, parece que era desegualar a egualdade, e desfazer a proporção, e mudar a similhança de verdadeira e perfeita imagem. Pois se o Verbo se quer mostrar egual, porque se deseguala? Se se quer mostrar similhante, porque se desassemelha, e porque faz o que o Padre

[1] *Ad Philip.*, II, 6.

não fez? Porque o Padre era a primeira Pessoa, e o Filho a segunda: e para se mostrar egual e similhante, havia de fazer mais. No Padre não ha prioridade de tempo, nem de natureza; mas ha prioridade de origem: o Pae é a primeira fonte da divindade, de quem o Filho a recebeu: o Pae é o primeiro exemplar de quem o Filho é imagem: emfim, o Pae é a primeira Pessoa, e o Filho a segunda: e é tal a prerogativa da prioridade (qualquer que seja, ainda que não seja, nem possa ser maioria) que para o Verbo mostrar ao mundo a inteireza da sua egualdade, e a perfeição da sua similhança, foi conveniente que fizesse mais do que o Padre fizera. Desta maneira (a nosso modo de entender) suppriu o Verbo com o excesso das acções a prioridade da origem, e proporcionou a prerogativa do exemplar com os novos resplandores da similhança. E se isto foi decente e conveniente, na egualdade de Deus entre a segunda Pessoa e a primeira, bem se vê quão necessario será na desegualdade dos homens. Excedeu o Baptista a Elias, para lhe ser egual: excedeu Moysés aos outros Patriarchas, para lhes ser similhante. Logo, ainda que S. Ignacio pareça que execedeu aos exemplares santissimos, que imitou, necessariamente havia de ser assim, sendo elles primeiro: para que no excesso ficasse proporcionada a egualdade, e na differença a similhança: ***Et vos similes hominibus.***

VII

Acabemos com o fim. O fim para que Deus ajuntou em S. Ignacio as similhanças e perfeições de todos os Santos, foi para que neste grande santo achassemos junto, o que nos outros Santos se acha dividido. S. Ignacio (se bem se consideram os principios e fins de sua vida) foi o fructo do *Flos Sanctorum*. O *Flos Sanctorum* era a flôr, S. Ignacio foi o fructo. Se de todas as flôres se composesse uma só flôr, esta flôr havia de ter o cheiro de todas as flôres; e se desta flôr nascesse um fructo, este fructo havia de ter os sabores de todos os fructos. E esta maravilha fez Deus em S. Ignacio. O livro foi a flôr, elle o fructo; um fructo que contém em si todos os sabores; um santo

que sabe a tudo o que cada um deseja e ha mister. O Manná era similhante sem similhante: similhante, porque tinha o sabôr de todos os manjares: sem similhante, porque nenhum manjar sabia a tudo, como elle. Por isso se chamou *Manná*, ou *Manhú*, que quer dizer: *Quid est hoc?* [1] Que é isto? E a esta pergunta se respondia: é tudo o que quizerdes. O mesmo digo eu de S. Ignacio. Tudo o que quizerdes, tudo o que desejardes, tudo o que houverdes mister, achareis neste Santo ou neste compendio de todos os Santos. Essa foi a razão, porque ordenou a Providencia Divina que concorressem e se ajuntassem neste grande exemplar tanta diversidade de estados, de exercicios, de fortunas. Nasceu fidalgo, foi cortezão, foi soldado, foi mendigo, foi peregrino, foi perseguido, foi preso, foi estudante, foi graduado, foi escriptor, foi Religioso, foi prégador, foi subdito, foi prelado, foi legislador, foi mestre de espirito, e até peccador foi em sua mocidade: depois arrependido, penitente e santo. Para que? Para que todos achem tudo em S. Ignacio: *Omnibus omnia factus sum.* [2] O fidalgo achará em S. Ignacio uma ideia de verdadeira nobreza: o cortezão, os primores da verdadeira policia: o soldado, os timbres do verdadeiro valor. O pobre achará em S. Ignacio, que o não desejar é a mais certa riqueza: o peregrino, que todo o mundo é patria: o perseguido, que a perseguição é o caracter dos escolhidos: o preso, que a verdadeira liberdade é a innocencia. O estudante achará em S. Ignacio o cuidado sem negligencia: o lettrado a sciencia sem ambição: o prégador a verdade sem respeito: o escriptor a utilidade sem affeite. O Religioso achará em S. Ignacio a perfeição mais alta: o subdito a obediencia mais cega: o prelado a prudencia mais advertida: o legislador as leis mais justas. O mestre de espirito achará em S. Ignacio muito que aprender, muito que exercitar, muito que ensinar, e muito para onde crescer. Finalmente, o peccador (por mais mettido que se veja no mundo e nos enganos de suas vaidades) achará em S. Ignacio o verdadeiro norte de sua salvação: achará o exem-

[1] *Exod.*, XVI, 15.
[2] *1.ª Ep. ad Cor.*, IX.

plo mais raro da conversão e mudança de vida: achará o espelho mais vivo da resoluta e constante penitencia: e achará o motivo mais efficaz da confiança em Deus, e na sua misericordia, para pretender, para conseguir, para perseverar, e para subir e chegar ao mais alto cume da santidade e graça com a qual se mede a Gloria.

INDICE

	PAG.
Sermão da Santa Cruz	5
1.º Sermão de Santo Antonio	27
2.º Sermão de Santo Antonio	55
3.º Sermão de Santo Antonio	75
4.º Sermão de Santo Antonio	109
5.º Sermão de Santo Antonio	133
6.º Sermão de Santo Antonio	157
7.º Sermão de Santo Antonio	201
8.º Sermão de Santo Antonio	223
9.º Sermão de Santo Antonio	255
Sermão de S. João Baptista	287
Sermão de S. Pedro	319
Sermão da Rainha Santa Isabel	351
Sermão de Santo Ignacio	375